

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



Arrasadoras

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

ROCCO EDITORE



SARA SHEPARD

TRADUÇÃO
FAL AZEVEDO

ROCCO ITALIA

Vibrações ruins

1 - Se liga, garota!

2 - Hanna, a soberana

3 - Querida Emily, estou na sua cola

4 - Ninguém sabe o que aria fez no verão passado

5 - Que comece o interrogatório!

6 - O quarto das crises

7 - A nova hóspede de Emily

8 - Um monstro dentro do armário

9 - Spencer nunca ligou muito para regras...

10 - Como nos velhos tempos

11 - Diversão em família

12 - Um beijo doloroso

13 - Um chat para recordar

14 - Hanna, a bacana

15 - Rema, rema, remador

16 - Um encontro de mentes brilhantes

17 - E a coroa vai para...

18 - O dever em primeiro lugar, Srta. Fields

19 - Discutir a relação nunca é uma boa ideia

20 - A armadilha

21 - Uma visita inesperada

22 - Em busca de Tripp

23 - A verdade nua e crua

24 - Alguém dá mole

25 - Chamada de alerta

26 - Quem é seu amorzinho?

27 - O preço do enigma

28 - Procura e acharás

29 - Antes que seja tarde

30 - Cavando a própria cova

31 - O perdão tem um preço

32 - Amor, insano amor

33 - Quem é essa garota?

34 - Surpresaaaaaa!

O que vem depois....

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Conheça a si mesmo, conheça o seu inimigo.

— SUN TZU

Você já teve um mau pressentimento de que algo *terrível* estava prestes a acontecer... e depois descobriu que tinha se tornado realidade? Como quando você está de férias e, de repente, tem uma visão da sua melhor amiga desesperada, gritando – e depois ela conta para você que quebrou o braço exatamente naquele momento? Ou quando você teve aquela sensação aflitiva de que não deveria se hospedar naquela pousada no Maine – e o telhado desaba na mesma noite? Ou ainda, a vez que você poderia jurar ter ouvido sirenes em um cruzamento – e o pior acidente que a cidade já viu acontece uma semana depois? Olha, isso pode soar meio louco mas, de vez em quando, seu sexto sentido pode estar certo. Se as vozes dentro da sua cabeça estão dizendo que há alguma coisa errada acontecendo, bem, talvez você deva mesmo prestar atenção.

Coisas terríveis tinham acontecido em Rosewood – especialmente na vida de quatro lindas garotas. E, em uma noite quente de verão, quando uma delas foi tomada por um mau pressentimento vindo de lugar nenhum, de que algo muito, muito ruim tinha acabado de ocorrer, fez o que pôde para ignorar aquela sensação. Ora, um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Mas adivinha só? Desta vez, caiu.

Embora já fossem quase três da manhã em Reykjavík, capital da Islândia, o céu estava estranhamente claro. Era como se estivesse amanhecendo. O único sinal de que ainda estavam no meio da noite era que a cidade se encontrava vazia – não havia uma alma viva às margens do lago Tjörnin. O bar Kaffibarinn, supostamente frequentado por Björk, estava vazio. Não havia pessoas com sacolas de compras nas mãos perambulando pela rua principal. Todos estavam quentinhos e seguros na cama, com as cortinas bem fechadas e máscaras de dormir cobrindo os olhos.

Bem, *nem* todo mundo. Em um castelo sombrio chamado Brennan Manor, nos arredores da cidade, Aria Montgomery escapuliu por uma janela aberta, caindo com o traseiro no chão gelado e dando um gritinho. Em seguida, levantou-se e fechou a janela num segundo. Lá dentro, os alarmes foram acionados, mas Aria não viu nenhum carro de polícia subir a encosta.

Aria espremeu os olhos e tentou enxergar, através do vidro, o garoto que acabara de conhecer, Olaf. O que diabos ela estava *fazendo* ali? Ela deveria estar em sua cama macia, dormindo de conchinha com o namorado, Noel – e não invadindo propriedades com um completo estranho. Não prestes a ser presa e trancafiada na cadeia pelo resto da vida.

Olaf apareceu na janela exibindo um quadro para que Aria o examinasse. Na tela, coberta por espirais, estava a imagem de uma cidadezinha de cabeça para baixo, o que fazia com que as espirais parecessem as estalactites de uma caverna. No canto da pintura, a assinatura: VAN GOGH.

Você sabe quem: Vincent. Vincent van Gogh.

Aria sentiu que ia desmaiar mais uma vez. Ir lá foi ideia *dela*. E *ela* havia apanhado o quadro do lugar onde estava pendurado. Mas só então se deu conta de como aquilo tudo era errado.

Ela encarou Olaf.

– Esconde isso! – sibilou Aria do lado de fora. – Vamos dar o fora antes que a polícia apareça!

Olaf abriu uma brecha da janela.

– Ei, como assim? – perguntou ele com um sotaque islandês pesado. – Essa história toda foi ideia sua! Ficou com medinho? Talvez você seja mais parecida com seu namorado babaca do que eu pensei. Mais *americana* do que pensei.

Aria deu as costas para ele. *Estava* mesmo se arrependendo daquela coisa toda. E ela *era* americana. Afinal de contas, estavam de férias, e Aria só queria ter uma noite divertida. Férias não deveriam terminar desse jeito.

Alguns meses antes, quando Noel contou que estava planejando uma viagem a Reykjavík com ela, o irmão de Aria, Mike e a namorada dele, Hanna Marin, Aria tinha ficado tão empolgada. Ela viveu três anos na Islândia com a família, logo depois que uma de suas melhores amigas, Alison DiLaurentis, desapareceu, no fim do sétimo ano. Aria não via a hora de voltar a Reykjavík.

Além disso, Hanna e ela precisavam mesmo de uma viagem para *qualquer lugar*. Junto com outras duas amigas, Spencer Hastings e Emily Fields, elas suportaram meses e meses de perseguição e tortura psicológica, recebendo ameaças e xingamentos através de mensagens de texto enviadas compulsivamente por uma maluca de pedra que chamava a si mesma de A, que mais tarde descobriram se tratar da *verdadeira* Alison DiLaurentis. A Ali que *elas* conheciam era, na verdade, a irmã gêmea de Ali, Courtney. Courtney passara a maior parte de sua vida internada em uma clínica psiquiátrica, mas dera um jeito de tomar o lugar da irmã no começo do sexto ano, fingindo ser amiga de Aria, Spencer, Emily e Hanna. A Verdadeira Ali tinha se vingado matando Courtney na última noite do sétimo ano... e depois, como A, foi atrás das meninas para tentar matá-las também.

Por isso, Aria e Hanna ficaram mais do que animadas quando Noel começou a planejar a viagem de férias. A Verdadeira Ali estava morta, não existia mais A, e não tinham mais o que temer. Então, veio a viagem de recesso de primavera para a Jamaica. E mais uma porção de coisas desagradáveis aconteceram. Agora, em julho, Aria e Hanna mais uma vez carregavam segredos terríveis. Elas mal tinham falado uma com a outra desde que chegaram. Também não ajudava em nada o fato de Noel não parecer muito animado com a Islândia e Mike estar odiando o lugar tanto quanto odiara quando morava lá.

Mas, naquela noite, a situação tinha alcançado um novo patamar. Para chatear Noel, Aria começou a flertar com Olaf, um garoto islandês metido a intelectual e meio esculhambado que

conheceram em um bar. Depois de cinco doses de Black Death, a bebida local, Aria acabou em uma ruela escura, aos beijos com o tal Olaf. E cinco horas depois... *isso*.

O alarme começou a soar mais alto. Olaf tentou abrir a janela um pouco mais, mas estava emperrada.

Aria congelou. Se ela seguisse com a história, se tornaria *de fato* cúmplice de um roubo.

– Não posso.

Olaf fez uma careta e tentou de novo. Não adiantou. Ele largou o quadro no chão com um estrondo.

– Vou sair pela porta! – gritou. – Espere por mim, certo?

Olaf desapareceu. Aria ainda espiou pelo vidro, mas tudo que pôde ver foi o cômodo às escuras. E, então, ouviu um som agudo atrás de si. Na ponta dos pés, correu para fora dos arbustos e espiou pela lateral da casa. Três viaturas de polícia ocuparam a entrada com grande alarde, suas sirenes barulhentas tingindo de azul as sóbrias paredes de pedra da propriedade. As viaturas pararam, com uma freada brusca, e delas saíram seis policiais de armas em punho.

Aria fugiu para o bosque. Estava surpresa até mesmo por descobrir que policiais islandeses *andavam armados*.

Os policiais se aproximaram da porta da frente e gritaram alguma coisa em islandês, que Aria só supôs que significasse: “Saiam com as mãos para cima!” Ela não conseguia tirar os olhos da pesada porta dos fundos, que presumiu ser por onde Olaf tentaria escapar. Estava fechada. Talvez possuísse um complicado sistema de trancas na parte de dentro que ele não tinha conseguido descobrir como funcionava. Será que ele estava encurralado? Os policiais o encontrariam? Era melhor ela esperar por ele? Ou deveria fugir?

Aria pegou o celular internacional que usava na viagem e encarou a tela. Precisava do conselho de alguém... mas não poderia ligar para Noel. Com as mãos tremendo, digitou outro número.

Hanna Marin emergiu de seus sonhos e piscou na escuridão. Estava em um quarto comprido e estreito. A pintura de um cavalo atarracado pendia sobre sua cabeça. Seu namorado, Mike, roncava ao lado, com o pé pendurado para fora do edredom pesado. A cama do outro lado do quarto, onde sua melhor amiga, Aria Montgomery, e o namorado dela, Noel Kahn, deveriam estar dormindo, estava vazia. Pela janela, Hanna observou a placa com o nome da rua. Estava escrita em um idioma que era *quase* inglês, mas tinha umas letras esquisitas ali no meio.

Tudo bem. Ela estava na Islândia. De férias.

E *que férias*. O que Aria via nesse país? Era dia *o tempo todo*. Os banheiros cheiravam a ovo podre. A comida era horrenda, e as meninas islandesas eram exóticas e bonitas demais. E naquele instante, deitada ali, Hanna foi tomada por uma sensação macabra. Como se alguém tivesse acabado

de morrer ou algo do tipo.

Seu celular tocou, e ela deu um pulo. Hanna espiou a tela. Não reconheceu o número, mas alguma coisa a levou a atender.

– Alô? – sussurrou Hanna, segurando o aparelho com as duas mãos.

– Hanna? – Era Aria. E, ao fundo, Hanna podia ouvir o som de sirenes.

Ao seu lado, Mike se mexeu. Hanna saiu de fininho da cama e foi até o corredor.

– Onde diabos você *está*?

– Estou em uma confusão. – As sirenes ficaram mais altas. – Preciso de sua ajuda.

– Você está machucada? – perguntou Hanna.

O queixo de Aria estremeceu. Do outro lado da propriedade, a polícia estava tentando derrubar a porta da frente.

– Não, não estou machucada. Mas eu meio que invadi uma casa e roubei um quadro.

– Você fez *o quê*? – guinchou Hanna, sua voz ecoando pelo corredor silencioso.

– Eu vim para cá com aquele cara que conhecemos mais cedo no bar. Ele me contou que um estudo muito valioso do quadro *Noite estrelada*, de Van Gogh, estava em um castelo nos arredores da cidade. A pintura foi roubada de um gueto judeu em Paris ou qualquer coisa assim durante a Segunda Guerra Mundial, e nunca foi devolvida.

– Espera aí... Você está com Olaf?

Hanna fez uma careta ao se lembrar de como tinha se sentido péssima ao trombar com Aria se agarrando com aquele cara barbado em um beco próximo ao bar. Ele parecia inofensivo, mas Aria já *tinha* um namorado.

– Estou, sim. – Os policiais derrubaram a porta e invadiram a casa feito a SWAT. Aria segurou mais forte o celular. – Entramos escondidos nesse castelo para procurar o quadro. Não pensei que iríamos... mas, então, foi tudo uma correria... E aí todos esses alarmes dispararam... E eu fugi. Agora a polícia está aqui! E eles estão armados, Hanna. Olaf ainda está lá dentro. Você precisa vir nos buscar, Hanna. Vamos cortar caminho pelo bosque e encontramos você em algum lugar. É impossível conseguir chegar até o jipe de Olaf com todos esses policiais por perto.

– Os policiais conseguem ver você *agora*?

– Não, eu estou escondida nos fundos da casa, no bosque.

– Meu Deus, Aria, o que você ainda está fazendo aí? – berrou Hanna. – *Fuja!*

Aria olhou para a porta dos fundos mais uma vez.

– Mas Olaf ainda está lá dentro.

– Aria, quem se importa? – perguntou Hanna. – Você mal conhece o cara! Saia correndo daí *agora*. Vou pegar o ciclomotor. Assim que você cruzar o bosque, ligue para mim e me dê o nome da

rua onde estiver, combinado?

Houve uma pausa longa. Aria observou as luzes das viaturas. Deu uma olhada em volta, no bosque. E, então, olhou para a casa de novo.

Nada de Olaf. E Hanna tinha razão. *Ela mal conhecia o cara.*

– Combinado – respondeu Aria, abalada. – Vejo você já, já.

Aria desligou o celular e correu pelo bosque com o coração disparado. Tropeçou em um tronco caído, quebrou o salto do sapato e machucou o joelho. Atravessou um riacho raso e molhou o vestido. Quando alcançou a rua, estava com frio e sangrando. Ligou para Hanna, disse a ela o nome da rua em que estava e se sentou no meio-fio para esperar. Ao longe, ainda conseguia escutar as sirenes. Será que Olaf já havia sido preso? Será que tinha contado para os policiais que Aria era sua cúmplice? E se a polícia estivesse procurando *por ela*?

Quando avistou Hanna se aproximando de ciclomotor, quase chorou de felicidade. Fizeram o caminho de volta em silêncio, o som do motor e do vento altos demais para que Hanna fizesse perguntas.

Entraram na pousada fazendo o mínimo de barulho. Hanna acendeu a luz da pequena cozinha e encarou Aria com os olhos arregalados.

– Meu Deus – sussurrou. – Precisamos dar um jeito em você.

Hanna foi com Aria até o banheiro, lavou o joelho dela, tirou os galhos de seus cabelos. Durante todo o tempo, lágrimas rolavam dos olhos de Aria.

– Eu sinto muito – dizia ela sem parar. – Não sei o que deu em mim.

– Tem certeza de que a polícia não viu você? – perguntou Hanna de forma severa, entregando uma toalha de banho a Aria.

Aria esfregou a cabeça.

– Acho que não. Mas não faço ideia do que aconteceu com Olaf.

Hanna fechou os olhos.

– Vamos rezar para que ele não tenha contado aos policiais que vocês estavam juntos nessa maluquice. Porque não sei como vou poder ajudar você, Aria.

– Ele não sabia meu sobrenome – disse Aria, colocando a toalha sobre o aquecedor e depois saindo do banheiro. – Acho que vai ficar tudo bem. Mas faça o que fizer, por favor, não conte para...

Ela parou de falar e olhou para trás. Junto aos degraus da porta dos fundos, estava Noel, usando um jeans e um moletom com capuz, diferentes dos que usara mais cedo. Sua testa estava molhada de suor, como sempre ficava depois que ele bebia, mas ele estava com uma expressão desconfiada no rosto. Aria ficou apreensiva. Será que havia escutado boa parte da conversa?

– Ei, aí está você! – disse Noel, subindo a escada e fazendo um carinho na cabeça molhada de

Aria. – Tomou banho?

– Hum... É – respondeu Aria, cruzando as pernas para esconder o machucado no joelho. – Onde você estava?

Noel apontou para o jardim.

– Fumando um baseado.

Aria pensou em dar uma bronquinha nele, mas se conteve. Quem era ela para julgar? Em vez disso, puxou Noel pela mão.

– Venha. Vamos para a cama.

Ela não relaxou quando se deitaram sob o edredom. Noel se ajeitou ao lado dela, suas pernas pinicando a pele macia de Aria.

– Então, onde *você* estava? – Havia certa amargura na voz dele. – No bar com o Meu Querido Pônei?

Aria se virou, exalando culpa, da mesma forma que o álcool exalava de Noel, e se preparou para uma briga. Mas então Noel a abraçou e a puxou para si.

– Vamos fazer uma trégua. Essa viagem tem sido muito estranha. *Eu* tenho agido de forma muito estranha. E sinto muito.

Os olhos de Aria se encheram de lágrimas. Era exatamente o que ela precisava ouvir... com cinco horas de atraso. Ela abraçou Noel o mais forte que pôde.

– Também sinto muito.

Ela nunca disse algo tão verdadeiro.

– Não há nada para se desculpar – resmungou Noel, sonolento. – Eu amo você, A...

A frase morreu em seu travesseiro, e Noel caiu no sono. Por um instante, Aria pensou ter ouvido o namorado dizer mais alguma coisa. Algo estranho. Mas, enfim, Noel estava bêbado. Ainda que ele *tivesse* dito o que Aria pensava ter ouvido, ele certamente não queria *dizer* aquilo. Não era como se Aria fosse tocar no assunto na manhã seguinte.

Ela nunca mais queria falar a respeito daquela noite.

Na manhã seguinte, Hanna, Aria, Noel e Mike fizeram checkout na pousada e foram para o aeroporto. Liberados pela segurança, foram comprar salgadinhos e revistas de fofoca para enfrentar o longo voo de volta para casa. Se Aria parecia tensa, Noel não perguntou o porquê. Quando Noel reclamou da falta de um McDonald's no pequeno aeroporto, Aria não brigou com ele. Quando Hanna e Aria falaram *menos* do que costumavam, nem Mike nem Noel comentaram o fato. “Só estou cansada”, planejaram falar caso alguém dissesse alguma coisa. “Foi uma viagem longa. Sinto falta da minha cama.”

O avião tinha TV por satélite, e Aria colocou na CNN Internacional assim que se acomodaram a bordo. De repente, na tela, ela viu o castelo que tinha invadido na noite anterior. Parecia ainda mais assustador e mal-assombrado do que se lembrava. *Roubo em Brennan Manor*, dizia a manchete.

Um vídeo mostrou os cômodos sombrios e cheios de teias de aranha. Então, uma foto borrada de *Noite estrelada...* e um retrato falado de Olaf feito pela polícia. *Esse é o ladrão que fugiu com o quadro, descrito por uma testemunha que vive perto da propriedade*, afirmou o repórter. *A polícia está à procura dele no momento.*

O queixo de Aria caiu. *Olaf conseguiu fugir?*

Horrorizada, Hanna olhou para a TV. A situação havia mudado. Uma obra de arte valiosa fora roubada, e Aria tinha participação no roubo. Hanna se lembrava dos casos de roubo de obras de arte em que seu pai trabalhara, quando ainda atuava como advogado: até as pessoas que sabiam sobre o crime eram consideradas culpadas. E, agora, ela era uma dessas pessoas.

Aria tocou o braço de Hanna, quase adivinhando o que a amiga estava pensando.

– Olaf é um cara esperto, Han. Ele não vai ser pego... E, assim, nunca vai ter a chance de dizer que eu estava com ele durante o roubo. A polícia não terá como me ligar ao crime. E ninguém vai saber que você também sabe do roubo. É só... ficar de boca fechada, certo? Não diga nada, nem mesmo a Emily e Spencer.

Hanna se virou e fixou os olhos na pista, tentando pensar em outra coisa. Talvez Aria tivesse razão. Talvez esse cara, Olaf, quem quer que ele fosse, conseguisse mesmo enganar a polícia. Era a única forma de o segredo de Aria permanecer a salvo. Era a única forma de Hanna também permanecer a salvo.

E, felizmente, as meninas *permaneceram* a salvo por quase um ano. A história do roubo ressurgia nos noticiários de tempos em tempos, mas sem grandes detalhes, e os repórteres nunca mencionavam um cúmplice. Uma vez, Hanna assistiu a uma reportagem sobre o roubo com Spencer e Emily, e o segredo queimava dentro dela. Mas não disse uma palavra a respeito. Não poderia trair a confiança de Aria, que também não ousou contar a elas – quanto menos as amigas soubessem, melhor.

Depois de algum tempo, a história deixou de assombrar Aria quase por completo. Olaf caiu no esquecimento levando Van Gogh com ele. As coisas tinham melhorado entre ela e Noel, e aquela viagem à Islândia era uma lembrança distante. Ela estava segura. Ninguém sabia de coisa alguma.

Mas ela estava se enganando. Alguém *sabia*, sim – e essa pessoa mantinha esse segredo muito, muito bem guardado, até que a hora certa da revelação se apresentasse. E agora, no finalzinho do último ano das garotas no ensino médio, essa pessoa decidiu trazer o segredo à tona.

O terceiro – e mais apavorante – A.

Em uma ensolarada manhã de domingo, Spencer Hastings entrou na cozinha e foi recebida pelo aroma de café fresco e leite quente. Sua mãe, o noivo, Nicholas Pennythistle, a filha dele, Amelia, e a irmã de Spencer, Melissa, estavam acomodados ao redor da grande mesa, assistindo ao noticiário. Um homem engomadinho contava as últimas notícias de um caso de explosão ocorrido em um cruzeiro na costa das Bermudas, uma semana antes.

– As autoridades ainda investigam as causas da explosão que obrigou todos os passageiros a abandonar o navio – disse ele. – Uma prova recente sugere que a explosão inicial aconteceu na sala das caldeiras. Um vídeo recuperado da câmera de segurança mostra dois vultos no local. Não está claro se os indivíduos causaram a explosão ou se estavam apenas no lugar errado, na hora errada.

A sra. Hastings colocou o bule de café sobre a mesa.

– Não acredito que eles ainda não saibam o que aconteceu.

Melissa, que tinha vindo a Rosewood para visitar alguns amigos, encarou a irmã.

– É claro que, de todos os cruzeiros do mundo, o seu é que teria um homem-bomba pirado a bordo.

– Estou feliz por não estar naquele navio – resmungou com arrogância Amelia, que era dois anos mais nova do que Spencer e tinha cabelos cacheados e rebeldes, nariz de pug e uma quedinha por twin-sets e sapatos estilo boneca, mesmo *depois* da transformação radical de look pela qual Spencer a fizera passar em Nova York. – Vocês estavam em alguma espécie de missão suicida? Foi por isso que escapuliram do navio e foram para a enseada, em vez de irem para a costa?

Spencer continuou andando na direção da torradeira, tentando ignorar Amelia. Mas a garota não parou de falar.

– É isso que todo mundo está dizendo, sabe, que você e suas três amigas perderam o juízo. Talvez você precise viver trancafiada para sempre no quarto do pânico de papai, quem sabe?

O sr. Pennythistle olhou feio para Amelia.

– Chega.

A sra. Hastings colocou uma xícara de café diante do noivo.

– Você tem um quarto do pânico, Nicholas? – perguntou ela, parecendo querer mudar de assunto. Ela ainda não sabia como disciplinar Amelia.

O sr. Pennythistle entrelaçou os dedos.

– Ah, sim, na casa-modelo em Crestview Estates. Mandeí construir depois que alguns mafiosos se mudaram para a vizinhança. É melhor prevenir. Além disso, sempre há compradores para esse tipo de coisa. Mas duvido que Spencer pudesse assistir às aulas de Princeton de lá. Não há acesso à internet.

Spencer começou a rir, mas se interrompeu. O sr. Pennythistle provavelmente não estava fazendo uma piada – ele era um empresário muito bem-sucedido, um gigante do ramo imobiliário e um excelente chef de cozinha, mas definitivamente não tinha talento para a comédia. Ainda assim, não a incomodava – todo sábado preparava um cozido e, enquanto cozinhava, sintonizava o rádio na estação de esportes favorita de Spencer. Além disso, ele a deixava dirigir sua Range Rover cheia de acessórios de vez em quando. Tudo seria muito melhor se a *filha* dele fosse suportável.

Spencer colocou duas fatias de pão de centeio na torradeira. Amelia não deixava de ter razão, claro – os problemas pareciam mesmo *seguir-la* por onde fosse. Talvez ela *devesse* passar um tempo reclusa em um quarto do pânico. Não apenas Spencer estivera no *Esplendor dos Oceanos*, mas uma de suas melhores amigas, Aria Montgomery, era um dos vultos na sala das caldeiras, onde a explosão aconteceu. Igualmente desconcertante era o fato de que durante a viagem Aria acabou ficando de posse de um medalhão que havia pertencido a Tabitha Clark, a garota que, acidentalmente, ela e as amigas tinham ferido no ano anterior, na Jamaica. Na época, as meninas achavam que Tabitha fosse a verdadeira Alison DiLaurentis, a gêmea malvada que perseguiu e quase matou Spencer e as amigas na casa de veraneio da família DiLaurentis em Poconos, em um incêndio seguido de explosão. Elas achavam que Ali tinha voltado para se vingar, por isso Aria empurrou a garota do deque da cobertura do hotel na Jamaica, para que ficassem livres dela de uma vez por todas.

Mais tarde, descobriram que Tabitha *não era* a Verdadeira Ali – era apenas uma garota inocente. E foi então que o pesadelo começou.

O colar com o medalhão as ligava à noite em que Tabitha foi morta – as quatro amigas tinham certeza de que seu perseguidor cruel, o Novo A, tinha plantado o colar na praia para incriminar Aria. Sabiam que não poderiam jogá-lo no mar – A o encontraria e viria atrás delas. Então, em vez de seguirem para a costa com o resto dos passageiros, depois da explosão do cruzeiro, Spencer, Aria e suas amigas, Emily Fields e Hanna Marin, roubaram um bote salva-vidas motorizado e foram até uma enseada sobre a qual Spencer tinha ouvido falar durante as aulas de mergulho. Lá, enterraram o colar em um lugar onde A nunca iria procurar, mas o bote delas furou – o que, com certeza, fazia parte dos planos de A. Foram salvas porque uma equipe de resgate chegou bem a tempo.

Depois dessa confusão, as meninas decidiram confessar o que tinham feito com Tabitha – era o único jeito de se livrarem de A. As quatro se encontraram na casa de Aria a fim de ligar para as autoridades, mas, enquanto esperavam na linha para falar com o investigador que estava cuidando do

caso, uma reportagem na TV chamou a atenção delas. O relatório da autópsia de Tabitha Clark concluía que ela havia sido morta por um ferimento na cabeça e não pela queda da cobertura do hotel. Aquilo não fazia o menor sentido; nenhuma das garotas tinha batido em Tabitha. O que significava... *que as meninas* não eram as responsáveis pela morte dela.

Segundos depois, receberam uma mensagem de A.

Vocês me pegaram, suas vadias – fui eu. E adivinhem só!? Vocês são as próximas.

Spencer foi trazida à realidade pelo cheiro de queimado. Uma nuvem de fumaça saía da torradeira.

– *Droga!* – sussurrou ela, acionando a alavanca para tirar o pão queimado da torradeira. Quando se virou, sua família a encarava. Havia um sorrisinho no rosto de Amelia. Melissa parecia preocupada.

– Você está bem? – perguntou a sra. Hastings.

– Estou, estou sim – respondeu Spencer no mesmo instante, colocando os pedaços fumegantes de pão dentro da enorme pia de mármore. Claro que tinha sido um grande alívio saber que ela e as amigas não eram responsáveis pela morte de Tabitha, mas A ainda tinha uma montanha de provas contra elas, incluindo fotos das quatro no deque da cobertura do hotel naquela mesma noite. A poderia alegar que Spencer e as meninas foram até a praia ao descobrirem que Tabitha não tinha morrido, para acabar com ela. E aquela mensagem de confissão de A não seria de grande valia em um tribunal – “fui eu” poderia significar qualquer coisa.

E o que dizer sobre a ameaça “Vocês são as próximas”? Quem diabos *era* A? Quem as queria mortas com tanta fúria? No mesmo dia em que resolveram fazer a confissão, Emily contou às amigas que, ao fugirem da casa incendiada de Poconos, deixou a porta destrancada para a Verdadeira Ali, dando a Ali a oportunidade de escapar da explosão. Isso queria dizer que *havia uma chance* de que estivesse viva... e *ela* poderia ser A. Aquilo fazia mais sentido: a Verdadeira Ali era a única pessoa louca o suficiente para chegar àquele extremo.

Melissa se levantou da mesa e fez cócegas em Spencer.

– *Aposto* que sei o motivo de tanta distração nessa manhã. Será que alguém aqui está nervosa porque vai encontrar com certo garoto de novo?

Spencer baixou a cabeça. Tinha deixado escapar que Raif Bagana Fredericks, seu novo namorado, viria de Princeton, onde morava, para visitá-la. Eles não se viam desde o cruzeiro. Aquele seria um dia de recesso para as duas escolas e a primeira vez que os dois estavam livres ao mesmo tempo.

– Acho que vai ser divertido – respondeu ela, tentando soar indiferente, mesmo que seu coração estivesse apertado.

– Você vai convidá-lo para o baile de formatura? – perguntou Amelia.

– Oh, Spence, você devia convidá-lo! – Melissa deu um gritinho. – Você não pode ir sozinha naquele fabuloso vestido Zac Posen!

Spencer mordeu o lábio. Tinha mesmo planejado convidar Bagana para o baile, que seria em duas semanas. Havia passado boa parte da manhã namorando o vestido Zac Posen, até finalmente comprá-lo em uma viagem para Nova York com sua mãe, e ficou sonhando em usá-lo enquanto estivesse nos braços de Bagana.

O baile nunca foi uma coisa com a qual Spencer sonhou quando era mais nova – suas fantasias eram sobre ser eleita presidente da classe, sobre ser a oradora da turma e fazer o discurso de formatura. Mas este ano o baile começou a parecer um evento tão agradável e normal em sua vida totalmente confusa e anormal, que Spencer não queria deixar de ir. Já sabia que Bagana aceitaria. Recebia mensagens de texto românticas do namorado todos os dias, e ele já havia mandado flores para a casa dela e para a escola. Falavam ao telefone durante horas todas as noites. Bagana contava a ela sobre o novo tipo de maconha que estava cultivando, enquanto Spencer o atualizava sobre as horas de suspensão que tinha de cumprir depois das aulas – o castigo dado pela escola como punição pelo roubo do bote salva-vidas.

A família lavou a louça do café da manhã, e, em dez minutos, todos tinham deixado a cozinha. Spencer estava sozinha. Ela tamborilou na bancada da cozinha e, sem prestar muita atenção, assistiu ao noticiário, apesar de o boletim meteorológico não ter ajudado muito a acalmar seus nervos.

Ao ouvir a campainha, Spencer se levantou e checkou seu reflexo na torradeira, certificando-se de que o cabelo louro estava preso em um rabo de cavalo e de que o batom cor-de-rosa não estava borrado. Depois, foi correndo até a porta da frente. Quando a abriu, viu Bagana na varanda com um sorriso tímido no rosto.

– Olá, sumido! – disse Spencer.

– Ei, garota. – Bagana estava lindo como sempre. A camiseta azul-marinho marcava seus ombros tonificados, tinha se barbeado, seus dreadlocks estavam presos, deixando à mostra o rosto com traços marcantes e os olhos verdes. Spencer ergueu o rosto e o beijou, beliscando o traseiro dele de brincadeira. Bagana deu um passo para trás, surpreso.

– Calma – murmurou Spencer com a boca junto ao pescoço dele. – Minha mãe saiu. Estamos sozinhos.

– Ah, tudo bem... – Bagana recuou. – Hum... Mas espere um pouco, Spencer. Preciso contar uma coisa para você.

– Também tenho um monte de coisas para contar! – Spencer pegou as mãos dele. – Então, acho que cheguei a mencionar que o baile de formatura da minha turma é em duas semanas e...

– Na verdade – interrompeu Bagana –, você se incomoda se eu falar primeiro? Eu meio que preciso falar tudo de uma vez.

Havia uma expressão estranha no rosto dele, uma expressão que Spencer não conseguiu decifrar. Ela o levou até a cozinha e desligou a TV. Quando fez um gesto para que ele se sentasse à mesa, Bagana ficou passando a mão pela toalha repetidamente, tentando eliminar todos os amassados. Spencer não conteve um sorriso: Bagana devia detestar toalhas amassadas tanto quanto ela. Aquele era apenas mais um dos motivos pelos quais os dois se davam tão bem.

– Bom, consegui um estágio que eu queria muito – contou ele.

Spencer abriu um sorriso. Ela não estava surpresa. Bagana era um gênio. Deve ter recebido centenas de ofertas de estágio.

– Parabéns! Onde?

– Colômbia.

– Columbia? A universidade? Em Nova York? – Spencer bateu palmas. – Minha nossa, isso vai ser tão divertido! Podemos conhecer novos restaurantes, passear no Central Park, ir aos jogos dos Yankees...

– Não, Spencer, não na Universidade Columbia. Colômbia, o *país*.

Spencer piscou.

– Na América do Sul?

Bagana assentiu.

– Bem, vai ser uma boa também. Quero dizer, não é tão perto, mas você não vai demorar tanto para voltar à faculdade. – Então, ela viu de novo aquela expressão no rosto dele. – Você *vai* voltar para a faculdade, não vai?

Bagana respirou fundo.

– Talvez não. É uma oportunidade única para trabalhar com este botânico, o dr. Diaz. Ele é, tipo, uma estrela na área em que trabalha. Sempre quis trabalhar com ele... Bom, todo mundo quer. Mas quem é aceito no programa de treinamento dele não pode pedir transferência. Não contei quando me inscrevi, porque achei que não tinha a menor chance... Mas recebi a carta de aceitação há dois dias, me oferecendo um cargo. É um estágio de dois anos. Vou trancar a matrícula em Princeton. – Ele afastou um dread do ombro. – Honestamente, estava pensando em trancar Princeton de qualquer jeito... Acho que preciso de alguns anos para... sabe como é, *viver*. Mas então eu conheci você e...

Um zilhão de pensamentos passavam pelo cérebro de Spencer. Ele havia recebido a carta *dois dias antes*? Tinham conversado ao telefone um monte de vezes nos últimos dois dias. Bagana não dissera uma palavra sobre o estágio.

E dois anos... meu Deus. Aquilo era meio que para sempre.

Spencer se apurou.

– Certo. Bem, mesmo assim é incrível. Então, quando você viaja? Ainda temos algum tempo, não?

Bagana remexeu-se, desconfortável.

– O dr. Diaz precisa de alguém imediatamente, então estou indo hoje à noite.

– *Hoje à noite?* – Spencer piscou, surpresa. – Você não pode adiar a viagem um pouquinho? Eu

estava torcendo para que você fosse meu par no baile de formatura.

Spencer odiou seu tom de voz. Ela parecia estar implorando.

Pela expressão no rosto de Bagana, ela soube no mesmo instante que ele diria não.

– Eles precisam mesmo de mim agora. E, Spencer, eu não tenho certeza de que deveríamos... você

sabe... esperar um pelo outro.

Spencer sentiu como se ele tivesse acabado de jogar um balde de água fria em sua cabeça.

– Espere um pouco. *O quê?*

– Eu gosto muito de você – disse Bagana sem conseguir encará-la. – Mas são *dois anos*. Não sou muito bom nessa coisa de relacionamento a distância. Nós podemos mudar demais durante esse tempo. Não quero que você fique presa a mim, entende?

– Você quer dizer que *you* não quer ficar preso a mim – retrucou Spencer com raiva.

Bagana baixou os olhos.

– Entendo que você esteja chocada. Mas quis contar pessoalmente. Foi por isso que vim dirigindo até aqui, apesar de ainda ter que arrumar as malas. – Ele conferiu o relógio. – Na verdade, acho que preciso ir embora.

Spencer sentia-se impotente no caminho até a porta da frente. Queria dizer um milhão de coisas, mas sua boca não obedecia e ela não conseguia articular as palavras. *Então acabou?* E: *Você está mesmo tentando me deixar culpada por fazê-lo vir dirigindo até aqui?* E: *E aquele monte de mensagens românticas? Foi você que correu atrás de mim!*

Lembrou-se de que Bagana havia prometido ficar com ela em Princeton e que teriam uma porção de bons momentos juntos. Com quem ela faria isso agora? Depois, ela se lembrou dos beijos apaixonados que ele lhe dera na varanda. O que foi aquilo, ele estava tentando agarrá-la uma última vez, antes de ir para a terra da cocaína e do tráfico de drogas?

No hall, Bagana olhou para ela com melancolia.

– Spencer, espero que ainda possamos ser...

– Vá embora – interrompeu ela, tomada por uma súbita raiva. Ela o empurrou para fora e em seguida bateu a porta e escorregou pela parede até cair sentada no chão.

O. Que. Diabos. Acabou. De. Acontecer?

Spencer se lembrou do cruzeiro ecológico que fizeram. Bagana a levou para jantar fora, e o

primeiro beijo deles aconteceu na pista de dança. Foi maravilhoso... E ela sabia que ele também pensava assim. Era como se um Bagana alienígena tivesse tomado o lugar do Bagana de verdade. Ele era a única coisa boa na vida dela e, de repente, tinha sido levado embora.

Bipe.

O celular de Spencer estava no aparador do corredor. Seu coração disparou quando ela se levantou e olhou para a tela. Havia uma nova mensagem, de um remetente desconhecido.

Para o baile vai sozinha, nossa Spencer, pobrezinha
Que um namorado valente apareça de repente
Antes que eu perca a razão, e a mande para a prisão.
– A

No mesmo dia, um pouco mais tarde, Hanna Marin acomodou-se no bar do Rive Gauche, seu restaurante pseudofrancês predileto no shopping King James. Ela esperava pelo namorado, Mike Montgomery e, apesar de saber que o barman não a atenderia, sentia-se mais sofisticada sentada ali do que a uma das mesas. Além disso, as mesas estavam cheias de alunos do Rosewood Day, boa parte deles calouros, o que fazia com que se sentisse melancólica e um tanto velha. Em poucos meses, iria para a FIT, a Faculdade de Moda e Tecnologia de Nova York; tinha recebido sua carta de aprovação na semana anterior. Em breve, o Rive Gauche não passaria de um lugar para visitar durante as férias.

Bem, *ela esperava* visitar o Rive Gauche apenas nas férias e não passar o resto de sua vida na prisão, como queria o Novo A. Hanna não gostava de pensar nisso.

Seu celular apitou, e ela o apanhou. Era um alerta do Google para o CRUZEIRO ECOLÓGICO ESPLENDOR DOS OCEANOS. Hanna clicou em LER. Ela havia colocado um alerta para o cruzeiro que tinha feito com as amigas da escola, para ser avisada de quaisquer notícias sobre a explosão na sala das caldeiras do navio. Aria e um garoto que ela havia conhecido na viagem, Graham Pratt, estiveram lá, mas Hanna e as outras estavam quase certas de que havia uma terceira pessoa – e que essa pessoa havia plantado a bomba. Elas também tinham certeza de que essa pessoa era A. Se a polícia conseguisse identificar a tal terceira pessoa... Então, tudo aquilo seria resolvido.

Graham Pratt, passageiro do Cruzeiro Ecológico Esplendor dos Oceanos, ainda está em coma depois de sofrer múltiplas queimaduras devido à explosão, dizia a primeira linha.

Hanna ergueu os olhos, olhando desatenta na direção de uma mesa cheia de jogadores mais velhos de lacrosse. O namorado de Aria, Noel Kahn, estava entre eles, e James Freed também. Graham não era apenas um amigo que Aria fizera durante a viagem – ele era também ex-namorado de Tabitha. Durante algum tempo, as garotas pensaram que ele pudesse ser o Novo A, sobretudo quando começou a agir de um modo estranho e agressivo, perseguindo Aria até a sala das caldeiras, repetindo que tinha algo para contar a ela. Com medo de que Graham pudesse feri-la, Aria se trancou em uma salinha nos fundos... e então veio a explosão.

Hanna continuou a ler. *O sr. Pratt foi transferido para o Centro de Cirurgia Plástica e de Recuperação de Queimados William Atlantic, nos arredores de Rosewood, Pensilvânia, para um tratamento mais especializado. A clínica ganhou o prestigiado prêmio de Melhor Centro de Recuperação da Região dos Três Estados de Pittsburgh por quatro anos consecutivos, e...*

Hanna encarou sua própria expressão preocupada no espelho antigo e gasto do outro lado do bar. O pai de Sean Ackard, seu ex-namorado, dirigia o Centro de Cirurgia Plástica e de Recuperação de Queimados William Atlantic, ou “A Praia de Bill”, e Hanna tinha sido voluntária lá. Era sua punição por ter batido a BMW do sr. Ackard depois de Sean ter terminado o namoro com ela. Jenna Cavanaugh recebera tratamento para queimaduras lá, assim como a antiga melhor amiga de Hanna, Mona Vanderwaal, a primeira A. Não que Hanna gostasse de pensar *nisso* também.

O restante do artigo não dizia muito mais, só que as lesões de Graham eram graves. Um arrepio passou pela espinha de Hanna. Ao que parecia, Graham tinha sido vítima do fogo cruzado de A, assim como Gayle Riggs, outra suspeita de ser A, que fora morta a tiros na garagem de casa bem na frente das garotas. Mas por que A desejava machucar Graham? A princípio, as meninas pensaram que Graham fosse A e que ele queria confrontar Aria sobre o que ela e as amigas haviam feito com sua ex-namorada na Jamaica. Mas, quando receberam mais mensagens de A depois que Graham entrou em coma, perguntaram-se se ele não estava tentando avisar Aria de que A estava atrás dela. *De olho em você*, disse ele a Aria diversas vezes através da pesada porta de aço da sala das caldeiras. Talvez quisesse dizer que A a observava – talvez tivesse visto A espiando. Isso queria dizer que Graham sabia quem era A? Se ele saísse do coma e...

Outro e-mail apareceu em sua caixa de entrada. NOVA MENSAGEM DE AGENTE ESPECIAL JASMINE FUJI. Hanna leu o assunto. Dizia apenas TABITHA CLARK.

O celular quase caiu de sua mão. *Agente especial?*

Ela abriu o e-mail, seu coração disparado. Jasmine Fuji era a agente do FBI que estava cuidando do caso do assassinato de Tabitha, e o nome de Hanna havia aparecido em uma lista de hóspedes que estiveram no hotel da Jamaica na mesma época em que Tabitha Clark se hospedara lá. *Gostaria de fazer algumas perguntas sobre o que você consegue se lembrar daquela noite*, dizia o e-mail. *Tenho certeza de que você entende que o tempo é muito importante para este caso, então, por favor, entre em contato o mais rápido que puder.*

Hanna sentiu um gosto amargo. As garotas já sabiam que não eram responsáveis pela morte de Tabitha. Mas A tinha fotos incriminadoras delas com Tabitha durante as férias e, mais do que isso, uma foto de Aria no momento em que ela empurrava Tabitha da cobertura, enquanto Hanna e as amigas observavam. A tinha *muitas* outras coisas contra elas, também: Hanna havia se evadido de um grave acidente de carro pelo qual nunca assumira responsabilidade, Spencer responsabilizara outra menina por posse das drogas que eram dela, Emily aceitara dinheiro por seu bebê... apesar de ter devolvido tudo depois. Se A contasse o que sabia para a agente Fuji, ela nunca acreditaria que as garotas eram inocentes no caso da morte de Tabitha Clark.

– Hanna? – Ela ouviu a voz de Mike.

Hanna se virou. Ele estava uma graça usando a camiseta da equipe de lacrosse de Rosewood Day, jeans escuro e justo e tênis Vans surrados. Havia um sorriso inocente no rosto dele.

– Tenho uma surpresa para você!

– O que é? – perguntou Hanna com cautela, jogando o celular dentro da bolsa. Ela não estava no clima para surpresas.

Mike estalou os dedos e, de repente, uma fila de jogadores da equipe juvenil de lacrosse se formou. Na contagem de três, em um movimento sincronizado, tiraram suas camisetas e se viraram para Hanna. Havia letras pintadas em seus abdomens tonificados. Primeiro um *H*, depois um *A*, e depois...

Hanna não podia acreditar. Os corpos deles formavam a frase *Hanna para Rainha de Maio*.

Alguém no restaurante aplaudiu. Kate Randall, irmã postiça de Hanna, que estava sentada a uma das mesas, assentiu em aprovação. Uma das garçonetes não conseguia tirar os olhos dos corpos musculosos dos meninos e quase derrubou a bandeja. Então, Mike se virou, tirou a camiseta e sorriu para Hanna. Em seu peito nu havia um ponto de exclamação.

– Você vai concorrer, não é? – perguntou ele, empolgado. – Você já tem todo o apoio da equipe de lacrosse, a juvenil e a principal.

Sem palavras, Hanna alisou a corrente Tiffany ao redor do pescoço. *Rainha de Maio* era o termo que a escola deles, Rosewood Day, usava para a rainha do baile de formatura. Hanna e Mike iriam ao baile juntos – ela havia comprado o vestido para o evento no mês anterior, em uma promoção da Marchesa. Tinha custado bem mais do que seu pai pretendia gastar, mas ele sabia o que o baile significava para a filha – Hanna costumava falar sobre como seria o baile com os mesmos olhos perdidos e tom sonhador com que a maioria das meninas fantasiava a respeito de um casamento de contos de fadas.

Mas *rainha*? Claro que Hanna já havia pensado nisso, ora, até mesmo *sonhado* com isso, mas, depois do ano complicado que enfrentara, ela tinha tirado qualquer expectativa da cabeça.

– Não sei... – respondeu, hesitante, os olhos pulando de Mike para os meninos sem camisa. – E Naomi?

Naomi Zeigler era a abelha-rainha de Rosewood. Naomi não havia permitido que Hanna entrasse para o grupo depois da morte de Mona, e, ainda que Hanna tivesse conseguido se aproximar de Naomi durante o cruzeiro, a coisa toda fora por água abaixo quando Hanna descobriu que Madison, a garota que ela deixou à beira da morte no acostamento da estrada depois de bater o carro, no último verão, era prima de Naomi. Hanna até suspeitou que Naomi fosse A... mas se enganou. Ao ouvir a confissão de Hanna sobre sua responsabilidade no acidente, Naomi ficou tão furiosa que voltou a ignorá-la.

A mão de alguém tocou seu braço. Era Kate.

– Naomi não está concorrendo, Han. As notas dela não são altas o suficiente. – Ela deu um sorriso triunfante. Por motivos que Hanna ainda não tinha entendido, Naomi e Kate não estavam se falando.

– E você não vai concorrer? – perguntou Hanna. Com seus longos cabelos castanhos, rosto bonito e corpo atlético, Kate teria grandes chances se concorresse.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não faz meu gênero. Mas você deveria mesmo concorrer. Vou conseguir um monte de votos para você.

Hanna ficou espantada. Ela e Kate tinham feito as pazes no mês anterior, mas, depois de anos de brigas, ela ainda não estava acostumada à amizade da irmã postiça.

– E Riley? – perguntou.

Kate riu. Mike olhou surpreso para Hanna.

– Riley? Está falando sério?

Hanna pensou nos cabelos ruivos de Riley e em sua pele pálida, quase vampiresca – tudo bem, ela não era mesmo a candidata ideal à rainha.

– Certo. Acho que você tem razão.

Mike se virou e começou a incitar o restante da equipe.

– Han-na!

– Han-na! – repetiram os outros garotos. Kate também.

Hanna sorriu e começou a considerar a ideia de concorrer. Já podia ver a foto fabulosa, ainda que um tanto assustadora, dela e do rei no cemitério próximo ao hotel Four Seasons, uma tradição anual do Rosewood Day, que imprimia um encarte especial sobre o baile para fazer parte do livro do ano. Se Hanna ganhasse, seria lembrada em Rosewood como uma menina linda com a coroa de rainha do baile – não como a garota que tinha sido torturada por A.

– Querem saber de uma coisa? – disse ela devagar. – Estou dentro!

– Ótimo! – Mike vestiu a camiseta. – Vou ajudá-la em sua campanha. Vamos alugar um salão e oferecer às garotas manicures de graça. Dar conselhos de moda. Vou até me oferecer para dar selinhos grátis. – Ele fechou os olhos e fez um beicinho. – Mas vou logo avisando que só beijo garotas bonitas.

Hanna deu um tapa em Mike.

– Nada de barracas de beijos! Mas a outra ideia me pareceu sensacional.

Naquele instante, uma garota bonita parada na porta chamou a atenção de Hanna. Os cabelos dela eram pretos e brilhantes, e seus olhos eram cor de violeta. Ela usava um vestido justo que Hanna tinha visto na vitrine da BCBG. Hanna examinou a garota, achando que ela parecia familiar.

– Uau! – Brant Fogelnest, um dos jogadores de lacrosse sentados ali perto, virou a cabeça para poder ver melhor. – Chassey está uma gata!

Hanna não conseguia acreditar.

– Ele acabou de dizer *Chassey*? – perguntou sussurrando para Mike. – *Chassey Bledsoe*?

– Acho que sim – murmurou Mike com a testa enrugada. Kate assentiu.

Hanna ficou em dúvida. Chassey Bledsoe era uma tonta que brincava com ioiôs, usava o chapéu do gato das histórias do dr. Seuss para os bailes da escola e andava por aí com imensas sacolas a tiracolo que a deixavam parecida com um carteiro. Mas a menina que acabara de aparecer usava sapatos Jimmy Choo e carregava uma delicada bolsinha de mão. Ela até mesmo parecia estar usando cílios postiços.

E, então, a menina falou para alguém do outro lado do restaurante:

– Oh, aí está você!

E Hanna soube que era ela. A mesma voz de buzina de carro antigo, ridícula e estridente, que havia perseguido Hanna, Ali e suas amigas pelo pátio no ensino médio, implorando para fazer parte do grupo delas. A nova e melhorada Chassey andou rápido até sua melhor amiga, Phi Templeton, que estava sentada em uma mesa do canto. Embora Phi usasse jeans Mudd largo e sua camiseta tivesse uma mancha sobre um dos seios, isso não parecia estragar o estilo da nova Chassey.

– Ela não ficou afastada da escola por, sei lá, um mês, depois de ter um surto de herpes? – perguntou Hanna aos sussurros. Chassey estava na aula de cálculo; a professora ficou com pena dela porque teve herpes também.

– Acho que sim. – Mike batucou no balcão. – Mas, se é isso que uma crise de herpes faz a você, talvez mais garotas devessem pegar.

Kirsten Cullen, que estava sentada a uma mesinha próxima à de Hanna, ergueu uma sobrancelha, prestando atenção na conversa.

– Ela está maravilhosa. Tem grandes chances de ser Rainha de Maio.

Outros garotos murmuraram que a Nova Chassey *deveria mesmo* concorrer – e alguns meninos da equipe de lacrosse que haviam feito coro para Hanna poucos instantes antes, ensaiaram um discreto “Chas-sey”. Hanna olhou para Mike a fim de pedir ajuda.

– Você não pode fazer alguma coisa?

Mike ergueu as mãos.

– O quê?

– Não sei! O posto de rainha é *meu*!

Bipe.

O celular de Hanna piscou com insistência dentro de sua bolsa. Ela o pegou. MENSAGEM DE

ANÔNIMO.

Seu coração afundou. Havia uma semana, A não se manifestava, mas Hanna sabia que era apenas uma questão de tempo. Esquadrinhou o restaurante, esperando descobrir quem era o remetente da mensagem. Um vulto desapareceu atrás da fonte no restaurante. A porta da cozinha bateu, depois de uma sombra passar por ela. Preparando-se para o pior, Hanna pressionou ler.

Apenas perdedoras competem entre si. Se tentar vencer essa batalha, não perderá apenas o meu respeito... Vou contar para a agente Fuji todas as suas mentirinhas travessas.

– A

Naquela mesma tarde, Emily Fields e a mãe entraram em uma boutique chamada Grrl Power em Manayunk, um bairro hipster da Filadélfia. Os autofalantes despejavam a música de uma banda grunge só de garotas. Uma menina com um piercing na sobrancelha e com metade da cabeça raspada olhava para elas do outro lado do balcão. Duas garotas, com as mãos no bolso da calça uma da outra, circulavam pela sessão de jeans. Havia manequins usando camisetas com frases como: EU NÃO CONSIGO PENSAR HÉTERO!, e: EU NÃO SOU GAY, MAS MINHA NAMORADA É.

A sra. Fields, que examinava algumas peças expostas, mostrou uma legging amarelo-canário.

– Essa calça é bonita, não acha? Posso usá-la para fazer minhas caminhadas.

Emily olhou para a peça. Na traseira da calça, ela leu: NADA COMO UM DOCINHO MACIO DE MANHÃ.

Emily não sabia se ria ou chorava. Sua mãe sabia o que aquilo *queria dizer*?

Então, ela olhou ao redor. As pessoas dali pareciam prestes a cair na gargalhada enquanto mediam a sra. Fields dos pés à cabeça. Ela tirou a legging das mãos da mãe.

A sra. Fields se afastou do expositor, parecendo intimidada. Imediatamente, Emily se perguntou se tinha sido rude. Afinal, sua mãe estava *realmente* se esforçando. Aquela era a mesma mulher que a enviara para a casa de parentes em Iowa depois que Emily assumiu ser gay no ano anterior. E Emily tinha acabado de soltar outra bomba no colo da mãe: no verão passado, dera à luz uma menina, para depois a entregar para ser adotada por um casal de Chestnut Hill. A família parou de falar com Emily quando descobriu, mas nada como uma bomba *de verdade* em um navio e um quase afogamento para mudar a perspectiva das coisas. Emily voltou sã e salva do cruzeiro ecológico e foi recebida como uma heroína pelos pais, que se comprometeram a restaurar as relações familiares.

Desde então, o sr. Fields havia feito panquecas de banana para Emily no café da manhã. Eles tinham se sentado com ela para olhar suas fotos da viagem, cheios de exclamações para cada imagem de pôr do sol alaranjado e golfinhos meio borrados. E, naquele dia, sua mãe havia entrado no quarto de Emily às oito para avisá-la de que teriam um dia só de meninas: fariam as unhas, almoçariam fora e depois iriam às compras em Manayunk. Ainda que Emily não visse muita graça em fazer as unhas, aceitou o convite imediatamente.

Ela colocou a legging de volta na mesa e escolheu outra, vermelha, que dizia GAROTAS SÃO O MÁXIMO no bumbum. Passou a calça para a mãe.

– Acho que você fica melhor de vermelho.

A sra. Fields voltou a sorrir. *Isso*. Bem melhor assim.

Então, o celular da sra. Fields apitou. Ela o apanhou no bolso, olhou para a tela e pareceu feliz.

– Carolyn acaba de mandar uma mensagem de texto dizendo que gabaritou a prova final de biologia. Isso não é ótimo?

Emily mordeu o lábio. Sua irmã estudava em Stanford agora, com bolsa de estudos de natação, e Emily ouvia as histórias de como ela vinha se esforçando para acompanhar o curso. Não que Carolyn tivesse lhe contado qualquer coisa *ela mesma*. A irmã, embora contra a vontade, havia ajudado Emily a esconder-se na Filadélfia durante os últimos meses da gravidez e desde então elas não estavam se falando.

Emily brincou com uma pulseira de couro e spikes que estava em uma bandeja.

– Então, quando você acha que *eu vou ouvir* alguma coisa da própria Carolyn?

A sra. Fields dobrou uma camiseta que estava olhando, evitando encarar Emily.

– Tenho certeza de que ela vai ligar para você em breve.

– Ela quer *mesmo* se desculpar?

A sra. Fields estremeceu.

– Deveríamos nos concentrar em nós, que tal? Estou tão feliz por estarmos juntas. Espero que possamos fazer isso com mais frequência.

Emily inclinou a cabeça.

– Então... isso quer dizer que Carolyn ainda está com raiva de mim?

O celular da sra. Fields tocou, e ela demorou um bocado para encontrá-lo na bolsa.

– Preciso atender – disse a mãe, apesar de Emily saber que era apenas seu pai... ou Carolyn.

Suspirando, ela se encostou em uma arara cheia de casacos. Certo, as coisas ainda não estão perfeitas. A sra. Fields tinha dito que Carolyn queria esquecer o passado, mas Emily ainda não vira a irmã fazer qualquer coisa para que isso acontecesse. Nem ela nem o resto da família tocavam no assunto da gravidez ou do bebê. Mas essas coisas levam tempo para acontecer, não é mesmo? E panquecas de banana já eram um grande avanço.

Quando a mãe deixou a loja, Emily pegou o celular e checkou seu e-mail. Havia uma nova mensagem do Comitê do Baile dos Formandos de Rosewood Day: *Não se esqueça de comprar seu convite para o baile dos formandos! 7 de maio, às 19h. Será no hotel Four Seasons – Logan Square, 1, Filadélfia. Jantar dançante.*

Emily foi tomada por uma enorme solidão. Já tinha comprado seu convite para o baile; as amigas insistiam para que ela fosse. Mas a única pessoa que Emily queria convidar – uma garota chamada Jordan Richards, que ela havia conhecido no navio – não poderia ir.

Felizmente não havia novos alertas sobre Tabitha. Ela abriu o arquivo de fotos, e, de repente, uma

foto de Alison DiLaurentis apareceu na tela. Era a *Verdadeira* Alison DiLaurentis, a garota que voltou para Rosewood no ano anterior e depois confessou ser A. Emily tirou aquela foto em seu quarto no dia em que ela e Ali se beijaram. *Sou eu, Em!*, Emily praticamente conseguiu ouvi-la dizendo. *Eu voltei. Esperei por tanto tempo para fazer isso de novo. Senti tanta saudade.*

Apesar de tudo o que havia acontecido, Emily continuou amando Ali. Mesmo depois de ela confessar ter matado a própria irmã, Emily acreditava que ela recobriria a sanidade e assumiria a responsabilidade por seus atos. Seu amor por Ali era tão profundo que Emily deixara entreaberta a porta da casa em Poconos para que Ali tivesse uma chance, em vez de trancá-la, condenando sua perseguidora psicopata a morrer no incêndio.

Emily escondera isso das outras por um tempo, mas na semana anterior finalmente revelou o segredo às amigas. E agora elas pareciam dispostas a acreditar no que Emily sabia o tempo todo: a Verdadeira Ali não estava morta, e ela era o Novo A. E isso queria dizer que a Verdadeira Ali testemunhou todas as coisas erradas que as amigas fizeram no último verão, incluindo a fuga de Emily do hospital com o bebê nos braços e sua desesperada tentativa de se livrar de Gayle Riggs, uma mulher que ela pensou que era maluca – e que agora estava morta. Talvez Ali também estivesse na Jamaica e fosse a verdadeira assassina de Tabitha. Isso também queria dizer que a Verdadeira Ali esteve com elas no cruzeiro, na última semana. Como não a viram por lá? Como foi que *ninguém* viu Ali?

Emily ensaiou clicar em APAGAR. Depois que A ameaçou a vida de seu bebê, ela enfim começou a odiar a Verdadeira Ali. E, ainda assim, não conseguia decidir se deveria ou não se livrar da única foto que tinha dela. Emily foi até o fim da galeria de fotos e viu a imagem de outra garota que tinha certeza de que amara. Jordan sorria para a câmera. O implacável sol porto-riquenho a iluminava, e quilômetros e mais quilômetros de água azul serviam de pano de fundo para ela. Emily tocou a tela, desejando poder sentir o rosto macio de Jordan mais uma vez.

– Ela é uma gata. – A vendedora de cabeça raspada olhou para a foto de Jordan por cima do ombro de Emily. – É a sua namorada?

Emily deu um sorriso tímido.

– Ah... mais ou menos.

A vendedora deu um meio sorriso.

– O que isso quer dizer?

Emily guardou o celular no bolso. *Significa que ela é uma fugitiva da justiça. Significa que ela pulou de um navio nas Bermudas para fugir do FBI, e eu não faço a menor ideia de onde ela esteja ou quando a verei de novo.*

Emily perambulou pela seção de calçados, que tinha um cheiro forte de couro e borracha. Nunca

se esqueceria dos últimos instantes que ela e Jordan passaram juntas. Em uma outra vida, Jordan foi Katherine DeLong, a Bandida Bonitinha, a garota que roubava barcos, carros e aviões. Quando Emily a conheceu, Jordan tinha acabado de fugir da cadeia e mudado de nome e estava pronta para recomeçar. Os agentes do FBI, provavelmente alertados pela Verdadeira Ali ou pelo Novo A, perseguiram as duas pelo navio. Jordan deu a Emily um último olhar para então mergulhar na baía e desaparecer.

Quando chegou em casa, Emily viu que tinha recebido um cartão-postal de Jordan. *Nós nos veremos de novo.* Ficou morrendo de vontade de responder, mas Jordan não era tonta e não havia colocado o remetente. Onde quer que Jordan estivesse – Tailândia, Brasil ou em uma ilha minúscula na costa da Espanha – Emily esperava que ela se mantivesse fora do radar do FBI.

Emily correu os dedos pelo couro macio de um par de Doc Martens e teve uma ideia. Pegou o celular de novo, abriu o aplicativo do Twitter e se logou em sua conta. Depois, copiou e colou o convite para o baile em um novo tuíte. MEU BAILE DE FORMATURA É EM DUAS SEMANAS, digitou. QUERIA PODER LEVAR MEU VERDADEIRO AMOR.

Apertou “tuitar”, sentindo-se ótima. Com sorte, Jordan leria o recado e entenderia o significado. E, ainda que não pudesse responder, pelo menos saberia que Emily estava pensando nela.

Quando seu celular vibrou, um segundo depois, ela se animou – talvez fosse *Jordan!* Mas o e-mail era de alguém chamado agente especial Jasmine Fuji. PRECISO FALAR COM VOCÊ SOBRE TABITHA CLARK.

Emily estreitou os olhos. Os vocais da canção que soava pelos alto-falantes de repente pareceram rosnados de cães furiosos. Escondendo-se em um canto nos fundos da loja, Emily abriu o e-mail. *Cara senhorita Fields, dizia a mensagem. Sou a agente especial encarregada das investigações do assassinato de Tabitha Clark. Seu nome consta em uma lista de hóspedes de um hotel na Jamaica chamado The Cliffs na mesma época em que a srta. Clark esteve lá, durante o recesso de primavera. Por isso, o procedimento padrão pede que eu converse com todos os hóspedes para ter uma ideia mais ampla do que pode ter acontecido naquela noite. Entre em contato comigo o mais breve possível. Atenciosamente, agente especial Jasmine Fuji.*

– Emily? – Sua mãe a encarava com uma bolsa de couro de crocodilo falso enfiada debaixo do braço. – Você está bem?

Emily sentiu a boca seca. Ela não tinha a menor intenção de falar com uma policial. Jasmine Fuji saberia no mesmo instante que ela estava mentindo.

A sra. Fields a pegou pelo braço.

– Você está tão pálida. Vamos tomar um pouco de ar.

A rua cheirava a fumaça de automóveis e cerveja velha de um bar próximo. Emily respirou fundo, tentando se convencer de que aquilo não era nada sério. Mas era. Não poderia mentir para uma

agente federal.

Bipe.

Sentindo-se tonta, olhou para o celular de novo. Como se fosse ensaiado, uma mensagem de um remetente anônimo apareceu. Emily suspirou ao ler a mensagem.

Espere até eu contar à agente Fuji que você e sua namorada são perfeitas uma para a outra – ambas são criminosas frias e calculistas.

– A

– Força, Noel, *força!* – gritou Aria Montgomery do lado de fora do campo de lacrosse. Era a hora do almoço do dia seguinte. Seu namorado, Noel Kahn, correu pelo gramado e tentou marcar o quinto gol consecutivo. Aria prendeu a respiração e viu a bola tocar a rede.

– Isso! – gritou ela, batendo na mão de Hanna em comemoração.

A equipe de lacrosse estava arrecadando fundos para o abrigo dos sem-teto e as pessoas tinham feito apostas sobre qual jogador faria mais gols em um minuto. É claro que Aria tinha apostado dez dólares em Noel.

Assim que o tempo acabou – Noel estava em segundo lugar, atrás apenas de James Freed –, ele correu até onde ela estava.

– Você foi incrível! – gritou Aria, abraçando-o.

– Obrigado, querida.

Noel lhe deu um beijo de cinema, o que fez os joelhos dela fraquejarem. Eles namoravam havia mais de um ano, e, apesar disso, Aria ainda ficava nervosa quando sentia o cheiro de Noel depois do treino, uma mistura de aroma cítrico e suor.

Hanna, que tinha acabado de cumprimentar o namorado e irmão de Aria, Mike, também membro do time de lacrosse, riu e comentou com Noel:

– Não acredito que você transformou Aria em uma fã de lacrosse. Não achei que isso fosse possível.

Noel fez uma reverência teatral, brincando.

– Olha, não foi fácil, mas valeu a pena.

– Ah, obrigada. – Aria ajeitou o cardigã ao redor dos ombros. Estava frio para a época, e o céu nublado ameaçava chuva. Hanna tinha razão: se alguém lhe dissesse, no começo do primeiro ano, que ela passaria o intervalo do almoço assistindo ao jogo de lacrosse com renda revertida para a caridade em vez de, por exemplo, trabalhar em uma de suas esculturas, ela teria gargalhado. E se a mesma pessoa lhe dissesse que ela seria a namorada de Noel Kahn, ela teria caído da cadeira. Aria teve uma paixonite por ele quando ela e Ali eram amigas no ensino fundamental, mas então Noel se apaixonou por Ali, e Aria desistiu dele. Mas, quando voltou da viagem sabática de três anos que sua família fizera para a Islândia, Aria não era mais a garota que sonhava namorar jogadores de lacrosse metidos a besta. Ou pensou que não era.

O treinador soprou o apito. Noel apanhou seu taco, deu mais um beijo em Aria e correu com Mike para o campo a fim de se reunir com o time. O coração de Aria deu um pulinho enquanto ela observava as costas eretas e fortes e as panturrilhas musculosas de Noel. Quando ela e as amigas estavam prestes a confessar à polícia sobre a morte de Tabitha, tudo no que Aria conseguia pensar era que nunca mais veria Noel – nem o beijaria, seguraria sua mão ou mesmo se deitaria no sofá agarrada nele, enquanto ele comia pretzels do jeito mais barulhento que podia. E, ainda que as meninas *não tivessem* confessado, Aria ainda sentia como se aquele tempo estivesse com os dias contados.

Depois que os garotos se afastaram, Aria pigarreou.

– Então... Ontem recebi uma mensagem estranha.

Ela mostrou a tela do celular para Hanna. *Seu nome consta em uma lista de hóspedes de um hotel na Jamaica chamado The Cliffs na mesma época em que Tabitha Clark foi assassinada... Precisamos conversar assim que possível... Agradeço sua cooperação.*

Hanna assentiu.

– Também recebi essa mensagem. Spencer e Emily também... Ah, e Mike – completou ela. – E Noel, recebeu? – Os meninos também estavam com elas no hotel jamaicano.

Aria congelou, olhando para Noel em seu uniforme da equipe de lacrosse e chuteiras. Ele tinha acabado de pular nas costas de Mason Byers, que rodopiava sem parar, tentando se livrar do peso extra.

– Hum, não perguntei a ele – respondeu Aria em voz baixa. – Noel não nos viu conversando com Tabitha. E ele e Mike definitivamente não suspeitam de... *você* sabe. Então acho que eles não têm nada de comprometedor para dizer à agente Fuji.

Assim que as palavras saíram de sua boca, Aria teve dúvidas quanto a acreditar mesmo nelas ou não. Durante a viagem, Noel não tinha prestado atenção em Tabitha, a não ser para comentar que ela parecia familiar. Depois, quando os restos mortais dela apareceram na praia e foram notícia em todas as redes de TV, Noel costumava simplesmente mudar de canal, na maior parte do tempo nem mesmo se dando conta de que a menina estivera na Jamaica na mesma época em que eles. Apenas nos últimos tempos ele começou a relembrar a história. Agora, todas as vezes que a foto de Tabitha aparecia na TV, ele a olhava com curiosidade, dizendo: “Ela não *parece* com alguém que conhecemos?” E se ele percebesse como Aria ficava nervosa sempre que a morte de Tabitha era citada? E se, de forma inocente, Noel mencionasse para a policial que Tabitha o fazia lembrar-se de *Ali*? Tinha uma porção de maneiras de Noel incriminá-la sem nem ao menos saber o que estava fazendo.

Aria torceu as mãos. Noel provavelmente falaria com a agente por dois minutos, no máximo. E, de

qualquer forma, as garotas *não tinham* matado Tabitha – A havia acabado com ela na praia.

É claro que *elas* eram as únicas que sabiam disso.

– Será que deveríamos nos encontrar com a agente Fuji? – perguntou Hanna.

– Não podemos nos negar a falar com a polícia. – Aria estava aflita. – Talvez todas devêssemos ir encontrá-la juntas. É o jeito que temos de garantir que vamos todas contar a mesma história.

Hanna mostrou a tela de seu celular a Aria.

– Também recebi isso.

Aria leu a mensagem.

Apenas perdedoras competem entre si. Se tentar vencer essa batalha, não perderá apenas o meu respeito... Vou contar para a agente Fuji todas as suas mentirinhas travessas. – A.

– Mike estava tentando me convencer a concorrer a Rainha de Maio – sussurrou Hanna. – E então Chassey Bledsoe apareceu no restaurante. Menina, ela está linda.

– Eu a vi! – exclamou Aria. – Ela parece meio... fabricada, não parece?

Hanna deu de ombros.

– Não sei. O que eu achei esquisito foi que A mandou essa mensagem praticamente no mesmo instante em que vi a nova Chassey... *como se A estivesse me observando*. O Rive Gauche estava lotado, mas não vi ninguém mandando mensagens.

– A está em todos os lugares – sussurrou Aria, estremecendo. Tinham pensado em diversos suspeitos que cabiam no papel de Novo A, mas eliminaram cada um deles, um literalmente, e outros acabaram bem machucados. Como Graham, o garoto com quem Aria fizera amizade no navio e que era o ex-namorado de Tabitha. Por um tempo, Aria pensou que ele pudesse ser A. Ele certamente tinha motivos e, além disso, havia começado a agir de forma muito esquisita, insistindo que tinha algo para contar a ela. Aria agora entendia que Graham estava tentando alertá-la sobre alguém obcecado por ela. Mas A colocou uma bomba no *Esplendor dos Oceanos* antes que Graham pudesse dizer qualquer coisa... talvez A não quisesse que ele revelasse sua identidade secreta.

– Você recebeu alguma mensagem de A? – perguntou Hanna, enfiando o celular de volta no bolso.

Aria balançou a cabeça, depois mostrou a Hanna seu novo iPhone com uma capa de neoprene cor-de-rosa.

– Mas talvez seja porque estou usando isso aqui. É um número não rastreável.

– Bem pensado – comentou Hanna. Ela olhou para o campo, nervosa. – Você acha que A pode nos incriminar pela morte de Tabitha?

Aria passou a língua nos lábios. A tinha todas aquelas fotos delas na cobertura naquela noite. E quem poderia dizer o que mais A não havia mostrado a elas.

Estava prestes a responder quando os alto-falantes instalados acima das arquibancadas

ressoaram.

– Atenção! – reverberou uma voz. Uma tosse forte e um pigarreio se seguiram. Era o sr. Appleton, o diretor do colégio. Por alguma razão, ele sempre tossia *ao* microfone, fazendo barulhos que lembravam arrotos. – Atenção veteranos! Tenho algumas notícias muito animadoras! – anunciou Appleton. – Já estamos com os nomes dos indicados para nossos rei e rainha do baile de formatura! Para rei, concorrerão Joseph Ketchum e Noel Kahn!

O pessoal nas arquibancadas comemorou. Hanna cumprimentou, Aria e os garotos no campo deram tapinhas nas costas de Noel, numa tentativa de “fingir que o baile não importa ainda que importe”.

– E para rainha – continuou Appleton –, temos Hanna Marin... – Hanna sorriu nervosa, e Aria a pegou pelo braço. – ... e Chassey Bledsoe! – completou Appleton.

Uma salva de palmas se seguiu. Algumas pessoas fizeram caretas, perguntando-se quem era Chassey, como se não tivessem frequentado a escola com ela desde o jardim de infância. Hanna apertou os lábios.

– Você não está preocupada porque Chassey vai competir, está? – perguntou Aria.

– Eu não posso concorrer! – Hanna puxou um fio solto de sua saia. – Não vou prejudicar todas vocês só para ser rainha do baile de formatura.

A voz voltou a ecoar no alto-falante.

– Quanto à decoração do baile de formatura – continuou Appleton –, recebemos várias inscrições para presidente do comitê de decoração. Faremos um anúncio assim que escolhermos!

Murmúrios ecoaram pela multidão. Hanna olhou para Aria.

– Você se candidatou?

– Eu queria, mas esqueci – respondeu Aria, sentindo-se um pouco desapontada. O colégio Rosewood Day levava a sério o comitê de decoração do baile, e ser o presidente era uma honra. Os interessados precisavam preencher um formulário de dez páginas com suas ideias para a decoração e apresentar seus esboços com meses de antecedência, e muitos candidatos até incluíam portfólios digitais e vídeos explicando por que deveriam ser os escolhidos, mas as pessoas que tinham ocupado o cargo no passado sempre comentavam sobre o quanto o processo todo era divertido. Além de elaborar toda a decoração do baile, o presidente do comitê também cuidava do blog do baile e tirava fotos dos rituais bobos porém exclusivos do evento, como a longa fila para dançar conga e a foto do rei e da rainha no cemitério próximo ao hotel Four Seasons, na Filadélfia, onde a festa acontecia todos os anos. Aria estava tão envolvida com a história de A que tinha perdido o prazo final da inscrição.

– *Mas posso lhes dizer que o tema de nosso baile já foi escolhido!* – continuou Appleton. – O

Conselho Estudantil se decidiu... pelo quadro *Noite estrelada*.

As pessoas aplaudiram. Hanna recostou-se na cerca atrás dela.

– É um tema muito bacana, não é?

Aria olhou para ela sem expressão e branca como uma folha de papel. Pensando melhor, ainda bem que ela não havia se candidatado. Aquele era um tema *horroroso*.

– Ora, o que foi? – Hanna estava surpresa. – Eles poderiam fazer pinturas de Van Gogh em tamanhos maiores e... *ah...*!

O quadro. Aria pôde ver o pensamento passar pela cabeça da amiga como se fosse um letreiro em neon. Elas não tinham conversado sobre aquela noite... mas isso não significava que Aria tivesse esquecido. E, pelo jeito, Hanna também não.

Aria escondeu o rosto nas mãos. A viagem para a Islândia havia sido terrível desde o começo. Ficaram presos na pista por duas horas antes da decolagem. Depois, o cartão de débito de nenhum deles funcionou nos caixas eletrônicos do aeroporto Keflavik, o que os obrigou a usar seus cheques de viagem para pagar as passagens de ônibus até o hotel, em vez de irem de táxi. O hotel perdeu a reserva deles e os mandou para uma pousada na mesma rua; um lugar úmido que fedia a peixe, era apertado e estava lotado, obrigando os dois casais a dividir um quarto.

E então Noel começou a reclamar de tudo – o gosto do leite era esquisito, a banheira de hidromassagem estava cheia de bactérias, o tecido do edredom irritava sua pele. Aria achou que era apenas o cansaço da viagem, mas ele reclamou no dia seguinte também. E no outro. Não parecia entusiasmado com as caminhadas românticas que faziam pela cidade. Não adorou a deliciosa cerveja local. Nem mesmo do museu do pênis ele gostou. Achou os cavalos nativos ridículos e, quando Aria apontou para o maravilhoso monte Esja, Noel disse: “Hum... As Montanhas Rochosas são bem melhores.”

Mike não ajudava, tagarelando sobre como os bares da cidade pareciam ainda piores do que quando moravam lá. Quando Hanna reclamou sobre a falta de lojas de grife, Aria foi para o quarto e deu um grito, sufocado pelo travesseiro. *Típicos moradores de Rosewood*, pensou, desgostosa.

Na última noite, o ar estalava com a tensão, e eles foram para um bar na mesma rua da pousada para tentar relaxar. Quando Aria sentou-se ao lado de um garoto cabeludo, de óculos, barbudo e emo, chamado Olaf, ele puxou conversa falando sobre um poeta islandês que ela adorava, e a garota ficou tão feliz que quase o abraçou. *Ali* estava alguém que sabia que existia vida além de Rosewood. Alguém que gostava de música interessante, tinha o seu próprio pônei e que adorava a Islândia tanto quanto ela.

Claro que Noel e Mike acharam o cara ridículo. Chamavam-no de *Meu Querido Pônei* – não tão discretamente quanto deveriam – enquanto tomavam uma dose atrás da outra de Black Death, o forte

destilado local, contavam piadas estúpidas e agiam de forma tão americana e idiota que Aria desejava que ninguém percebesse que ela estava junto deles. Depois, tentaram se meter na conversa de Aria e Olaf.

– Você estuda Artes? – perguntou Noel. – Ei, eu também gosto de arte.

Olaf ergueu uma das sobrancelhas.

– Quem é seu artista predileto?

Aria queria sumir. Futebol, vá lá, Noel podia falar sobre isso. Mas arte? *Aquilo era um desastre.*

– Hum, aquela pintura com estrelas loucas e redemoinhos – respondeu Noel. – Do cara que cortou a própria orelha, sabe quem é?

– Você está falando de Van Gogh? – Com o sotaque, parecia que Olaf estava falando *Van Gock*.

Noel riu da pronúncia, mas não fez comentários.

– Você ouviu dizer que há uma pintura muito secreta dele em um castelo não muito longe daqui?

Foi roubada por um tal barão alemão de um rico colecionador judeu durante o Holograma.

Ele disse *Holograma* em vez de *Holocausto*. Aria cobriu os olhos.

– Onde você ouviu uma coisa tão idiota? – murmurou ela, mortificada.

– Na verdade, eu *ouvi seu amiguinho* dizendo isso. – Noel apontou para Olaf.

O garoto fez uma careta.

– Não, eu não disse isso.

– Bem, *alguém* disse – falou Noel com a voz arrastada. Depois, estufou o peito, o que o fez perder o equilíbrio e despencar do banco onde estava sentado. Mike teve um ataque de riso, e o barman olhou para eles cansado, certamente pensando *Meu Deus, estou cansado desses garotos americanos.*

Mas então Olaf cutucou Aria.

– Mas devo admitir que ele está certo. Há um quadro em um castelo perto daqui, um estudo de *Noite estrelada*, de Vincent van Gogh. Nunca foi visto.

– Sério? – perguntou Aria, descrente.

– Sério. – Olaf espiou pela janela de modo pensativo. – A dona da casa é uma ricaça sovina, muito apegada aos seus bens. Dizem por aí que tem um monte de coisas realmente valiosas e que o acervo dela deveria estar em um museu e não escondido lá. Mas ela é egoísta demais.

– Bem, isso é um absurdo. – Aria colocou as mãos na cintura. – É a coisa mais burguesa que já ouvi na vida. As massas merecem ter contato com a grande arte, assim como as pessoas ricas.

– Concordo! – afirmou Olaf. – Uma obra de arte como essa deveria ser do mundo, não de uma única pessoa.

Aria assentiu.

– Deveria ser *libertada*.

– Libertada? – Noel riu, ainda caído no chão. – A tal casa não é uma jaula, e o quadro não é um tigre, Aria.

Mas os olhos de Olaf estavam brilhando.

– Essa é a coisa mais linda que já ouvi – disse ele com seu delicioso sotaque islandês.

Pouco depois, sem saber explicar como, estava encostada em uma parede de tijolos na ruela do bar, com a barba de Olaf arranhando seu rosto e os lábios dele cobrindo os seus. Quando a porta rangeu, eles pularam para longe um do outro. Um vulto apareceu, e o coração de Aria parou por um momento. *Noel?*

Mas foi Hanna que saiu. Ela congelou quando os viu e fez uma expressão de nojo.

– Por favor – suplicou Aria, afastando-se de Olaf –, não diga nada, certo?

Naquele instante, um apito soou, arrancando-a de suas lembranças. Ela olhou para Hanna e viu que a amiga roía as unhas como se elas fossem feitas de chocolate. No campo, Noel trocava piadas com James Freed. Era provável que não se lembrasse da conversa daquela noite – ele estava completamente bêbado. Graças a Deus, ele não fazia ideia do que *mais* tinha acontecido naquela noite – ninguém além de Hanna sabia. Algumas vezes, nos momentos mais sombrios, Aria ousava pensar em Olaf. Ela não soube de qualquer notícia sobre a prisão dele e presumiu que ele e a pintura ainda estavam livres por aí. Mas como ele conseguiu escapar de dentro da casa? Para onde tinha ido?

Bloop.

Aria baixou os olhos e fez uma careta. Na tela de seu novo celular, um alerta de nova mensagem de texto. Ela não tinha dado o novo número para ninguém.

O coração dela disparou. Nervosa, abriu a mensagem. Era uma foto do *Esplendor dos Oceanos* em chamas. Com uma mensagem.

Isso é que é viagem incendiária, não é, Aria? E eu tenho certeza de que seu amigo Graham concorda comigo! Vamos esperar que ele dê uma esfriada!

– A

Na tarde de quarta-feira, Spencer parou diante de um espelho de corpo inteiro em seu quarto, analisando o próprio reflexo. A agente Fuji chegaria em poucos minutos para interrogar Spencer e as amigas, e ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha achado tão difícil escolher o que vestir.

Um blazer risca de giz era muito formal? Ela fez uma careta, tirou-o e experimentou uma blusa cor-de-rosa que a fez parecer um chicletão. Precisava de um look casual, mas que passasse seriedade. Uma menina comum... Não, uma menina comum, mas *inteligente*. Alguém que jamais infringiria uma lei.

Seu olhar caiu no vestido Zac Posen cinza-perolado que pendia em uma capa plástica no armário. Ainda estava com a etiqueta, mas Spencer não teve coragem de devolvê-lo. Dois dias depois, a rejeição de Bagana ainda a incomodava. Ela mandou algumas mensagens de texto melancólicas para ele, implorando por outro encontro. Talvez tivesse interpretado mal o que ele quis dizer quando declarou que não queria que ficassem amarrados um ao outro. Talvez tivesse mudado de ideia. Mas Bagana não respondeu, e ela começou a se sentir tola e desesperada. O que precisava, concluiu, era de alguém que a acompanhasse ao baile, alguém que a fizesse esquecer toda aquela história. Mas quem? Os melhores rapazes estavam comprometidos a levar alguém ao baile havia meses. Spencer pensou em chamar seu ex-namorado, Andrew Campbell, que já era formado e estudava em Cornell, mas eles não se falavam desde a última primavera.

A campainha tocou, e ela trocou a blusa por outra e desceu as escadas com uma camisa azul e uma calça bege. Aria, Emily e Hanna esperavam na varanda, tremendo e balançando de um lado para outro como garrafas de refrigerante que acabaram de ser sacudidas. Quando Spencer abriu a porta, as amigas correram para dentro.

- Precisamos fazer alguma coisa! – disse Hanna.
- Acho que A está lendo meus e-mails – comentou Emily ao mesmo tempo.
- Recebi uma mensagem de texto em um celular *não rastreável*! – choramingou Aria.
- Ei, calma. – Spencer parou entre o hall e a sala de estar. – Comecem de novo.

Uma por uma, as meninas explicaram que haviam recebido mensagens de A nas últimas quarenta e oito horas. As mensagens falavam sobre o que cada uma tinha feito, como a que Spencer recebera, e algumas até mesmo citavam nominalmente a agente Fuji. A mensagem de Aria era a mais assustadora;

A tinha descoberto o número de seu celular novo em questão de horas.

– Será que ela tem um espião na operadora de celular ou alguma coisa assim? – perguntou Aria aos sussurros. – Acho que A está tentando jogar a culpa do acidente de Graham sobre nós. Como se *eu* tivesse culpa daquela explosão.

– E A também pode tentar nos incriminar pela morte de Gayle – comentou Emily. – Estávamos na entrada de carros quando ela levou o tiro. Tenho certeza de que A tem algum truque na manga.

– E não se esqueçam de que A ameaçou nos matar – completou Hanna.

– Isso está ficando ridículo. É como se A estivesse em todos os lugares.

Spencer pensou em como A havia lhe enviado uma mensagem no instante em que Bagana saiu. Mas como A sabia? Spencer estava dentro de casa. Era como se A tivesse colocado câmeras no lugar ou coisa assim.

Spencer se assustou. Seria possível? Ela olhou de um lado para outro, avaliando os cantos da sala, os espaços debaixo dos sofás, os parapeitos altos das janelas. O quadro perturbador que mostrava uma cena da Guerra Civil, pendurado pelo sr. Pennythistle no hall, com um cavalo empinado que olhava para ela de um jeito muito sinistro.

De repente, Spencer teve uma ideia.

– Venham comigo – disse para as outras por sobre o ombro, seguindo para o quintal.

As meninas a seguiram, passando pela porta de correr. Estava úmido e nublado lá fora, e o ar trazia o cheiro da grama recém-cortada e do riacho lamacento que corria no bosque atrás da propriedade. Uma grande lona azul cobria a piscina da família. Uma bruma fantasmagórica pairava sobre as árvores plantadas onde o celeiro dos Hastings, reformado para ser uma suíte, costumava ficar – antes de Ali colocar fogo nele. À esquerda, ficava a antiga casa da família DiLaurentis. Naqueles dias, a única lembrança de que tinham vivido ali era um enorme pedregulho bem no meio do quintal, que nunca foi retirado – a família que vivia ali havia removido todos os outros traços dos antigos moradores, incluindo o antigo deque, e não havia mais um santuário para Ali na calçada diante da casa.

Spencer foi até o galpão construído pelo sr. Pennythistle algumas semanas antes, destrancou a porta e olhou ao redor. Um soprador de folhas estava encostado na parede à esquerda. Ela o apanhou, levou-o para o meio do quintal e puxou o fio. As amigas olharam para ela como se Spencer houvesse enlouquecido, mas ela tinha um motivo para agir daquele jeito. O cabelo delas esvoaçou até Spencer apontar o jato de ar para o chão. O ar cheirava a gasolina. Mas o melhor e mais importante era que o barulho ensurdecedor que a máquina fazia não permitiria que pessoa alguma, nem mesmo A, ouvisse a conversa das garotas.

Spencer fez um gesto pedindo que as amigas se aproximassem.

– Isso precisa parar – disse ela com raiva. – Se A sabe onde estamos todo o tempo, deve estar nos espiando de alguma forma. A está tentando jogar todos esses crimes que não cometemos nas nossas costas e, se não agirmos logo, pode acabar conseguindo o que quer.

– O que vamos fazer a respeito? – gritou Hanna por cima do barulho do soprador.

– Sugiro que sejamos drásticas – declarou Spencer. – Vamos nos livrar de nossos celulares e de nossos números. Se precisarmos de um celular para emergências, podemos conseguir um aparelho descartável, mas não podemos falar sobre *nada* sério em ligações ou mensagens de voz. E deveríamos ter um código.

– Que tal “isso não”? – sugeriu Emily.

– Perfeito – respondeu Spencer. – E não podemos dar o número a ninguém, a não ser aos nossos pais.

Aria se incomodou.

– E para os nossos namorados?

Spencer balançou a cabeça.

– É muito arriscado.

Aria fez uma careta.

– Noel não vai contar para ninguém.

– Ele pode largar o número do seu celular por aí, e alguém pode encontrar. E você terá de explicar a ele o *motivo* de ter um celular descartável.

– E como vou explicar por que não tenho mais um celular? – perguntou Aria com as mãos nos quadris.

Spencer a encarou exasperada.

– Não sei! Diga que está fazendo isso para um projeto da escola sobre como viver uma semana sem tecnologia.

– E quanto ao e-mail? – perguntou Hanna.

– Ainda podemos usar o e-mail da escola para trabalhos e talvez possamos andar com nossos antigos celulares, mas apenas usando o wi-fi. Tenho certeza de que o wi-fi não pode ser rastreado do mesmo modo que a conexão pelo plano de dados. E não devemos usar a internet nos nossos computadores de casa, pois, para todos os efeitos, A hackeou nossos sistemas. Precisamos usar computadores que não estão ligados a nós e que não tenham nenhum software espião instalado.

Emily olhou para o lugar onde ficava o celeiro.

– É uma boa ideia e vai ser ótimo que A não saiba *mais* onde estamos. Mas *ainda* pode nos incriminar.

– Essa é a segunda parte do meu plano – gritou Spencer acima da barulheira. – Assim que

possível, precisamos ir para algum lugar que seja realmente secreto e seguro, onde possamos conversar com calma e pensar em quem poderia ser A. Deve haver uma porção de pistas por aí que nós deixamos passar. E agora que sabemos o que aconteceu na noite do incêndio, sabemos que A poderia muito bem ser a Verdadeira Ali.

O soprador de folhas deu um tranco. As folhas das árvores na parte dos fundos da propriedade balançaram, e, por um momento, Spencer poderia jurar ter visto um vulto no bosque.

– Parece uma boa ideia para mim – disse Hanna. – Para onde poderíamos ir?

As meninas pensaram em silêncio por um instante. Então, o olhar de Spencer foi atraído para uma luz no escritório do sr. Pennythistle.

– No outro dia, o sr. Pennythistle me disse que sua casa-modelo em Crestview Estates tem um quarto do pânico. Não são lugares, tipo, à prova de som?

– Acho que sim – respondeu Hanna. – E às vezes eles têm monitores ligados a câmeras de vigilância, o que permite que você observe se alguém se aproximar de sua propriedade.

– Perfeito – declarou Emily. – A não vai poder escutar nossas conversas em um lugar como esse. Aria estava pensativa.

– Crestview Estates fica perto daqui, não fica? Em Hopewell?

– Sim – respondeu Spencer. Hopewell era uma cidade a cerca de quinze minutos de Rosewood. – E apostro que consigo roubar a chave da casa-modelo. – O sr. Pennythistle mantinha cópias das chaves de todas as suas propriedades no escritório. Só teria o trabalho de encontrar a certa.

Os olhos de Emily brilharam.

– Devemos ir juntas?

Spencer balançou a cabeça, negando com veemência.

– Devemos ir separadas para confundir A. Seria ainda melhor se conseguíssemos ir de jeitos diferentes, como ônibus, trem ou carro.

Aria estava inquieta.

– Bem, temos transporte público para Hopewell.

– E, se algumas de nós forem de carro, podemos fazer caminhos diferentes – disse Emily. – A não saberia qual de nós seguir. E, se parecer que alguém está nos seguindo, poderemos ir mais rápido, desistir ou fazer um retorno rápido, talvez pegando A no ato. Então poderemos ver quem diabos é A.

– Ótimo – comentou Spencer. Ela olhou para as outras. – Que tal fazermos isso amanhã à noite?

Todas concordaram. Depois Spencer viu um sedã preto entrando na propriedade. Seu coração quase parou. *Hora do show.*

O carro desacelerou e parou na frente da casa. Uma mulher magra, alta, com cabelos pretos longos e ondulados e traços fortes foi em direção à porta de entrada. Quando ela notou Spencer e as

outras do lado de fora, parou e acenou.

– Senhorita Hastings? – Olhou curiosa para o soprador de folhas. – Cuidando do jardim?

Spencer desligou o aparelho e o colocou no chão. Caminhou pela grama molhada na direção da entrada.

– Mais ou menos isso.

A mulher estendeu a mão.

– Sou Jasmine Fuji. – Ela encarou as meninas com grandes olhos cinzentos. – Deixem-me adivinhar. Hanna, Aria e Emily – enumerou, apontando para cada uma das garotas. Claro, não era tão difícil, já que as quatro tinham aparecido na capa da revista *People* no ano anterior, depois da suposta morte da Verdadeira Ali. Havia até mesmo um filme para a TV, chamado *Pretty Little Killer*, documentando as maldades da Verdadeira Ali e o quase assassinato das garotas.

Como ninguém respondeu nada, a agente tossiu, sem graça.

– E se nós entrássemos e conversássemos um pouco?

Spencer atravessou a cozinha com elas, nervosa, tentando não tropeçar. Depois, sentaram-se lado a lado no sofá da sala, bem apertadinhas.

Aria brincou com o pompom de uma almofada. Emily cruzou e descruzou as pernas. Os cabelos de todas pareciam ninhos de rato devido ao soprador de folhas.

Fuji sentou-se diante delas em um pufe listrado, abriu um bloco de anotações com folhas amarelas e o folheou até chegar a uma página vazia. Suas unhas impecáveis estavam pintadas de cor-de-rosa.

– Bem. Certo. Em primeiro lugar, obrigada por aceitarem me receber. Isto é apenas uma formalidade, mas eu agradeço sua colaboração.

– É claro – disse Spencer, tentando soar madura e equilibrada. Desejou ter alguma coisa para fazer com as mãos.

– Vocês estiveram hospedadas no hotel The Cliffs, na Jamaica, na mesma época em que Tabitha Clark foi assassinada – disse Fuji, checando um documento enquanto falava. – De vinte e três a trinta de março. Vocês confirmam isso?

– Isso mes... – A voz de Spencer falhou, e ela começou outra vez. – Isso mesmo. Nós estávamos lá. Era o recesso de primavera, e nossa turma se hospedou no The Cliffs.

Fuji deu um sorrisinho.

– Deve ter sido ótimo.

Spencer fez uma careta. Aquilo soou um pouco sarcástico. *Deve ter sido ótimo para vocês, riquinhas mimadas*, talvez. Ou então: *Vocês pensam que vão se safar dessa confusão, não é?* Mas, então, Fuji apontou para uma pintura campestre pendurada atrás do piano.

– Minha avó tem um quadro bem-parecido, só que um pouco maior.

– Ah, que bacana. Eu sempre amei esse quadro – comentou Spencer sem perder tempo. *Acalme-se*, advertiu a si mesma.

– Então... – Fuji tirou seus óculos de dentro da bolsa e os colocou, depois estudou mais uma vez suas anotações. – Vocês tiveram contato com a srta. Clark enquanto estiveram no hotel?

As meninas se entreolharam. Ela e as amigas falaram ao telefone na noite anterior, meio que para combinar o que diriam, mas agora ela não se lembrava de uma única palavra.

– Mais ou menos – respondeu ela, depois de um instante. – Eu tive uma rápida conversa com ela, nada importante.

Fuji tirou os óculos e colocou as hastes na boca, de um modo inquisidor.

– Pode me contar sobre a natureza da conversa de vocês?

Spencer se sentiu enjoada.

– Ela disse que éramos muito parecidas. Como irmãs separadas há muito tempo.

A agente inclinou a cabeça. Seus brincos em formato de gota balançaram.

– *Isso* é uma coisa bem estranha para se dizer a uma desconhecida.

Spencer ofegou.

– Ela tinha bebido bastante.

Fuji fez uma anotação e se voltou para as outras.

– E vocês, lembram-se de terem conversado com Tabitha?

Emily assentiu.

– Dançamos próximas uma da outra.

Ela engoliu em seco.

A agente Fuji se virou para Hanna e Aria, e ambas disseram que viram Tabitha de passagem, mas que não tiveram uma conversa substancial com ela. A policial não pediu que dessem mais detalhes e, assim, Emily não mencionou a pulseira de Tabitha que, estranhamente, parecia-se com a de Jenna, Aria não falou sobre como Tabitha insinuou que sabia que o pai dela era infiel, Hanna não contou que Tabitha sabia que ela já tinha sido uma esquisitona.

As meninas falaram de forma pausada e clara. Se Spencer estivesse assistindo à conversa de fora, diria que ela e as amigas pareceram bem convincentes. Perturbadas e meio lacônicas, talvez, mas era de se esperar. Uma menina que conheciam tinha sido assassinada a poucos metros de onde todas dormiam.

Fuji tampou a caneta.

– Bem, várias pessoas estão me dizendo coisas muito parecidas. Pelo jeito, Tabitha circulou bastante naquela noite e conversou com todo mundo. Todos se lembram dela, mas ninguém consegue ligá-la a uma pessoa em particular. – Ela colocou o bloco de anotações no colo e encarou as

meninas. – Ouvi falar que vocês também estavam naquele navio que explodiu.

– Sim, estávamos – afirmou Spencer.

– *E* ouvi dizer que vocês estavam na propriedade de Gayle Riggs no momento em que ela foi assassinada. – A agente encarou as quatro meninas sem piscar.

Hanna assentiu sem muita convicção. Emily tossiu.

– Estávamos no lugar errado na hora errada – comentou Spencer.

– Parece que vocês vêm enfrentando alguns anos bem complicados. – Fuji deu um sorriso triste. – Pessoas obcecadas por teorias da conspiração adorariam estudar a vida de vocês, não? Poderiam dizer que são amaldiçoadas.

As meninas deram risadas pouco entusiasmadas. Quando a agente olhou para elas de um jeito enigmático, a sala pareceu carregada de eletricidade. E se A já tivesse contado tudo a ela? E se Fuji estava apenas brincando de gato e rato com elas, esperando que caíssem em contradição?

Mas a agente apanhou o bloco de anotações e se levantou.

– Obrigada pelo tempo de vocês, meninas. Se lembrarem de mais alguma coisa, por favor, liguem para mim.

Spencer se levantou num salto.

– Eu a levo até a porta.

A agente se despediu mais uma vez à porta, foi até seu carro e saiu. Depois que ela manobrou na rua sem saída e desapareceu, Spencer se virou para encarar as amigas, que ainda estavam sentadas, em choque, no sofá.

Hanna foi a primeira a falar.

– Pensei que ela iria nos prender.

– Pois é. – Aria despencou sobre as almofadas. – Estava convencida de que ela sabia mais do que estava dizendo.

Bipe.

Foi o celular de Spencer que apitou. Todas as garotas se endireitaram. Um *bip* logo se seguiu ao primeiro, vindo do celular de Emily. Depois o de Hanna apitou. O de Aria também fez um barulho. Todas as telas piscaram, avisando que uma nova mensagem de texto tinha acabado de chegar.

Respirando fundo, Spencer olhou para a tela de seu celular.

Adoro ver mentirinhas recém-plantadas em uma agradável tarde de primavera. Pergunto-me se a agente Fuji tem o mesmo gosto que eu...

– A

Spencer gemeu de olhos fechados e jogou o celular longe. O aparelho bateu contra uma mesa de

canto, e sua bateria voou e quicou no chão. Então, ela olhou para as amigas.

– Amanhã?

– Amanhã – respondeu Aria. Emily e Hanna também concordaram.

Era a única esperança das meninas. Iriam resolver essa história de uma vez por todas.

Na quinta-feira, depois de o último sinal tocar, Hanna correu para o estacionamento, com a bolsa de couro batendo contra suas costas. Quando ouviu alguém gritar seu nome, virou-se. Chassey Bledsoe estava parada na calçada, sorrindo, e cada centímetro de seu rosto, antes cheio de cicatrizes, estava estranhamente livre de qualquer imperfeição.

– Estamos fazendo os vídeos para a campanha – gritou ela. – Você vem?

Hanna desviou os olhos para o estacionamento, depois olhou de volta para Chassey.

– Hum, não posso.

A garota pareceu desapontada.

– Você quer que eu peça para eles remarcarem?

Hanna ficou indecisa. Tudo que desejava era fazer um vídeo um zilhão de vezes melhor do que qualquer coisa que Chassey pudesse sequer imaginar. Mas então pensou na mensagem de A sobre a campanha. Era muito difícil ver todos aqueles cartazes dizendo VOTE CHASSEY pendurados pela escola quando não podia colocar um único HANNA PARA RAINHA DE MAIO NO BAILE DE FORMATURA. E se Chassey recebesse a maioria dos votos? Seria uma humilhação para Hanna.

– Não se incomode comigo e vá em frente. Tenho um compromisso que não posso perder – respondeu. – É meio complicado de explicar, mas boa sorte!

– Mas... – começou Chassey, mas Hanna apenas acenou, virou-se e acelerou colina acima, onde seu carro estava estacionado. Antes de entrar, colocou uma touca preta e um casaco de lã que tinha deixado no banco traseiro. Era hora de entrar no modo missão secreta.

Entrou no carro e manobrou pelo estacionamento tão rápido quanto um Prius é capaz e caiu na estrada. Jogou no console o celular descartável que tinha comprado na Radio Shack e deu uma olhada para o GPS. O próximo retorno ficava alguns quilômetros à frente, mas o que diabos fazia aquele SUV colado em sua traseira? Hanna espiou pelo espelho retrovisor tentando identificar o motorista. As janelas eram cobertas com película escura. Seu coração disparou. SUVs pretos eram bem comuns em Rosewood. Podia ser *qualquer um* ali dentro.

Hanna pegou a próxima saída. *Recalculando*, mostrava o GPS. O SUV continuava atrás dela. Hanna diminuiu a velocidade ao ver uma placa que dizia pare e virou à esquerda. O SUV fez o mesmo.

– Ai, meu Deus – sussurrou.

E se fosse A?

Viu um posto de gasolina adiante e entrou no estacionamento. O SUV passou por ela a toda a velocidade. Hanna pegou uma caneta para anotar a placa, mas o carro já estava fora de vista antes que conseguisse ler as duas últimas letras. Dando ré, voltou para a estrada. Quando começou a rodar, o SUV tinha desaparecido. Desejou poder chamar Mike e dizer o quanto era esperta. Mas Mike nem mesmo tinha o número de seu celular descartável, um aparelho horrendo com *flip*, para o qual Hanna nem sequer pôde comprar uma capa enfeitada da Tory Burch.

Vinte minutos, três veículos suspeitos e várias manobras dignas de 007 depois, Hanna entrou em uma rua isolada, cheia de mansões exatamente iguais. A distância, um lago artificial brilhava, e até os patinhos bem coloridos em sua superfície pareciam de mentira. Algumas pessoas com roupas de ginástica caminhavam com seus cachorros, mesmo com a chuva que tinha começado a cair. Hanna embicou na longa entrada de carros de ardósia da casa de número onze, notando que havia uma luz acesa lá dentro.

Desceu do carro e caminhou, na ponta dos pés, até a porta. Um cheiro intenso de pinho a envolveu. Para um bairro na agitada Main Line, aquele era estranhamente silencioso. Os únicos sons que Hanna ouvia eram os trinados, estalos e gorjeios da natureza.

Antes que pudesse tocar a campainha, a mão de alguém agarrou seu braço. Hanna ensaiou um grito, mas uma outra mão, usando uma luva preta, cobriu sua boca.

– *Shhhh* – fez Spencer, tirando o capuz que cobria seu rosto. – *Não mandei você não entrar pela frente?*

– Eu esqueci! – respondeu Hanna, irritada de repente. Tinha escapado de quatro perseguidores! Não tinha como se lembrar *de todos os detalhes*.

Ela seguiu Spencer por uma entrada lateral, que levava a uma sala que cheirava a desinfetante e vela de canela. Depois seguiram por uma escada até o porão, onde ficavam a sala de jogos, a adega e o home theater. À esquerda, havia uma pesada porta de ferro, com uma maçaneta de cofre de banco. Spencer a girou para abrir.

– Entre – murmurou, empurrando Hanna para dentro como se ela fosse sua refém.

Hanna estranhou a iluminação fraca. O cômodo tinha paredes grossas e sólidas. Havia um pequeno sofá de tecido resistente, algumas cadeiras e uma mesa no canto, ao lado de uma estante, em que havia algumas revistas e jogos de tabuleiro. Nas paredes havia monitores exibindo as imagens das câmeras de segurança da frente imponente da casa e dos jardins. Hanna olhou as telas por alguns instantes. Os galhos das árvores balançavam. Um coelho passou correndo na frente de uma das câmeras.

Em um dos monitores, Hanna viu quando um táxi estacionou junto ao meio-fio na frente da casa.

Aria, vestindo um capuz preto como o de Spencer, desceu do carro e andou em direção à casa.

Spencer apareceu na tela e levou-a pela mesma entrada pela qual Hanna tinha passado.

Emily chegou alguns minutos depois. Então, Spencer desenrolou uma grande folha de papel e a prendeu na porta fechada do quarto do pânico.

– Pronto. Podemos começar. – Apanhou uma caneta hidrocor grossa de sua bolsa e escreveu um *A* no topo do papel. – O que sabemos até agora? – perguntou.

Hanna se ajeitou no lugar onde estava.

– Bem, *A* matou Tabitha. Então, era alguém que estava na Jamaica.

Jamaica, escreveu Spencer.

– E o que mais?

– Vocês acham que *A* era amiga ou inimiga de Tabitha? – perguntou Emily. – Eu diria que era uma inimiga, já que *A* a matou. Mas talvez seja intenção de *A* nos fazer acreditar nisso.

Aria concordou.

– *A* estava a postos na praia, então sabia que Tabitha iria nos confrontar no deque da cobertura do hotel. Vocês também acham que *A* mandou Tabitha falar aquele monte de coisas que só Ali sabia? Como aquilo de vocês serem irmãs separadas no nascimento, Spence. Ou que você foi uma menina gordinha, Hanna.

– Talvez. E *A* também poderia ter dado aquela pulseira de corda para Tabitha – respondeu Hanna.

– Mas por que alguém iria querer que acreditássemos que Tabitha era Ali?

– Para despertar nossa curiosidade. Isso garantiria que nós correríamos para a cobertura quando Tabitha chamasse, não é? – perguntou Aria. – E então... o quê? Orquestrar as coisas para que a empurrássemos? Como *A* saberia que isso poderia acontecer? *A* não pode ler pensamentos.

– A queda de Tabitha poderia ser apenas um acidente – ponderou Hanna. – E se *A* realmente pediu para Tabitha *me empurrar*? Mas daí Aria se meteu e a empurrou em vez disso. Deu tudo errado, até *A* perceber o que fazer para *consertar as coisas*. Então, *A* matou Tabitha quando ela caiu e colocou a culpa em nós.

Spencer destampou a caneta novamente.

– Suponho que foi assim que aconteceu. Mas quem faria uma coisa dessas?

Emily olhou para as outras.

– Suponho que seja óbvio, não?

Hanna engoliu em seco.

– A Verdadeira Ali?

Emily se ajeitou no sofá.

– Faz sentido. Primeiro, Ali conhecia nossas fraquezas. Teria sido fácil para ela instruir Tabitha

sobre o que dizer. Ela queria vingança, queria acabar com a gente. *E* faz sentido que ela tenha conhecido Tabitha na clínica psiquiátrica, quando as duas eram pacientes lá. Mas como conseguiu fazer com que Tabitha a obedecesse tão cegamente, chegando quase a cometer assassinato? E o que Tabitha tinha a ganhar com isso? Vocês acham que Ali pagou Tabitha?

– A família de Tabitha era rica. – Hanna se inclinou para observar melhor as telas. – Além disso, será que Ali *tem* dinheiro? Mesmo que ela tivesse alguma espécie de fundo fiduciário, não poderia sacar o dinheiro sozinha. Tenho certeza de que suas contas estão sendo monitoradas, isso se sua família não tiver pegado o dinheiro de volta.

– Talvez alguém esteja dando dinheiro para ela – sugeriu Spencer jogando a caneta para lá e para cá.

As meninas ficaram quietas, pensando. O quarto do pânico era tão silencioso que Hanna conseguia ouvir o tique-taque do relógio Cartier de Spencer.

– Mas isso não explica por que Ali a espancou até a morte – argumentou ela. – Quer dizer, alguém *poderia* ter testemunhado aquilo. Ela correu um risco enorme para matar Tabitha.

Aria respirou fundo.

– Alguém pode ter visto a Verdadeira Ali, *ponto*. Como pode ser que *ninguém* a tenha visto na Jamaica? Isso não é estranho?

– O que nos leva de volta à questão do dinheiro – afirmou Spencer, escrevendo a palavra *dinheiro* no papel. – Agora que estou pensando sobre isso, a família DiLaurentis sem dúvida não tem mais dinheiro. Quando descobri todas aquelas coisas sobre Ali e Courtney serem minha meias-irmãs, descobri que a família estava falida. Provavelmente por ter de pagar aquelas contas astronômicas da clínica por tanto tempo. Então, onde Ali conseguiu dinheiro para viajar à Jamaica? E, se ela é A, como voltou para Rosewood e nos persegue com tanta competência?

– E como ela conseguiu se enfiar no cruzeiro ecológico? – completou Aria. – Tudo isso custa dinheiro.

– Ela deve ter alguém que a financia – concluiu Hanna. – É a única coisa que faz sentido, não apenas com relação ao dinheiro, mas também pelas outras coisas. Ela não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Isso simplesmente não é possível.

– Então, ela tem um cúmplice – disse Spencer. – Como nós imaginamos.

Hanna concordou.

– Honestamente, quem poderia dizer que Ali *alguma vez* trabalhou sozinha? Talvez alguém a tenha ajudado a arrastar o corpo de Ian para fora da floresta na noite em que o encontramos. Lembram-se da rapidez com que ele desapareceu?

Ela estremeceu, pensando naquela noite fria e assustadora. Tinham se deparado com o corpo

azulado e inchado de Ian e voltaram correndo para chamar o policial Wilden, mas quando voltaram tudo o que encontraram ali foi uma trilha de grama amassada. A logística do desaparecimento do cadáver sempre incomodara Hanna. Ali era forte, mas não o suficiente para arrastar um cara de quase um metro e noventa de altura e oitenta quilos da cena de um crime em menos de dez minutos.

Spencer se sentou no sofá.

– Alguém poderia ter ajudado Ali a carregar Ian escada acima e a escondê-lo no armário da casa de Poconos também. E a mesma pessoa pode ter sequestrado Melissa.

– *E matado Jenna Cavanaugh* – disse Hanna, ajeitando-se na ponta do sofá, subitamente animada.

Todas se encararam ao mesmo tempo. Aquilo tudo parecia tão óbvio agora. Ali não era uma heroína de gibi. Claro que ela estava recebendo ajuda. Mas quem seria doido o bastante para ajudá-la?

– Tem de ser alguém que a ama, claro – argumentou Aria com a voz fraca.

Spencer escreveu *amor* no papel.

– Como um amigo ou um namorado, certo?

– Certo. – Emily pareceu um tanto desconfortável. – Mas poderia ser *qualquer um*.

Hanna ficou pensativa.

– Bem, a Verdadeira Ali ficou internada na clínica psiquiátrica por um bom tempo. Então, talvez seja alguém que ela conheceu enquanto estava lá.

– Como Graham? – perguntou Emily, olhando para Aria.

Aria curvou os ombros.

– Graham parecia mais devotado a Tabitha do que a Ali, e ele me disse que nunca a visitou na clínica. E não sei ele é A. Ele está em coma desde antes de as últimas mensagens chegarem.

– Mas talvez *Ali* tenha enviado as mensagens mais recentes – sugeriu Spencer, escrevendo o nome de Graham no papel mesmo assim.

– E, então, ela teria grampeado nossas casas? Não sei, não. – Aria se ajeitou no sofá. – E, de qualquer forma, A está ameaçando nos culpar por machucar Graham. Aposto que Graham *viu* o parceiro de Ali. Aposto que era isso que ele estava tentando me contar na sala das caldeiras.

Hanna se animou.

– Ali *tinha* alguns bons amigos na clínica. Lembram-se de Iris, a colega de quarto dela? Quando eu estava lá, ela falava sobre Ali, que ela chamava de Courtney, o tempo todo.

– Opa, isso é importante.

Spencer escreveu *Iris* abaixo do nome de Graham.

Então, Hanna pensou melhor.

– Mas acho difícil que Iris *seja* a cúmplice de Ali. Ela estava internada na clínica quando Ian foi

morto. Não posso imaginar como ela conseguiria escapular de lá para esconder o corpo dele na casa em Poconos. Teremos de descobrir um modo de verificar onde ela estava quando estávamos na Jamaica.

– Ainda assim, ela poderia saber de alguma coisa. – Spencer se virou para conferir a lista. –

Quem mais?

– Não podemos nos esquecer de Jason – disse Aria.

Hanna fez uma careta.

– O irmão de Ali? Vocês acham mesmo que ele a ajudaria?

– Quem sabe? – Aria deu de ombros. – Essa família é muito, muito esquisita.

Hanna ficou pensativa enquanto Spencer anotava isso também. Era um grande avanço Aria considerar Jason suspeito – ela sempre tivera uma queda por ele.

– E quanto à Cassie, colega de Ali na equipe de hóquei? – perguntou Spencer. – Lembram-se de como Ali se gabava o tempo todo da amizade dela com Cassie? Sobre como elas iam para as festas dos garotos mais velhos. Como Cassie era bacana e como seria a sua nova melhor amiga?

Emily não pareceu convencida.

– Encontrei-a no último Natal e ela parecia estar bem. E, de qualquer forma, Cassie era amiga da *nossa* Ali, não da Verdadeira Ali.

Spencer bateu na própria testa.

– Certo. Deus. É difícil de acompanhar tudo.

Escreveram mais alguns nomes, incluindo o de Darren Wilden e Melissa, apenas porque os dois estiveram envolvidos no caso de Ali do início ao fim. Mas não pareciam suspeitos prováveis. Spencer coçou o queixo.

– Ainda sinto como se estivéssemos esquecendo alguma coisa importante. Talvez o comparsa de Ali esteja bem na nossa cara e nós... estejamos perdendo alguma coisa. Há mais alguém, além de nós quatro, que esteve nos mesmos lugares o tempo todo? Durante a morte de Ian, a morte de Jenna, os incêndios, a Jamaica, esse verão, todas as vezes?

Hanna fez uma careta.

– Bem, consigo pensar em duas pessoas, mas nenhuma delas seria o comparsa de Ali.

– Quem? – Spencer arregalou os olhos.

– Mike – Hanna olhou cheia de culpa para Aria – e Noel.

Aria deu uma risada.

– Nem pensar, impossível.

Spencer anotou alguma coisa.

– Talvez sim, talvez não, mas não podemos deixar ninguém de fora.

Ela escreveu o nome de Noel na parte inferior do papel, depois tampou mais uma vez a caneta.

Furiosa, Aria a encarou.

– Por que você não anotou o nome de Mike?

Spencer pareceu surpresa.

– Você acha mesmo que seu irmão faria isso com você?

Aria mordeu o lábio.

– Bem, talvez não. Além disso, ele é um idiota.

Hanna deu um gritinho.

– Ei! Ele é meu namorado.

– Bem, Noel é *meu* namorado. – Aria as encarou, aflita. – Meninas, isso não faz sentido. Só porque Noel estava conosco em todos os lugares, isso não o torna culpado. É só uma terrível coincidência.

– Nós sabemos – garantiu Spencer. – Mas precisamos listar todo mundo, certo? Esse é o objetivo desta reunião. Provavelmente, vamos riscá-lo da lista nos próximos dias. – Ela voltou a examinar a lista. – É um bom começo, vocês não acham? Deveríamos investigar algumas dessas pessoas. Graham, Iris, temos boas pistas aqui.

Emily olhou para Hanna.

– Você deveria se aproximar de Graham. Você já foi voluntária na Praia do Bill – talvez consiga sua vaga de volta.

Hanna se aprumou.

– Não pretendo pisar lá nunca mais!

– Em tem razão, Hanna – ponderou Spencer. – Faz mais sentido que seja você. Você quer resolver as coisas, não?

Hanna sentiu um gosto ruim invadir sua boca. Pensou no cheiro horrível do desinfetante da clínica de recuperação de queimados. O xixi amarelo nas comadres. E ela teria de falar com Sean, seu ex-namorado, todos os dias. Mas ainda era melhor do que voltar para a clínica psiquiátrica. Com a sorte que tinha, acabaria internada lá de novo.

– Bem, vou cuidar disso – murmurou Hanna.

– E eu vou atrás de Iris – ofereceu-se Emily. Ela olhou para Hanna. – Você acha que ela ainda está internada na clínica?

Hanna fechou os olhos, lembrando-se da última vez que estiveram na clínica psiquiátrica para interrogar Kelsey Pierce, a garota que Spencer tinha delatado, fazendo-a ser presa por posse de drogas, e que, em seguida, quase se jogou do alto da pedreira.

– Não me lembro de vê-la por lá – respondeu Hanna.

Spencer olhou para as telas. Nenhum movimento no gramado.

– Vou atrás da Verdadeira Ali. Talvez exista uma forma de encontrá-la. Talvez estejamos nos esquecendo de alguma coisa. Se nós *a* encontrássemos, poderíamos acabar com essa história de uma vez por todas.

– Quem eu devo investigar? – perguntou Aria, brincando com uma mecha de seu cabelo.

Spencer ficou sem jeito.

– Bem, você *poderia* investigar Noel. Apenas para eliminá-lo da lista.

Aria explodiu.

– *A não é* Noel!

– Eu sei – afirmou Spencer. – Mas você pode dar uma olhada no quarto dele. Certificar-se de que ele não tem um segundo celular ou uma conta de e-mail secreta. Não que ele *fosse capaz de uma coisa dessas*, é claro.

Aria pareceu infeliz.

– Se essa palhaçada acabar com meu namoro, a culpa será de vocês.

As quatro discutiram sobre mais algumas possibilidades, organizando seus planos. Depois de mais quinze minutos, acharam que tinham concluído aquela etapa. Spencer se levantou e se espreguiçou.

Hanna se virou mais uma vez para espiar os monitores, cujas imagens eram em preto e branco. Um deles registrou algum movimento no canto do gramado. Ela se desesperou. Alguém tinha acabado de se esconder atrás de uma árvore?

Inclinou-se para observar melhor a imagem desfocada. Era difícil até mesmo dizer se era uma pessoa, um animal ou se não era nada. Olhou para a tela de seu novo celular. Nenhum alerta chegou.

Aria, Spencer e Emily estavam espiando seus celulares também. Como se estivessem esperando que A escrevesse: *Peguei vocês!* Ou: *Vocês pensaram mesmo que poderiam ser mais espertas do que eu?* Passou-se um minuto. Depois outro. Por fim, Spencer soltou a respiração.

– Acho que a barra está limpa.

Hanna fechou os olhos. Por toda sua vida, lutara para não ser invisível, para não ser uma ninguém. Mas naquele momento era a melhor sensação do mundo.

Ainda que Emily só tivesse visitado a clínica psiquiátrica uma vez, sentiu uma desconfortável sensação de familiaridade enquanto dirigia pela longa estrada que levava ao prédio principal. O edifício cinzento tinha, sem dúvida, aparecido em seus sonhos. Ela desenhava janelas góticas nas margens de seu bloco de anotações sem saber o motivo.

Parou no estacionamento de visitantes e tentou respirar mais devagar. Era a tarde posterior à reunião no quarto do pânico, e ela estava matando a última aula da manhã, uma de estudo livre, para ir até a clínica. Mas só de lembrar que a Verdadeira Ali havia passado anos ali, planejando formas de matá-las, Emily sentiu-se tonta. E se o cúmplice de Ali também tivesse sido um prisioneiro daquelas paredes? E se os dois, unidos pela raiva, se encontrassem na deprimente sala de convivência, imaginando formas de arruinar as vidas de Emily, Hanna, Spencer e Aria? Emily espiou, através da parede de vidro do corredor, os vultos que passavam. *Se a próxima pessoa a passar for uma mulher, tudo vai ficar bem*, apostou consigo mesma.

Um homem alto, vestindo um blazer de tweed com cotoveleiras de couro passou por ela. Aquilo não foi nada encorajador.

Mas ela precisava lidar com a situação. Aprumando-se, saiu do carro e rumou para as portas duplas da entrada. Mais cedo, telefonara para a clínica perguntando se poderia visitar Iris Taylor. A enfermeira disse que Iris poderia receber visitas à tarde, e foi assim que Emily soube que ela ainda era uma paciente. Mas, quando tentou descobrir quanto tempo fazia que ela estava internada na clínica – queria tirar Iris da lista de possíveis cúmplices de Ali – a enfermeira se negou a lhe dar qualquer informação.

Uma rajada de vento atingiu Emily e ergueu a bainha de seu casaco. Antes de entrar, apanhou seu novo celular e, depois de uma pausa, entrou no Twitter. Sim, isso era uma infração à regra de não usar a internet, mas ela *precisava* checar. O tuíte dela sobre o baile estava ali, mas ninguém tinha respondido ou retuitado sua provocação. O que a levava a pensar que Jordan poderia ter visto sua mensagem?

Fechou os olhos e tentou imaginar o que Jordan estaria fazendo naquele momento. Sentada em um café italiano, usando óculos escuros imensos? Desejou estar ao lado dela tomando café ou brincando no mar. O desejo foi tão forte que doeu *fisicamente*.

Suspirando fundo, arrastou-se pelo saguão de mármore. Uma mulher usando um jaleco branco a

cumprimentou com um grande sorriso.

– Vim para ver Iris Taylor – informou Emily. – Sou Heather Murphy. – Era seu nome de disfarce, o nome que usava quando era garçonete no restaurante de frutos do mar em Penn Landing no verão em que estivera grávida. Gayle Riggs, a mulher para quem quase deu seu bebê, só a conhecia como Heather... até A se envolver no assunto, claro.

A mulher sorriu.

– Vou avisá-la.

Com um aceno, levou Emily até a área de pacientes. Ela andou devagar, tentando acalmar a si mesma, mas se assustou com o clique alto da fechadura da porta que separava o saguão da ala dos pacientes. O corredor estava bem silencioso e era recoberto por um carpete bege manchado. O lugar todo cheirava a cachorro-quente. Uma risada apavorante, vinda de um dos quartos, fez Emily estremecer. Uma garota descabelada passou por ela, na direção oposta. Quando notou que Emily a encarava, olhou-a de volta sem esboçar qualquer expressão.

– *Boo!* – gritou.

Emily deu um pulo, e a garota riu.

Ela abriu as portas duplas que davam para a sala de convivência. Pendurados nas paredes, os mesmos balões e estrelas de papel que ela e as amigas viram quando visitaram Kelsey. Quebra-cabeças velhos estavam empilhados em uma prateleira, e uma estante de aço escovado, que parecia ter pertencido a algum escritório em uma vida passada, exibia alguns livros. Uma placa acima da TV avisava: SEM TV A CABO.

Quando Emily fechou a porta, algumas garotas, todas usando pijamas brancos, viraram-se alegres, talvez esperando que fosse uma visita para elas. Uma garota acima do peso, com uma careca visível, tentou sorrir, mas sua expressão mais pareceu uma careta. Emily olhou ao redor, procurando por Kelsey, mas não a viu em lugar algum. Estava muito nervosa para perguntar à enfermeira se Kelsey ainda estava ali.

Então, viu uma garota com cabelos louros bem claros em um canto. Combinava com a descrição que Hanna lhe dera de Iris. Tomando coragem, chamou-a pelo nome. A garota, que não poderia pesar mais do que quarenta quilos, virou-se e a encarou como se a reconhecesse.

– Seu nome não é Heather Murphy – disse ela em um tom de voz seco, direto, duro. Sua calça de pijama caiu um pouco quando ela se levantou. – Você é uma das amigas *dela*, não é? – A garota se aproximou. Seu hálito cheirava a bala de goma. – Aquela vaca que roubou a vida de Alison.

Emily recuou. Conseguia sentir que todos na sala a encaravam, mas não lhes daria a satisfação de perceberem que estava desconfortável.

– Certo. Meu nome é Emily. Eu era amiga de Courtney. – Ainda era estranho chamar a Ali Delas

de *Courtney*. – Ouvi dizer que você era amiga de Ali e colega de quarto dela. Tenho algumas perguntas sobre ela. Há algum lugar onde podemos conversar em particular?

Iris cruzou os braços. Por um momento, Emily pensou que ela fosse recusar, mas então deu de ombros.

– Não sei o que posso lhe contar sobre ela, mas tudo bem. Vamos conversar.

Em seguida, ela se virou e foi em direção à porta. Emily a seguiu, tentando ignorar os olhares curiosos que a seguiram. Perguntou-se se era *permitido* deixarem a sala de convivência, mas não havia enfermeiras por perto, ninguém para impedi-las.

Iris seguiu por um corredor e abriu uma porta próxima da saída de incêndio. Dentro, havia duas camas desfeitas. De um lado, pôsteres de bandas adolescentes colados na parede – Justin Bieber e algumas estrelas do Disney Channel – e uma porção de bichinhos de pelúcia cor-de-rosa sobre a cama. O outro lado do quarto era vazio e impessoal, parecido com um quarto de hotel. Iris deixou-se cair desse lado e olhou com desgosto para os pôsteres de Bieber.

– Minha colega de quarto é *tão* babaca. – Então, seus brilhantes olhos esverdeados se viraram para Emily. – Então, o que você quer saber sobre Ali?

Emily sentou-se em uma cadeira de veludo velha.

– Acho que ela ainda está viva.

Iris zombou.

– Besteira. Ela ficou presa dentro de uma casa que explodiu.

– Talvez não.

A garota cruzou as pernas. Os ossos de seus joelhos ficaram aparentes sob a calça do pijama.

– A polícia sabe disso?

Emily balançou a cabeça.

– Nós queríamos encontrá-la.

– Por quê?

Emily olhou fixamente para o relógio digital do outro lado do quarto. Como ela poderia fingir que aquilo não era grande coisa? Iris não parecia ser idiota; se tinha ouvido que a Verdadeira Ali morrera no incêndio da casa, também sabia que a Verdadeira Ali as perseguia, passando-se por A. Por que iriam querer encontrá-la, a não ser para fazê-la parar? Era sobre a amiga de Iris que Emily falava. Ela não iria contar o que sabia.

– Deixa para lá, não ligo, mesmo – disse Iris, como se de alguma forma sentisse a hesitação de Emily. E depois algo se acendeu em seus olhos. Ela se aproximou de Emily. Sua proximidade repentina fez a outra recuar. Embora Iris fosse pequena, irradiava ira.

– E aí, o que você quer saber? – perguntou Iris. – Posso lhe contar todo tipo de coisas sobre ela.

– Sério? – Emily se aprumou na poltrona.

– Hum-hum. Mas há apenas um meio de eu fazer isso. Você precisa me tirar daqui.

Emily riu, nervosa.

– *Tirar* você daqui?

Iris assentiu.

– Já disse às enfermeiras que tenho uma avó doente internada no hospital. É o único modo de eles permitirem que alguém saia por alguns dias, entende? Para visitar parentes doentes ou ir a funerais.

São uns fofos, não são? – Ela fez uma careta. – Estava só esperando pela oportunidade certa, e quem diria? Você é essa oportunidade. Agora, volte à recepção e explique que você é minha prima e veio assinar minha autorização de saída, para que possamos ver a vovó juntas.

– *Vovó?*

– Precisamos ser convincentes! – Iris pareceu exasperada.

– E depois? – Demorou um pouco para Emily perceber que a garota estava falando sério. – Você quer ir para casa?

– Na verdade, estava pensando que poderia ficar com você.

– *Comigo?*

Iris cruzou os braços.

– Sem perguntas, tudo bem? Estou enfiada nesse buraco há quatro anos sem uma pausa sequer.

Você nem pode imaginar o que é isso. Tenho, *de verdade*, boas coisas para falar sobre Ali, mas você não vai ouvir uma palavra se não me ajudar. E aí? Topa ou não?

Emily hesitou.

– Espere. Você está aqui há quatro anos *direto*?

Iris apontou para uma pasta em um saco plástico perto da porta.

– Pode checar meus registros se quiser.

Ela não tirou os olhos de Emily, que, depois de um tempo, foi até a porta, pegou o arquivo e o folheou. Com certeza, havia registros de Iris datados dos últimos quatro anos. Nenhum sinal de que ela tinha sido liberada, nem mesmo por um fim de semana. Iris estava falando a verdade.

Emily devolveu o arquivo para o suporte. Se ela estava ali por quatro anos sem folga, isso significava que não poderia ser a cúmplice de Ali e nem poderia estar envolvida nas mortes do último inverno, tampouco no assassinato de Tabitha na Jamaica, na primavera anterior.

Sentindo-se melhor, Emily relaxou um pouco.

– Você não tem planos de se vingar de alguém do lado de fora, tem? Não vai me criar problemas se tirá-la daqui?

Iris deu um sorriso irônico.

– Eles *não permitem* que pessoas assim saiam daqui. Por que você acha que Alison nunca foi para casa?

Emily nunca tinha pensado sobre isso.

– Certo – disse ela baixinho. Então, Iris iria passar alguns dias com Emily. Se isso significava descobrir mais algumas coisas sobre Ali, e sobre A, valeria a pena.

Mas suas pernas ainda tremiam enquanto seguia pelo corredor em direção ao saguão. A mesma mulher que a saudou com um sorriso estava lá.

– Hum, esqueci de mencionar – disse Emily, com a voz trêmula. – Sou prima de Iris. Vou levá-la para ver a nossa avó.

Emily achou que a recepcionista não acreditaria, mas, depois de algumas verificações rápidas com algumas enfermeiras e com os responsáveis pelo caso de Iris, ela foi liberada. Quando apareceu no saguão, estava usando uma calça jeans meio curta, como se tivesse sido comprada alguns anos antes. Com uma japonsa cor-de-rosa e uma bolsa de couro toda torta, ela parecia um tanto...

bobalhona, como uma menina que almoça sozinha na escola.

Deixaram a clínica juntas e andaram até o estacionamento. Tudo estava tão quieto que Emily conseguia ouvir sua própria respiração ofegante, nervosa. Olhou ao redor, certa de que A estava observando, mas não havia nenhum carro passando na rodovia ou pedestres perambulando nas trilhas que circundavam o prédio principal. O único som vinha da fonte borbulhante ali por perto, dedicada à memória de Tabitha Clark.

– Vamos lá, sua va-ca! – gritou Iris quando Emily abriu a porta do Volvo para ela. Iris se acomodou no banco do passageiro, bateu a porta e tirou um pedaço de papel amassado do bolso.

– Certo. Primeira parada, o bar Metropolitan, na Filadélfia.

– O quê? – Emily a encarou. – Por que estamos indo lá?

Iris segurou o papel. Parecia uma lista, escrita em letra irregular e angulosa de alguém que tinha muita energia para gastar. *Beber coquetéis no bar Metropolitan. Fingir transar com os dinossauros do Instituto Franklin. Subir os degraus do Museu de Arte correndo como Rocky Balboa. Encontrar Tripp.*

– Isso é tudo que eu queria fazer há quatro anos. E você vai me ajudar a realizar meu sonho.

– Tudo isso? – perguntou Emily, olhando para o pedaço de papel. Havia pelo menos cinquenta itens na lista.

Iris ergueu a sobrancelha.

– Se quiser saber sobre Ali, sim. Cada um deles.

– Tudo bem – disse Emily em voz baixa. Não havia nada como a promessa de descobrir os segredos de Ali para convencê-la. E teve a sensação de que Iris também sabia disso.

Emily deu a partida no motor, rangendo os dentes. *Será por uma boa causa, será por uma boa causa.* Ainda assim, sentia sua garganta seca. Olhou para o celular novo, certa de que Ali lhe enviara uma mensagem de texto, dizendo que ela não iria se safar dessa.

Mas não havia nada.

A última aula de Aria naquele dia era de edição jornalística, que acontecia no galpão do jornalismo. Ainda que o jornal da escola tivesse se tornado digital há tempos, o galpão ainda cheirava a tinta e papel de jornal. Velhas manchetes de eventos importantes para a história de Rosewood Day decoravam as paredes. Tudo mesmo, desde a vitória do time da escola no campeonato estadual de futebol de 1982 até a matéria sobre uma centena de árvores sendo plantadas no perímetro da escola em homenagem às vítimas do Onze de Setembro.

Depois de dez minutos de aula, Noel entrou discretamente pela porta dos fundos.

– Onde você estava? – perguntou Aria quando ele deslizou para o lugar próximo ao dela.

Noel deu de ombros.

– Tentei lhe mandar uma mensagem de texto, mas chegou outra mensagem avisando que seu celular estava sem serviço.

Aria encarou as ranhuras de sua mesa.

– Eu lhe disse. Não estou usando tecnologia esta semana, é parte de um projeto de ciências. – A mentira soou-lhe amarga. Noel não iria acreditar *nessa* história por muito tempo.

Os alto-falantes crepitaram, e o som de um pigarro anunciou que o diretor Appleton estava prestes a se pronunciar.

– Alunos! – disse ele. – Vocês poderiam por favor sintonizar o canal da escola? Temos algumas notícias importantes sobre o baile de formatura.

O sr. Tremont, o professor, fez uma careta, mas obedeceu a ordem e ligou o televisor que estava pendurado na parede próxima ao quadro branco. Penny Dietz, que fazia o jornal da manhã, apareceu na tela. *Boa tarde, alunos de Rosewood Day!*, cumprimentou em uma voz estridente. O rosto dela estava mais brilhante do que nunca. “O baile de formatura está se aproximando, e hoje vamos saber um pouco mais sobre alguns candidatos para rei e rainha do baile. Primeiro, a rainha. Ainda não recebemos o vídeo de Hanna Marin, então vamos passar o de Chassey Bledsoe.”

Noel fez uma careta.

– Não acredito que Hanna não gravou um vídeo ontem.

Aria desviou o olhar. *Ela estava ocupada em uma reunião dentro de um quarto secreto, imaginando quem A poderia ser.*

Chassey Bledsoe apareceu na tela, entusiasmada, contando como estava feliz em concorrer a

rainha do baile e que daria um jantar italiano de adesão para alavancar sua candidatura, no dia seguinte, na franquia local do Olive Garden, que era do seu tio.

Era hora de mostrarem os candidatos a rei. Quando a imagem de Noel apareceu, o coração de Aria se encheu de orgulho. O cabelo dele estava todo penteado para trás, deixando à vista seus olhos esverdeados e brilhantes. A camisa preta que ele usava estava colada em sua pele bronzeada.

Aria o cutucou por brincadeira.

– Não é de *admirar* que todas as garotas o desejem.

Noel deu um sorriso lânguido.

– Mas eu já consegui a melhor.

Aria fez um carinho no braço dele, mas então seu sorriso se desvaneceu, e ela se afastou. Spencer tinha escrito o nome de Noel na lista de suspeitos no dia anterior... e Aria *permitiu* que fizesse isso. Lembrar do que tinha acontecido a deixava se sentindo suja e envergonhada.

Durante o dia todo, Spencer mandara mensagens de texto para ela, perguntando se já havia falado com Noel. Mas que diabos Aria deveria perguntar? *Ei, você matou uma garota que estava fingindo ser Alison na Jamaica e agora está tentando nos matar?* Spencer não tinha pensado que o relacionamento de Aria, a única coisa boa com a qual contava no momento, acabaria quando fizesse isso?

Como suas amigas puderam pensar na hipótese de Noel ser o cúmplice de Ali? Certo, ele esteve com elas na Jamaica – era possível que tivesse visto as garotas na cobertura com Tabitha. Mas ele nunca, jamais, teria contado para Tabitha as coisas terríveis que Ali dizia sobre elas. E será que elas realmente acreditavam que ele poderia ter *espancado* a menina na praia até matá-la? Noel levava as aranhas para o quintal em vez de matá-las. Ele não podia ir até o abrigo de cães, porque dizia que levaria todos para casa com ele.

Sim, ele tinha conhecido Ali – *ambas as* Alis. Ele e a Ali Delas tinham namorado por um tempo no final do sétimo ano, mas ela terminou com ele depois de dois encontros, provavelmente porque estava apaixonada por Ian Thomas.

Quando Aria levantou os olhos, Penny estava de volta à tela da TV. “Também tenho um comunicado incrível sobre o presidente do comitê de decoração do baile. Em um encontro secreto com membros da equipe de Rosewood Day, alunos e nossos generosos patrocinadores, ficou decidido que este ano a responsável pela decoração do baile, cujo tema será *Noite estrelada* é... Aria Montgomery!”

Todos se viraram para encará-la. Espantada, Aria olhou para a tela. Imagens do quadro *Noite estrelada*, de Van Gogh, rodopiaram na tela, junto com a batida de uma música eletrônica. Então, sua foto de veterana apareceu. ARIA MONTGOMERY, lia-se na parte inferior. RESPONSÁVEL PELA DECORAÇÃO

– Parabéns! – cumprimentou Devon Arlyss. – Estou *morrendo* de inveja.

– Posso ajudá-la? – perguntou Colleen Bebris, toda animada, mesmo sendo apenas uma caloura.

– Isso é incrível! – Noel sorriu para ela. – Você sempre quis ser presidente do comitê de decoração, não é?

– Mas... mas eu não me inscrevi! – disse Aria.

Noel fez uma careta.

– Você não queria isso?

Aria engoliu em seco.

– Eu... – Não fazia muito tempo, ela *teria morrido por uma chance como aquela*. Mas a última coisa que desejava era ter de pintar um grande mural de *Noite estrelada*.

Seus pensamentos voltaram para aquela noite na Islândia. Depois de Hanna pegá-la aos beijos com Olaf, eles voltaram para o bar. Aria tinha certeza de que, assim que entrasse, Noel *saberia...* mas ele estava de conversa fiada com duas louras da Polônia. As meninas faziam charminho obrigando Noel e Mike a repetir certas palavras com sotaque americano. Cada vez que ele dizia alguma coisa nova, elas riam e balançavam os seios. Ele ao menos *se importaria* com a possibilidade de Aria ter beijado outra pessoa? Ele se importava com ela?

Aria queria provar uma coisa para si mesma naquela noite. Que ainda era uma garota moderna e bacana. Que ainda era a Aria islandesa. Agarrou o braço de Olaf e sussurrou:

– Vamos roubar o quadro guardado no castelo.

Olaf se espantou.

– Você está falando sério?

– Estou! – Aria se levantou. – Seremos os guerreiros das artes. Poderemos chamar a imprensa e dizer que salvamos o quadro e que vamos devolvê-lo a um museu. Talvez possamos iniciar nosso *próprio* museu!

Olaf sorriu para ela.

– Você fica tão bonita quando está animada.

– Isso não tem nada a ver com ser bonita! – rebelou-se Aria. – Você vai correr esse risco comigo?

Ele olhou para Noel, como se dissesse: “Você não vai envolver seu namorado nisso, não é?”

Então, deu de ombros.

– Por que não?

Esperaram por mais uma hora – depois desse tempo, Noel enrolava a língua e o que dizia mal fazia sentido, e ele, Mike e Hanna começaram a se aprontar para voltar para a pousada. Aria foi com Noel, mas depois disse que tinha esquecido uma coisa no bar e precisava voltar. Noel caiu na cama,

sem questioná-la. Aria correu até o beco próximo, onde Olaf esperava por ela com seu jipe. Ele ergueu as sobrancelhas para Aria, que riu de nervoso. Ela não fazia nada tão espontâneo em um milhão de anos.

– Eu sei – disse Aria, mas se afastou. Estava bêbada demais até para beijar. Sua cabeça estava girando.

Saíram do estacionamento direto para as ruas esburacadas de Reykjavík. Olaf acariciou o joelho de Aria enquanto dirigia. Quando um castelo de pedra encarapitado no alto da colina surgiu no horizonte, Aria ficou mesmo espantada. A casa tinha os mais incríveis vitrais. Um cata-vento girava no telhado, ladeado por gárgulas, torres e composto por muitos arcos ornamentados, nada parecido com as casas da cidade, que seguiam um estilo náutico, mais simples e despojado.

Estacionaram longe da propriedade e saíram do jipe. Ainda que fossem duas da manhã, conseguiam ver com facilidade as portas e janelas sob o sol da meia-noite.

– Olhe ali! – sussurrou Olaf, apontando para uma janela ampla aberta no primeiro andar. Era como se quem vivia ali estivesse *pedindo* para ser roubado.

Aria observou-o desaparecer pela janela. Um segundo depois, sua cabeça reapareceu.

– Você vem?

Ela invadiu a casa também. O lugar cheirava a mofo, e uma camada fina de poeira cobria o piso. A mobília de todos os cômodos estava coberta com lençóis. Um relógio de carrilhão ainda marcava o tempo no alto no canto. Pinturas em molduras douradas estavam penduradas nas paredes, exibindo trabalhos mais abstratos do que *Noite estrelada*, cubos, linhas e até mesmo uma que, no que dizia respeito a Aria, não passava de borrões azuis.

Olaf desapareceu por um corredor, e Aria o seguiu. Quando olhou para dentro de um pequeno escritório mal iluminado, viu uma tela de tamanho médio com as tão familiares espirais e estrelas. Aria se espantou e recuou. Sua cabeça girava devido à bebida. Piscou várias vezes, perguntando-se se estava imaginando coisas. Não conseguia acreditar que haviam mesmo encontrado a tela.

– Olaf! – gritou, saltando sobre um pufe no meio do cômodo e tocando a moldura com as duas mãos. A pintura saiu fácil do gancho onde estava pendurada. Aria a segurou firme nos braços. Cheirava a tela e poeira. De perto, ela conseguiu distinguir a assinatura de *Van Gogh* na parte inferior.

Isso a fez ficar imediatamente sóbria. Segurou a pintura, como se tivesse acabado de sussurrar para ela. *Caramba*, uma voz gritou em sua cabeça. Estava segurando um *Van Gogh*. Ela estava louca?

– Sensacional! – disse Olaf da porta. Ele acenou para Aria, mas as pernas dela não obedeciam. Deixando escapar um gemido, Aria passou a pintura para ele e saiu do escritório. – Aria? – gritou ele atrás dela. – Onde você está indo? – Foi então que os alarmes soaram.

O sinal indicando o fim da aula soou, e Aria deu um salto. Noel a encarava com curiosidade, mas todos na sala já tinham voltado para seus próprios afazeres. O sr. Tremont abriu a porta e a turma saiu. Aria os seguiu, ainda meio tonta. As pessoas a rodearam tão logo ela chegou ao gramado.

– Parabéns, Aria! – cumprimentou Reeve Donahue, uma das garotas do comitê do baile.

– Muito bem! – saudou Mai Anderson, dando tapinhas no ombro dela.

Riley Wolfe parecia indignada.

– Você *sabe* que é só porque ela está com o Noel – sussurrou de forma audível para Naomi Zeigler.

Aria piscou sem acreditar, encarando Noel, porque de repente achou que as palavras de Riley faziam sentido.

– Você teve *alguma coisa* a ver com isso?

Noel deu um sorriso matreiro, parecendo culpado.

– Pensei que você ficaria feliz. Sabia que você não tinha se candidatado... então eu preenchi o formulário por você, usando alguns de seus projetos de artes.

Aria fez uma careta. Ela sabia que deveria ficar emocionada, mas tudo que sentia era pânico.

– Tem muitas coisas acontecendo na minha vida ultimamente, é só isso – murmurou ela depois de um tempo.

– Tipo o quê? – perguntou ele.

– Tipo... – Ela olhou ao redor e baixou a voz. – Fui interrogada sobre a morte da garota na Jamaica.

Noel deu de ombros.

– Sim, eu também fui interrogado. Qual é o problema?

Aria o encarou, sentindo sua pulsação se acelerar.

– Você conversou com a agente Fuji? O que contou a ela?

Eles haviam chegado ao edifício principal. Pessoas apressadas passavam por eles nos corredores. Alguém bateu uma porta de armário para fechá-la. Noel destrancou o seu, evitando o olhar de Aria.

– Não sei. Conteí que vi Tabitha por lá, mas não falei com ela. E que, com certeza, não a vi sendo espancada na praia.

– Isso foi *tudo* que você disse?

Noel tirou um livro de dentro do armário. Um músculo perto de seu olho estremeceu.

– Sim. Por quê? O que está acontecendo?

Ela estava aflita. Se continuasse seguindo aquela linha de interrogatório, ela pareceria realmente culpada.

– Eu... só estou meio abalada – respondeu. – Depois de tudo que passei com Ali... é difícil falar com a polícia de novo.

Noel bateu a porta de seu armário e acariciou o braço dela.

– Mas acabou. A mulher do FBI não vai mais incomodá-la. Ela disse que tinha terminado comigo também. É chato que eles apareçam quando alguém morre, mas não é como se a tivéssemos matado.

Aria sentiu seu coração afundar.

– Hum-hum – concordou com a voz fraca.

De repente, ela precisava sair dali. Deu um beijinho nele.

– Estou empolgada com o lance da presidência do comitê de decoração, sério. Muito obrigada. Mas agora preciso ir.

Aria demorou apenas dez minutos para chegar à casa da mãe e tentou manter sua mente vazia durante todo o caminho. Saiu às pressas do carro e foi enfiando a chave na fechadura. Mas, antes de virá-la, a porta se abriu. Normalmente eles trancavam as duas fechaduras.

– Olá? – gritou Aria, entrando no hall. Não houve resposta. Espiou dentro da cozinha, no quintal e depois nos quartos. Sua mãe, Ella, não estava por ali.

Olhou seu quarto por último e sentiu seu sangue gelar. Sobre a cama, um pedaço de papel que não estava ali pela manhã. Ela o pegou e analisou as palavras na parte superior da página. Estavam escritas em islandês. A metade inferior tinha sido traduzida para o inglês: *Procurado em Reykjavík Homem Desaparecido. Suspeita de Assassinato.*

Quando Aria viu o rosto da foto, ficou sem fôlego. *Olaf.*

Ela engoliu em seco e começou a ler o artigo. *Olaf Gundersson, vinte e um, desapareceu de sua casa nos arredores de Reykjavík na noite de quatro de janeiro.*

Parecia ter sido séculos antes. Aria tentou se lembrar. Não tinha ideia do que estava fazendo em quatro de janeiro. Naqueles dias, eles ainda estavam nas férias de Natal, e ela andava entediada sem Noel por perto, porque a família dele tinha ido esquiar na Suíça.

Ela continuou a leitura. *Há suspeita de crime, pois o apartamento do sr. Gundersson foi destruído e havia sangue no chão. Após um extenso interrogatório, os moradores informaram à polícia que o sr. Gundersson, que era “quase um eremita”, havia se metido em uma briga bastante violenta na noite anterior, mas não tinham conseguido identificar a pessoa que teve participação no incidente.*

O sr. Gundersson havia sido acusado de invadir um conhecido e antigo castelo local, Brennan Manor, no verão passado, e de roubar o quadro Noite estrelada, de Vincent van Gogh, apesar de ter se declarado em interrogatório na época como sendo inocente da acusação. A polícia não

encontrou o quadro na casa do sr. Gundersson. Especula-se que ele a levou consigo após o ataque. No momento, as autoridades estão empreendendo uma grande busca em toda a cidade, tanto pelo corpo do sr. Gundersson, quanto pela obra de arte de valor inestimável, mas a polícia ainda não fez qualquer avanço.

A cabeça de Aria girava.

Então, ela percebeu uma anotação em vermelho na parte inferior do papel. *Verifique seu armário.* Alguém tinha desenhado uma seta imensa, como se ela não soubesse onde ficava o móvel.

Tremendo, ela se virou e olhou para a porta fechada. Alguém tinha estado ali. Ainda poderia estar ali. Deveria ligar para a polícia? E dizer... *o quê?*

Aria avançou lentamente até a porta do armário e puxou a maçaneta. Suas camisas e vestidos dançaram nos cabides. Seus sapatos estavam em ordem na prateleira. Mas ali, no chão de madeira empoeirado, havia uma tela enrolada. Os dedos de Aria se atrapalharam quando ela pegou o objeto e tirou o elástico. Uma pintura familiar, agora sem a moldura pesada, abriu-se diante dela. Ela viu os famosos redemoinhos e as estrelas cadentes. E lá, na parte inferior da tela, havia uma assinatura que a deixou sem fôlego: VAN GOGH.

Aria largou a pintura no chão. Quando a tela atingiu a madeira, uma folha de papel presa a ela se desprende. Esvoaçou até atingir o chão, com a parte escrita voltada para cima. Aria pôde ler exatamente o que dizia sem encostar no papel.

Querida Aria,

O contato com as grandes obras de arte não é libertador?

– A

Spencer espiou pela sacada da casa-modelo em Crestview Estates. Uma enorme casa luxuosa se destacava por entre as árvores do outro lado da rua. Um pato-selvagem rebojava em direção à água. Um carro passou na estrada, mas não fez menção de entrar na propriedade.

Ela não queria ter ido até ali novamente; já havia sido bem ruim roubar a chave reserva do sr. Pennythistle uma vez. Além disso, Spencer tinha um trabalho de história para fazer, lição de casa de cálculo para resolver, um acompanhante para convidar para o baile – decidira testar suas chances com Jeff Grove, que trabalhava no livro do ano, mesmo não se sentindo muito animada em relação a ele e, é claro, Andrew, mas ela já podia até ouvir o tom de “sabia que você me pediria para voltar” que ele usaria para dar sua resposta, ainda que tivesse sido ele quem terminara o namoro. Mas Aria tinha ligado para os celulares descartáveis das garotas naquela manhã e dito: *Isso não*. Por isso, ali estavam elas de volta ao quarto do pânico.

As amigas ainda não tinham chegado, então Spencer se sentou no sofá que ainda cheirava a couro na sala de estar decorada de forma impessoal e espiou a tela de seu antigo celular, que ela tinha desconectado do plano de dados e estava usando pelo wi-fi da casa. Respirando fundo, digitou TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO ALISON DILAURENTIS no navegador.

Pensou por um instante antes de clicar no botão de busca. Odiava recorrer à internet para obter informações sobre Ali, mas estava sem opções. Tinha visitado a casa abandonada em Yarmouth, o lugar onde a família DiLaurentis morou quando “Courtney” voltou. Spencer perambulou pelo terreno que cercava a casa. O deque estava vazio. Havia apenas uma lata de lixo na garagem, mas Spencer não conseguiu entrar para ver o que tinha nela.

Finalmente, clicou no botão de busca. CONSPIRAÇÕES NÃO RESOLVIDAS DA FILADÉLFIA foi o primeiro site que apareceu, junto com a legenda, UMA FONTE SECRETA DO *PHILADELPHIA SENTINEL*, DA *GAZETA DE ROSEWOOD*, E DO *HORIZONTE DE YARMOUTH*. Spencer clicou no link, e a página de um blog começou a carregar. A página principal tinha uma foto da estátua de Rocky em frente ao Museu de Arte da Filadélfia. SERÁ ROCKY REALMENTE AMALDIÇOADO?, dizia a manchete. LEIA ESSA E OUTRAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO RELACIONADAS À FILADÉLFIA.

Spencer clicou no link. Havia postagens sobre o famoso Experimento Filadélfia, uma história real sobre o misterioso desaparecimento de um navio de guerra ancorado na Filadélfia em 1943. Várias pessoas achavam que aquilo tinha sido uma conspiração do governo para tornar os navios de guerra

invisíveis. Abaixo, postagens sobre o boato envolvendo a poligamia e os flertes homossexuais de Benjamin Franklin, Betsy Ross trabalhando meio período como cafetina, quando não estava costurando bandeiras americanas e sobre as supostas mensagens secretas de alienígenas no Liberty Bell. E, mais para o fim da página, ela achou teorias conspiratórias recentes, incluindo o sequestro da filha de um homem milionário na década de 1970, que incluía uma série de links para relatórios de polícia e até mesmo um breve relato feito pelo biógrafo que havia escrito um livro sobre o crime. Finalmente, bem no finalzinho, uma versão não muito confiável da história de Alison DiLaurentis e sua gêmea idêntica, Courtney.

Com as mãos trêmulas, Spencer clicou no link no rodapé da página. Um post no blog dizia: INDÍCIOS DE QUE ALISON DILAURENTIS PODE NÃO ESTAR MORTA. Era de abril do ano anterior, não muito depois do incêndio em Poconos, e incluía um relatório policial sobre o incêndio e também a avaliação de um médico-legista de que nenhum osso foi encontrado sob os escombros. Havia também algumas informações sobre Radley, a clínica onde a Ali Delas estivera internada, e sobre a Preserve, a outra clínica psiquiátrica, registros médicos e arquivos policiais, aos quais a maioria das pessoas não têm acesso. Havia até mesmo os relatos sobre a vida dos DiLaurentis, antes que a família se mudasse para Rosewood. Na época, eles não eram chamados de DiLaurentis, mas sim *Day-DiLaurentis*. Talvez tivessem cortado a primeira parte do sobrenome em uma tentativa de fugir do passado.

Quando Spencer terminou de clicar nas imagens e nos links, sua cabeça girava. Quem quer que fosse aquele blogueiro, ele sabia das coisas. Trabalhar naqueles outros casos deve ter aberto algumas portas e ajudado o autor ou autora a fazer algumas conexões. Ela se perguntou *o que mais* aquela pessoa sabia.

O blog não apresentava qualquer prova conclusiva do porquê Ali não está morta ou para onde ela poderia ter ido, mas a postagem já não era *tão* recente. Spencer rolou a página para ver se havia qualquer postagem mais nova, mas não havia. O blog ainda estava ativo. A última postagem era sobre um boato de que os mercados Wawa na região dos três estados de Pittsburgh eram gerenciados pelos Cavaleiros Templários. Ela clicou no link SOBRE MIM. O texto explicava que o blog era escrito por alguém chamado Chase M., mas, no lugar de uma fotografia, havia um .gif que mostrava um gato batendo em outro. Havia um som alto e falso de *pow!* quando a pata de um deles atingia o focinho do outro. *Certo.*

Spencer ouviu um barulho e ergueu os olhos. E se A estivesse ali? Olhou para a rua vazia até sua visão ficar embaçada.

Depois clicou no link de contato e deixou uma mensagem no formulário. *Estou ligada ao caso Alison DiLaurentis. Não posso lhe dizer meu nome agora, mas direi se pudermos conversar.*

Preciso muito saber se você tem mais informações sobre ela.

Assinou como *Preocupada de Rosewood*. No espaço destinado ao seu e-mail, digitou um novo, criado naquela manhã. A senha que inventara era tão maluca e impossível de ser descoberta que teve dificuldade para lembrar.

– Spencer?

O rosto de Aria apareceu do outro lado da janela. Spencer se apressou em abrir a porta e puxar a amiga para dentro. Um táxi parou na frente da casa segundos depois, e Hanna saiu de dentro dele. Emily chegou quase ao mesmo tempo.

Spencer as levou até o fim do corredor e abriu a pesada porta do quarto do pânico. Os monitores de vídeo piscaram. O quarto ainda tinha a pipoca de micro-ondas que as meninas tinham levado para lá na última reunião. Spencer pegou a lista de possíveis cúmplices de Ali e a pendurou na porta novamente. Os suspeitos remanescentes a encararam. *Iris. Darren Wilden. Melissa. Jason. Graham. Noel.*

– É melhor que essa reunião valha a pena – resmungou Emily enquanto tirava o casaco. – Precisei hospedar Iris na minha casa. Quem sabe que tipo de maluquice ela vai dizer aos meus pais?

– Iris está na sua casa? – perguntou Hanna, de olhos arregalados.

Emily assentiu, depois explicou como a garota prometera contar tudo o que sabia sobre Ali, mas apenas se Emily a tirasse da clínica e fizesse suas vontades.

– Falei para os meus pais que ela era uma estudante carente da Filadélfia que estava passando por uns problemas em casa no momento e que eu estava fazendo isso como um programa de extensão de Rosewood Day. Por incrível que pareça, eles engoliram isso.

Spencer olhou para Aria.

– E aí, como andam as coisas?

Aria tirou duas coisas de sua bolsa de pele falsa. Uma parecia ser um artigo de jornal recortado. A outra, um bilhete escrito à mão. Spencer reconheceu a letra de imediato.

Aria mostrou o artigo para Hanna.

– Reconhece este sujeito?

Hanna assentiu e, meio segundo depois, pareceu alarmada.

– Espere. Esse é... O-Olaf? – perguntou, gaguejando um pouco. Ela leu o artigo rapidamente. – Ele desapareceu?

Aria assentiu.

– Isso aconteceu em janeiro.

– Quem é Olaf? – perguntou Emily.

– Um cara que conheci na Islândia – respondeu Aria, envergonhada.

Hanna baixou a cabeça.

– Você não simplesmente o conheceu.

– Certo, eu meio que fiquei com ele – murmurou Aria. – Eu estava muito bêbada.

Spencer ergueu as sobrancelhas. Aria parecia tão feliz com Noel... Nunca poderia imaginar que ela o trairia.

Um corvo pousou próximo das câmeras de vídeo. Seu corpo parecia imenso na tela. Spencer olhou para o rabisco no pequeno pedaço de papel que Aria tinha encontrado. *O contato com as grandes obras de arte não é libertador?*

– O que isso significa?

Aria se encolheu.

– Bem, Olaf e eu fizemos mais do que dar uns amassos. Nós meio que... roubamos um quadro juntos.

Spencer não podia acreditar.

– Vocês *o quê?*

– Que tipo de pintura? – perguntou Emily, colocando as mãos sobre a boca.

Spencer tentou escutar enquanto Aria contava o que tinha acontecido, mas seu cérebro parou de funcionar quando ela ouviu o nome *Van Gogh*.

– Como eu não fiquei sabendo disso? – perguntou. Depois olhou para Hanna, que parecia muito culpada. – Você *sabia?*

– Não é como se eu *quisesse* saber – respondeu Hanna, cruzando os braços. – Aria me ligou em pânico quando a polícia apareceu para prendê-los... E eu fui até lá buscá-la. Mas decidimos manter essa história em segredo.

– Achei que, quanto menos pessoas soubessem, melhor – defendeu-se Aria, torcendo a bainha de sua malha. – E, por um tempo, não tivemos problemas. A polícia nunca encontrou Olaf, o quadro nunca foi encontrado, e ninguém me ligou de nenhuma forma ao crime. Mas, quando cheguei da escola ontem, esse recorte estava em cima da minha cama e a pintura, enrolada em meu armário. Tenho certeza de que foi A quem a colocou lá.

O coração de Spencer parou.

– Uma pintura de Van Gogh de valor inestimável está guardada no seu *armário?*

Os olhos de Aria se encheram de lágrimas.

– O artigo diz que a polícia não foi capaz de encontrar o quadro durante a busca na casa de Olaf. Ali deve ter ido até lá para matar Olaf. Diz aqui que havia sangue espalhado por todo o chão... Ela deve ter movido o corpo para algum lugar e destruído o apartamento para depois roubar o quadro. E agora escondeu o quadro na casa da minha mãe.

Hanna fez uma careta.

– Não consigo imaginar como Ali faria isso sozinha. Como ela teria arrumado um passaporte? E Olaf tinha mais de um metro e oitenta. É o mesmo caso de Ian. Ali não teria força para estrangulá-lo sozinha.

Aria deu de ombros.

– Talvez seu cúmplice tenha cuidado disso, então. Mas nada muda o fato de que a Equipe A matou Olaf para pegar o quadro. Basta um telefonema de A para que a polícia invada a casa da minha mãe.

– Caramba – sussurrou Emily.

– Talvez você possa devolver a pintura anonimamente – sugeriu Hanna, enrolando uma mecha dos cabelos no dedo para disfarçar a tensão.

Spencer arregalou os olhos.

– Roubo de obra de arte é, tipo, um crime bem sério. Você pode ter sido filmada sem saber enquanto estava dentro da casa. Isso pode colocar você em sérios problemas.

– E agora vocês estão com problemas também – gritou Aria. – Todas sabem o que eu fiz agora. Sabem onde está uma pintura roubada. – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Podem me denunciar para a polícia, se quiserem. Eu vou entender.

Emily acariciou o braço dela.

– Não faremos nada disso.

– Vamos pensar em como sair dessa sem que tenhamos qualquer problema, certo? – disse Spencer. – Só não compreendo como A *soube* de sua pequena aventura.

– Acho que A nos seguiu até a Islândia – concluiu Hanna.

– E me seguiu até o castelo? – perguntou Aria, estendendo as mãos na direção do teto. – Não havia outros carros por ali, nem na *estrada*, nem *perto da casa*, até a polícia chegar. Acho que A poderia ter subido a colina a pé, mas...

– E se A ouviu nosso telefonema pelo *meu* lado da linha? – perguntou Hanna, interrompendo-a.

Aria afastou uma mecha de cabelo do rosto.

– Você acha que A estava na nossa pousada?

Spencer se reclinou na cadeira e fechou os olhos. Sua cabeça latejava, e ela sentia crescer em seu peito um pânico familiar, que a atormentara várias vezes. Como A conseguia estar em tantos lugares ao mesmo tempo? Como A poderia saber *de tudo*?

Então, abriu os olhos.

– Aria, talvez A estivesse hospedado em seu quarto.

– Talvez Spencer tenha dito aquilo em um tom de voz de quem desvendou uma trama, porque Aria comprimiu os lábios.

– *A não é* Noel.

– Tem certeza? – Spencer começou a enumerar nos dedos. – Aria, Noel esteve *em todos os lugares* onde coisas ruins aconteceram conosco. Jamaica. O cruzeiro. E, agora, a Islândia. Você acredita mesmo que isso é apenas uma coincidência?

– Noel estava superbêbado naquela noite – protestou Aria, erguendo a voz.

Spencer andou de um lado para outro ao redor do quarto apertado.

– Talvez ele estivesse fingindo. Hanna, você se lembra onde Noel estava quando você falou com Aria?

Hanna enfiou as mãos nos bolsos, a luz vermelha do relógio digital de parede iluminou seu rosto.

– Bem, ele não estava na cama quando acordei. E não o vi no corredor, que foi onde fiquei durante a maior parte da conversa. Mas pouco depois de voltarmos à pousada ele entrou pela porta dos fundos. Disse que estava fumando um baseado lá fora, mas não cheirava a maconha.

Os olhos de Aria brilharam.

– Agora você também está contra mim?

– É claro que não estou contra você! – protestou Hanna. – Mas, Aria, isso tudo *é* muito estranho.

Spencer inclinou-se para a frente.

– Lembra-se do quanto Noel ficou esquisito quando “Courtney” veio para Rosewood? – perguntou ela. – Ele frequentava um grupo de apoio com ela. Implorou que vocês fossem amigas. E você os pegou se agarrando no baile do Dia dos Namorados...

Aria agitou os braços.

– Ali *armou* para ele! Noel não queria beijá-la, mas ela fez parecer que sim!

– Tem certeza? – perguntou Spencer. – Foi aquele beijo que fez com que você entrasse no carro para ir conosco para Poconos. E se Noel estivesse envolvido nessa história?

Aria estava incrédula.

– Não acredito no que estou ouvindo.

Um dos monitores das câmeras de segurança ficou escuro. Todas o encararam. A imagem ficou distorcida e, em seguida, reapareceu. O quintal estava vazio. Algumas folhas voavam diante da câmera, e só.

Spencer estava cansada.

– Lamento, Aria. Também não espero que seja Noel. Quem dera pudéssemos riscá-lo da lista. O artigo diz que Olaf foi morto no começo de janeiro. Você sabe onde Noel estava na época?

Aria ficou pensativa.

– Na Suíça. A família foi para lá esquiar. Ele me convidou, mas eu preferi ficar em casa e passar um tempo com Lola.

– Você tem *certeza* de que estavam esquiando? A Suíça não é *assim* tão longe da Islândia.

Aria deu um soco no braço do sofá.

– Ele postou um monte de fotos no Facebook! Você acha mesmo que Noel pegou um avião até a Islândia, matou um cara e voltou para casa no dia seguinte como se nada tivesse acontecido? Acha que ele é um mentiroso *tão* bom assim?

– Bem, de qualquer forma, procure ingressos para pistas de esqui ou alguma coisa que comprove onde ele estava em quatro de janeiro, tudo bem? E pergunte onde ele estava ontem, quando alguém entrou escondido em sua casa e colocou o quadro no armário. Deve ter sido enquanto estávamos na escola, certo? Então, você precisa descobrir onde Noel estava durante a última aula. Se ele estava na escola, você vai encontrar muitas testemunhas.

Uma expressão preocupada cruzou o rosto de Aria, mas ela negou com a cabeça.

– Eu não vou interrogar o meu namorado. Se ele descobrir o motivo de tantas perguntas, vai me deixar.

– Ninguém quer que vocês terminem – acalmou-a Emily.

– Olha, vamos ver o que conseguimos descobrir sem envolvê-la, Aria – disse Spencer, se apoiando na parede. – Até lá, não faça nada com a pintura, certo?

Aria estava perplexa.

– Devo manter *Noite estrelada* em meu armário?

– Mantenha o quadro bem escondido. – Spencer encarou Hanna. – E quais são as novidades na clínica de queimados?

Hanna suspirou.

– *Falando sério*, meninas, eu não quero ser voluntária lá. Mas amanhã vou pedir ao pai de Sean que me aceite de volta.

– E quanto a Iris? – perguntou Spencer a Emily.

Ela mordeu o lábio.

– Ainda não descobri nada sobre Ali. Mas Iris esteve na clínica psiquiátrica por quatro anos sem sair nenhuma vez, então não há como ela ser a cúmplice de Ali.

– Bom... – Spencer se levantou e destampou o marcador que tinha trazido, riscando o nome de Iris da lista. – Espero que ela nos conte quem é A.

Aria colocou as mãos na cintura.

– E como vai a *sua* investigação, Spence? – perguntou ela, com um tom de desafio na voz. – Por que ainda não achou Ali?

Aquilo tirou Spencer do sério.

– Hum, estou trabalhando nisso. – Pôde sentir o olhar de Aria sobre ela, mas não sabia o que mais

falar.

Apagaram as luzes do quarto do pânico. Já que Spencer tinha vindo de carro, ofereceu-se para levar as meninas que tinham chegado de táxi para casa. Enquanto deixavam o quarto, Spencer olhou de soslaio para Aria e se perguntou no que a amiga estava pensando. Sentia-se meio que... traída. Depois de tudo que tinha acontecido, como Aria fez segredo sobre a história do quadro? Agora o tal Olaf, quem quer que fosse, estava desaparecido, talvez até mesmo morto. Aria tinha razão: todas elas *poderiam* mesmo ir presas apenas por saberem onde um quadro roubado estava escondido e não terem procurado imediatamente as autoridades.

Ping.

Seu antigo celular apitou, ainda conectado ao wi-fi da casa. Ela olhou a tela com cuidado. Um e-mail havia chegado em sua conta recém-criada. O remetente era TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO DA FILADÉLFIA.

Spencer desviou o olhar para as amigas. Hanna espiava pela janela. Aria fitava o espaço, perdida em seu próprio mundo. Emily olhava para a tela de seu celular, com os olhos vidrados. Baixando os olhos, Spencer clicou em abrir e leu o e-mail de duas frases.

Vamos conversar, sim. Há muita coisa que você precisa saber.

Spencer clicou em responder. *Estou disponível a qualquer momento*, digitou. *Quanto antes, melhor.*

O céu parecia ameaçador enquanto Hanna estacionava seu velho Prius em uma vaga no Centro de Cirurgia Plástica e de Recuperação de Queimados William Atlantic. Ela desligou o motor e ergueu os olhos para o edifício ultramoderno. Ela estava mesmo fazendo aquilo? Parte dela queria ligar para Spencer e implorar por uma missão diferente.

Seu celular antigo apitou quando chegou uma nova mensagem em sua conta de e-mail da escola. Era de Chassey Bledsoe: VOTE EM CHASSEY PARA RAINHA!

Hanna apertou o aparelho entre as mãos, desejando enviar uma mensagem também. Como as pessoas saberiam que rainha sensacional ela seria? *E mais*, Hanna tinha ouvido falar que, como parte do tema *Noite estrelada*, a coroa de rainha seria a mais bonita de todos os tempos.

Noite estrelada. Sentiu seu coração afundar. Era uma coincidência esquisita o mesmo quadro roubado por Aria ser tema do baile da turma delas... Se é que aquilo era mesmo coincidência. Tudo que A precisaria fazer seria contar à polícia que a pintura estava no armário de Aria e ela estaria em sérios problemas. E, ainda que a polícia não tivesse conhecimento de que Spencer e Emily sabiam sobre o roubo, havia registros telefônicos entre Hanna e Aria naquela noite na Islândia. Ela estaria encrencada também. Quem sabe A tivesse pensado até em uma forma de incriminá-las pela morte de Olaf.

O que Aria vira nele, afinal? Sua barba era horrorosa. O boné que ele usava parecia ter vindo de uma lixeira. Mas Aria sempre se interessou por esses tipos sujinhos – Hanna, na verdade, ficou surpresa quando ela começou a namorar Noel. A verdade é que um não era o tipo do outro – alguns garotos da equipe de lacrosse até brincaram por um tempo dizendo que Noel estava namorando Aria porque o pai dela, Byron, tinha meios de conseguir uma erva de boa qualidade. Hanna estava certa de que não era verdade, mas e se Noel *tivesse* um motivo secreto para ficar com Aria? E se alguém o tivesse convencido a fazer isso? Alguém como... *Ali*? Noel poderia ser seu cúmplice?

Hanna odiava pensar nisso, mas fazia bastante sentido Ali ter um cúmplice. Assim como fazia sentido que Noel fosse essa pessoa – por vários motivos. No começo do sexto ano, quando a Verdadeira Ali ainda estava entre eles e Hanna ainda era uma pobre coitada, seu melhor amigo era Scott Chin. Scott já havia se declarado gay naquela época, tinha uma paixonite por Noel e sentia ciúme de todas as namoradas dele.

– O que ele vê em Alison DiLaurentis? – perguntou Scott indignado para Hanna na primeira vez

em que viu Ali e Noel sentados à mesa dos populares da escola, rindo um para o outro. – Ela tem um rosto estranho. Tudo nela é bonito... *mas aquele rosto.*

Hanna fez uma careta.

– Ela não tem um rosto esquisito.

Alison era a menina mais bonita que ela já tinha visto. Tinha trabalhado como modelo nos desfiles de primavera e outono do shopping King James, e corria um boato de que ela havia recebido convite para trabalhar para uma grande agência em Nova York.

– Ah, tenha dó, ela tem, sim. – Scott franziu as sobrancelhas, que Hanna suspeitava serem depiladas. – Eu me pergunto se Noel precisa fechar os olhos quando a beija.

Hanna parou de comer seu sanduíche de manteiga de amendoim com geleia.

– Você acha que eles se beijam?

Beijar era algo quase inimaginável para Hanna. Ela não conseguia acreditar que garotas de sua idade já fizessem isso.

– Ah, sim – assentiu Scott com veemência. – Vi os dois agarrados no bosque atrás do parquinho.

Suspirando, Hanna voltou para o presente e passou pelas portas duplas da clínica. Imediatamente, o cheiro familiar de gaze, desinfetante e alguma coisa que só poderia ser descrita como pele queimada pareceu atingi-la como um tsunami. Olhou ao redor, observando as flores falsas sobre as mesas e as pinturas feitas por pacientes penduradas nas paredes. Nada havia mudado desde a última vez que estivera ali, nem mesmo o pote cheio de balas de menta sobre o balcão da recepção. De repente, lembrou-se de ter esbarrado com Mona naquele mesmo saguão. Ela agiu de forma estranha e cautelosa sobre seu motivo de estar ali, sem admitir que estava se tratando das queimaduras causadas pela brincadeira idiota que Ali, Hanna e as outras tinham feito com Toby Cavanaugh. Durante todo tempo em que foram amigas, Hanna nunca soube que Mona esteve na casa dos Cavanaugh naquela noite, que havia assistido enquanto Ali jogava os fogos de artifício na casa da árvore, testemunhado o acidente que deixou Jenna cega e talvez até mesmo ouvido a briga que Ali e Toby tiveram depois. Claro que Mona não tinha contado nada de propósito.

– Hanna?

Ela ergueu os olhos e viu o rosto redondo de Sean Ackard, seus olhos azuis brilhantes e seu sorriso de bom menino. Ele estava parado na porta de um dos escritórios, usando uma camisa social azul que parecia ter saído direto do armário do pai.

– Ei, como é bom ver você! – disse Sean. – Por que não entra para que possamos conversar?

Hanna brincou com uma caixa de lenços da recepção.

– Estou esperando para falar com seu pai.

Sean deu uma batidinha no batente da porta.

– *Não. Sua entrevista é comigo.*

Subitamente, Hanna ficou nervosa. Não falava com Sean desde o ano anterior, quando as coisas tinham saído dos eixos. Ele era namorado de Kate, o que tornava as coisas muito estranhas.

Dando de ombros, seguiu-o até a sala e acomodou-se no sofá. Sean sentou-se à mesa atulhada com pilhas de papel, um computador de tela plana e canecas de café vazias. Um Elmo de pelúcia estava na estante atrás dele. Havia uma fotografia de Sean apertando a mão do governador da Pensilvânia.

– Você trabalha aqui agora? – perguntou Hanna, confusa.

– Nos fins de semana, apenas para ajudar meu pai. – Sean endireitou uma pilha de papéis. – Estamos superlotados porque alguns hospitais locais fecharam as alas de queimados devido a cortes de orçamento. – Ele respirou fundo, depois olhou para Hanna. – Então, como está Mike?

Ela se espantou.

– Hum, ótimo.

A menção a Mike fez Hanna sentir-se desconfortável. Ele não sabia que ela estava ali; nunca entenderia por que Hanna pediria seu antigo emprego de volta. Cada história que contou a ele sobre aquele lugar era mais desagradável do que a anterior. Hanna disse ao namorado que tinha um compromisso no cabeleireiro naquele dia, para fazer um teste de visual para o baile, mas para pegá-la na mentira, Mike só precisava ligar para o salão Fermata.

– Que bom. – Sean sorriu. – Então, você quer mesmo voltar?

Ela se aprumou.

– Sinto-me mal por ter interrompido meu voluntariado em tão pouco tempo – mentiu. – Depois de tudo que aconteceu comigo, pensei que pudesse retribuir, entende?

Descrente, Sean ergueu a sobrancelha.

– Você não odiava este lugar?

Ela juntou as mãos, tentando parecer sincera.

– Eu sou outra pessoa agora. Voluntariado significa muito para mim. Na verdade, um amigo é paciente aqui, alguém que conheci no cruzeiro, Graham Pratt, conhece?

Sean se recostou em sua cadeira.

– Sim, Graham foi internado aqui há alguns dias. – Ele balançou a cabeça, *sério*. – Esse cruzeiro ecológico foi um pesadelo. Eu soube o que aconteceu com vocês, aquela história toda sobre o bote salva-vidas e tudo mais. Alguns garotos juraram que vocês tinham feito um pacto suicida.

Hanna nem se dignou a responder àquilo.

– Foi assustador ter de sair do navio daquele jeito... e depois ficar perdida no mar. Eu tive uma espécie de visão quando quase me afoguei... A vida é muito curta, é melhor fazê-la valer a pena. Então... por favor, posso ajudar vocês?

Sean bateu um lápis com borracha sobre o tampo da mesa.

– Bem, meu pai disse que você pode voltar, desde que trabalhe duro.

– Ora, é claro!

– Certo – disse Sean. Ele estendeu a mão a Hanna, que a apertou. Em seguida ele assumiu uma expressão melancólica. – Sabe, nunca cheguei a dizer a você o quanto me senti mal por todas as coisas que Ali fez com vocês.

– Ah, hum, obrigada.

– Nem consigo imaginar como deve ter sido – continuou ele.

Os olhos de Hanna se encheram de lágrimas. Uma coisa era um amigo, um parente, um completo *estranho* oferecer apoio, mas havia algo muito tocante e estranho em ouvir aquilo de Sean.

– Obrigada – murmurou ela.

Sean deu um passo à frente, abraçando-a rapidamente. O cheiro dele era familiar, como canela, desodorante e as flores secas que sua mãe costumava espalhar pela casa. Era um cheiro bom, familiar. De repente, Hanna não o odiava tanto.

Ela deixou o escritório de Sean e foi até o vestiário das funcionárias, onde trocou seu vestido estampado Rachel Zoe e suas sapatilhas de pele de cobra por um uniforme enorme que cheirava a vômito. Então, voltou para o escritório dele.

– Senhorita Marin? – Uma mulher usando um uniforme cor-de-rosa a cumprimentou. – Sou Kelly, uma das enfermeiras-chefes. Estou aqui para lhe mostrar os procedimentos.

– Kelly é uma das nossas melhores funcionárias – explicou Sean com orgulho.

– O que a senhora gostaria que eu fizesse? – perguntou Hanna de forma atrevida.

– O que você acha de começar pelas comadres? – perguntou Kelly.

Hanna fez uma careta, mas não poderia reclamar com Sean parado bem ali.

– *Vou adorar.*

– Bem, ótimo! – comemorou Kelly. – Venha, vou mostrar como fazer!

Kelly a ajudou com a primeira comadre, dando a Hanna a oportunidade de carregar a coisa cheia de xixi pelo corredor. Um enfermeiro passou por ela na direção oposta. Hanna não conseguiu evitar encará-lo – ele era alto, musculoso e muito bonito e tinha a cabeça raspada e os olhos azuis brilhantes.

– Oi! – disse ele a Hanna, arregalando os olhos ao olhar para seus seios.

– O-Oi... – gaguejou ela, depois seguiu o olhar dele, que na verdade não estava direcionado para seus seios. Ele olhava para a comadre. O xixi estava vazando nas laterais, perigosamente perto do uniforme de Hanna. Ela deu um gritinho e quase deixou tudo cair no chão.

Kelly riu.

– Jeff *sempre* tem esse efeito nas pessoas.

Em seguida, foram para o próximo quarto. Sean estava certo quanto à superlotação do lugar, havia vítimas de queimaduras em todos os lugares para onde Hanna olhava: nos corredores, quartos com três pacientes e até mesmo uma cama em uma das salas de espera.

– Isso está dentro da lei? – perguntou Hanna, quase tropeçando no monitor de alguém.

Kelly deu de ombros.

– Até a nova ala estar terminada, não temos lugar para colocar tantos pacientes.

Depois, a enfermeira fez um gesto, como se estivesse tragando um cigarro invisível, e disse que voltaria em breve. Hanna foi até a sala de suprimentos atrás de uma comadre limpa. Alguma coisa atrás dela chamou sua atenção. O posto de enfermagem estava vazio, nenhuma das cadeiras ocupadas.

Hanna deu a volta na mesa na ponta dos pés e espiou a tela de um dos computadores. Uma lista mostrava o nome dos pacientes da clínica e seus respectivos quartos. *Ahá!* Ela rolou a página.

GRAHAM PRATT. De acordo com os arquivos, ele estava no quarto 142, que ficava no fim do corredor.

Afastou-se da mesa no exato instante em que Kelly apareceu, cheirando a cigarros Newport.

– Certo, querida, hora de limpar o chão.

Hanna colocou sabão no balde e começou a limpar o corredor. Ela olhava para os números dos quartos enquanto passava: 132... 134... 138... e lá estava, quarto 142. Não era um quarto propriamente dito – era um nicho, isolado por uma cortina.

Ela prendeu a respiração e espiou. Na cama, um garoto com grandes curativos na cabeça e no pescoço. Seus olhos estavam bem fechados, e havia tubos conectados às suas mãos e à sua boca. Os aparelhos que o cercavam faziam todo tipo de barulho. Um arrepio percorreu o corpo de Hanna. Era daquilo que A era capaz. Ela deve ter ofegado, porque Kelly colocou a mão sobre seu ombro.

– Esse é seu amigo? Ouvi você contar a Sean sobre ele.

Hanna encarou as luzes piscantes dos monitores de Graham.

– S-Sim – respondeu ela, sentindo-se um pouco mal por mentir. – Como está a situação dele?

O rosto da enfermeira assumiu uma expressão triste.

– Ele tem dias bons e ruins.

– Ele disse alguma coisa?

Kelly deu de ombros.

– *Não. Por quê?*

Ela deu um olhar desconfiado para Hanna, que durou meio segundo.

– Você pode me fazer um favor? – perguntou Hanna em um tom de voz inocente. – Se ele acordar e eu não estiver aqui, você pode me ligar? Preciso dizer uma coisa importante para ele. Algo que eu deveria ter dito antes que tudo isso acontecesse.

O olhar de Kelly ficou mais condescendente.

– Ele *é muito importante* para você, não é? – Ela acariciou a mão de Hanna. – Pode deixar.

Então, Kelly se afastou pelo corredor. Hanna ficou ali, olhando para o garoto na cama. O barulho dos monitores de Graham era constante. Seu peito subia e descia. Depois, suas pálpebras estremeceram e seus lábios se entreabriram.

Hanna se inclinou sobre a cama.

– Graham? – murmurou. – Você está aí? – perguntou baixinho. *Você viu A?*, pensou.

Uma lufada de ar saiu dos lábios de Graham. Seus cílios se mexeram mais uma vez, depois ele ficou imóvel sobre o travesseiro. Hanna se afastou da cama, seu coração ainda estava acelerado. Ele iria acordar em breve. Conseguiu *sentir* isso.

Uma risada estridente ecoou através das persianas. Hanna se aprumou e olhou para o corredor. Os pacientes em suas camas estavam imóveis. O chão molhado brilhava. Tudo ficou tão quieto e silencioso por um momento que sentiu como se estivesse morta.

Hanna estremeceu. Se ela e as amigas não encontrassem Ali e seu cúmplice em breve, isso *poderia* mesmo acontecer.

Assim que Emily pôs os pés na Saks Fifth Avenue do shopping King James, uma menina magérrima apareceu com um frasco de perfume em forma de flor.

– Quer experimentar o novo Flowerbomb?

– Com certeza – disse Iris, tirando Emily do seu caminho e estendendo o pulso incrivelmente magro, marcado por veias azuis.

– Agora você, Emily.

Emily deu de ombros e concordou. Depois que a vendedora borrifou o líquido com cheiro de fruta em seu pulso, Iris olhou para alguém atrás delas.

– A senhora também deveria experimentar, sra. Fields!

Emily se virou. Sua mãe estava parada na entrada, tirando o capuz contra chuva da cabeça.

– Hum... mãe? – gaguejou Emily. – O que você está fazendo aqui?

A sra. Fields enfiou o capuz dentro da bolsa de tecido.

– Iris me convidou. Já que estava saindo da farmácia e indo para casa, pensei, por que não? – Em seguida, ela esticou o pulso para receber um pouco de Flowerbomb na pele e sorriu de forma gentil para Iris.

Toda essa história com Iris estava deixando Emily mais maluca a cada instante. Por um lado, Emily ainda esperava que alguém da clínica psiquiátrica ligasse para dizer: “Desculpe, você roubou nossa paciente?” Por outro, ela odiava, odiava, *odiava* que Iris tivesse que ficar na sua casa – e às vezes sem sua supervisão. No dia anterior, após sair da reunião, Emily voltou para casa sem saber o que esperar. E se Iris decidisse contar tudo aos pais de Emily? E se Iris tivesse enlouquecido e perseguido os dois com uma faca de cozinha?

Mas, ao chegar em casa, Emily encontrou Iris e seus pais sentados no sofá assistindo *Jeopardy!* e bebendo chá. E isso, de alguma forma, era ainda *mais* assustador. Iris estava agindo como se fosse um membro da família.

– Eu tenho certeza de que Iris está cansada, mãe. – Emily deixou escapar, apavorada. – Ela teve um dia longo e provavelmente quer ir para a cama.

– Do que você está falando? Eu estou totalmente acordada! – disse Iris, ansiosa, aproximando-se da sra. Fields no sofá. Ela estava comendo, Emily percebeu, um dos biscoitos de flocos de arroz de sua mãe. *Ninguém* comia aquilo. Sempre ficavam duros feito pedra e amanteigados demais. A sra.

Fields, claro, ficou encantada.

Emily cutucou Iris.

– Por que você chamou minha mãe? – murmurou.

Iris encolheu os ombros de forma inocente.

– Ela é gente boa.

Sim, claro, pensou Emily, esperando que Iris revirasse os olhos e falasse alguma coisa grosseira.

Mas não foi o que ela fez. Em vez disso, Iris se virou e, vendo que a vendedora estava ocupada, e que a sra. Fields estava com a atenção voltada para um brinde de maquiagem, apanhou uma caixa de Flowerbomb do mostruário e o escorregou pela manga da malha folgada emprestada de Emily. Emily tentou detê-la, mas Iris olhou para ela como quem diz “eu sei o que estou fazendo”. Era essa a razão, afinal, para estarem no shopping. *Roubar um monte de porcaria da Saks* era o décimo sexto item da lista de “Coisas que quero fazer durante minha folga da clínica”. Talvez ela desse a si mesma pontos extras por fazer isso na frente da mãe de Emily.

Emily seguiu Iris pelo corredor que cheirava a perfume adocicado até a seção Contemporânea. Enquanto Emily dava uma olhada nas bolsas, alguém a puxou pelo braço. Spencer estava agachada atrás de uma mesa cheia de mochilas Marc by Marc Jacobs.

– *Eiiiiii!* – sussurrou.

Emily se abaixou ao lado dela.

– O que *você* está fazendo aqui?

Spencer olhou para os lados.

– Encomendei sapatos especialmente para o baile. – Ela se esticou para espiar o corredor e dar uma boa olhada em Iris, que fazia pose na frente de um espelho de três faces. – Ela já contou alguma coisa importante?

– Não desde a *última* vez que você perguntou. – resmungou Emily. – Nós andamos muito ocupadas.

– Fazendo o quê?

Emily olhou para um anúncio de perfume no outro lado do corredor. A garota da foto parecia com Jordan, o que fez seu peito doer.

– Bem, depois que eu assinei o registro de saída da clínica psiquiátrica e antes de ir a mais uma reunião secreta no quarto do pânico, Iris me fez ir até a cidade para que ela pudesse se encontrar com um sócia de Benjamin Franklin. E aí, hoje de manhã, tive de levá-la de carro até sua antiga escola. Iris queria escalar uma corda no playground e tocar um sino de bronze que fica no topo do brinquedo. – Iris parecia uma aranha naquela corda, com pernas e braços esticados, o jeans que Emily emprestara preso por um cinto tamanho infantil.

– O pessoal do ensino médio esconde seus baseados lá em cima. – continuou Emily. – Iris desceu com um saco cheio enorme. Então, na minha casa, agora escondendo a fugitiva de uma clínica psiquiátrica e um saco cheio de maconha. Imagine a alegria dos meus pais quando descobrirem isso.

Assim que terminou de falar, Emily se deu conta de como isso era ridículo. Os pais dela ficariam loucos de verdade se descobrissem que Emily tinha conhecimento da participação de Aria no roubo de um quadro de valor inestimável. *E* que havia ajudado a empurrar uma garota da cobertura de um hotel. *E* todo o resto.

Spencer se ajeitou.

– Então ela ainda não falou *nada* sobre Ali?

Emily olhou ao redor procurando Iris até localizar sua cabecinha loura perto da arara de minissaias.

– Estou trabalhando nisso.

Ela havia pedido para Iris começar a contar os podres de Ali na noite anterior, mas Iris disse que Emily ainda não tinha feito por merecer essa informação – ela teria de provar que merecia a confiança de Iris. Quando Emily perguntou a Iris o que, especificamente, ela deveria fazer para merecer essa abençoada informação, Iris jogou os cabelos, deu de ombros e disse: “Eu vou saber quando acontecer.”

– E A não sabe que Iris está com você, certo? – cochichou Spencer.

Emily praticamente esganou uma clutch Michael Kors, louca da vida por Iris ter mudado as regras. Ela pôde ouvir o papel de seda de dentro da bolsa amassar.

– Não.

– O que devemos fazer a respeito do quadro?

O ar saturado pela mistura de perfumes estava deixando Emily com dor de cabeça.

– Eu não sei. O que *você* acha que deveríamos fazer?

Spencer sacudiu a cabeça devagar.

– Não tenho a menor ideia.

Emily olhou dentro dos olhos azul-claros de Spencer. Ela ainda não conseguia acreditar que Aria tinha guardado aquele segredo por tanto tempo, especialmente porque Spencer, Emily e Hanna haviam lhe contado o que fizeram durante o verão. Mas agora que pensava a respeito, pode ser que tenha existido um momento durante o Natal em que Aria tentou contar: elas estavam na tradicional festa de fim de ano de Spencer, e, após alguns drinques, Aria levou Emily para um canto.

– Fiz uma coisa terrível – sussurrou Aria no ouvido de Emily. – Eu não consigo conviver com o que fiz.

Emily pensou que ela se referia a Tabitha.

– Qualquer uma de nós teria feito o mesmo.

Aria sacudiu a cabeça, seus olhos brilhando, cheios de lágrimas.

– Você não entende. Simplesmente não entende. O que eu fiz *arruína* tudo, e...

– *Aí* está você! – gritou alguém atrás delas, e de repente Noel deu um tapinha no ombro de Aria.

As feições dela se contorceram até formar algo que lembrava um sorriso.

– Ei, quer conhecer meu amigo do acampamento de lacrosse? Eu não o vejo há tanto tempo! – disse Noel.

– Claro! – disse Aria, tentando parecer animada, apesar de sua boca tremer um pouco.

E, assim, Noel afastou Aria de Emily. Pensando bem, talvez de forma um pouco possessiva. Como se Aria pertencesse a ele.

E, quando Emily a encontrou novamente, ela parecia alegre e despreocupada.

E se Aria tivesse tentado contar a Emily sobre a confusão em que se metera com Olaf? Sobre o roubo do Van Gogh?

– Ah! Esses são bonitos!

Emily voltou à realidade a tempo de ver Iris exibindo um jeans azul-petróleo à sra. Fields. Era tamanho trinta e quatro, e Emily pensou que *ainda assim* ficariam largos demais para Iris.

Ela estava a ponto de se juntar a elas quando Spencer a agarrou pelo braço.

– Você realmente acha que Noel estava esquiando na Suíça quando Olaf foi morto?

O olhar de Spencer era franco e determinado, o mesmo tipo de olhar que ela fazia quando, junto com Ali, Emily e as outras, montava quebra-cabeças no chão da sala de estar da família de Ali na casa de Poconos, peça por peça. Às vezes, competiam para ver quem os montava mais depressa, e Spencer, desesperada para vencer Ali, juntava as peças mesmo que não combinassem.

– Acho cedo para uma caça às bruxas – disse Emily com cuidado.

– Mas faria sentido se fosse Noel, não acha? – sussurrou Spencer.

Emily fechou os olhos. Ela não *queria* que a teoria sobre Noel fizesse sentido. Isso acabaria com Aria.

– Eu não sei – respondeu exausta.

– Emily! – chamou Iris. Quando Emily olhou, Iris vinha na direção delas.

Emily empurrou Spencer para longe e se levantou.

– Oi! – falou, tentando sorrir.

– O que você estava fazendo abaixada aí? – Iris olhou com desconfiança para onde Emily estava sentada.

Por sorte, Spencer tinha se afastado rapidinho. Então Iris colocou uma pilha de blusas de seda nos braços de Emily.

– Enfie isso na sua bolsa. Eu já tirei os alarmes.

Ela encarou Iris.

– Minha mãe está logo ali! – A sra. Fields segurava uma jaqueta com estampa de oncinha junto do corpo e se virava para lá e para cá na frente do espelho.

Iris riu dela.

– E daí? Ela não vai ver. – Iris chegou mais perto de Emily. – Vou contar uma coisa importante sobre Ali se você fizer isso.

– Está bem! – concordou Emily num rosnado, aceitando as blusas dos braços de Iris. Olhou para os lados, deu um longo suspiro e enfiou as roupas no fundo da sacola de natação que às vezes usava como bolsa de sair. Marchou ao encontro da mãe e a agarrou pelo cotovelo.

– Vamos embora agora.

– Tão cedo? – A sra. Fields parecia desapontada. – Acabamos de chegar! E isso não é uma graça?

– Ela exibiu a jaqueta de oncinha para Emily. – Eu queria comprar alguma coisa especial para você.

– Isso é muito fofo, mas é que... Iris tem uma entrevista às quatro e meia. – disse Emily, rumando para as portas de saída. – É muito importante. Estão pensando em lhe conceder uma bolsa de estudos.

– É mesmo? – A sra. Fields sorriu para Iris. – Para qual faculdade?

– Villanova – mentiu Emily sem pensar, antes que Iris pudesse inventar outro nome de faculdade ou perguntar o que diabos Emily estava falando. – Preciso levá-la de carro até lá, na verdade. Então é melhor nos apressarmos.

Seu coração disparou quando ela passou pelos detectores de segurança na porta. Com os dedos firmes no puxador, preparou-se para os alarmes – e para a ira de sua mãe.

Mas nenhum alarme soou enquanto Emily passava depressa pela segunda porta e corria na direção da calçada. Ela estava molhada de suor. Sua cabeça latejava. Não podia acreditar que Jordan fazia isso regularmente, só que com barcos e carros.

– Vejo você mais tarde, mãe – disse Emily, puxando Iris em direção ao estacionamento.

– Foi uma tarde adorável, meninas! – A sra. Fields parecia tão satisfeita que Emily se sentiu culpada. Ela acenou ao se afastar em direção ao carro da família. – Vamos fazer isso de novo!

A sacola de natação de Emily parecia pesar uma tonelada, e ela estava certa de que, em algum momento, alguém a alcançaria e a faria devolver tudo. Apenas quando estavam dentro do carro em movimento, conseguiu respirar novamente.

Iris a cutucou.

– Uau, que emocionante!

Emily apertou o volante com raiva.

– Eu não acredito que você me obrigou a fazer isso na frente da minha mãe.

Iris revirou os olhos.

– Ora, deixe de fazer drama!

– Olha aqui, definitivamente, eu fiz a minha parte – declarou Emily. – Trate de me contar alguma coisa sobre Ali.

Iris esfregou as mãos.

– O que você quer saber?

A mente de Emily disparou em milhares de direções. Ela não havia se preparado para escolher a pergunta.

– Ali tinha namorado?

Iris correu seus dedos sobre o tecido macio de uma de suas novas blusas roubadas.

– Todos adoravam Ali. Meninos *e* meninas. Todos queriam estar com ela.

– Havia alguém especial? Alguém que faria qualquer coisa por ela?

O rosto de Iris se abriu em um sorriso de entendimento.

– Era você quem estava apaixonada por ela, não era?

Emily se encolheu.

– Quem lhe contou?

Iris encarou Emily.

– Ali falava sobre você o tempo todo quando estava na clínica. Ela dizia coisas tipo: *Minha irmã tem essa amiga chamada Emily que tem uma queda por ela. É assim que vou conquistá-la. Vai ser muito fácil.*

Emily olhou fixo para as linhas de sinalização da estrada até sua visão ficar borrada. Tinha sido exatamente desse jeito que Ali conquistara Emily; beijou Emily com tanta paixão quanto Emily beijou a Ali Delas na casa da árvore, no sétimo ano. E então Ali disse que sempre amou Emily, mesmo quando estava internada na clínica psiquiátrica. Claro que Emily acreditou. Era o que sempre quis escutar.

– Opa, toquei no assunto errado? – perguntou Iris, dando um soquinho no braço de Emily.

Emily tentou se esquivar.

– Não importa.

– Você ainda a ama?

– Não vou falar sobre isso com você – resmungou Emily. – Mas não, eu não a amo mais. – Mais uma vez, o rosto de Jordan apareceu em sua mente, e Emily sentiu uma pontada de tristeza.

– Mas você ainda a amava depois do incêndio na casa em Poconos, não? Alguém contrabandeou um iPad para dentro da clínica na época em que todas aquelas coisas sobre Ali saíram nos jornais, e eu me lembro de ver várias reportagens. Eu vi você nos noticiários. Você parecia arrasada com a

possibilidade de ela estar morta. Seu verdadeiro amor... *havia partido*. Deve ter sido bem doloroso.

Emily olhou de forma tão dura para Iris que ela se encolheu em seu assento.

– O que você sabe sobre amor verdadeiro? – rosnou Emily.

O lábio inferior de Iris tremeu.

– Eu já amei uma vez.

O clima dentro do carro mudou de repente. Os olhos de Iris estavam cheios de lágrimas. Ela apertou os lábios com tanta firmeza que ficaram translúcidos. Emily fazia a mesma coisa quando tentava se controlar para não chorar.

Ela voltou a olhar para a estrada, sentindo-se mal por ter sido cruel.

– Desculpe-me – murmurou. – Eu achei que você estava me provocando. Você quer falar a respeito?

Iris fungou.

– Eu não vou falar sobre isso com você – respondeu, usando o mesmo tom que Emily tinha usado.

– *Touché* – disse Emily baixinho.

Elas passaram por uma loja Wawa e uma floricultura e, em seguida, pela rua que levava à casa de Aria. Emily tentou imaginar a pessoa que Iris havia amado, mas, quando tentou montar um rosto, só conseguiu ver um ponto de interrogação.

– Certo, tudo bem. – Iris quebrou o silêncio. – Ali *tinha* alguém especial. Um rapaz.

O coração de Emily começou a bater mais depressa.

– Certo...

– Ela falava sobre ele o tempo todo. Eram muito próximos.

Emily estava tão ansiosa que resolveu encostar o carro. Os outros carros passavam por elas a toda velocidade. Ela puxou o freio e encarou Iris.

– Ele era um paciente do hospital? Ou apenas um visitante? Você sabe o nome dele?

– Nã, nã, nã! – disse Iris com o dedo em riste. – Você só perguntou se Ali tinha um namorado, não qual era o nome dele. – Ela deu um tapinha na perna de Emily. – Tudo a seu tempo, querida. Agora, creio que temos mais itens da minha lista para cumprir, não temos?

Dito isso, Iris puxou a lista da bolsa e a consultou. Emily mordeu o lábio, tentando engolir a frustração. A verdade é que ela não tinha escolha a não ser entrar no jogo de Iris.

Ainda mais se levasse a algumas respostas. E a Ali.

Na segunda-feira, Aria estava no ginásio da escola Rosewood Day. As arquibancadas tinham sido recolhidas para abrir espaço na quadra de basquete, o ar cheirava a sola de tênis, e uma luz fluorescente piscando nas traves parecia não ter outra função a não ser quebrar sua concentração. As seis garotas no comitê de decoração, todas com cabelos lisos, corpos perfeitamente torneados e sapatilhas Tory Burch que combinavam com seu visual, formavam um círculo ao redor dela, aguardando suas ordens. Aria sabia que deveria estar se achando o máximo por poder mandar em garotas típicas de Rosewood, mas, em vez disso, estava nervosa.

– Ah... Bem... Certo... então nosso tema é o quadro *Noite estrelada* – disse Aria, trêmula, segurando uma foto enorme da pintura de Van Gogh que encontrara em um livro da biblioteca. Só de segurar uma reprodução ela já se sentia mal. Tinha certeza de que todas as garotas sabiam exatamente o que estava escondido em seu armário, e exatamente o que ela tinha feito.

Ela tossiu e continuou.

– Bem, vou contratar uma empresa especializada em esculturas de papel machê para fazer algumas luas e estrelas bem grandes para nós, já que isso tudo precisa estar pronto até o fim da semana, vamos precisar de toda a ajuda que pudermos arrumar.

Aquela era uma vantagem do colégio Rosewood Day: os comitês de decoração das festas sempre podiam contar com orçamentos generosos.

– Chamei também uma empresa que tinge e customiza toalhas de mesa e também faz capas interessantes para as cadeiras. Mas acho que deveríamos pintar ao menos um dos murais sozinhas. Ah, eu pensei em trabalharmos com o quadro *O café à noite*, em vez de *Noite estrelada*. É uma pintura muito mais romântica, vocês não acham?

Uma garota loura e de nariz empinado, chamada Tara, ergueu a mão.

– Mas, Aria... o tema é *Noite estrelada* por um motivo – disse ela com voz arrogante e anasalada, seus olhos críticos colados às botas de couro sintético na altura do joelho que Aria usava.

As outras garotas murmuraram, concordando.

– Ah... acho que você tem um bom argumento – resmungou Aria, ainda que a ideia de pintar uma versão gigantesca de *Noite estrelada* a deixasse inquieta. Era como se tivesse um enorme folheto na testa dizendo: *Ei, policiais! Querem saber por que conheço essa obra tão bem? Eu tenho o quadro guardado no meu armário!*

Atendendo ao conselho de Spencer, Aria havia guardado a pintura no fundo do seu armário, atrás de uma caixa de camisetas velhas de ginástica. Sua mãe havia batido na porta quando Aria estava quase acabando.

– O que você está fazendo? – perguntou Ella, invadindo o quarto como sempre fizera.

– Não entre aqui! – gritou Aria, antes de pensar no que estava fazendo. – Eu estou fazendo uma faxina!

Ella parou na porta.

– Aria Montgomery *fazendo faxina*? Achei que nunca veria isso. – Ela jogou um envelope dentro do quarto. – Chegou para você hoje.

O envelope tinha o endereço de Aria, e nada mais. Durante um segundo temeroso, Aria pensou que A poderia ter escrito para ela de novo, mas, quando abriu o envelope, viu que era um convite para um estágio em artes na Holanda no ano seguinte. O que seria sensacional... Exceto pelo fato de que Aria jamais iria para tão longe de Noel. Jogou o envelope em uma gaveta e observou o vulto de sua mãe desaparecer no corredor. *Que desastre*. Não apenas seus amigos seriam ligados por associação ao seu crime, mas sua mãe também? Se os policiais viessem fazer uma busca pelo quadro, o que aconteceria se não acreditassem que Ella não sabia de nada a respeito daquela história toda?

E como diabos alguém tinha entrado na casa deles? Não havia sinais de arrombamento, o que significa que, fosse quem fosse o invasor, era alguém que tinha a chave. Byron e Meredith tinham uma chave extra. Spencer tinha uma chave, porque durante uma das viagens da família ela ia até lá alimentar Polo. A moça da limpeza também tinha uma.

Assim como Noel.

Claro, isso não queria dizer que *Noel* era A. Mas, apesar de acreditar nisso, Aria podia ouvir as vozes das amigas dentro de sua cabeça: *Pergunte a ele onde estava no dia em que você achou o quadro dentro do armário*. Bem, era muito estranho Noel ter chegado atrasado para a aula de edição jornalística. Aria perguntou onde ele esteve, mas Noel não deu uma resposta direta. *E quanto ao medalhão de Tabitha, que Noel supostamente “encontrou” na praia em St. Martin?* Seria o que as vozes perguntariam em seguida. *Procurando aqui e ali, Noel poderia ter descoberto quem era Graham – ele estava por toda parte no site em homenagem a Tabitha. E se Noel estivesse em contato com Ali, ela já poderia ter contado tudo a ele, já que Ali e Tabitha eram amigas!*

Aria fechou os olhos. Mesmo a ideia de que Noel já tivesse sido amigo de “Courtney” – também conhecida como Verdadeira Ali – fazia Aria estremecer. Havia muitas coisas sobre o retorno de “Courtney” para Rosewood que ela havia se esforçado ao máximo para esquecer, e o envolvimento de Noel com aquela garota era uma delas. *Parecia* mesmo uma enorme coincidência que estivessem

no mesmo grupo de apoio e que Noel tivesse realmente encorajado Aria a dar uma chance para “Courtney”. E se ele soubesse, o tempo todo, que ela era a verdadeira Ali e a estivesse ajudando com seu plano de vingança?

– Terra chamando! – disse uma voz desagradável. Aria acordou de seu devaneio e piscou. As meninas do comitê riram, zombando dela.

Aria piscou e se obrigou a sorrir, balbuciando algo sobre recriar as pinturas de Van Gogh em grandes telas usando um projetor. As garotas deram de ombros e começaram a trabalhar, reunindo acessórios e buscando imagens do quadro na internet. Sentindo-se exausta de repente, Aria desabou em uma cadeira dobrável no canto e suspirou. Suas mãos tremiam. Estava mentalmente esgotada. Mal conseguia se segurar. Noel *não* poderia, de forma alguma, ser A – ele era seu namorado. Ele não sabia que Courtney era a Verdadeira Ali. E não faria isso com ela. Fim da história.

Como se tivesse sido ensaiado, dois braços fortes a abraçaram pela cintura.

– Você é uma mentirosa – rosnou Noel com a boca entre o pescoço e o ombro dela.

Aria congelou.

– O quê? Como assim?

Noel a fez levantar-se e virar-se para ele.

– Você me disse que precisava de uma carona para casa, mas vi seu carro no estacionamento de estudantes... E, então, encontro você aqui! – Ele deu uma sacudidela de brincadeira no braço dela e fez cara feia para a imagem de Van Gogh na tela do notebook de Aria.

– Está me traindo com Vincent van Gogh, dona Aria?

– O quê? Não! – Aria quase gritou, suas bochechas corando ao ouvir a palavra *traindo*.

– Ei, calma, eu sei. – Noel olhou para ela espantado. – Só estou brincando com você.

Aria sentiu seu coração desacelerar.

– Ah... desculpe – disse. – Eu tinha esquecido a reunião do comitê de decoração.

– Tudo bem. – Noel enfiou o nariz no pescoço dela. – Eu não ia gostar se você tivesse perdido a reunião. – Ele tomou as mãos dela. – Você *está* feliz com o trabalho, não é?

O olhar de Aria procurou as garotas do comitê, que estavam preparando as telas para as tintas.

– Hum-hum – murmurou, tentando parecer sincera.

Noel entortou a cabeça.

– Isso não foi muito convincente.

Os pensamentos de Aria estavam embotados. Ela olhou para Noel e, então, em silêncio, seguiu para o corredor.

– Eu preciso perguntar uma coisa para você.

Após um instante, Noel a seguiu.

O chão recém-esfregado brilhava e cheirava a desinfetante de limão. Do outro lado das janelas que iam do chão ao teto, Aria poderia jurar ter visto alguém se escondendo atrás do galpão de jornalismo. Ela observou com atenção, com o coração na garganta. Ninguém apareceu.

Então, voltou seu olhar para Noel, que cheirava a colônia e parecia adorável usando o moletom com capuz da equipe de lacrosse de Rosewood Day.

– Você estava atrasado para a aula em que anunciaram que eu seria a presidente do comitê de decoração.

A expressão de Noel endureceu.

– E daí?

Ele estava agindo na defensiva? *Ele parecia culpado?* Aria baixou os olhos, subitamente interessada em seus próprios pés, buscando uma forma de fazer a pergunta crucial. *Onde você estava?* seria muito rude e poderia tornar as coisas ainda piores. Então, balbuciou:

– Você ainda pensa em Ali? Nas *duas* Ali?

Noel piscou.

– O que você quer dizer?

– Bem, toda aquela história afetou você também. Você era amigo dela. Bem, *delas*. Você alguma vez... Não sei, *suspeitou* de alguma coisa depois que Courtney e Ali trocaram de lugar? E quando a verdadeira Ali voltou a Rosewood depois da morte de Ian Thomas?

Um músculo acima do olho de Noel se contraiu.

– Eu... – Ele parecia não encontrar as palavras, confuso com a pergunta. – Por que você está me perguntando essas coisas?

Aria engoliu em seco e olhou, através do corredor, para uma sala de aula de química. Alguém havia enfiado uma margarida em um bico de Bunsen vazio.

– Tenho pensado sobre Ali e Courtney ultimamente. Na verdade, sobre *você* e Ali, a Verdadeira Ali. Você sabe, eu tenho pensado naquela vez que vocês se beijaram no baile de Dia dos Namorados.

Noel deu um passo para trás, seus sapatos rangendo no chão polido.

– É uma forma engraçada de ver as coisas. Ali *me* beijou, lembra?

Aria pressionou os lábios sem dizer nada.

Noel fez um som do fundo de sua garganta.

– Nós já não discutimos sobre isso? Ela, tipo, *foi se atirando em cima de mim*.

Aria baixou os olhos sem responder.

– Eu sei, mas você era tão bonzinho com ela... Insistia para que eu lhe desse uma chance. Vocês estavam no mesmo grupo de apoio... E você...

Noel parecia não acreditar no que estava ouvindo.

– Você está me perguntando se eu *gostava* dela? Se... sei lá, se eu *sabia*?

Aria o encarou.

– Bem, talvez. Sim, estou.

Ao fundo, um grupo de garotos e garotas da banda passou correndo, rindo e empurrando uns aos outros. Noel piscou e coçou a orelha. Mas não respondeu à pergunta. Aria foi varrida por uma onda de irritação. Parecia que Noel estava pensando no que dizer. Se ele tivesse uma resposta simples e honesta, não teria simplesmente despejado tudo sobre ela?

Noel brincou com as chaves em seu bolso.

– Eu não sei de onde veio isso, assim, de repente. *E* nem o que isso tem a ver com ser presidente do comitê de decoração – disse ele por fim.

– Apenas responda a pergunta – disse Aria. – Eu preciso que você me diga que não gostava dela naquela época.

– Eu não gostava. – O olhar zangado sumiu do rosto dele, e Noel gentilmente tomou as mãos de Aria. – Eu já gostava de *você* e nunca a trairia, nem mesmo com Courtney ou Ali, ou quem quer que fosse. Fiquei horrorizado quando ela me beijou. E, quando soube que era para manipular você, forçando-a a ir com ela para a casa em Poconos... – Ele fechou os olhos e fez uma careta. – É algo horrível de se pensar.

– Certo, tudo bem – disse Aria. Mas a sensação ruim não desapareceu. Noel parecia meloso demais, era como se estivesse repetindo palavras de um roteiro ou algo do gênero. Mas será que ela só estava pensando isso porque Spencer e as outras meninas haviam plantado a dúvida em sua cabeça?

Ela se soltou das mãos de Noel e se afastou na direção da porta.

– Eu preciso tomar ar.

Talvez fosse o efeito de pensar no retorno da Verdadeira Ali, talvez fosse pelo pânico que sentiu quando pensou que Noel estava mentindo, mas Aria não conseguia respirar.

Noel teve o bom senso de não ir atrás dela. Uma garoa caía, e o cheiro forte da grama fez cócegas em seu nariz. Enquanto subia a colina, ela viu o Subaru marrom de sua família ao longe. Ainda que estivesse em um plano mais baixo, Aria podia ver que havia algo preso no limpador de para-brisa. Parecia um bilhete.

Ela começou a correr. Ao alcançar o carro, arrancou o bilhete já encharcado do vidro e o examinou com as mãos tremendo. Era outro recorte de jornal. *Reaberta a investigação sobre paradeiro da pintura premiada de Van Gogh.*

Aria arfou. Ali estava a imagem de *Noite estrelada*. Leu rapidamente a notícia.

O quadro de valor inestimável do barão Brennan, um estudo de Noite estrelada, de Van Gogh,

ainda está desaparecido, e as autoridades reabriram o caso após um dos suspeitos desaparecer.
Novas provas sugerem que há duas pessoas envolvidas no roubo, e não apenas uma.
Criminologistas estão investigando os detalhes, incluindo uma denúncia anônima...

A nota caiu das mãos de Aria. No verso do artigo, havia um bilhetinho escrito à mão. A letra era idêntica à da nota do outro dia. Aria leu as palavras e, então, tombou a cabeça no capô, sentindo de repente que não poderia mais aguentar.

Estrelinha brilhante, a primeira que vejo,
Seja bem boazinha, e atenda meu desejo,
Essa menina bobinha, ela muito me chateia
Por favor, ó estrelinha, leve a Aria pra cadeia.
– Com amor, A

– Oi, quer escolher alguma coisa? – perguntou a garçonete responsável pela mesa de Spencer. Com cabelos verdes e um piercing, ela falava mascando um chiclete. A garçonete ofereceu um cardápio com o nome CYBER CAFÉ BREWHAUS. Spencer apanhou o cardápio e o abriu, mas as únicas opções eram café pequeno, médio ou grande. Ela deu uma olhada nas canecas atrás do balcão. Pareciam imundas e manchadas.

– Você não tem água de coco, tem? – perguntou Spencer, esperançosa.

A garçonete revirou os olhos.

– O que *você* acha? – perguntou, para depois se afastar batendo a sola de seus Doc Martens contra o piso xadrez.

Spencer olhou ao redor, perguntando-se, mais uma vez, o que diabos fazia ali. O Cyber Café Brewhaus não passava de uma cafeteria decadente em frente à estação de Yarmouth. Todo trem que passava fazia estremecer as velhas paredes; o aroma de café – que parecia ter a idade das paredes – dominava o ambiente; as cadeiras eram bambas; e os alto-falantes crepitavam, espalhando uma música eletrônica bem ruim. Mas, até onde se sabia, aquele era o lugar com acesso à internet com mais senhas e protocolos de segurança de que se tinha notícia na área, e isso queria dizer que a conexão ali era blindada, à prova de espionagem.

Quando Spencer enfiou o celular descartável de volta na bolsa, seus dedos tocaram no cardápio do jantar para o baile. Ela o havia pegado na reunião do Conselho Estudantil naquela tarde. *Noite estrelada*, dizia a grafia fluida, imitando a caligrafia da assinatura de Van Gogh, e uma pequena reprodução abaixo, mostrando o quadro famoso. Spencer empurrou o cartão mais fundo na bolsa. Só de ver aquelas nuvens espiraladas, ela já se sentia mal. Tinha garantido a Aria que resolveriam tudo, mas será que conseguiriam? Ainda que tivessem os bilhetes ameaçadores de A como prova, mesmo que pudessem encontrar evidências de que alguém havia se esgueirado para dentro da casa de Aria, para plantar o quadro lá, a polícia acreditaria que um Van Gogh simplesmente tinha aparecido no armário da amiga, sem que ela tivesse qualquer responsabilidade sobre isso?

E o pior é que Spencer não tinha nenhuma ideia sobre o que *mais* poderiam fazer. Largar o quadro nos degraus de um museu só complicaria as coisas – e, além disso, era bem provável que as digitais de Aria estivessem por toda a tela. O que elas precisavam fazer era encontrar uma forma de incriminar Ali e seu comparsa e forçá-los a confessar. Ironicamente, A seria a proteção delas contra

a cadeia.

Uma mensagem instantânea apareceu na tela do computador de Spencer. *Estou aqui*, disse alguém com o apelido MoscaNaParede. Era Chase, o blogueiro especializado em teorias da conspiração com quem Spencer havia entrado em contato no outro dia. Haviam combinado de se encontrar naquela tarde, mas Spencer não tinha certeza se ele apareceria.

Ela olhou em volta discretamente. Todos os outros clientes do café estavam com os olhos grudados em suas próprias telas, sem parecer notá-la. A mensagem piscou, esperando uma resposta. *Estou aqui também*, respondeu ela. *Eu gosto do seu site. Você fez pesquisas muito profundas.*

Obrigado, respondeu Chase, acrescentando um emoticon sorridente.

Então, qual é o seu nome?

Spencer hesitou.

Não quero dizer ainda. Estou tentando escolher um apelido.

Você é um cara ou uma garota?

Sou uma garota, respondeu Spencer, sentindo-se como se estivesse preenchendo o formulário de um site de encontros.

Que tal Britney Spears?, foi a pergunta que veio em seguida.

Spencer afastou o rosto da tela e deu um sorrisinho.

Ela não é sua cantora preferida, é?

De jeito nenhum, respondeu Chase. *Foi só o primeiro nome em que pensei.*

Certo, então será Britney Spears, escreveu Spencer.

Então, conte-me: você tem interesse no caso de Alison?, ele perguntou.

Spencer engoliu em seco.

Mais ou menos. Todo mundo tem, não tem?

É definitivamente uma história estranha, comentou ele em uma nova mensagem. *Há algo errado nessa história toda. Eu só não sei o que é ainda.*

Você está investigando a sério o que aconteceu?, perguntou Spencer.

É apenas um passatempo, explicou Chase. *Como a investigação ainda está em aberto, os policiais me pediram para manter os detalhes em sigilo para que possam apanhar o verdadeiro assassino. Mas, quando resolverem tudo, não hesitarei em publicar.*

Eu achei que a investigação estivesse encerrada, escreveu Spencer. *Ali matou a irmã. Não foi isso o que aconteceu?*

Sim, mas há algumas pontas soltas, ponderou Chase. *Como essa coisa de Ali ter sobrevivido ao incêndio. E a polícia ainda está coletando provas de que foi Ali, e apenas ela, que matou Jenna Cavanaugh e Ian Thomas.*

Você conhecia Alison?, perguntou Spencer.

Não, mas passei por algo parecido, e é por isso que essa história me interessa.

Como assim?

Houve uma pausa, e a tela piscou novamente. *Eu fui perseguido. Fui para um colégio interno só de meninos, e eu tinha um companheiro de quarto que era um verdadeiro psicopata. Ele ficou obcecado por mim. Tentou me matar. Os pais dele tinham muito dinheiro e mantiveram a história fora dos jornais.*

Spencer se acomodou.

Puxa vida, eu sinto muito. Você se machucou?

Houve uma pausa.

Eu não gosto de falar sobre isso.

Isso queria dizer que o perseguidor tinha ferido Chase... ou não?

Ela entrou no blog dele e clicou mais uma vez no link SOBRE MIM, mas ainda era apenas o mesmo .gif bobo do gato.

Ainda assim, naquele momento, Spencer simpatizou com o estranho. Ele certamente sabia como era ser perseguido.

Você ainda tem problemas com isso?, perguntou ela. *As pessoas olham para você como se tivesse uma doença contagiosa, ou algo assim?*

Ah, sim, claro..., respondeu Chase. *Eu perdi alguns amigos em toda essa confusão. Mas procuro me manter ocupado para não pensar no que passou. Além de ser detetive amador, pratico snowboard e estudo violão. Posso parecer um nerd, mas participo de competições de castelos de areia no verão.*

Eu já participei de uma competição dessas!, escreveu Spencer. Ela e Melissa entraram em uma competição quando passavam o verão na casa da avó em Longboat Key, na Flórida. Era praticamente a única coisa em que Spencer havia vencido a irmã. *Fiquei em quarto lugar!*

Que bacana... Eu venci algumas, disse Chase. *Todos acham que é uma coisa boba, que eu deveria participar de vôlei de praia ou outra coisa.* Um emoticon fazendo uma careta apareceu na tela. *Mas é um passatempo que pratico desde a infância. E ainda gosto muito.*

Você já terminou o colégio?, perguntou Spencer.

Sim, me formei em junho passado, respondeu Chase. *Estou trabalhando em um laboratório médico em Center City por um ano, antes de começar a faculdade. Nós pesquisamos medicamentos para o câncer.*

Então você é inteligente, escreveu Spencer, acrescentando uma carinha sorridente.

Você também parece ser muito inteligente, escreveu Chase. *Você está na faculdade?*

Princeton, respondeu Spencer. E excluiu a parte de que ainda não havia começado lá.

Uau, inteligente ao quadrado, foi a resposta de Chase. *Se nos casássemos, a combinação de nossos QIs seria uma força incontrolável.*

Spencer deu uma risadinha. Ele estava dando em cima dela?

A tela piscou de novo. *Bem, chega de falar sobre mim, srta. Spears – qual é sua ligação com Alison?*

Spencer hesitou. Ela não tinha certeza do que poderia contar para ele. Ela não o conhecia, afinal. E, mesmo que ele tivesse dito que os policiais não queriam que postasse nada sobre o caso, e se ele falasse sobre ela?

Eu sou apenas uma pessoa que se interessa pelo caso e que sabe bastante sobre ele, ela respondeu por fim. *É tudo que posso dizer agora. E tenho também motivos para acreditar que ela está viva.*

A resposta de Chase não demorou.

Os ossos dela deveriam ter sido encontrados nos escombros, não é? A perícia teria encontrado a arcada dentária ou joias. Mas não acharam nada. Eu realmente acredito que ela escapou antes que a casa explodisse.

Eu também acho, escreveu Spencer, desejando que pudesse contar a ele que Emily havia deixado a porta aberta para que Ali tivesse uma chance. *Mas a polícia disse que às vezes os ossos ficam tão carbonizados, que é difícil distingui-los das cinzas.*

Pode ser, respondeu Chase. *Mas essa história me parece mal contada. Eu ainda acho que ela escapou.*

E o que ela teria feito?, perguntou Spencer. *A casa estava pegando fogo. Ainda que Ali tenha conseguido sair dali, não é provável que estivesse machucada? Ela não teria ido a um hospital?*

Chase respondeu no mesmo instante, como se tivesse antecipado a pergunta.

Duvido. Acho que ela contratou uma enfermeira particular para cuidar dela. E também acho que havia ao menos um amigo ajudando. Alguém esperava por ela no bosque, na noite em que a casa explodiu. E essa pessoa a levou dali e cuidou dela.

Atrás de Spencer, um sujeito resmungou alguma coisa, mas, quando ela se virou, ele estava olhando com os olhos fixos no computador dele. Ela encarou novamente seu computador, tremendo com a resposta de Chase. *Alguém esperava por ela no bosque naquela noite. Fazia todo o sentido, todo mundo que pensava sobre o assunto parecia acreditar que havia um cúmplice.*

Você acha que ela teve ajuda para matar Ian Thomas e Jenna Cavanaugh, também?, Spencer digitou.

Não tenho dúvida, escreveu Chase. *E eu também encontrei provas da contratação de uma*

enfermeira particular. Duvido que a enfermeira de Alison tenha vindo de uma agência ou de um médico, assim, os medicamentos para cuidar dela devem ter sido comprados em uma farmácia normal. Tenho um amigo que trabalha para a agência reguladora de medicamentos, e ele pode acessar o banco de dados das farmácias da rede CVS. Há uma em Center City que recebe pedidos regulares de quantidades enormes de gases, ataduras e medicamentos para limpar ferimentos. Ele também conseguiu uma gravação das câmeras de segurança que mostrava a pessoa que retirava o pedido.

Os dedos de Spencer voavam sobre as teclas.

Quem é ela?

Um amigo do hospital a identificou como Barbara Rogers. Ela tem cinquenta e poucos anos, mas não consegui descobrir muito além disso, respondeu Chase. Mais uma coisa: temos também o problema dos remédios. Ali não tem receita para nenhum dos medicamentos, então alguém teria de consegui-los ilegalmente para ela. Houve um roubo a uma farmácia, não faz muito tempo, no Centro de Cirurgia Plástica e de Recuperação de Queimados William Atlantic em Rosewood.

Spencer suspirou tão alto que uma loura pálida e magricela, a duas mesas ao lado, olhou feio para ela. Era terrível verificar como tudo estava se encaixando.

Ela checou o relógio e se deu conta de que estava ficando tarde. Precisava ir para casa. Despediu-se de Chase, mas não antes de fazê-lo prometer que voltariam a conversar em breve.

Quando se levantou, uma risada aguda e desagradável a alcançou. Spencer olhou em volta, mas os outros clientes ainda olhavam para suas telas. A garçonete com piercing fingia trabalhar atrás do balcão. Uma garota com uniforme da FedEx fazia palavras cruzadas em uma das mesas.

Spencer apanhou seu celular, mas não havia novas mensagens.

Olhou pela janela para os trilhos. Por um instante, uma imagem sobrenatural a encarou de volta, da plataforma. Seu coração deu um tranco. Ali?

O trem passou depressa. Spencer não piscou, esperando uma nova visão. Mas, quando afinal o trem terminou de passar, o rosto não estava mais lá.

Naquela tarde, Hanna e Mike estavam assistindo a um episódio de *Parks and Recreation* em DVD, no sofá da casa do pai dela. As mãos dela estavam no bolso do moletom de Mike, e ele esfregava seus pés com meias nos pés descalços dela. O sr. Marin estava sentado atrás das portas de vidro do seu escritório, falando com alguém sobre sua campanha ao Senado.

A campanha tocou, e ela e Mike se entreolharam e franziram a testa. Hanna foi até a porta e espiou pelo vidro. Parada do lado de fora estava Chassey Bledsoe, muito bem-arrumada em um vestido de seda e botas marrons, com uma caixa de confeitaria nas mãos. Hanna gemeu lembrando que usava uma calça de ioga manchada da Universidade da Pensilvânia.

– Ah... oi? – disse ela quando abriu a porta.

– Oi, Hanna! – sorriu Chassey. – Eu estava pela vizinhança e só queria dizer que me sinto muito honrada por competir com você pelo título de rainha do baile.

Hanna baixou os olhos para a caixa que ela trazia. Através da tampa de plástico transparente pôde ver vinte cupcakes com cobertura, bem-arrumadinhos ali dentro. Na cobertura de cada um deles, o slogan VOTE EM CHASSEY PARA RAINHA.

– Ah! – Chassey percebeu para onde ela olhava e ergueu a tampa. – Quer um? São brindes para os meus futuros eleitores.

Hanna riu com desdém.

– Eles devem estar cobertos por germes de herpes por todos os lados.

Chassey pareceu confusa.

– Eu não tenho herpes.

Hanna a encarou.

– Então por que você se ausentou da escola por um mês?

Chassey piscou.

– Porque minha mãe teve que ir para Los Angeles a trabalho. Fui com ela e estudei com um tutor. Além disso, frequentei os spas mais sensacionais. Aposto que você teria adorado, Hanna.

Agora Hanna *realmente* não sentia mais pena de Chassey. Ela pegou um cupcake da caixa, disse a Chassey que tinha gostado muito de vê-la e então fechou a porta na cara dela. Ela se virou e entregou o cupcake para Mike – *ela* certamente não o comeria.

– *Aquilo* foi chato.

Mike desembrolhou o cupcake e deu uma mordida enorme.

– Essa garota está mesmo trabalhando duro para conseguir votos. Eu achei que você entraria na disputa com mais vontade, Hanna.

Hanna afastou uma mecha de cabelo do ombro.

– Eu andei meio ocupada.

Mike enfiou outro pedaço de cupcake na boca.

– Com o quê?

– Honestamente? – Hanna se atirou novamente no sofá. – Eu me recuso a fazer campanha contra Chassey. Se eu não vencer por minha própria beleza e popularidade, não mereço ser rainha.

Mike a avaliou enquanto mastigava. Ela sabia que aquilo soava bastante idiota. Mas o que poderia dizer? *Ei, Mike, algum psicopata descompensado, que pode até ser seu melhor amigo, Noel, proibiu que eu fizesse campanha, caso contrário, contará ao FBI que matamos uma garota.*

Mike se jogou no sofá e apanhou o controle remoto.

– E, ontem, como foi no salão?

Hanna piscou para ele, sem imaginar do que ele falava.

– Como é?

– Você sabe, seu teste de penteado para o baile... Como foi?

Certo. Hanna havia se esquecido dessa mentira.

– Ah... foi tudo bem.

Mike se aproximou e cheirou a cabeça dela.

– Você não está cheirando a fruta. É assim que seu cabelo cheira quando você volta do salão.

– É porque lavei meu cabelo essa manhã, *dããããã*. – Hanna se afastou dele. Então, checkou seu relógio e deu um pulo. – *Droga.* Preciso ir! – Seu turno na clínica começava em meia hora.

– *Agora?* Para onde? – reclamou Mike.

Hanna vasculhou seu cérebro em busca de uma resposta, mas não encontrou o que dizer. Agarrou sua bolsa e correu para a porta da frente.

– Eu preciso resolver uns negócios para minha mãe. Nós nos vemos depois.

Mike a seguiu até o carro. Ele sabia que ela estava mentindo – ela tinha certeza de que ele sabia. Ela mordeu o lábio, a ponto de contar toda a verdade – ou quase. Mas, quando virou a ignição no Prius, o rádio do carro ligou na estação de notícias.

A investigação em torno do paradeiro dos responsáveis pelo roubo do quadro de valor inestimável, Noite estrelada, de Vicent van Gogh, foi reaberta, explicou uma repórter, com sons de teclado e estática ao fundo. A princípio, autoridades pensaram que havia apenas um ladrão, mas agora informações recentes e bastantes relevantes de que o criminoso pode não ter agido sozinho

chegaram aos responsáveis pela força-tarefa. A repórter continuou dizendo que a história seria acompanhada de perto por amantes da arte daquela região, já que o barão Brennan, de quem o quadro havia sido roubado, foi um importante patrocinador do Museu de Arte da Filadélfia.

O coração de Hanna pareceu afundar em seu peito. E se a tal *informação relevante* tivesse sido fornecida por uma chamada telefônica de A? Quanto tempo tinham até que A começasse a citar nomes?

Ela olhou para Mike e então comprimiu os lábios. Sim, ela estava mentindo. Mas isso era para o próprio bem dele.

O saguão da clínica de queimados estava silencioso quando Hanna chegou, quinze minutos depois. Sean pulou de sua cadeira e percorreu o trecho que o separava de Hanna a passos largos. Ela não pôde deixar de perceber como ele parecia envelhecido usando aquela calça cáqui e camisa xadrez. Nem o pai dela se vestia feito um pateta.

– Kelly não pôde vir hoje – disse ele, com ruguinhas de preocupação na testa. – Ela disse que você fez um ótimo trabalho com as comadres. Você acha que daria conta das tarefas sozinha?

– Claro que sim. – Hanna encolheu os ombros.

– Ótimo. – Sean parecia aliviado. – Muito obrigado.

Ele deu um tapinha no braço dela e voltou para o escritório. Hanna ouviu um barulhinho atrás dela, mas o saguão ainda estava vazio. Ela marchou até o vestiário, destrancou seu armário e vestiu o uniforme rosa que havia pedido. Gostava dele, pois tinha um bolso enorme na frente – onde seu celular cabia perfeitamente.

Em seguida, pegou seu esfregão e algumas comadres do armário de suprimentos. Antes de começar a limpeza, atravessou o corredor para ir até o leito de Graham. Queria dar uma olhada nele antes de começar sua ronda.

A cortina que o isolava estava parcialmente aberta. Por baixo das pálpebras, os olhos dele faziam movimentos rápidos, e sons guturais, como os de um animal, escapavam por seus lábios. Uma enfermeira estava inclinada sobre ele, substituindo um de seus tubos intravenosos. Ela ergueu os olhos emburrada quando percebeu que Hanna estava ali, mas sua expressão ficou mais amena quando notou que ela usava o uniforme de voluntária.

– Ele acordou? – perguntou Hanna.

– Ainda não – murmurou a enfermeira. – Mas tenho esperança de que ele vai acordar em breve.

A mão de Hanna roçou sem querer nos pés de Graham embaixo do lençol, e ela as afastou no mesmo instante – eram frios e borrachudos, como os de um cadáver.

– Os pacientes costumam falar quando estão em coma? Dizer nomes ou coisas do tipo?

– Geralmente, não. – A enfermeira pendurou a nova bolsa de soro no suporte. Então olhou de soslaio para Hanna. – Qual você disse que era mesmo seu nome?

– Não importa – respondeu Hanna de pronto, desaparecendo por trás das cortinas.

Ela passou os olhos pelo corredor, que estava cheio de macas com vítimas de queimaduras, todas usando vários curativos e ataduras. Mal havia espaço para passar com uma cadeira de rodas. O lugar cheirava a xixi e cloro, e, a cada poucos segundos, alguém soltava um gemido.

– É difícil, não? – disse uma voz feminina.

Hanna se virou. Havia pacientes dispostos à direita e à esquerda. Então, alguém com o rosto coberto de ataduras ergueu um braço com dificuldade.

– Aqui! – resmungou a paciente.

– Ah... oi! – disse Hanna sem jeito e sem querer se aproximar demais.

– Ele é seu amigo?

Havia buraquinhos nas ataduras que cobriam o rosto dela para que pudesse enxergar. Ela apontou para Graham. Hanna tossiu, envergonhada.

– Ele é... sim, mais ou menos.

– Ele estava muito mal quando chegou – sussurrou a garota. – Não como eu estava, claro. – Ela fez um gesto como se estivesse exibindo seu corpo, no estilo “assistente de mágico”, e então riu.

Hanna não sabia se podia entrar na brincadeira. Bateu os olhos na bolsa de drenagem saindo da virilha da garota e então desviou o olhar.

– Tudo bem, também não suporto olhar para essa coisa. – A garota empurrou a bolsa para baixo do cobertor. – Os médicos me contaram alguma besteira sobre isso ser uma bolsa mágica de fadas ou algo assim. Como se eu tivesse sete anos. Pode acreditar, só vejo fadas quando eles me dão Percocet.

Dessa vez, Hanna riu.

– *Eu* nunca via fadas quando tomava Percocet – disse ela, meio melancólica –, mas parece ser uma experiência sensacional.

– Talvez seja porque *você* não tem um dispositivo que injeta Percocet na sua veia na hora em que você quiser. – A garota ergueu um pequeno dispositivo de plástico ligado a um fio que ficava ao lado da sua cama. – Você não sabia que isso aqui é a tendência de moda dessa primavera?

– Eu li na *Vogue*! – Hanna riu. – Esse botão é Chanel?

– Claro que é! – disse a garota em tom arrogante. – Precisei enfrentar uma enorme lista de espera para conseguir, mas mereço o melhor.

– Claro! – disse Hanna entre risinhos.

– E tem mais, você viu? Meias Miu Miu! – A garota colocou os pés para fora das cobertas. E era verdade, suas meias de caxemira tinham o logo da Miu Miu bordado nos dedos.

– Onde você as comprou? – perguntou Hanna, impressionada. Pareciam aconchegantes e muito caras.

– O enfermeiro bonitão as deu para mim. Você sabe, o que tem a cabeça raspada?

Hanna arregalou os olhos. Ela estava certa de que a garota falava sobre o sujeito que, no dia anterior, quase a havia feito derrubar o conteúdo de uma comadre.

– *Mesmo?*

A garota riu com desdém.

– Bem que eu queria. Ele é lindo, não é? Os dias em que me dá banho de esponja são os *melhores*.

– Você é *tão* sortuda! – disse Hanna, e então colocou a mão sobre a boca. Tinha acabado de dizer que uma vítima de queimaduras graves era *sortuda*?

Um alarme soou pelo corredor, e um dos médicos foi chamado pelo sistema de alto-falantes.

– Qual é o seu nome? – perguntou a garota. – Nunca vi você por aqui, eu teria lembrado se a tivesse visto. Você é a voluntária mais bacana que já tivemos.

– Obrigada – disse Hanna, amável. – Meu nome é Hanna.

– Eu sou Kyla Kennedy. Quando eu escapar daqui, talvez possamos sair juntas de verdade.

Hanna ergueu a sobrancelha.

– Escapar?

– Ah, sim! – respondeu Kyla em tom de brincadeira. – Tenho toda uma estratégia de fuga. Vou sair quando ninguém estiver olhando e pegar todos de surpresa.

Ela estendeu o braço coberto de ataduras. Hanna hesitou por um instante antes de aceitar a mão que Kyla estendia e aproveitou para dar uma boa olhada no rosto dela. Pôde notar que Kyla tinha cílios longos debaixo da atadura, mas não soube dizer de que cor eram seus olhos. Ainda assim, adorou saber que Kyla a achava bacana. Após um momento, ela percebeu que tinha achado Kyla bacana também.

– Hanna? – Sean a chamou no fim do corredor. – Temos um problema no próximo corredor. Você pode cuidar disso?

Hanna deu um suspiro de desgosto.

– Melhor eu ir – disse para Kyla.

– Não tem problema. Vamos nos ver de novo? – perguntou Kyla. A mão com ataduras agarrou o pulso de Hanna.

– Mas é claro que sim! – respondeu Hanna.

Hanna estava a alguns passos de distância quando Kyla a chamou de novo. Ela se virou a tempo de ver a garota sentada na cama, apontando feito uma maluca para o enfermeiro bonitão com a cabeça

raspada. Ela fingiu dar um tapinha no traseiro dele quando ele passou. Hanna riu tão alto que uma senhora deitada em uma maca no corredor deu um gritinho e pulou de susto. Hanna e Kyla trocaram um olhar expressivo – bem, tão expressivo quanto poderia ser, já que uma delas estava soterrada debaixo de camadas e mais camadas de ataduras. E, então, começaram a rir mais alto ainda.

Naquela mesma tarde, Emily passou pelo acesso principal do shopping King James com o coração batendo loucamente. Ao procurar junto às enormes portas de entrada, não viu Iris esperando por ela, como haviam combinado.

Ela cravou as unhas no volante. *Claro* que Iris não estava lá. Que tipo de idiota largaria uma doente mental sozinha no shopping o dia inteiro? Acontece que Emily não queria perder mais aulas e, por isso, fez um acordo com Iris naquela manhã: ela a deixaria no King James antes da primeira aula, Iris passaria o dia fazendo o que quer que a deixasse satisfeita, e Emily a buscaria após o último sinal. Então, eliminariam mais alguns itens da lista de Iris, e, no fim do dia, Iris contaria a Emily mais alguns fatos sobre a vida de Ali. Se Emily tivesse sorte.

Iris concordou quase instantaneamente. Depois de deixá-la no shopping, Emily deu-se conta do motivo: a estação de ônibus Greyhound ficava do outro lado da rua. Era muito provável que Iris estivesse planejando se enfiar na estação assim que Emily se afastasse. Ela tinha sido seu meio de sair da clínica psiquiátrica, e agora Iris não precisava mais de sua ajuda.

Ela estacionou junto ao meio-fio, com um enorme nó no estômago. Não havia uma só alma sentada nos bancos fora da entrada. Não havia uma só criatura fuçando perto dos cinzeiros metálicos. Mas, então, as portas duplas se abriram, e um vulto pôs seus pezinhos na calçada.

Desviando do reflexo que não permitia que enxergasse direito, Emily viu que não era uma miragem. Era realmente Iris.

Emily baixou a janela.

– Você está aqui!

Iris olhou para ela como se Emily fosse louca.

– Onde *mais* eu estaria?

Emily destrancou a porta, e Iris entrou. Quando saíram do shopping, Emily olhou para a sacola da Bloomingdale's nos braços de Iris.

– Você foi às compras?

– Mais ou menos. – Ela arremessou alguma coisa no rosto de Emily. – Para você!

Emily encarou a echarpe xadrez em seu colo. Tinha uma etiqueta da Burberry.

– É *de verdade*?

– Espero que sim – disse Iris. – Peguei uma para a sua mãe também.

– Iris... – começou Emily. Ela sempre quis uma echarpe da Burberry... mas não roubada. E, ainda assim, estava estranhamente comovida por Iris ter pensado nela. E em sua mãe.

– O sinal abriu – disse Iris em voz alta. – Vire à esquerda aqui.

Emily fez o que ela pediu. Estavam indo em direção a Delaware. Ela olhou de soslaio para Iris.

– Para onde estamos indo, afinal?

– Para o parque Keppler – respondeu Iris. – Quero andar de pedalinho.

Emily continuou até parar em outro sinal.

– Acho que os pedalinhos ainda não estão disponíveis esta temporada.

Iris riu.

– Então vamos roubar um.

Emily olhou para as próprias mãos.

– Eu não vou roubar um pedalinho.

Iris deu a ela um olhar de advertência.

– Ah, Emily, pelo amor de Deus. Além disso, não vamos roubar nada... Só vamos pegar emprestado um pouquinho.

Emily sentiu uma pontada de saudade. Ela e Jordan haviam pegado emprestado um lindo barco com o convés de vidro em Porto Rico – e tinha sido fácil, ao menos para Jordan. Elas deram seu primeiro beijo no oceano. Foi o beijo mais público que Emily deu em uma garota – havia muitos veleiros, jet skis e navios em volta, todos cheios de gente – e mesmo assim ela não se sentiu nem um pouco desconfortável. Sentia tanto a falta de Jordan que dormia com uma camiseta que emprestara a ela durante o cruzeiro. Se Emily respirasse fundo, ainda conseguia sentir o perfume de jasmim de Jordan.

Ela deve ter suspirado de forma sonhadora, porque Iris riu.

– Em quem você está pensando? Em uma menina?

– Não – disse Emily depressa.

Iris cruzou os braços.

– Você pode me contar. Eu não vou julgar você.

Emily sentiu o rosto ficando vermelho.

– Certo. Eu estava pensando em uma garota que conheci há algumas semanas.

– Qual é o nome dela?

– Jordan.

Iris cruzou e descruzou as pernas.

– Como ela é?

Emily sorriu, tentando pensar em uma forma simples de definir Jordan.

– Ela é engraçada. E corajosa. E bonita.

– Ela foi a primeira garota que você beijou depois de Ali?

Emily desacelerou para fazer uma curva.

– Tive uma namorada no ano passado, por pouco tempo. O nome dela era Maya. Era uma menina bacana, mas também um pouco mandona.

Iris girou um anel de prata no dedo.

– É como se você tivesse se apaixonado por Ali de novo.

Emily riu, pouco à vontade, e então olhou para Iris.

– Ali era mandona com você?

Iris enrolou uma mecha de cabelo ao redor do dedo.

– Acho que sim. Ela sempre me manipulava para fazer coisas que eu não queria.

– Isso é bem a cara dela – disse Emily. E então se lembrou de que elas falavam sobre duas Ali diferentes.

Elas chegaram a uma interseção, e Iris disse para virar à direita.

– Então, você vai me contar sobre a *sua* paixãoite? – perguntou Emily, lembrando-se do que Iris tinha dito no outro dia.

Iris fez uma careta.

– É uma história sem graça.

– Ah, vamos lá. Eu contei para *você*.

Várias casas passaram pela janela antes que Iris voltasse a falar.

– O nome dele é Tripp – disse ela baixinho.

Emily assentiu, lembrando-se da lista de Iris. Um dos itens era: *Encontrar Tripp*.

– Ele era um paciente na clínica psiquiátrica também – continuou Iris. – Nós éramos bem amigos, e parecia que ia virar namoro. Mas então ele recebeu alta. Prometeu me visitar todos os sábados, mas nunca fez isso. E, como não podemos fazer ligações ou mandar e-mails da clínica, eu não pude descobrir onde ele estava. Eu nunca mais soube dele. – Ela fungou. – Mas tudo bem, quem ia querer uma namorada que mora no hospício?

– Então você não faz ideia do que aconteceu com ele?

– Não. – Iris deu um nó esquisito na echarpe Burberry que havia roubado para a mãe de Emily. – É por isso que quero encontrá-lo. Ele me deve uma explicação.

Emily parou no sinal vermelho e esperou que duas meninas passeando com um poodle atravessassem a rua.

– Mas, afinal, por que você foi internada na clínica? – perguntou Emily, escolhendo as palavras com muito cuidado.

Iris riu.

– Não é óbvio? – Ela fez um gesto na direção de seu corpo frágil e magricelo. – *Anorexia nervosa*. Às vezes, escolho não comer. *Por dias*.

Emily piscou com força.

– E ficar internada lá... ajudou?

Iris ergueu os ombros e depois deixou que desabassem.

– Alguns dias, sim, outros, não. Meu terapeuta insiste em dizer que eu faço isso para chamar atenção. Meu pai nos deixou quando eu era muito pequena. Minha mãe precisava ter mais de um emprego para nos sustentar e começou a namorar vários caras diferentes, um pior do que o outro. Ela não tinha mais tempo para mim. Ficar mais e mais magra a fez olhar para mim de verdade e se perguntar como eu estava. Mas, então, eu fiquei desidratada e acabei no hospital por desnutrição. Meu médico prescreveu um tratamento para mim, e minha mãe tentou se dedicar a cuidar de mim por um tempo, mas simplesmente não conseguiu. Então, fui mandada para a clínica. – Ela chupou os dentes. – Meu lar longe do lar.

– Ela paga sua internação? – perguntou Emily.

Iris deu um sorriso de canto de boca.

– O novo namorado dela está pagando. Ele é podre de rico. Sorte a minha!

Emily sabia que Iris queria que ela risse, mas aquilo não tinha a menor graça. Pensando na mãe de Iris, Emily sentiu-se grata por sua família ser como era. Imagine se, em vez de cuidar de Emily com sorvete e livros fofos, quando ela operou o apêndice no sexto ano, sua mãe a tivesse considerado um estorvo e a mandado para uma clínica. Mesmo a viagem forçada dela para Iowa, depois que descobriram que ela era lésbica, fora de curta duração: seus pais recuperaram o bom senso em pouco tempo e imploraram pelo seu perdão.

Mais à frente, havia uma placa que dizia PARQUE ESTADUAL RIACHO KEPLER. Emily estacionou em uma vaga e desligou o motor. Um lago brilhava a distância, mas não havia ninguém na água; ainda estava muito frio naquela época. A cabine de aluguel de barcos estava fechada, e não se via um único pedalinho em lugar algum. Apenas alguns pescadores de jaqueta xadrez estavam do outro lado do lago, observando suas varas de pescar.

Iris saiu do carro e olhou em volta.

– Bem, esse lugar é uma porcaria – resmungou. – E aí, o que vamos fazer?

Emily foi até um galpão onde os botes deviam ser guardados, mas, quando tentou abrir o cadeado, ele não cedeu.

– Há algo que queira fazer em vez disso?

Iris não respondeu. Quando Emily se virou, Iris tinha ido para junto de um carvalho alto, com os

galhos ainda nus. Seu olhar era estranho e distante.

– O que foi? – perguntou Emily, caminhando na direção dela.

Iris se virou.

– Eu costumava vir aqui com amigos do colégio quando era mais nova. Quando eu e Ali estávamos na clínica juntas, descobrimos que ela também costumava vir aqui.

– É mesmo? – perguntou Emily, inclinando a cabeça. Aquilo não fazia sentido. Os DiLaurentis tinham um monte de caiaques, mas os levavam ao lago Pecks, que ficava bem mais perto de Rosewood.

Iris assentiu.

– Ela disse que adorava vir aqui. Disse que mal podia esperar para voltar, assim que saísse da clínica.

Emily chutou um tufo de grama seca.

– Você acha que ela veio aqui depois que recebeu alta?

– Não tenho dúvida. – Iris se encostou no tronco da árvore. – Ela chegou a fazer planos. Não tínhamos permissão para assistir TV na clínica, mas escutávamos coisas. Mesmo as enfermeiras queriam saber o que havia acontecido com a pobre irmã assassinada de Courtney DiLaurentis. Uma delas tinha um rádio portátil, e nós nos amontoamos na porta da sala das enfermeiras para ouvir a notícia de que Ian Thomas havia sido preso. Ali pareceu ficar bastante entusiasmada ao ouvir aquilo, e checava o relógio sem parar. *Meus pais estão vindo*, ela repetia. *Posso sentir. E então, vou para o Parque Estadual Riacho Keppler*. Não tínhamos ideia de como ela sabia que sairia.

– Eu sei como ela sabia – interrompeu Emily. – A família de Ali a escondeu na clínica porque suspeitava que ela tinha matado a irmã, o que, é claro, ela fez. Mas, quando Ian foi preso, os pais dela acreditaram ter cometido um erro terrível e foram buscá-la no mesmo instante.

– Faz sentido – disse Iris. – Ela parecia feliz com a prisão de Ian. Na época, cheguei a acreditar que ela se sentia assim porque o responsável pela morte da irmã tinha sido preso, mas talvez ela estivesse contente apenas porque outra pessoa ia pagar por algo que ela havia feito.

– Espera aí... – Uma rajada de vento fez os cabelos de Emily esvoaçarem contra o rosto. – Você não sabia que Ali matou Courtney?

Iris olhou para Emily com os olhos arregalados.

– Mas é claro que não. – Ela se virou novamente para a árvore, arrancando um pedacinho do tronco com a unha. – Enfim, os pais dela apareceram *mesmo* naquele dia, exatamente como ela tinha previsto. Enquanto assinavam a papelada para que os médicos a liberassem, Ali arrumava as malas em nosso quarto. Ela mencionou esse parque mais uma vez, tipo: *Isso é sensacional. Eu vou ao riacho Keppler assim que tiver um tempo livre. Eu vou ver meu melhor amigo no mundo inteiro*.

Mal posso esperar.

Um calafrio subiu pela espinha de Emily.

– Ela estava indo encontrar um cara... O namorado dela?

– Eu acho que sim.

– Então o namorado dela não era um paciente. Ele estava aqui fora.

Iris sorriu.

– Ora, e não é que você é esperta? Você tem razão. Era alguém daqui de fora. Ele a visitava o tempo todo. E aposto que foi ele quem entalhou isso.

Ela deu um passo para longe da árvore e apontou para algo na casca. Gravadas na madeira estavam as palavras *Eu amo Ali D.*, dentro de um coração. Abaixo, uma data.

Aquilo tinha sido feito em novembro do ano anterior, alguns dias após Ian ser preso.

Emily arfou, pensando na ocasião em que havia entalhado as iniciais de Ali em uma árvore. Infelizmente, quem entalhou aquele coração na árvore não seguiu o exemplo de Emily, que colocou as próprias iniciais no coração. Ela tocou as letras e então olhou ao redor procurando por quaisquer câmeras de segurança próximas à lanchonete ou aos banheiros. Infelizmente, não havia nenhuma. Nenhuma imagem de Ali ou do namorado... mas aquilo havia acontecido. *Eu vou ver meu melhor amigo no mundo inteiro.* Quem? Será que foi esse sujeito que se transformou no cúmplice de Ali, no novo A?

Ela agarrou a mão de Iris.

– Por favor, diga o nome dele.

Uma expressão estranha cruzou o rosto de Iris. Por um momento, parecia que ela ia contar, mas então livrou-se das mãos de Emily e começou a correr em direção à água.

– Ei, já sei o que podemos fazer em vez de roubar um pedalinho! – gritou ela por cima do ombro.
– Vamos nadar nuas!

Dito isso, Iris começou a arrancar suas roupas, primeiro a camiseta, depois os sapatos e as meias e, por fim, a calça jeans, que era de Emily. Seus braços e pernas eram pálidos, os ossinhos de sua espinha, proeminentes.

– Iris! – protestou Emily, correndo atrás dela, desviando das roupas espalhadas que ela havia deixado pelo caminho. – Você vai congelar!

Mas Iris já havia mergulhado no lago. Ela veio à tona, tremendo de frio, mas rindo muito.

– Vamos, Emily! – chamou. – É emocionante!

Emily olhou para Iris, e então se virou e olhou para a gravação na árvore. Foi emocionante descobrir algo novo sobre Ali. E a confissão de Iris de repente a fez se sentir generosa. Ousada e invencível também. Ela puxou a malha pela cabeça, chutou o jeans e meteu-se na água fria com Iris,

sem se importar com a possibilidade de os pescadores estarem olhando. Houve uma agitação no meio das árvores, e Emily ficou estática, sentindo arrepios que, definitivamente, não eram do frio. *Ali?* A palavra congelou antes que escapasse de seus lábios.

Quando olhou novamente, o bosque estava quieto. Quem quer que estivesse observando, havia desaparecido.

Na terça-feira à noite, Spencer sentou-se à mesa da cozinha com Amelia, seus livros escolares espalhados na frente delas e o rádio sintonizado em uma estação de música clássica em volume baixo. Spencer gostava de fazer o dever de casa na mesa da cozinha. E, pelo jeito, Amelia também, o que significava que havia uma disputa de território em curso.

Uma mensagem instantânea apareceu na tela do notebook de Spencer. Era Chase. *Olá, Britney.*

Spencer sorriu. Ela agora gostava do apelido que Chase havia inventado. Mas hesitou antes de responder. Uma coisa era quebrar a regra da internet em uma conexão supersegura, mas A provavelmente espionava o notebook dela havia meses.

Saiu correndo da mesa e foi para o escritório da mãe, um nicho logo atrás da despensa. A tela do computador da sra. Hastings estava aberta em um site de receitas veganas. Spencer o fechou, logou no gerenciador de mensagens com o nome de usuário de sua mãe, RufusAndBeatrice – a sra. Hastings gostava de enviar mensagens a Spencer para avisar que o jantar estava pronto e coisas assim. Encontrou Chase, adicionou-o aos contatos e contou que era *Britney*, mas que estava usando a conta da mãe.

Após um momento, outra mensagem de Chase apareceu.

Duas coisas: primeiro, entrei em contato com Billy Ford para saber se ele havia conversado com Alison antes de ser preso.

Spencer quase deixou sua garrafa de água de coco cair. Billy Ford era o sujeito que havia sido acusado pelo assassinato da Ali Delas – ele era um dos pedreiros que trabalharam na obra onde o corpo de Ali foi encontrado. Algumas pessoas achavam que ele era A também. Os investigadores do caso encontraram fotos de Spencer e das outras meninas em um notebook na caminhonete dele. Mas foi a Verdadeira Ali que plantou aquilo tudo no computador do rapaz.

Ele disse alguma coisa interessante?, perguntou Spencer. Se ela lembrava corretamente, Billy contou aos policiais que a única vez que viu Alison – ou, mais provavelmente, *Courtney* – foi ao trabalhar no gazebo da casa da família DiLaurentis, quando as meninas estavam no sétimo ano. Ele não fazia ideia de como a Verdadeira Ali havia colocado aqueles arquivos no seu computador.

Ele me contou que alguns dias antes de todas aquelas coisas serem achadas em sua caminhonete, alguém do Geek Squad veio à sua porta e ofereceu fazer uma varredura de segurança gratuita em seu computador, como um teste do produto. Talvez essa pessoa o tenha

enganado e plantado as fotos. Talvez estivesse trabalhando com Alison.

Spencer arregalou os olhos. *Era homem ou mulher?*

Ele disse que foi um sujeito. Mas ele mal se lembra do cara. Não saberia apontá-lo em uma fila de reconhecimento da polícia.

Spencer apoiou a cabeça na escrivaninha da mãe. Outro beco sem saída.

Houve outro ping. *Dois: eu acabei de receber fotos interessantes de quando Ali e a irmã eram mais novas. Talvez haja uma conexão aqui.*

Spencer olhou por cima dos ombros para checar se Amelia não estaria espiando.

Onde você as encontrou?, digitou.

A caixa de texto acendeu novamente.

Você não acreditaria no tipo de pessoa que aparece do nada quando você mantém um blog de teoria da conspiração. Eu recebo todo tipo de coisas estranhas sobre todo tipo de assunto. Essas fotos chegaram até mim anonimamente, mas eu acho que são legítimas. Emocionante, não?

Spencer deu um gole em sua água de coco. Quando qualquer coisa era feita anonimamente, a primeira coisa que vinha à sua mente era A. Mas por que A enviaria fotos das gêmeas DiLaurentis para um blog sobre teorias da conspiração?

É mesmo emocionante, Spencer escreveu em resposta, e ela estava falando sério. Não apenas procurar e encontrar provas, mas também falar com alguém que estava tão interessado no assunto quanto ela. E não um cara qualquer, mas um sujeito inteligente, interessante, engraçado e intrigante. Não que Spencer estivesse alimentando uma quedinha por ele ou algo do gênero.

Certo, talvez ela estivesse.

A ideia de se comunicar com ele era tão *sedutora*. Toda a investigação que havia feito sobre Ali, sua trágica história sobre ser perseguido, mesmo sua escolha de palavras nas conversas que eles tinham – que agora aconteciam o tempo todo, e não eram mais apenas sobre Ali. Na noite anterior, ele usou a expressão “no que me diz respeito”, que soava tão adoravelmente antiquada que fizera Spencer grunhir de encanto... e os dois queriam desmascarar Ali. Era como se fossem uma dupla de super-heróis, conectados via internet. Certamente haveria uma foto dele on-line, certo? Mas Spencer se empenhara por horas, na noite anterior, vasculhando na rede por qualquer tipo de informação sobre Chase. O trabalho que havia feito com a polícia. A história da perseguição. Não havia uma única imagem dele em lugar algum – claro que ajudaria se Spencer soubesse seu sobrenome.

Ela *precisava* se encontrar com ele.

Spencer olhou para a tela e respirou fundo.

Olha, eu quero mesmo ver essas fotos..., escreveu ela, *mas não quero que você me envie via internet. Você acha que poderíamos nos encontrar pessoalmente?* Talvez fosse arriscado revelar

quem realmente era, mas estava disposta a correr o risco.

O cursor piscou... e piscou... e piscou. Nenhuma nova mensagem apareceu. O rosto dela estava queimando. Céus, parecia que tinha voltado para o sétimo ano, em que ela e Ali competiam para ver quem conseguiria beijar o maior número de meninos mais velhos. Spencer se aproximou de Oliver Nolan, o campeão de remo da St. Francis Prep e pediu que ele a beijasse, coisa que ele se recusou a fazer. Ali, que estava assistindo à cena, teve um ataque de riso.

Houve uma batida na porta da frente. Spencer pulou da cadeira da mãe, correu pela cozinha, chegou ao vestibulo e espiou pela janela. Emily esperava na varanda. Seu Volvo estava encostado junto ao meio-fio, e Spencer pôde ver a cabecinha loira de Iris no banco do passageiro.

– O que está acontecendo? – perguntou Spencer aos sussurros enquanto abria a porta.

Emily olhou para os dois lados. Então, empurrou Spencer pelo vestibulo, até o lavabo. Fechou a porta e ligou o exaustor, que rodava ruidosamente, e abriu a torneira ao máximo.

– O que você está fazendo? – Spencer franziu a testa para o reflexo de Emily no espelho. – O que aconteceu com Iris?

– Ela vai ficar bem – assegurou Emily. – Eu só quero ter certeza de que ninguém vai ouvir. Acabo de descobrir que Ali tinha, *sim*, um namorado, alguém que não estava internado na clínica. Os dois se encontraram assim que ela foi dispensada, depois que Ian foi preso. Há uma dedicatória talhada em um carvalho no parque Keppler que diz *Eu amo Ali D.*, com data do ano passado.

– O parque Keppler? – Spencer se encostou na pia. – Fica quase em Delaware.

Emily mordeu o polegar.

– Eu sei. Talvez o namorado dela seja de lá. Ali disse que ele era seu melhor amigo no mundo inteiro. E se esse amigo for seu comparsa?

Spencer pensou no que Chase acabara de dizer sobre Billy Ford: o representante do Geek Squad que havia plantado aquelas fotos no notebook dele também era um rapaz.

– Ela não disse quem ele era?

– Não. Mas pode ser alguém que nos odiava tanto quanto a Verdadeira Ali. Talvez ele estivesse zangado por termos internado a Verdadeira Ali na clínica, liberando Courtney. Ao que tudo indica, estamos procurando por um rapaz, certo?

– Então, poderia ser Jason – disse Spencer. – Ou Wilden. Ou... espere um pouco. – Ela saiu do lavabo, subiu as escadas e pegou a lista que fizeram no quarto do pânico e que ela mantinha trancada em uma caixa embaixo da cama. Spencer voltou e a abriu sobre a pia para depois riscar os nomes de garotas. Jason e Wilden eram os próximos da lista.

– Se era alguém que ficou zangado porque a Verdadeira Ali foi trancafiada na clínica, esse sujeito precisaria conhecer a Verdadeira Ali *antes* que Courtney fizesse a troca, certo? – murmurou Emily

enquanto observava a lista. – Faz todo sentido que seja Jason, mas eu não consigo imaginá-lo matando por ela.

– É o que sinto a respeito de Wilden – murmurou Spencer. – Ele odeia Ali com fervor. E, de qualquer maneira, Ali, no papel de A, meio que o fez passar vergonha com toda aquela coisa amish no ano passado. – A havia enviado Emily à comunidade amish em uma busca sem sentido, mas Emily acabara descobrindo sobre as raízes amish de Wilden.

Emily assentiu.

– Ele definitivamente não queria que as pessoas soubessem disso. Se ele era o cúmplice de Ali, não imagino por que teria permitido isso.

Spencer colocou um ponto de interrogação próximo ao nome de Jason e riscou o nome de Wilden. Elas observaram a lista novamente. *Graham. Noel.*

Spencer olhou para o rosto pálido de Emily no espelho.

– Você tem falado com Aria ultimamente? – perguntou baixinho.

– Ela não atende às minhas ligações. – Emily engoliu em seco. – Acho que está chateada por termos feito todas aquelas perguntas sobre Noel.

– Eu me sinto péssima por isso – disse Spencer. – Mas... – ela se interrompeu, perdida em pensamentos.

Nos últimos dias, tinha pensado muito sobre Noel e acabou se dando conta de alguns detalhes preocupantes. No dia em que as garotas empurraram Tabitha da cobertura do hotel na Jamaica, por exemplo, elas haviam se reunido no quarto de Spencer para discutir o que deveriam fazer. Estavam em pânico, pensando no que fazer, e, de repente, Spencer ouviu barulhos de passos abafados no corredor. Olhando pelo olho mágico, viu Noel parado ali, mexendo no celular. Ela abriu a porta de repente e o encarou.

– Posso ajudar?

– Ah! – Noel parecia surpreso. – Eu só queria saber se Aria está aqui. Quero levá-la para o café da manhã.

Aria correu para o lado de Noel, e a conversa acabou ali. Spencer não havia pensado muito nisso – ela estava satisfeita por Noel não ter ouvido nada. Mas e se ele *tivesse* ouvido? E se já soubesse sobre o que estavam falando porque tinha testemunhado tudo na noite anterior?

– E quanto a sua busca? – sussurrou Emily. – Já descobriu alguma coisa?

Spencer se aprumou.

– Bem, se Ali escapou *mesmo* da explosão em Poconos, pode ter contratado uma enfermeira para cuidar das queimaduras dela. Estou tentando rastrear onde a enfermeira vive e o que sabe.

– Nossa! – Emily parecia maravilhada. – Como você descobriu isso?

– Ah, você sabe... – Spencer arrumou a toalha de mão no suporte com movimentos nervosos. Ela sabia o que Emily iria dizer se contasse que estava mantendo contato com um blogueiro especialista em teorias da conspiração: *Você perdeu o juízo? Isso é muito perigoso!*

– Acha que Ali sabe que você está procurando por ela? – sussurrou Emily.

Spencer apanhou uma vela perfumada e depois a colocou no lugar.

– Eu espero que não.

Emily conferiu o relógio Nike em seu pulso.

– É melhor eu voltar para Iris antes que ela decida ir embora sem mim. Apesar de tudo, acho que estamos progredindo.

– Nós só precisamos continuar tentando – disse Spencer.

Ela levou Emily até a porta, com a cabeça a mil. Assim que trancou a porta, o aviso de uma nova mensagem instantânea ecoou pelo vestibulo. Ela correu de volta para o escritório da mãe. A tela estava piscando. Chase havia respondido.

Tudo bem, Britney. Vamos nos encontrar. Museu Mütter em uma hora?

Sim!, comemorou Spencer, desconectando-se do bate-papo. Ela entrou na cozinha com um sorriso enorme no rosto. Amelia deu um sorriso forçado para ela.

– Por que *você* está tão feliz?

– Por nada! – garantiu Spencer, desaparecendo pelo corredor que levava para fora da cozinha.

Havia um leve tremor em seus joelhos e um zilhão de borboletinhas esvoaçando em seu estômago. Certo, talvez ela *estivesse* contente por ir se encontrar com Chase.

Só um pouquinho.

Quarenta e cinco minutos depois, Spencer pagou o parquímetro na rua 21 e seguiu para a casa de arenito que ficava no fim do quarteirão. MUSEU MÜTTER DE ESQUISITICES MÉDICAS, dizia uma placa antiquada. Spencer estivera ali dois anos antes, em uma excursão da escola, e passara mal de verdade. Não apenas o lugar cheirava fortemente a formaldeído, mas uma das atrações era um conjunto de gavetas com diferentes objetos que pessoas haviam engolido. Havia também um enorme trato digestivo humano conservado em uma jarra grande. Não era exatamente o tipo de coisa que Spencer apreciava.

Spencer estava usando uma peruca loira de Britney Spears – parecia apropriado, afinal – e um par de óculos Ray-Ban. Os funcionários do museu a olharam como se fosse louca, mas ela pagou a entrada com a cabeça erguida.

O museu era basicamente uma grande sala, com os displays exibindo esquisitices ao redor. Um casal observava os esqueletos pendurados. Uma senhora examinava o maior cólon do mundo. Parecia

muito claro que A não estava ali, mas e quanto a Chase? Spencer olhou para o velhinho com cara de tarado que sorria enquanto observava gêmeas siamesas preservadas e, de repente, sentiu-se péssima.

– Ah... oi?

Ela pulou de susto e se virou. Próximo a um segurança, estava um sujeito alto com cabelos castanhos despenteados, queixo quadrado, ombros largos e pernas longas e esguias. Ele tirou os óculos escuros, deixando à mostra seus olhos verdes inquisidores.

– Eu me chamo Chase. – disse. – E você é...?

Spencer andou até ele se sentindo confusa. Chase tinha sobrancelhas grossas e expressivas. Seu corpo parecia ser forte e musculoso sob a camiseta e a calça cargo. E, quando sorriu, todo seu rosto se iluminou.

– Ah... olá – cumprimentou Spencer com a voz trêmula, sentindo-se ridícula com a peruca e os óculos. – Ah... eu... Britney. – Ela apontou para a peruca e sorriu.

– É um prazer conhecê-la. – Chase estendeu a mão para que ela a apertasse.

– É um prazer conhecê-lo também – disse Spencer de volta, sua mão formigando quando Chase a tocou.

Eles olharam um para o outro por um instante. Spencer se sentiu satisfeita por estar usando um vestidinho de seda estampada que deixava suas longas pernas à mostra. Não conseguia se forçar a desviar os olhos dos bíceps de Chase. Ele parecia o tipo de sujeito que poderia erguê-la e rodá-la acima da cabeça sem derramar uma gota de suor.

Então, Chase sorriu. Spencer respondeu com sorriso nervoso.

– Desculpe – disse Chase. – É que não costumo me encontrar com pessoas desse jeito.

– Eu sei. Eu também não – disse Spencer.

Chase se acomodou em um banco próximo à loja de presentes, seus olhos ainda presos a Spencer, como se fosse a única coisa interessante no museu – talvez no mundo. Quando o celular de Chase vibrou, Spencer sorriu sem graça e se afastou. Ele olhou para a tela, e então estremeceu e começou a digitar imediatamente.

– Desculpe – murmurou, inclinando a tela do celular para longe. – Isso só vai levar um segundo.

– Sem problema – disse Spencer. – Houve uma emergência do blog de teorias da conspiração?

– Mais ou menos isso – murmurou Chase.

Ele escorregou o celular de volta ao bolso e encarou Spencer novamente, da peruca loura até a ponta das botas Loeffler Randall. Após um instante, tocou a pulseira prateada no pulso de Spencer.

– Isso é muito bonito.

– Ah, obrigada. – Spencer a girou ao redor do pulso. – Minha mãe me deu. É da Prendergast.

– Na Walnut? – perguntou Chase. – Eu costumava comprar coisas lá para minha namorada o

tempo todo.

Spencer o encarou.

– É sua... atual namorada?

– Não. – Chase colocou as mãos nos joelhos. – Foi há muito tempo. Antes da... bem, da perseguição.

Spencer assentiu brevemente. Pelo olhar no rosto de Chase deu para perceber que ele não gostava muito de falar sobre isso. Ela não o culpava; também não gostava de falar sobre o que Ali lhe fizera.

– E quanto a você? – perguntou Chase. – Namorando alguém?

Spencer baixou os olhos.

– Havia alguém... mas...

E, de repente, ela despejou a história de Bagana sobre ele. Enquanto falava, entretanto, notou que não sentia realmente falta de Bagana, não da mesma forma que sentira dias antes. Agora Spencer tinha muitas coisas com que se preocupar além dele.

– Que droga – comentou Chase quando ela terminou. – Ele deve ser um verdadeiro idiota para largar alguém como você, senhorita Spears.

Spencer enrolou um pedaço do cabelo falso no dedo.

– Você sabe, a pior coisa de levar um fora foi ele ter feito isso duas semanas antes do baile de formatura. Não há ninguém para convidar. Terei de ir sozinha, o que é realmente deprimente.

– Que idiota – disse Chase, ajeitando-se no banco. Quando Spencer ergueu os olhos, havia um pequeno sorriso, cheio de esperança, no rosto dele. De repente, ela teve uma ideia. Será que poderia convidar *Chase* para o baile? Ele ficaria lindo de terno. Mas não, isso seria loucura. Eles mal se conheciam.

Buzz. Era o celular de Chase novamente. Dessa vez ele se levantou e se afastou alguns passos antes de verificar a tela e responder. Quando terminou, voltou todo sério e enfiou a mão no bolso.

– Em todo caso. Estou com as fotos que você queria ver.

Ele entregou a ela três fotos cinco por sete. Eram fotos de diferentes momentos do que Spencer presumiu ser a vida da Verdadeira Ali. A primeira mostrava duas meninas loiras de uns cinco anos. As duas usavam macacões roxos e laços cor-de-rosa no cabelo e sorriam. Spencer podia ver um pouquinho de Ali no rosto das duas. Era impossível afirmar quem era quem.

– Acho que essa foto é de quando moravam em Connecticut – explicou Chase. – Não diz muito sobre o caso, apenas que as gêmeas não se odiavam desde sempre. – Ele bufou. – Elas pareciam umas loucas, não? Novamente, esses pais deviam ser bem pirados, também. Quem não perceberia suas filhas trocando de lugar uma com a outra?

– Realmente – murmurou ela, imaginando o que Chase diria se soubesse que aquelas gêmeas eram

suas meias-irmãs.

Spencer passou para a foto seguinte e engasgou ao ver uma imagem familiar. Mostrava duas meninas louras no quintal da família DiLaurentis, em Rosewood. Ali – ou seria Courtney? – olhava para a câmera, e a segunda menina, que todos pensaram ser Naomi Zeigler por um tempo, estava virada. Com um olhar inocente, Jenna Cavanaugh estava ao lado delas, parecendo contrariada. Spencer já tinha visto essa fotografia antes: a Verdadeira Ali – usando o nome de A – havia enviado a imagem para Emily junto a um bilhete que dizia, *Algo não se encaixa. Descubra rapidamente... ou então...* As meninas nunca conseguiram desvendar o motivo que levou Ali a enviar aquela foto para Emily. Talvez para incriminar Jenna – ela morreu logo depois. Provavelmente, sabia demais para o seu próprio bem.

Spencer ergueu os olhos.

– Você vai postar essas fotos no blog?

Chase balançou a cabeça.

– Não vou postar nada até ter mais provas.

– Eu queria saber quem enviou isso para você. Não havia um bilhete com elas? Nada?

Chase deu de ombros.

– Elas simplesmente apareceram.

Spencer estremeceu. Será que tinham sido enviadas pela Verdadeira Ali? Mas... para quê? Para provocá-las? Para provar que era invencível, uma mestre das fugas e dos disfarces?

Spencer passou para a última foto. Ali encarava a câmera. Parecia mais velha, quase da mesma idade da garota que conheceram no ano anterior, e usava um pijama branco. Estava de pé na sala de convivência da clínica – Spencer reconheceu os recortes de papel colorido pendurados nas paredes. Havia alguém ao lado dela, mas a mão erguida de Ali bloqueava seu rosto. Seria outro paciente? Seu namorado? Seu comparsa, A?

O celular de Chase tocou de novo. Ele digitou uma resposta e então guardou o aparelho.

– Desculpe, mas preciso ir.

– Já? – reclamou ela.

Chase pareceu surpreso com a reação de Spencer.

– Você... você gostaria de me encontrar mais vezes? – perguntou ele, parecendo animado.

Spencer logo assentiu e depois se sentiu como uma idiota desesperada.

– Para conversar sobre o caso de Ali, você sabe. Suas teorias são realmente muito boas.

Por um instante, Chase quase pareceu desapontado, mas então sorriu.

– Claro – disse. – Eu gostaria de me encontrar de novo com você... gostaria muito. – Ele estendeu a mão para cumprimentar Spencer, mas ela o puxou e lhe deu um abraço. Chase tinha cheiro de couro

e desodorante cítrico. Spencer precisou juntar toda sua força de vontade para não passar os dedos no cabelo dele.

Chase se afastou de Spencer, encarou-a de novo e então acariciou o rosto dela. Um arrepio percorreu a espinha de Spencer.

– Talvez no próximo encontro você me conte quem realmente é, Britney – provocou ele.

Então se afastou e deixou o museu, seus tênis mal fazendo barulho.

Spencer seguiu-o de longe e assistiu enquanto ele entrava em uma travessa e depois virava à direita na Market. Quando Chase desapareceu, ela se jogou nos degraus da frente de um prédio, sentindo-se à beira de um desmaio. Esse. Encontro. Foi. *Sensacional*.

Crack. Um barulho do outro lado da rua. Spencer ficou de pé, subitamente alerta. O sol pintava quadrados no beco do outro lado da rua. Uma garrafa vazia de Coca Diet rolou sob os pneus de um carro. Um rosto apareceu no para-brisas de uma van à sua direita, mas, quando ela se virou para ver melhor, não havia ninguém.

Quando seu celular tocou, Spencer já esperava por isso. Mas era seu celular antigo tocando – ela havia recebido um e-mail na conta da escola. E, apesar de não ser A, as palavras a obrigaram a piscar algumas vezes para entendê-las.

Spencer, tenho mais algumas perguntas para fazer a você. Passo amanhã na sua casa para conversarmos, às quatro. Por favor, confirme o recebimento.

Atenciosamente,

Jasmine Fuji.

Os dedos de Spencer hesitaram no botão responder. Mas então, engolindo um nó na garganta, ela apertou DELETAR.

Na manhã de quarta-feira, apenas três dias antes do baile, todos os alunos de Rosewood Day se reuniram no auditório. Algumas garotas enviavam mensagens de texto umas para as outras e jogavam *Plantas vs. Zumbis*, e um grupo de garotos da turma de teatro, próximo à saída da esquerda, encenava um duelo de *Macbeth*, da peça apresentada para a escola no mês anterior. Um banner enorme pairava acima do palco anunciando rei e rainha do baile de formatura. Duas coroas antiquadas, douradas e enfeitadas com pedras falsas, que tinham adornado a cabeça de reis e rainhas por anos, esperavam sobre uma mesa. Dois cetros reais, que o rei e a rainha carregavam para o baile, também estavam no palco. A votação havia ocorrido naquela manhã, e a direção de Rosewood Day contou os votos imediatamente. Os vencedores seriam anunciados naquele momento.

Hanna acomodou-se junto aos outros candidatos no palco, seu coração batendo a um zilhão de quilômetros por segundo. Ela olhou ao redor do auditório lotado. Onde diabos estava Mike? Ele não perderia esse momento, perderia? Eles haviam se visto antes da primeira aula, naquela manhã, então sabia que não estava doente.

Em seguida, deu uma olhadela para Chassey Bledsoe, sentada a dois bancos dela. Chassey continuava interagindo com os alunos, disparando para todos os lados sorrisos cheios de encantamento e esperança. Então, Chassey se virou para Hanna, e seus olhos brilharam.

– Você não está animada? – perguntou, sua voz um pouco trêmula.

Hanna deu de ombros em resposta. Ela estava muito tensa e inquieta para bater papo. A lembrança de todos os dias em que não fizera campanha a assombravam.

E se Chassey *vencesse*? Como ela iria suportar isso?

Noel, sentado ao lado de Hanna, esticou os braços atrás da cabeça e bocejou alto. Hanna se virou para ele.

– *Você* não parece muito nervoso.

Noel deu de ombros.

– Isso não é tão importante para os rapazes. – Então, ele ficou sério. – Ei, você sabe o que está acontecendo com Aria?

Hanna piscou.

– O que você quer dizer?

– Ela está... ela está muito, muito estranha. – Ele ajeitou o blazer do uniforme de Rosewood Day.

– Eu achei que ela ficaria entusiasmada em ser a presidente da comissão de decoração do baile, mas é quase como se estivesse irritada comigo por eu ter conseguido o trabalho para ela.

Hanna se ajeitou no seu assento.

– *Você* conseguiu aquele trabalho para ela? – Aria não havia contado aquilo para as amigas.

Noel assentiu.

– Ela explicou por que está tão brava?

Hanna baixou os olhos, evitando o olhar de Noel.

– Talvez ela apenas se sinta sobrecarregada.

– Foi o que ela disse, mas acho que há outra razão. – Noel desviou os olhos para a plateia. – Ela está agindo exatamente como quando voltamos da Islândia.

Todos os músculos do corpo de Hanna se enrijeceram com as palavras de Noel. Aonde ele queria chegar? Spencer e Emily tinham exposto sua teoria de que o cúmplice de Ali era um rapaz, e ela concordava. Bem, *Noel* era um rapaz. Um rapaz que já sabia de muita coisa sobre o caso por estar ligado a Aria. Do que ele seria capaz?

A cada dia, ela se lembrava de mais coisas estranhas sobre Noel. No sexto ano, depois de Scott Chin ter chegado à conclusão de que Noel e Ali estavam ficando, Hanna sentira uma estranha obsessão em espioná-los. Durante a segunda semana de aulas, no período em que deveria estar na aula de música, ela viu pela janela duas cabeças correndo para o parquinho. Uma delas era Ali, e a outra, Noel.

Ela pediu para ir ao banheiro e saiu de fininho. O que eles fariam quando se beijassem? Fechariam os olhos ou os manteriam abertos? Onde estariam suas mãos? Quando – *se* – Hanna beijassem alguém, queria saber como agir.

Mas, quando subiu a colina que levava para o parquinho, viu-os sentados lado a lado nos balanços. Ali estava de cabeça baixa, e Noel tinha as mãos nas costas dela. Após um momento, Hanna percebeu que Ali estava chorando. Foi ainda mais chocante do que vê-los se beijando – Hanna supôs que Ali nunca havia chorado um único dia na vida.

– Eu não acredito que está acontecendo. – Hanna ouviu Ali dizer.

– Vai ficar tudo bem – respondeu Noel. – Eu prometo.

Hanna não fazia ideia do que eles falavam naquele instante. Mas e se fosse a respeito da irmã gêmea dela? Courtney, a Ali *Delas*, ainda estava internada em Radley naquela época, mas a troca aconteceu poucos dias depois. Talvez Ali tivesse descoberto que Courtney estava prestes a voltar para casa. Talvez estivesse preocupada. E talvez tivesse contando para Noel como se sentia.

E talvez, apenas talvez, Noel tivesse prometido ajudá-la, fosse como fosse.

Os alunos presentes no auditório começaram a aplaudir quando o diretor Appleton pisou no

palco. Hanna piscou com força e empurrou aquela lembrança para longe. As meninas que faziam parte do comitê de decoração do baile entraram com o diretor. Aria fechava o cortejo, parecendo inquieta, desconfortável e deslocada por estar junto daquele bando de clones de cabelos lisos, lábios cobertos de gloss, carregando bolsas Tory Burch. Hanna tentou olhá-la nos olhos, mas Aria não olhava em sua direção.

Appleton pegou o microfone.

– É hora de anunciar o rei e a rainha do baile.

O coração de Hanna disparou. Mais uma vez ela olhou ao redor procurando por Mike, mas ainda não conseguia localizar seus cabelos escuros no meio da multidão.

Appleton puxou um envelope branco de dentro do bolso interno de seu blazer e o rasgou no canto. Ele tomou muito cuidado ao desdobrar o papel com o resultado e, então, teve de passar alguns segundos ajustando os óculos. *Vamos logo com isso!*, Hanna queria gritar.

– Primeiro, o rei do baile. – Appleton ajustou o microfone, e um barulho de estática soou pelos alto-falantes. – O vencedor é... Noel Kahn!

O auditório todo aplaudiu. Noel se levantou e caminhou a passos largos em direção ao pódio, dando a todos o seu sorriso fácil de “sou popular e sei disso”. Hanna olhou para Aria. Ela estava aplaudindo, mas havia algo de errado com sua expressão. Hanna pensou novamente sobre Aria não ter contado às amigas sobre os arranjos de Noel para que conseguisse ser a presidente do comitê de decoração para o baile. Será que isso era tudo que ela estava escondendo?

Depois que a coroa foi colocada na cabeça de Noel e que os aplausos cessaram, Appleton se dirigiu aos estudantes mais uma vez.

– E agora o nome que todos vocês estão esperando: a rainha do baile. – Ele piscou sob as luzes brilhantes. – E a vencedora é...

As luzes quentes torravam a cabeça de Hanna. Uma gota de suor escorria pelas costas dela. Ela encarou a multidão. Todos os olhos estavam no palco. Um zilhão de pensamentos cruzaram a cabeça dela ao mesmo tempo, e nenhum deles tinha nada a ver com A. Ela parecia corada e aflita? Ou equilibrada e complacente? E se ela ganhasse? E se ela *não ganhasse*?

– Hanna Marin!

Hanna cobriu a boca para abafar um gritinho. O auditório explodiu em aplausos. Enquanto se levantava para apertar as mãos de Appleton, sentia as pernas prestes a fraquejar.

De repente, alguém agarrou seu braço.

– Parabéns! – disse uma voz. – Você é a rainha perfeita.

Chassey tinha lágrimas nos olhos, mas havia um largo sorriso em seu rosto, como se estivesse mesmo feliz por Hanna.

– Ah... obrigada – balbuciou Hanna, pega de surpresa. A maioria das concorrentes falava muito mal da vencedora. Era praticamente obrigatório.

Ela se virou e seguiu para o pódio. De repente, centenas de balões azuis e brancos caíram do teto e quicaram em sua cabeça. Hanna os afastou do rosto, rindo. A plateia vibrava. As garotas do comitê de decoração sorriam. Aria deu alguns passos à frente e abraçou a amiga.

Ao se virar para receber a coroa, o cetro e até mesmo a capa azul-real com pele falsa nos ombros, todos os seus problemas desapareceram. Por um maravilhoso segundo, ela era a rainha do baile e nada além disso – não era uma garota cheia de segredos, não era uma vítima nem uma assassina prestes a ser descoberta. A não poderia tocá-la. Sua vida era simples, encantada e perfeita.

Com o fim dos anúncios, Hanna desceu do palco e seguiu pelas fileiras do auditório, aceitando as congratulações de centenas de pessoas. Quando alguém agarrou sua mão nos fundos do teatro, ela achou que fosse outro sorriso, mais um elogio. Uma mulher usando um terninho azul-escuro franziu as sobrancelhas para ela, seus olhos duros e afiados. Um grito ficou preso na garganta de Hanna. Agente Fuji.

– Parabéns, Hanna – disse a agente Fuji de forma gentil. – Não quero estragar sua comemoração, mas tenho mais algumas perguntas, e você é uma garota difícil de ser encontrada. Você se importaria se eu passasse em sua casa amanhã à tarde, lá pelas quatro e meia?

O lábio inferior de Hanna estremeceu. Por que Fuji queria falar com ela novamente?

– Eu provavelmente terei alguns compromissos para cumprir amanhã à tarde como rainha do baile, depois das aulas e...

– Eu tenho certeza de que seus compromissos podem esperar. Só vai levar alguns minutos, prometo. – Fuji deu um sorriso estranho. – Além disso, você quer que essa história toda se resolva antes do baile de formatura, não quer? – Ela ajeitou a alça da maleta em seu ombro e acenou para Hanna. – Vejo você amanhã!

E, então, ela se afastou. Hanna a observou saindo do auditório, seu coração batendo forte. De repente, algo lhe ocorreu: a agente Fuji disse que encontraria com Hanna na casa dela... mas ela não tinha dito *qual* casa. Tudo que Hanna precisava fazer era se esconder no shopping por algumas horas. Quando Fuji ligasse da casa de um de seus pais, Hanna apenas diria que estava em sua outra casa.

Era um plano genial. Hanna se animou novamente e saiu pelo corredor, quase saltitando. Até que se deu conta: rainhas do baile recém-coroadas não saltitavam, *deslizavam*. E foi exatamente o que fez.

Mais tarde, Hanna ainda deslizava. Agora, porém, pelo corredor da clínica de queimados, com uma garrafa de desinfetante nas mãos.

– Eu serei a rainha do baile – cantarolava, parando no meio do saguão para dar uma pirueta. Ela pensou nas coisas bacanas que aconteceram na vida das rainhas anteriores. No ano anterior, Angelica Anderson tivera sua foto publicada na seção de estilo do *Philadelphia Sentinel*. O jornal a entrevistara, perguntando sobre seu vestido do baile, como se ela fosse uma estrela na noite do Oscar. Será que Hanna também teria essa oportunidade?

Ela espiou no nicho onde Graham ficava, mas hoje ele dormia tão profundamente que quase parecia morto. Mas nem isso abalou seu bom humor.

– *Alguém* com certeza está feliz por trocar comadres.

Hanna ergueu os olhos. Kyla estava em sua maca, no mesmo lugar do outro dia. Havia ataduras novas no seu rosto, e ela havia tirado as meias, revelando unhas pintadas de coral. No último verão antes de Mona virar A, ela estava obcecada exatamente pelo mesmo tom.

– Oi! – disse Hanna, animada, surpresa e contente por sentir-se tão feliz em vê-la. – Acabo de receber notícias incríveis na escola. – Ela se sentou na cadeira de metal ao lado da cama de Kyla. – Eu fui eleita a rainha do baile!

– Você está falando *sério*? – perguntou Kyla. Ela tateou, procurando pela mão de Hanna. Dessa vez, Hanna a deixou segurar. – Isso é tão maravilhoso!

– Eu sei! – disse Hanna.

– E eu aposto que você vai com um garoto lindo, não vai? – perguntou Kyla, apoiando-se mais um pouco na cama. – Você é tão sortuda.

Hanna corou.

– Vou com meu namorado. E, sim, ele é muito lindo.

Kyla gritou.

– Conta aí! Como ele é? Há quanto tempo vocês namoram? Quero saber de tudo.

Hanna sentiu outra pontada de satisfação pelo interesse de Kyla.

– Na verdade, estou brava com ele – admitiu. – Ele perdeu o anúncio e não me viu receber a coroa. Ele vai ter de massagear minhas costas por horas para se desculpar.

Kyla estalou a língua.

– Você merece mais do que isso.

– Eu sei. – Hanna virou os olhos. – Mas geralmente ele é sensacional e...

Alguém deu um tapinha em seu braço, e ela parou.

– Srta. Marin? – Era Kelly. – Há uma ligação para você na recepção.

Hanna franziu a testa. As únicas pessoas que sabiam que ela estava ali eram seus pais.

– Voltarei em um segundo.

– Estarei aqui – disse Kyla.

O fone estava sobre o balcão da recepção quando Hanna chegou.

– Alô? – atendeu, preocupada, imaginando por que seus pais estariam ligando para ela.

– Então quer dizer que você está *mesmo* aí. – A voz de Mike trovejou do outro lado da linha.

O sangue de Hanna gelou.

– Ah... oi! – disse ela após um momento. – Oi, Mike! O que está acontecendo?

– O que está acontecendo é que você tem mentido para mim. Você não tem ajudado sua mãe com coisa nenhuma nem tem ido ao cabeleireiro. Você está na clínica de queimados. – A voz dele era dura e seu tom era de pura acusação.

Hanna enrolou o fio no dedo. O cheiro forte do desinfetante de cloro usado para limpar o piso fazia o nariz dela arder. Como Mike tinha descoberto que ela estava na clínica de queimados? Será que A havia contado? Não que aquilo fizesse sentido – A também não sabia sobre seu voluntariado. Não é? Pelo menos, ela não havia recebido nenhum bilhete.

– É para ficar com Sean, não é? – disse Mike quando ela não respondeu. – Eu não entendo. O que você vê nele? Ele nem era *bom* para você.

Hanna se jogou na cadeira de couro ao lado do balcão.

– Calma aí, você acha que estou ficando com Sean? – sussurrou. – Por que você pensaria *isso*?

Mike zombou.

– Será que é porque vocês têm se falado muito? *Se abraçado por aí?*

Hanna fechou os olhos com força por um instante, lembrando o momento terno que dividira com Sean sobre Ali.

– Certo, nos abraçamos *uma vez* – admitiu. – Mas foi totalmente platônico. Quem lhe contou que isso aconteceu?

– Não importa – disse Mike, bravo. – A única coisa que importa é que você está mentindo.

– Eu tenho uma ótima explicação do motivo de eu estar aqui – choramingou Hanna.

– Ótimo. Eu gostaria de ouvir – exigiu Mike.

Hanna olhou em volta do saguão circular. Naquele exato momento, a enfermeira que havia trocado a bolsa intravenosa de Graham no outro dia atravessou o saguão com os lábios comprimidos.

– Não posso dizer.

– Por que não? Você está fazendo um tratamento supersecreto de queimadura?

– Não...

– Vai fazer uma cirurgia plástica? – Mike parecia incrédulo.

– *Não*, Mike. É que...

– É para ficar perto de Sean – concluiu Mike. – É o único motivo que faz sentido.

A cabeça de Hanna estava começando a latejar.

– Não é por Sean! É só que...

– Quer saber, Hanna? – Mike soava cansado. – Eu não quero mesmo ter essa conversa. Até que você fale direito comigo, eu não vou levá-la ao baile.

– Minha nossa, Mike! – gritou Hanna ao telefone, tão alto que uma enfermeira na recepção lhe deu um olhar zangado que queria dizer “ligações pessoais não são permitidas aqui.” – Espere! Não faça isso!

Ele desligou. Hanna se virou, a um milímetro de chutar o balcão, e então percebeu um pedaço de papel grudado em seu sapato. Franzindo a testa, ela se abaixou e o pegou. Um sorriso familiar sorria para ela. *Ali*. Hanna quase podia ouvir sua risada ecoando pelo ar.

Hanna encarou a recepcionista.

– Quem estava aqui antes de mim?

A mulher piscou para ela.

– Ninguém – respondeu a mulher depois de uma pausa.

O coração de Hanna quase parou observando o papel. Era uma foto da Verdadeira Ali publicada no *Philadelphia Sentinel* quando ela voltara a Rosewood no ano passado.

Alguém tinha desenhado uma coroa em sua cabeça com canetinha rosa. E abaixo do rosto dela estava escrito:

Você não merece a coroa, sua vaca, e sabe disso. Dê uma boa olhada na verdadeira rainha.

– A

Na manhã seguinte, Emily dirigia pela agora familiar vizinhança de Crestview Estates. O lago reluzente a cumprimentava à esquerda. Um enorme gazebo e um jardim florido estavam à direita. As mansões pareciam ainda maiores naquele dia, os lustres de seus vestibulos cintilando através das janelas.

– O que estamos fazendo *aqui*? – Iris pressionava o nariz contra a janela, como se fosse uma garotinha.

– Eu já expliquei. Uma de minhas amigas mora aqui – murmurou Emily. – E eu preciso pegar uma coisa dela para a escola.

– Uma das suas amigas mora *aqui*? – Iris parecia impressionada. – O pai dela é o Bill Gates ou algo assim?

Emily dirigiu em torno da ilha central, sentindo-se mal por não poder contar a verdade para Iris. Claro, ela estava mentindo para ela sobre *muitas* coisas, mas o clima entre elas estava ficando mais ameno desde que nadaram nuas no lago na segunda-feira. Elas até tinham uma piadinha interna sobre os chinelos felpudos velhos e fedidos do pai de Emily. Mas não era como se Emily pudesse levá-la para as reuniões secretas no quarto do pânico, nas quais ela e as amigas discutiam sobre o caso de Ali e de seu cúmplice.

Emily foi em direção à frente da casa e estacionou perto da garagem para quatro carros.

– Você vai ficar bem se me esperar aqui por um segundo? – perguntou a Iris. – Eu não vou demorar. Prometo.

Iris escorregou no assento e olhou para uma edição da revista *Us Weekly*, roubada em uma loja de conveniência.

– Por que você não pode pegar seja lá o que for com a sua amiga na escola?

– Porque, bem, ela está doente – respondeu Emily feito uma pateta.

Iris a encarou de um modo estranho, mas Emily deixou o carro o mais rápido que pôde, antes que Iris fizesse mais alguma pergunta.

Spencer a recebeu novamente na entrada e a levou até o porão. Aria já estava no quarto do pânico, andando para lá e para cá. E Hanna, que parecia mais maquiada e penteada do que nunca, estava sentada no sofá de brim, olhando tristonha para Aria.

– Então Mike não foi à escola com você? Como posso falar com ele se não posso usar a droga do

meu celular?

– Ele estava na casa de Byron ontem à noite, e eu estava na casa de Ella. – Aria parecia desconsolada. – Por que vocês brigaram, afinal?

– Meninas, não temos muito tempo – interrompeu Spencer, e todas olharam para ela. – Recebi outra mensagem da agente Fuji – continuou, parecendo preocupada, os olhos observando rapidamente os monitores de segurança. – A agente disse que há alguma coisa que não contamos. Ela queria falar comigo hoje.

– Ela quer falar comigo também! – sussurrou Hanna. – Você vai encontrá-la?

– O que *you* acha? – Spencer parecia horrorizada. – Eu deletei a mensagem. Vou fingir que não recebi.

Emily sentou ao lado de Hanna.

– Você acha que A disse alguma coisa?

Spencer afundou na cadeira giratória de metal ao lado dos monitores.

– Eu não sei. Alguém teve notícias de A?

Hesitante, Hanna ergueu a mão.

– Recebi um bilhete. Era sobre o baile, e A o deixou na recepção da clínica.

Spencer arregalou os olhos.

– Então A sabe que você está fazendo trabalho voluntário lá?

– Pelo jeito, sim. – O rosto de Hanna estava pálido. – Mas isso não quer dizer que A sabe o *motivo*, certo?

– As únicas mensagens que recebi eram sobre a investigação do caso do quadro – disse Aria. – O que é assustador. O caso foi reaberto. Talvez seja *esse* o assunto sobre o qual Fuji quer falar conosco.

Emily se ajeitou, parecendo preocupada.

– Talvez A tenha feito isso porque ele ou ela não sabe nossos novos números de celular. Talvez tenha falado com Fuji para nos punir.

– Eu também estava preocupada com isso – disse Spencer. – O que você acha que A disse a Fuji?

– E quem pode saber? – resmungou Emily.

Por um momento, as meninas ficaram em silêncio. Pelos monitores, Emily podia ver seu Volvo estacionado junto ao meio-fio. Iris virou uma página da revista, parecendo prestes a cair no sono.

Então, Spencer tirou a lista de suspeitos da bolsa e a fixou na parede. Poucos nomes haviam sido riscados – e eram todos de meninas. Havia uma linha fraca sobre o nome de Darren Wilden e um ponto de interrogação ao lado do nome de Jason. Apenas os nomes de Graham e Noel não tinham sido descartados. Emily observou a forma como Aria olhava para a lista. Não foi surpresa para ela –

na noite anterior, Emily tinha passado na casa dela para contar que haviam reduzido a lista de suspeitos e que agora só havia homens nela. Aria abriu a boca como se fosse falar alguma coisa, mas em seguida a fechou e ficou quieta.

– O que foi? – perguntou Emily.

Aria sacudiu a cabeça.

– Nada.

Emily tossiu.

– E aí, alguém tem alguma ideia sobre quem Ali pode ter encontrado no parque Keppler? – Na noite anterior, ela também havia compartilhado sua descoberta com Hanna e Aria.

Hanna balançou a cabeça. Aria tossiu, envergonhada, e se virou.

– Não – disse com uma voz estranha.

Emily observou o rosto de Aria, mas ela estava impassível. Spencer estava observando também.

– Você tem *certeza*? – pressionou. – Será que Noel não foi até lá?

Aria brincava com os anéis de metal do sofá.

– Eu disse que tinha certeza, não disse? Noel não é A.

– Eu sei que você não quer acreditar, Aria – disse Spencer com gentileza. – Mas, quanto mais descobrimos, mais faz sentido que seja Noel.

Os olhos de Aria pareceram se incendiar.

– Tudo que descobrimos é que A pode ser um homem e que Ali tinha um namorado! Pode ser qualquer um!

– Há mais coisas, Aria. – Spencer gesticulou com a caneta nas mãos. – Descobrimos que alguém roubou um monte de medicamentos controlados da clínica de queimados na última primavera. Pode ter sido a pessoa que estava cuidando de Ali.

Aria enrugou o nariz.

– E daí? Noel não está ligado à clínica de queimados. Até onde sei, ele nunca nem *esteve* lá.

– Mas ele é amigo de Sean – disse Spencer. – Eles andam juntos. Talvez Noel tenha conseguido a senha com Sean para entrar no prédio.

Aria começou a rir.

– Estamos falando sobre o mesmo Sean? Ele nunca faria isso.

– É verdade. – Hanna enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. – Mas, Aria, Noel agiu de maneira estranha no anúncio de ontem. Ele perguntou o que estava acontecendo com você. E, então, falou da Islândia, do nada. Por que ele faria isso?

Aria apertou os lábios.

– Isso é meio estranho – admitiu. Mas então balançou a cabeça vigorosamente. – Mas ainda não

significa nada. Eu perguntei a Noel se ele chegou a perceber que a “Courtney” que voltou não era quem dizia ser, e ele ficou realmente incomodado e na defensiva. Depois disso, não havia clima para perguntar se ele tinha dado um pulinho até a Islândia durante as férias de inverno para matar Olaf. Nós mal temos nos falado desde então. Vocês não percebem? *A quer* que suspeitemos de Noel. *A quer* arruinar o que eu e Noel temos. Nosso namoro vai *terminar*, Noel *não* será o culpado, e *A* vencerá novamente.

– Se isso acontecer, você pode colocar a culpa em cada uma de nós – disse Spencer. – E nós faremos de tudo para fazer Noel voltar para você, certo? Mas por enquanto será que você poderia, por favor, investigar mais a fundo?

– Nenhuma de nós quer que seja Noel – completou Emily. – Nós não estamos contra você.

Aria levantou do sofá. Seus olhos estavam duros e frios.

– Tudo bem – concordou, ríspida. – Vou ver o que posso fazer. Mas eu não vou encontrar nada, podem acreditar.

Ela se virou, girou a maçaneta do quarto do pânico e saiu. Emily ouviu seus passos ecoando na escada do porão e sentiu uma pontada de arrependimento. A última coisa que desejava era estragar a amizade delas. E se Aria estivesse certa – e se suspeitar de Noel e destruir tudo fosse parte do plano de *A*?

Então Spencer tocou seu braço.

– Tente conseguir alguma coisa de Iris logo, certo?

Emily assentiu.

– Vou conseguir.

Emily deixou a casa pela porta da garagem e foi para o carro. Felizmente, Iris ainda estava lendo no assento do passageiro. Emily girou a chave na ignição e ligou o motor.

– Como está sua amiga doente? – perguntou Iris sem tirar os olhos da revista.

– Como é? – Emily a encarou. Então, lembrou-se de sua mentira. – *Ah*. Bem, parece que ela está se sentindo bem melhor!

Iris fechou a revista com força e olhou desconfiada para Emily.

– Por Deus, Emily. Se você vai mentir, por favor, faça isso direito.

– Eu não estou mentindo – disse Emily, desconcertada.

Iris esperou. Como Emily não disse mais nada, a outra jogou sobre seu colo o celular, que tinha ficado no console.

– Esse negócio tocou quando você estava fora – disse Iris, séria.

O sangue de Emily congelou. Ela espiou a tela. Havia uma nova mensagem no seu Twitter. Seu queixo caiu enquanto lia. APESAR DE NÃO PODER ESTAR LÁ COM VOCÊ PESSOALMENTE, ESTAREI EM

ESPÍRITO, uma conta desconhecida do Twitter havia escrito para ela. VOU MANDAR UMA MENSAGEM SECRETA, MEU AMOR. ESTEJA PRONTA ÀS DEZ.

– Isso veio da garota que você gosta? – perguntou Iris, ainda olhando para a frente.

Emily sabia que deveria ficar irritada com Iris por ela xeretar suas coisas, mas estava tão feliz que resolveu deixar passar.

– Eu acho que sim! – gritou. – Agora mal posso esperar pelo baile!

Iris virou a cabeça e encarou Emily com as sobrancelhas franzidas.

– E quem disse que você vai ao baile? Se você quer respostas de mim, vamos seguir *minha* programação. *Minha lista*. Nada de baile para você, Cinderela.

Emily piscou.

– Mas... eu achei que talvez... quero dizer, isso é *importante*. Eu achei que você entenderia. Como, você sabe, uma amiga.

Assim que disse aquela frase, Emily se deu conta de que falava sério. As duas haviam *virado* amigas de uma maneira estranha.

Iris cruzou os braços sobre o peito, um olhar magoado cruzando seu rosto.

– Amigos não mentem, Emily.

Emily a encarou. Iris parecia realmente chateada – e por uma mentira tão pequena. Mas talvez não fosse pequena para ela. De repente, Emily se perguntou quantos amigos alguém como Iris poderia ter feito na clínica psiquiátrica. Provavelmente, não muitos.

Ela pensou no que dizer, desejando que pudesse contar a verdade para Iris, mas a realidade era implacável. Ela afastou aquele pensamento e olhou pelo para-brisa.

– Certo – disse baixinho. – Vamos à sua lista, então.

Naquele dia, depois das aulas, Aria subiu as escadas de casa com uma bandeja laqueada que o pai trouxera de uma viagem à China nas mãos. Nela, estavam dois pratos de rolinhos primavera de tofu que havia feito especialmente para ela e Noel. Tinha decorado cada prato com manjerição, cebolinha picada, molho de soja e duas rosas vermelhas que havia surrupiado do vaso da cozinha de sua mãe. O buquê tinha sido presente do namorado de Ella, um artista chamado Francis, que estava passando um mês em Berlim. Mas ele mandava rosas para ela o tempo todo, então Aria imaginou que Ella não sentiria a falta de duas.

Chutando a porta para abri-la, encontrou Noel jogado em sua cama, lendo uma revista *ESPN*.

– O jantar está servido! – disse ela com um falso sotaque francês. – Acho que fiz os rolinhos direitinho. – Eles haviam aprendido a receita em um curso de culinária que fizeram juntos.

Noel sorriu para a comida fumegante.

– O cheiro é muito melhor do que o daqueles que fizemos na aula. Você tem praticado?

Aria apoiou uma almofada de franjas na cabeceira da cama.

– Um pouco, talvez... para fazer para você. – Ela pegou na mão dele. – Não temos nos visto muito ultimamente. E da última vez que estivemos juntos foi... estranho.

Aquelas não foram palavras fáceis de dizer. *Estranho* nem começava a descrever o interrogatório que fizera sobre Ali. E, já que Aria não podia enviar mensagens ou fazer ligações, ela e Noel mal haviam se falado nos últimos dias. Aria não tinha percebido o quanto precisavam da tecnologia para se comunicar.

Mas talvez aquilo fosse bom: ela precisava de espaço para colocar os pensamentos em ordem. Apesar de não ter a menor intenção de contar para as amigas, havia, sim, algumas coisas sobre Noel que ela não conseguia tirar da cabeça. Por que, por exemplo, na casa dele havia uma porção de fotografias da família em um piquenique no parque Keppler? O sr. Kahn havia comentado que a pescaria lá era a melhor do estado. Noel foi fazer trilhas e pescar no parque com os irmãos algumas vezes durante o inverno, a primavera e o verão passados. Algumas das viagens foram antes da Verdadeira Ali reaparecer, e outras, depois. Ele nunca convidou Aria para acompanhá-lo, e aquilo nunca a preocupou. Ela *deveria* ter se preocupado?

Noel quebrou a casca crocante de um dos bolinhos com os dentes e gemeu, encantado.

– Você consegue fazer até tofu ter um gosto sensacional.

– Esta é uma das razões para me ter por perto – brincou Aria, tentando parecer despreocupada.

– Eu posso pensar em outras razões também. – Noel apoiou o prato sobre a mesa de cabeceira e agarrou Aria pela cintura, puxando-a para cima dele. – A única coisa mais gostosa do que o jantar é você.

Aria se aconchegou no pescoço dele. Noel correu as mãos pelo cabelo dela e a beijou. Ela fechou os olhos e tentou relaxar. Um farsante não a tocaria assim. Mesmo o melhor ator do mundo não seria capaz de beijá-la com tanta afeição.

Bipe.

Aria sentou-se na cama. Ela olhou para o celular novo. Não estava piscando... mas o de Noel, que estava na escrivaninha de Aria próximo à carteira dele, estava. Ele se sentou e observou a tela.

– HUUUUUM... Esse número é de um celular internacional? – perguntou Noel, mostrando a ela.

Aria tentou processar a longa sequência numérica na tela, mas, antes que conseguisse entender de onde era, Noel abriu a mensagem. Normalmente, Aria teria olhado para o lado, mas viu seu nome na mensagem. Enquanto lia as palavras, foi varrida por uma onda de apreensão.

Olhe no armário de Aria. Ela tem uma coisa para mostrar a você.

Noel bufou.

– Que spam internacional maluco. Eles estão ficando tão bons que agora usam nossos nomes. – Ele apertou deletar. – *Olhe no armário de Aria* – debochou ele, para depois dar uma risada como a do Conde Drácula. – O que você guarda lá?

– Nada – resmungou Aria. Ela tentou respirar fundo, mas engasgou de nervosismo.

Noel se afastou e a encarou.

– Você tem certeza? – brincou ele.

Ele ainda estava rindo, o que fez Aria sentir-se ainda pior.

– Claro que tenho! – afirmou, mas disse isso alto demais e com uma voz estridente.

Depois de um instante, Noel jogou as pernas pra fora da cama e começou a andar em direção ao armário. Ele tinha o mesmo olhar de quando estava prestes a lhe fazer cócegas.

– Quem mora ali, o bicho-papão?

– Não abra. Está superbagunçado.

Noel deu de ombros.

– Aposto que o meu é mais bagunçado.

Aria olhou para o celular de Noel, com a tela para cima. Que diabos deveria fazer? Ela não poderia contar sobre o quadro. Era ruim o bastante que o caso tivesse sido reaberto pela polícia com a descoberta de uma prova e por uma denúncia anônima – que Aria tinha certeza de que tinha partido

de A. Ela não poderia envolver Noel na história. A última coisa que desejava era que ele também saísse de sua vida.

– Venha aqui – disse Aria, puxando Noel de volta para a cama.

Ela beijou o pescoço dele com delicadeza, esperando que isso o distraísse. Mas seus músculos estavam rígidos; ele analisou o rosto dela com todo cuidado.

– O que há de errado com você?

– O que você quer dizer? – Aria encheu o rosto dele de beijinhos. – Está tudo bem.

Noel se sentou.

– Você realmente não está bem. Não consigo entendê-la nos últimos tempos. Tipo, *realmente*, não consigo. E isso está começando a me deixar assustado. Eu estou começando a achar que você está... sei lá. Escondendo alguma coisa de mim.

Foi a vez de Aria ficar tensa.

– Não pense isso de mim – grunhiu ela.

Noel se afastou.

– O que quer que seja, ainda vou amar você. Mas não minta para mim. Tem alguma coisa errada. Eu sei que tem.

O queixo de Aria começou a tremer. Parecia que Noel podia *ver* o segredo feio e disforme que ela trazia no peito. Se continuasse a insistir que não havia nada, ele continuaria a pressioná-la... ou talvez fosse mesmo xeretar no armário. Além disso, a verdade anularia uma pequena parte do poder que A tinha sobre elas. Aria tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde – provavelmente mais cedo – A contaria a Noel sobre Olaf, se Aria não o fizesse.

Ela respirou fundo, olhando para um dos prismas que havia pendurado na janela para deixá-la mais calma.

– Tudo bem, admito. Tenho guardado um segredo de você. Algo de que não me orgulho.

Noel comprimiu os lábios.

– Certo – disse ele, parecendo corajoso.

Aria limpou a garganta, seu coração batendo enlouquecido.

– A razão pela qual perguntei se você havia beijado Ali no outro dia foi porque... eu estava me sentindo culpada por uma coisa que fiz. E, bem, se você confessasse que tinha gostado um pouquinho de beijá-la, eu... bem, talvez eu me sentisse um pouco melhor. – Enquanto tentava escolher as palavras, ficou surpresa por perceber que estava mesmo dizendo a verdade.

Noel franziu as sobrancelhas.

– O que você disse?

Aria ergueu a mão para interrompê-lo.

– Deixe que eu termine. Então, hum, você se lembra de Olaf, que conhecemos na Islândia?

– O sujeito de barba? – Um sorriso de canto de boca surgiu no rosto de Noel. – Sim.

Aria começou a tremer.

– Alguma coisa meio que... *aconteceu* entre nós enquanto eu estava lá. Eu queria ter contado há algum tempo, mas estava com medo. Mas você precisa saber.

Um soprador de folhas foi ligado no quintal de alguém. A casa estalou. Noel virou-se e a encarou, com uma expressão dura no rosto.

– Eu *sabia*.

– Você sabia? – Aria mordeu o lábio com força. Ela era assim tão transparente? Noel os vira juntos?

Quando Aria e Olaf saíram de fininho do bar, a porta havia rangido algumas vezes, como se estivesse a ponto de abrir, mas não abriu. Talvez Noel tivesse espiado a rua e visto os dois juntos. Mas por que ele não tinha ido até lá, dado um soco no rosto de Olaf, e terminado com Aria ali mesmo? Noel poderia facilmente vencer Olaf em uma briga. Bem, talvez ele não tivesse visto coisa alguma naquela noite. Talvez *A tivesse* contado a ele. Mas, se esse era o caso, por que ele não teria dito alguma coisa assim que descobriu?

Noel andou pelo quarto. Parou junto à escrivaninha de Aria, colocou as mãos no encosto da cadeira giratória e a encarou.

– Você me acusou no outro dia de traí-la com Ali, e aqui está você confessando que me traiu de *verdade*. Meu Deus, Aria.

Lágrimas rolaram pelo rosto de Aria.

– Desculpa. Eu não deveria ter feito isso. Eu me sinto péssima desde então. Eu amo *você*, Noel, e estava muito bêbada. Aquilo não significou nada.

Noel riu dela.

– Você está chateada porque realmente se sente mal, ou porque foi pega? Eu sempre suspeitei que havia acontecido alguma coisa, mas eu esperava... – Ele se interrompeu e mordeu o lábio. Em seguida, virou de costas para ela e chutou com força o cesto de lixo que ficava embaixo da escrivaninha, que fez um barulho de metal contra a parede. Aria prendeu a respiração, assustada.

Então Noel se virou novamente e apanhou o celular.

– Esse é um número islandês, não é? É de Olaf? Você ainda mantém contato com ele? Você deu *meu* número para ele?

– Não! – gritou Aria. – Eu não mantenho contato com Olaf. Olaf está... – Ela não podia dizer *desaparecido* ou *morto*. Noel perguntaria como ela sabia disso, e Aria teria de mostrar o recorte de jornal que havia encontrado sobre sua cama... ou fingir que havia pesquisado sobre Olaf na internet,

o que daria a impressão de que gostava dele.

E ela também não poderia dizer quem *realmente* tinha enviado a mensagem de texto a Noel – não poderia colocá-lo em perigo.

– Eu não sei quem enviou a mensagem – admitiu. – Talvez Olaf, mas eu nunca dei seu número para ele. Acho que foi a maneira de alguém me fazer contar a verdade para você.

– *Olhe no armário de Aria. Ela tem uma coisa para mostrar a você.* – Noel repetiu em um tom maldoso. – Um segredo.

Os olhos de Aria estavam cheios de lágrimas.

– Eu sinto muito. – Ela odiava o jeito que ele estava olhando-a.

– Isso é *tudo* que você tem para me contar, ou há mais alguma coisa? – perguntou Noel.

O estômago de Aria revirou.

– Isso... isso é tudo. Eu juro.

Noel ergueu uma das sobrancelhas como se não acreditasse nela. Em seguida se virou e saiu do quarto pisando duro.

– Noel! – gritou Aria, correndo atrás dele.

– Tenho que ir embora – disse Noel de forma ríspida enquanto descia as escadas feito um louco. Apanhou suas chaves que estavam sobre a mesa próxima à porta, abriu-a com um gesto brusco e correu varanda afora.

– Espere, Noel! – gritou Aria. Na hora em que alcançou a porta, Noel já estava dentro do carro. Acendendo os faróis, ele deu ré sem pensar duas vezes, sem se importar em olhar se havia alguém na rua. As lanternas traseiras do carro desapareceram rapidamente.

Aria ficou ali, esfregando os braços nus naquela noite fria. Parecia haver um enorme peso em seu peito, impedindo-a de respirar direito. As palavras de Noel voltaram à sua mente. *Isso é tudo que você tem para me contar?* O que *isso* significava?

Outra lembrança de repente invadiu seus pensamentos, uma lembrança desbotada, quase esquecida. Um táxi de Reykjavík levou-os até o aeroporto na manhã do voo de volta. Enquanto percorriam a cidade, passaram pelo castelo da colina. Carros de polícia cercavam o local. Policiais estavam na entrada, e as sirenes barulhentas giravam.

Aria afundou em seu assento, mas Noel não tirava os olhos da casa, fascinado.

– Olha só... – resmungara ele com voz de ressaca. – O que será que aconteceu *ali*? – E então olhou diretamente para Aria.

Mas ele *não poderia* saber. Não é?

Aria engoliu o enorme nó em sua garganta e voltou para dentro. Os degraus rangeram enquanto ela subia até o quarto. Empurrou a porta quase explodindo em lágrimas sobre os dois pratos de comida

ainda cheios sobre a mesinha de cabeceira. Foi até o armário, escancarou a porta, empurrou os moletons para o lado e olhou para a tela enrolada. Ah, se ela pudesse botar fogo naquilo...

Uma carteira quadrada sobre a escrivaninha chamou sua atenção. Não era dela, mas Aria a conhecia bem. Apanhou-a, correndo a ponta do dedo nas letras *nak* em relevo. *Noel Alexander Kahn*. Noel sempre tirava a carteira do bolso de trás quando eles estavam se beijando – era muito mais confortável desse jeito. Mas ele nunca a esquecera lá. E Aria nunca havia mexido nela.

Não faça isso, disse a si mesma. Mas suas mãos avançaram sobre a carteira mesmo assim.

A carteira fez um barulho de couro quando foi aberta. Dentro das divisões havia dois cartões de crédito, a carteira de motorista de Noel, algumas notas de vinte dólares e algumas notas de um dólar. Sua carteirinha de estudante estava metida em uma divisão externa, assim como um passe livre para a Go-Kart, a pista de kart de Rosewood, e uma nota fiscal de um café na livraria Wordsmith.

Aria olhou para o teto, sentindo-se subitamente suja e desonesta. Noel não escondia nada. Aquela confusão toda era apenas A sendo A e arruinando tudo.

Mas então, ela percebeu um canhoto de ingresso desbotado atrás das notas. CINEMA WOODS, ainda era possível ler em tinta roxa. Aria nunca o tinha visto. Era uma entrada para o filme *Homem-Aranha*. O último filme do *Homem-Aranha* havia estreado no verão em que Aria ainda vivia na Islândia com a família, antes do primeiro ano. Por que Noel guardaria aquilo?

Ela virou o canhoto. Havia um bilhete meio apagado no verso, mas Aria ainda podia ler as palavras. *Obrigada por acreditar em mim! Da próxima vez, eu pago a pipoca.*

Havia um desenho ali. A princípio, parecia apenas um borrão, mas, quando Aria o colocou debaixo da luz, viu que era uma garota jogando hóquei, suas mãos ao redor de um taco, a bola sendo lançada pelo ar. Aria afundou na cama. Ela havia visto exatamente o mesmo desenho em outra ocasião – no pedaço da bandeira da cápsula do tempo de alguém. Aquele pedaço de bandeira tinha ido parar nas mãos dela por acaso, e ela o mantinha escondido em seu quarto desde então.

O pedaço de bandeira tinha pertencido a Ali.

Naquela mesma tarde, Spencer colocou mais uma vez a peruca de Britney Spears e os óculos escuros e andou de um lado para outro em frente a um prédio de arenito próximo ao rio Schuylkill, na Filadélfia. Barcos buzinaram. Um ônibus de dois andares cheio de turistas usando óculos parecidos com os de Benjamin Franklin e camisetas com o Liberty Bell passou por ali. Tinha acabado de chover, e o ar cheirava a cimento molhado e fumaça de escapamento. Ela checkou o e-mail da escola em seu celular antigo, usando o wi-fi de alguém. Havia uma nova mensagem. *Querida Spencer, talvez tenha havido um mal-entendido. Eu esperava vê-la ontem na sua casa, mas talvez você não tenha recebido minha mensagem. Podemos tentar novamente na sexta-feira? Atenciosamente, Jasmine Fuji.*

Spencer sentiu um gosto amargo na boca. Tinha se certificado de estar bem longe de casa às quatro da tarde, o horário em que a agente Fuji disse que passaria por lá para fazer uma visitinha muito casual. Havia levado o sr. Pennythistle, sua mãe e Amelia para tomar um sorvete no shopping King James para que *nenhum deles* estivesse em casa quando Fuji passasse por lá. Mas Spencer não poderia evitá-la para sempre.

– Buuu! – disse uma voz. Spencer virou-se e ergueu os punhos.

– Sou apenas eu, Britney! – Chase se afastou de mãos erguidas, fingindo estar apavorado.

– Não *brinque assim!* – Spencer o empurrou de brincadeira. Então, ela o examinou com atenção.

Ele estava vestindo uma calça jeans justa naquele dia, uma camisa polo e um colete que o fazia parecer forte e másculo. Seria possível que estivesse mais bonito do que da última vez que ela o vira? Spencer tinha ficado muito animada quando recebeu uma mensagem no dia anterior dizendo: *Meu contato na rede de farmácias CVS encontrou um endereço registrado em nome de Barbara Rogers no sistema deles. Rua Spruce, 2560, apto. 4B. Às quatro amanhã?*

Ela olhou para o prédio.

– E, agora, o que faremos?

– Batemos na porta dela – disse Chase com naturalidade.

Spencer olhou para ele como se fosse louco.

– Pelo menos você tem certeza de que ela mora aqui?

– Vamos checar. – Ele subiu os degraus, olhou para os nomes no interfone e franziu a testa. – Hum, não tem *Rogers* algum na lista.

– Essas informações podem estar desatualizadas – sugeriu Spencer. – Ou talvez o apartamento não esteja no nome dela.

– Vamos tocar o interfone. – Chase levou o dedo ao botão 4B.

Spencer segurou seu braço.

– Espere! Talvez não devêssemos deixar que ela saiba que estamos subindo.

Chase apertou os olhos.

– Então como vamos entrar no prédio?

Nesse exato momento, a porta vermelha se abriu, e um senhor de cabelos brancos deixou o prédio. Spencer tentou segurar, mas a porta bateu e fechou. Ela se virou para ele.

– Hum, sou sobrinha da Barbara Rogers. O senhor pode me deixar entrar?

O homem olhou fixamente para a peruca de Spencer.

– Nunca ouvi falar nela.

Ele desceu os degraus devagarzinho.

Spencer e Chase se entreolharam. Alguma coisa lhes dizia que o homem estava mentindo.

– Você tem certeza? – perguntou ela indo atrás do senhor.

– Eu disse que não sei de nada – respondeu ele, praticamente se jogando para dentro de um Audi estacionado junto ao meio-fio. Em poucos instantes, ele ligou o carro e se afastou do prédio. Uma fumaça preta saiu do escapamento.

Chase desceu os degraus e ficou ao lado de Spencer.

– Ceeerto...

Spencer se apoiou no corrimão de ferro forjado, tentando ver a placa do carro que desaparecia, mas ele já estava longe demais.

– Parecia que ele queria se livrar da gente bem rápido, não é? Como se alguém tivesse avisado para não falar conosco.

– E, se alguém fez isso, tinha um motivo – continuou Chase. – Talvez Barbara Rogers *seja mesmo* a enfermeira de Alison. – Ele olhou para o edifício mais uma vez. – Vamos esperar até que outra pessoa saia e vamos segurar a porta antes que ela bata.

– Boa ideia.

Spencer sentou-se no primeiro degrau e encarou a porta, desejando que alguém saísse. Carros buzonavam na avenida principal. Um bando de pombos brigava por uma casca de pão na calçada. Mas ninguém aparecia no saguão. Por quanto tempo eles teriam de esperar?

– E aí, Chase, você conseguiu resolver a emergência do seu blog no outro dia? – perguntou Spencer.

Chase olhou para ela com expressão vaga.

– Como é?

– Você sabe, o motivo de você ter encerrado nossa primeira conversa ao vivo antes da hora – explicou ela. – Tinha a ver com alguma notícia sobre o Benjamin Franklin manter um laboratório secreto de metanfetamina? Descobriram que o Independence Hall já foi um bordel?

Em algumas de suas conversas, Chase tinha mencionado algumas das teorias da conspiração mais ridículas debatidas por seus leitores.

– Ah... – Chase olhou para as próprias mãos. – Na verdade, não foi uma emergência do blog. Foi, tipo, uma coisa de família. Meu irmão precisava da minha ajuda.

Um rastro de folhas de um tom pálido de verde arrastou-se pela rua. Uma delas voou diretamente contra a bochecha de Chase. Spencer resistiu à vontade de tirá-la de lá.

– Seu irmão é mais velho ou mais novo? – perguntou.

– Um ano mais novo – respondeu ele. – Nós somos muito próximos. Não éramos quando crianças, mas depois do caso com o stalker... – Chase parou de falar, de repente, olhando ao longe.

Spencer trincou os dentes.

– Deve ter sido muito duro... – comentou em voz baixa. – O que realmente aconteceu, se você não se importa de eu perguntar?

Chase desviou o olhar para a direita.

– No começo, eu e o sujeito éramos amigos. Mas então alguma coisa mudou. Ele me ameaçou. Tentou me matar. Ele acabou comigo.

– Não há nenhuma cicatriz em você.

Spencer se permitiu encará-lo por alguns minutos.

Chase baixou a cabeça. Houve uma longa pausa antes de ele voltar a falar.

– Bem, na verdade, a maioria das cicatrizes não são visíveis.

Spencer sabia exatamente do que ele estava falando. E *odiava* saber. Observou os pedestres na rua, perdida, por um instante, nas lembranças de Ali.

– Você sabe o que aconteceu com ele? – perguntou ela depois de um momento. – Ele foi preso?

Chase pareceu ficar triste.

– Ele tinha menos de dezoito anos, então, não. E, como eu disse, os pais dele eram ricos.

Mantiveram tudo longe dos jornais, pagaram os policiais. Ele saiu da escola, mas isso é tudo o que eu sei.

Spencer balançou a cabeça.

– Isso é *tão* injusto. Então, ele está à solta?

Chase assentiu.

– Acho que sim.

Ele virou o rosto e então deu um gemido de angústia que partiu o coração de Spencer. Ela acariciou o braço dele, sentindo-se péssima, desolada por saber que ambos enfrentaram experiências semelhantes. Como alguém pôde atormentá-lo? Como alguém pôde *atormentá-la*?

– Eu sei como é isso – sussurrou. – Eu também já fui perseguida.

Chase virou-se para ela com uma expressão confusa.

– Já?

Rapidamente, antes que pudesse mudar de ideia, Spencer tirou a peruca de Britney e os óculos escuros.

– Sou Spencer Hastings – revelou. – Uma das garotas que Ali tentou... bem, matar.

Chase encarou-a, perplexo. Vários tipos de expressão cruzaram o rosto dele em um instante.

– Eu me *perguntava* se era você – disse Chase depois de um momento, com uma voz tão terna que tocou o coração de Spencer. – Mas tive medo de perguntar. Tive medo de afastá-la.

Spencer colocou a peruca de volta.

– Você não pode contar a ninguém, certo? Estou confiando em você. Se isso aparecer no seu blog...

– Isso nunca vai acontecer – disse Chase, balançando a cabeça com firmeza. Então, ele se afastou e piscou para ela. – Minha nossa, Spencer Hastings. Agora me sinto um idiota por ter lhe falado sobre aquela coisa do stalker. Não foi nada comparado com o que você passou.

– Ah, nada disso – falou Spencer. – Passamos pela mesma coisa. Alguém em quem confiávamos nos sacaneou da pior maneira possível.

De repente, ela sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Tinha conversado sobre Ali com outras pessoas, confessado o que Ali tinha feito com os outros meninos pelos quais ela se interessou, mas nunca tinha conversado com alguém que tivesse passado pela mesma coisa. Ela sempre achou graça da expressão “almas gêmeas”, mas agora, com Chase, entendia o que isso queria dizer. Se ao menos ela pudesse encontrá-lo em um momento em que não estivessem envolvidos na investigação sobre Ali... Ela sentia que poderiam conversar a noite toda sem ficar sem assunto.

Spencer engoliu em seco.

– Você quer ir ao baile comigo?

Chase se aprumou e piscou.

– Espera. O quê?

– Nós dois precisamos de diversão em nossas vidas. Algo que nos faça esquecer tudo pelo que passamos. Podemos ir como amigos. Como o que for. E talvez seja uma boa ideia não contarmos às minhas amigas que você tem um blog sobre Ali. Além disso, você precisaria prometer não falar sobre nenhuma de nós nele...

– Spencer – interrompeu Chase com uma ruga de preocupação entre os olhos. – Eu já disse que nunca faria isso.

Ela balançou a cabeça.

– Então, o que você me diz?

Seu coração batia forte enquanto observava Chase inclinar a cabeça para trás e olhar para ela de baixo para cima, como se estivesse tentando enxergá-la de outro ângulo. Quanto mais tempo ficavam em silêncio, mais Spencer sentia-se ridícula. Aquela tinha sido uma ideia terrível. Chase já tinha terminado o ensino médio, ele era adulto demais para ir a um baile de formatura.

Então, pegou a mão dela.

– Seria uma honra. Diga quando e onde, e eu estarei lá, usando um smoking.

– Mesmo?

Spencer sorriu.

Chase estava prestes a dizer mais alguma coisa quando a porta do prédio se abriu. Uma senhora, com um lenço na cabeça e os braços cheios de sacolas, se espremeu para passar. Chase se levantou e segurou a porta para ela. A senhora sorriu para ele.

– Isso é muito gentil de sua parte, querido.

– Sem problemas – disse ele, fazendo uma reverência brincalhona para a senhora. Ele e Spencer passaram pela porta antes que ela se fechasse.

O saguão estava escuro, e o ar tinha cheiro de curry. Havia duas portas no térreo e, mais adiante, um lance de escadas. Spencer conseguia ver a porta de outro apartamento, no andar de cima. Aquele prédio deveria ter, pelo menos, mais quatro ou cinco apartamentos.

Spencer olhou para Chase.

– O que vamos fazer?

– Vamos para o 4B, eu acho – respondeu ele, espiando escadaria acima. Então, virou-se para a porta de entrada mais uma vez. – Você sobe. Eu estarei logo atrás de você, vigiando.

Spencer assentiu e, em seguida, disparou degraus acima, passando por três portas pintadas de vermelho, laranja e azul. Uma porta azul ainda estava enfeitada com uma guirlanda de Natal, apesar de já estarem em maio. Outra porta laranja tinha uma pilha de cartas sobre o tapete. O corrimão estremeceu quando Spencer segurou nele. Nos degraus atrás dela, Spencer podia ouvir os passos de Chase.

No último andar, uma luz piscava por baixo da porta do 4B. Nervosa, Spencer trocou um olhar com Chase, que estava alguns degraus abaixo, então, avançou e pressionou a orelha contra a porta. A enfermeira de Ali estaria realmente ali dentro? E se *Ali* estivesse lá também?

– O que devo fazer? – perguntou em voz baixa para Chase.

Ele levantou os ombros.

– *Bater?* – sussurrou.

Estremecendo, Spencer bateu uma vez e, então, duas vezes. Depois, tentou escutar pela porta. O volume da televisão não se alterou, mas ela pensou ter ouvido um suspiro e molas de um sofá rangerem. Houve um barulho no corredor, e ela se virou, alerta.

– O que foi isso? – perguntou.

Chase deu de ombros.

– Não sei – respondeu com os olhos bem abertos. Chase avançou pelo corredor. Parou diante da antepenúltima porta da direita e se aproximou, inspecionando o batente. Ele pressionou a orelha contra a porta, como se estivesse ouvindo, mas então perdeu o equilíbrio, caindo para a frente e batendo de leve a mão na porta. Spencer cobriu os olhos.

– *Psiiiiiu!*

– Desculpe!

Chase deu um pulo para trás e se afastou da porta, como se sentisse que um fantasma ia sair dali.

Por um momento, tudo ficou em silêncio, até mesmo atrás da porta da mulher. Então, Spencer ouviu um barulho acima dela e ergueu os olhos. E, de repente... *boom!*. Houve um barulho de metal, deslocamento de ar e, em seguida, mais barulho de coisas caindo e batendo. Spencer deu um pulo para trás quando, no teto do corredor, um alçapão, que provavelmente levava ao sótão, abriu-se de repente e várias coisas caíram dali. Primeiro, um cabideiro grandalhão, depois, uma cabeça de veado empalhada, seus chifres eram afiados como pontas de faca e, então, uma bola de boliche. A bola despencou perto de Spencer e rolou escada abaixo.

– Spencer? – chamou Chase atrás da nuvem de poeira. – Meu Deus, você está bem?

– Eu... eu não sei – respondeu ela, percebendo que tinha caído no chão. Quando tocou seu rosto, ele estava pegajoso. Examinou sua mão. Era suor ou lágrimas, não sangue. Mais poeira caiu do teto. O alçapão que levava ao sótão estava pendurado de forma precária por uma dobradiça, os parafusos perigosamente soltos.

– Venha – disse Chase, avançando por cima dos escombros, tomando a mão de Spencer e arrastando a garota pelas escadas. Rostos apareciam nas portas dos apartamentos, todos espantados.

– Isso foi estranho – comentou Spencer tremendo enquanto desciam mais escadas.

– *Estranho* nem começa a descrever o que acabou de acontecer – falou Chase. Ela olhou para as escadas. Ouviram outro baque surdo. – É quase como se isso tudo tivesse sido planejado.

Spencer sentiu um arrepio. Estava pensando a mesma coisa. Seria possível que Ali ou seu comparsa tivessem plantado aquele endereço na internet, para que Chase o encontrasse. Eles teriam se esgueirado para dentro do prédio, enchido o sótão de coisas perigosas e ajustado a porta do

alçapão para cair no momento certo... Somente na cabeça da pessoa certa...

A mensagem malvada de Ali voltou à mente de Spencer: *Fui eu. E adivinhem só!? Vocês são as próximas*. Talvez tudo aquilo não passasse de uma armadilha. E talvez a ameaça de Ali estivesse mesmo se tornando realidade.

Quando Hanna entrou no estacionamento da clínica de queimados, seu celular descartável estava entre seu ombro e a orelha. Ela não estava nem aí para a regra sobre não usarem tecnologia. Aquilo era uma emergência.

O correio de voz de Mike apitou.

– Sou eu de novo – choramingou Hanna. – Eu posso explicar essa história, Mike. Quero você de volta. Quero ir ao baile com você. Estou com um novo celular. Esse é meu número. Por favor, por favor, *por favor*, ligue para mim!

Hanna desligou e seu olhar recaiu sobre a coroa e o cetro de rainha do baile – ia com eles para todos os lugares. Seus olhos se encheram de lágrimas. Mas não iria estragar a maquiagem. A futura rainha do baile precisava estar sempre bonita, mesmo enquanto esvaziava comadres.

Quando alguma coisa dentro da sua bolsa apitou, ela enfiou a mão lá dentro, rezando para que fosse Mike ligando. Mas era seu antigo celular. Ele tinha conexão automática com o wi-fi da clínica e baixou um novo e-mail da agente Fuji. Sem pensar, ela apagou o e-mail não lido.

Hanna atravessou as portas duplas, vestiu seu uniforme e chutou o balde de limpeza pelo corredor, em direção à área do nicho de Graham. Ela afastou as cortinas, não se importando com quem pudesse vê-la. Os olhos de Graham estavam fechados, mas sua boca se movimentava. Hanna aproximou a orelha da boca de Graham, mas não conseguiu ouvir nada.

– Apenas me diga quem você viu – rosnou Hanna, querendo sacudi-lo. Elas não poderiam, pelo menos uma vez, ter uma maldita folga? Não seria nada mal se conseguissem apanhar A, fazer com que Fuji largasse do pé delas. Poderiam, quem sabe, esclarecer aquela confusão sobre o quadro escondido dentro do armário de Aria. E, ah, ela bem que podia se acertar com Mike também.

Mas Graham não fez nenhum som. Hanna estava tão irritada que bateu com força o pé no chão. A sola de seu sapato ecoou ruidosamente no piso de linóleo.

– Hanna – chamou alguém. – Está tudo bem?

Hanna se virou. Kyla estava sentada na maca, as ataduras ainda cobrindo seu rosto. Havia um vidro de esmalte e uma lixa no colo dela.

– Na verdade, não – respondeu Hanna.

Kyla assentiu.

– Problemas com rapazes?

Hanna se aproximou dela.

– Como você sabe?

– Eu ouvi você falando ao telefone no outro dia – disse Kyla, encolhendo os ombros. – E aí, o que ele aprontou?

– Ele não quer ir ao baile comigo – disse Hanna, sentindo-se arrasada. – É um grande mal-entendido, e ele acha que eu estou mentindo sobre uma coisa, mas não estou. Ele está sendo um idiota.

– Então explique isso a ele.

– Não é tão fácil assim – explicou Hanna. Ela abriu a boca para tentar explicar para Kyla o motivo, mas uma onda de exaustão a invadiu.

– Nesse caso, isso vai fazer você se sentir melhor.

Kyla pegou alguma coisa na pequena bandeja ao lado de sua cama. Entregou a Hanna uma pequena foto em um porta-retratos. Era uma foto do enfermeiro bonitão da clínica. Ele estava no vestiário, sem camisa. Hanna deu uma risadinha.

– Onde você conseguiu isso?

– Um dos atendentes tirou com meu celular. – Kyla parecia orgulhosa de si mesma. – Eu enviei para o site da Kodak e mandei imprimir na lojinha de presentes da clínica. Mas você pode ficar com ela, Hanna. Está precisando mais do que eu de algo para animá-la.

– Obrigada, mas não precisa. – Hanna observou as ataduras de Kyla e seus braços e pernas sem vida. Um sentimento ridículo a invadiu. Ali estava ela, obrigando uma vítima de queimaduras a animá-la. Tinha perdido o bom senso?

Hanna se aproximou de Kyla, subitamente interessada nela.

– O que aconteceu com você?

Kyla começou a brincar com o vidro de esmalte.

– Meu irmão e eu estávamos brincando na garagem quando uma lata de ácido sulfúrico caiu de uma prateleira... em cima de mim. E esse treco queima como fogo, destrói a pele na hora.

Hanna estremeceu.

– Seu rosto...? – Ela parou de falar, sem saber que palavra usar.

– Se foi? Está desfigurado? – completou Kyla. Ela balançou a cabeça. – Minhas bochechas estão terríveis. Meu queixo também. Vou precisar de vários enxertos de pele, mas não posso fazer todos ao mesmo tempo. Eu não era tão bonita quanto você, mas também não era feia. Fui até popular. Mas não mais, certo? Quando sair daqui, vai ser assim: *Lá vem a aberração!*

Ela estava tentando soar corajosa e forte. O coração de Hanna ficou apertado. Como ela trataria uma garota como Kyla em Rosewood Day? A velha Hanna, amiga de Ali e de Mona, seria

implacável. Mas e a menina que era hoje? Ela era uma Hanna melhor?

Ela acariciou um trecho de pele no braço de Kyla que não estava machucado.

– Olha só, quando você tirar essas ataduras, eu vou cuidar do seu visual. Cabelo, maquiagem, pele, joias, moda, tudo. Sou incrível com esse tipo de coisa, prometo.

Kyla fez um barulhinho estranho com a garganta.

– Por que você faria isso?

Hanna se aproximou.

– Porque você é a garota mais bacana que conheci em muito tempo. As pessoas precisam ver isso, sabe? Elas precisam enxergar além dessas cicatrizes e desses enxertos idiotas. Você é a Kyla e você é *fabulosa*. Entendeu?

Kyla sorriu de leve.

– Tudo bem – respondeu depois de um tempo. – Você é maravilhosa, Hanna.

– Eu sei, sou sensacional – disse Hanna, bem-humorada. Ela realmente se sentia bem. Mal conseguia esperar para escolher as cores para Kyla e fazer o cabelo dela. Talvez suas cicatrizes não fossem tão ruins. Talvez o pai de Sean conseguisse realizar um milagre.

Seu celular apitou, assustando-a tanto que quase o derrubou no chão. O nome de Mike piscou na tela. Ela olhou para Kyla, maravilhada.

– É ele? – perguntou Kyla. Hanna fez que sim com a cabeça. – Então, atende logo! – encorajou a garota.

Hanna ficou nervosa e se virou.

– *Obrigada* por ligar de volta – disse ela. Correu para a área de descanso, mesmo que ainda não estivesse na hora de seu intervalo, e despencou em um dos sofás. – Como eu disse, posso explicar. A verdade é que sou voluntária para trabalhar na clínica de queimados. É onde estou agora.

Mike suspirou.

– Hanna, pelo menos invente uma mentira melhor. Você detesta a clínica de queimados. Jamais seria voluntária para trabalhar aí de novo.

– Eu estou falando a verdade! – Hanna puxou um fio solto no tecido do sofá. – O cara que se machucou na explosão do navio em que viajamos com a escola está aqui. Lembra? O nome dele é Graham. Tem uma coisa que você ainda não sabe. Momentos antes da explosão, ele seguiu Aria até a sala das caldeiras. Os dois estavam lá quando a bomba explodiu... Aria teve sorte de sair de lá a salvo. Queremos fazer perguntas a Graham quando ele acordar, sobre o que ele queria dizer a Aria.

Ela prendeu o fôlego, imaginando se Mike iria acreditar naquela história que era só verdadeira em partes... E rezando para que as amigas não a matassem por ter contado a ele.

Mike soltou um suspiro.

– Aria nunca me contou que estava lá embaixo.

– Eu sei. Ela ficou com medo de você ficar furioso.

– Você acha que é mesmo uma boa ideia conversar com esse cara? Ele detonou uma bomba no porão do navio, não foi? E se ele for perigoso?

– Mike, ele está coberto de ataduras e preso a tubos. Ele não é uma ameaça a ninguém. E, em relação à bomba, não tenho certeza. Havia uma terceira pessoa lá embaixo naquele momento. Pode ter sido ela a responsável pela bomba. É isso que quero perguntar para Graham. Se ele acordar. – Hanna fez uma pausa e resolveu perguntar: – Por falar nisso, você se lembra de onde Noel estava quando a bomba explodiu? Foi bem na hora em que o show de talentos deveria começar.

Os dois ficaram em silêncio por um bom tempo.

– Você está sugerindo que foi Noel quem detonou a bomba na sala das caldeiras? – Mike parecia horrorizado. – Que tipo de droga você está usando, Hanna? Ele é o namorado de Aria!

– Não estou sugerindo coisa nenhuma! Só estou fazendo perguntas.

Mike suspirou.

– Bem, Noel e eu estávamos praticando nossa coreografia uma hora antes do show de talentos. Mas, tudo bem, um pouco antes da bomba, ele disse que ia voltar para a cabine. Então, tecnicamente, *não sei* onde ele estava. – Houve um ruído do outro lado da linha. – Noel sabe que você está fazendo essas perguntas?

– Não, e eu gostaria muito que você não contasse a ele – respondeu ela de forma brusca, com o coração acelerado.

– Mas eu ainda não acredito que é por isso que você está frequentando a clínica de queimados.

Hanna bateu o pé.

– Pergunte para a sua irmã, tudo bem? Mas pode ter certeza de uma coisa: eu, definitivamente, *definitivamente*, não estou ficando com Sean. Eu nem sabia que ele estava trabalhando aqui quando me inscrevi. E ele e minha irmã postiça frequentam o Clube da Virgindade juntos. Será que isso basta, Mike? Você vai me levar ao baile?

– Hum... – disse Mike, ainda parecendo irritado. – Preciso checar suas fontes.

Hanna revirou os olhos. Por que ele estava sendo tão babaca?

– De qualquer maneira, quem lhe contou que eu estava aqui?

Mike hesitou.

– Não importa. Ele estava apenas tentando ser um bom amigo.

Os pelos do braço de Hanna se arrepiaram. *Ele?*

– Só me diga quem foi. Eu não ficarei brava.

– Hanna, pare com isso. Nós vamos ao baile, certo? Preciso desligar. Estou entrando no carro.

E, com um clique, Mike se foi.

Hanna encarou os números que piscavam na tela, sentindo um gosto estranho na boca.

Como se tivesse sido ensaiado, um movimento do lado de fora chamou a atenção dela. Um vulto familiar se esgueirou pela porta dupla, em direção à saída. Sua cabeça estava inclinada na direção de seu celular, e ele estava falando muito baixo para que Hanna conseguisse escutar. Usava jeans escuro, tênis Adidas e uma camiseta preta com palavras esquisitas em outra língua.

O coração de Hanna começou a bater mais e mais rápido. Ela sabia bem onde aquela camiseta tinha sido comprada: na única loja bacana em Reykjavík. Mike tinha uma igual, só que branca.

Era Noel.

– *Vire à esquerda no próximo cruzamento* – disse a voz automatizada do GPS que Emily tinha colocado sobre o painel do Volvo. Ela parou obedientemente no sinal e depois virou em um condomínio cheio de mansões com colunas.

– Uau! – murmurou, olhando para a direita e para a esquerda. – Que chique!

Iris, que estava como sempre no assento do passageiro, deu de ombros sem um pinga de animação.

– Não estou surpresa com o fato de Tripp morar aqui – comentou ela. – É preciso ter muito dinheiro para conseguir pagar aquela clínica psiquiátrica.

– Você *está certa* de que Tripp mora aqui? – perguntou Emily, enquanto passavam por uma casa branca com uma miniatura da própria casa como caixa de correio. Quando apareceu para buscar Iris no shopping King James, a menina garantiu que tinha descoberto onde Tripp, o rapaz por quem era apaixonada, morava. E comunicou que iriam atrás dele naquela mesma noite. Por sorte, a casa dele ficava do outro lado da Filadélfia, em um agradável subúrbio de Nova Jersey, que se parecia muito com Rosewood. Ainda assim, havia alguma coisa naquele bairro que fazia Emily se sentir desconfortável. As casas a lembravam das residências de Crestview Manor, mas pareciam ainda mais frias e assustadoras. Na verdade, aquele lugar lembrava o bairro onde Gayle Riggs vivia quando Emily a conheceu, um bairro enorme, impessoal e estranhamente sem personalidade.

– Eu pesquisei – explicou Iris, falando de um jeito meio metido, enquanto folheava o bloco de anotações em seu colo. – A família dele está na lista dos condôminos, casa número 411. – E apontou para o estacionamento de um clube. – Vamos parar aqui e andar o resto do caminho. Não quero que Tripp veja um carro junto ao meio-fio da casa dele e saia correndo.

Emily deu de ombros, e então fez o que Iris pediu. As coisas entre ela e Iris estavam voltando a ficar tensas. Iris tinha feito uma lista de atividades que elas deveriam cumprir naquele fim de semana que *nem constavam* de sua lista principal. Elas passariam dia e noite ocupadas. Era como se Iris estivesse mantendo Emily longe de seu baile de formatura de propósito. Se Iris não podia ser feliz, Emily também não poderia.

Caminharam pelas calçadas do bairro sossegado, sem folhas e sem desenhos de crianças no chão, o que era muito esquisito. O lugar todo parecia o cenário de um filme.

– É a próxima casa nesse quarteirão – disse Iris, sorrindo de forma tensa para uma senhora que

passava com o cachorro, como se *ela* fosse a pessoa que não deveria estar ali.

Finalmente, chegaram a uma grande casa de tijolos e pedras, com uma longa fileira de janelas no andar de cima. Na caixa de correio estava escrito maxwell. Endireitando os ombros, Iris se aproximou da porta da frente e tocou a campainha.

Emily ficou na calçada. Uma mulher, que ela imaginou ser a mãe de Tripp, abriu a porta, e Iris disse alguma coisa. A mulher franziu o cenho e sacudiu a cabeça. Um segundo depois, a porta se fechou. Iris bateu de novo, mas ela não voltou a se abrir novamente.

Iris marchou de volta, com raiva.

– Tripp não mora mais aqui. Aquela vaca estúpida o expulsou.

– Ela disse o motivo? – perguntou Emily.

Iris, furiosa, arrancou um narciso do jardim que ficava ao lado da caixa de correio e o girou entre suas mãos.

– Tripp sempre dizia que a mãe dele não era nada fácil.

– Para onde ele pode ter ido?

Iris jogou a flor sobre a grama.

– Ela disse que ele está com o pai. Perguntei onde ele morava, e ela disse que não sabe. – Iris trincou os dentes. – Aí eu disse que era sua antiga namorada, e isso fez com que ela ficasse ainda mais brava. Bateu a porta na minha cara! – Iris olhou para a rua. – Você acha que ele disse coisas ruins a meu respeito? Por que será que ela fez isso?

A porta da garagem se abriu, e elas se viraram para a casa novamente. Uma Mercedes prata deu ré na entrada da garagem. Iris puxou Emily para trás de um enorme arbusto a fim de que a mãe de Tripp não as visse. O carro entrou na rua e saiu em alta velocidade enquanto a porta da garagem se fechava silenciosamente.

– Bem, acho que então é isso – disse Emily.

Iris a pegou pelo braço.

– Você está de brincadeira? Tripp pode não morar mais aí, mas aposto que algumas coisas dele ficaram. Se eu não o encontrar, pelo menos quero ter uma coisa para me lembrar dele.

Emily colocou as mãos na cintura, sentindo seu coração afundar.

– E deixe-me adivinhar: nós invadimos a casa e roubamos?

– Ah, você me conhece tão bem! – Iris beliscou a bochecha de Emily. Depois se virou e marchou na direção da casa. Emily a seguiu, a alguns passos de distância, pensando em simplesmente deixar Iris sozinha naquela maluquice. Mas então pensou no que faria se a garota ficasse presa na casa e fosse encontrada pela mãe de Tripp. Imaginou Iris dizendo para todo mundo que tinha sido

sequestrada da clínica e...

Iris deu a volta na propriedade e subiu alguns degraus, que levavam a um quintal cheio de patamares. Tentou abrir uma porta de vidro de correr, depois outra. Então, ela viu uma portinhola de cachorro nas portas francesas da cozinha.

– *Achei!*

– Iris... – chamou Emily em voz baixa. Impotente, observou Iris se abaixar e entrar pela portinhola do cachorro. Pouco depois, ela destrancou a porta que dava para o quintal e deixou Emily entrar.

– Seja bem-vinda! – cumprimentou, pegando uma luva de cozinha que estava sobre o balcão e a calçando. – Você gostaria de muffins recém-saídos do forno? Uma xícara de chá? Eu seria uma ótima dona de casa de classe média, não seria?

Emily olhou ao redor. A cozinha era enorme, contava com um fogão de seis bocas de aço inoxidável e tinha o maior balcão de granito que ela já tinha visto. À esquerda, havia uma geladeira enorme; sobre o balcão, uma máquina brilhante de cappuccino; e uma adega de vinhos cheia perto da despensa. Nem a cozinha de Spencer era tão luxuosa. Mas, de alguma forma, o lugar não parecia habitado. Os aparelhos eram um pouco limpos *demais*, o rejunte dos azulejos estava impecável, e em cada pano de prato havia um “M” bordado. Era estranho pensar que alguém com sérios problemas emocionais havia crescido ali entre aquelas paredes. Quando era mais nova, Emily achava que nada de ruim acontecia com pessoas que tivessem tanto dinheiro quanto as que viviam naquela casa.

– Afinal de contas, qual era o problema de Tripp? – perguntou para Iris, que revirava uma gaveta do outro lado do cômodo, ainda com a luva na mão.

Iris inspecionou os papéis e ímãs presos à porta da geladeira, xeretou em um calendário, abriu a geladeira e tirou uma garrafa de um energético chamado 5-Hour Energy.

– Os médicos disseram que ele era esquizofrênico, mas acho que era mentira. Ele era a pessoa mais sã que havia na clínica. E também era superinteligente. Estava sempre planejando jeitos divertidos de nos encontrarmos dentro do hospital.

Ela tirou uma foto da gaveta, observou por um instante e a deixou cair no chão. Emily se adiantou para pegá-la. Era um casal mais velho fazendo um brinde. O homem usava um gorro de Papai Noel.

– *Tem que ter alguma coisa dele* – resmungou Iris. Ela atravessou o cômodo. – Vem, vamos lá para cima.

Ela atravessou o corredor e subiu a escadaria como se já conhecesse a casa. Antigas pinturas a óleo coloridas cobriam as paredes, incluindo uma cheia de redemoinhos que fez Emily se lembrar do Van Gogh de Aria. Seu coração se apertou. Era fácil se esquecer da pintura escondida no armário de Aria. Mas e se fosse *sobre isso* que a agente Fuji queria conversar com elas?

Iris foi abrindo cada uma das portas dos quartos. Quando chegou à terceira, engasgou e entrou.

Emily a seguiu. Uma cama de solteiro se encontrava no canto.

Havia rastros no tapete, onde o aspirador tinha sido passado, e a escrivaninha estava vazia. Lembrava-lhe o quarto sem personalidade de Iris na clínica psiquiátrica.

Então Iris abriu o armário. Tinha algumas camisas xadrez penduradas e um caixote no fundo.

– Bingo – sussurrou Iris, tirando a luva e puxando o caixote para o meio do quarto.

Dentro do caixote havia livros de bolso, cadernos e um antigo celular com a tela rachada. Iris pegou os cadernos e os folheou. Emily passou os dedos nas páginas de uma velha cópia do livro *1984*. Isso era tudo que a mãe de Tripp guardara para se lembrar dele?

– Não tem nada aqui – disse Iris, fechando o caderno com força.

– O que você estava procurando? – perguntou Emily.

– Meu nome escrito em um coração. *Alguma coisa*.

Iris vasculhou o caixote mais um pouco, jogando para o lado alguns bichos de pelúcia, uma garrafa de água vazia, uma embalagem de higienizante para as mãos, uma pulseira que dizia PRESERVE ADDISON-STEVENS. Quando ela chegou ao fundo do caixote, seu queixo tremeu.

– Bem, acho que isso é a prova de que eu precisava. Não signifiquei nada para Tripp.

– Talvez ele tenha levado alguma coisa sua quando foi embora.

Iris bufou.

– Tenho enganado a mim mesma por muito tempo. Tripp e eu nunca fomos um casal de verdade. Foi uma ideia idiota vir até aqui.

De repente, ela colocou a cabeça entre as pernas e deu um soluço abafado. Emily ficou imóvel por um momento, sem saber o que fazer. Passou a mão nas costas de Iris, mas não tinha certeza do que dizer para fazê-la se sentir melhor.

Em vez disso, pegou o celular que estava no caixote e o ligou. Surpreendentemente, o logo da Motorola apareceu na tela. Ela clicou no botão contatos. Tudo havia sido apagado. Abriu as mensagens, mas a pasta também estava vazia. No entanto, algumas fotos haviam sido salvas – uma nuvem em forma de pênis, um labrador amarelo e, na terceira foto, uma menina que Emily conhecia muito bem.

– Ah, meu Deus! – sussurrou Emily.

Os cabelos louros de Ali caíam por seus ombros. Seus olhos azuis brilhavam. Ela vestia o mesmo pijama branco que Iris usava na clínica psiquiátrica. Emily teve a impressão de que a foto tinha sido tirada algum tempo antes, quando Ali tinha uns quinze anos.

Iris enxugou uma lágrima e olhou para a tela também. Ela deu uma fungadela irritada.

– Bem, acho que *você* achou alguma coisa.

– Por que esse garoto teria uma foto de Ali? – perguntou Emily com a voz fraca.

Iris deitou, apoiando-se nas mãos.

– Porque estávamos internados juntos na clínica. Nós éramos amigos.

Emily olhou para a foto de novo. Ver o rosto de Ali em um lugar inesperado a deixava inquieta.

Alguém que não estava na foto tinha o braço ao redor de seu pescoço – a única coisa que poderia ser usada como identificação era um relógio dourado em um pulso cabeludo. Ela olhou para aquilo com atenção. Onde já tinha visto aquele relógio?

Ela apontou para o braço sem corpo.

– Quem é essa pessoa?

Iris aproximou a foto de seus olhos. Ela parecia espantada.

– Sabe, pode ser ele. O namorado dela.

Emily piscou um monte de vezes.

– Você está falando daquele sujeito que ia ao hospital o tempo todo para visitá-la? Aquele com quem ela se encontrou no parque Keppler quando foi dispensada? – Emily agarrou Iris pelo pulso. – Você tem de me contar o nome dele. Agora.

Iris balançou a cabeça.

– Não posso. – Ela se levantou e saiu do quarto.

Emily colocou o celular com a foto de Ali no bolso e a seguiu pela escada, para fora da casa e pelo gramado. Iris estava caminhando rápido, mas Emily por fim conseguiu alcançá-la na calçada.

– Caramba, Iris! – gritou Emily. Ela apontou para a casa. – Eu invadi uma casa com você. O que vem agora, assassinato? Você me arrastou para cima e para baixo a semana inteira. Me dê uma informação que sirva para alguma coisa, certo? É pedir muito saber o nome do sujeito?

Iris parou perto de um cepo e baixou os olhos.

– Não posso dizer o nome dele... Porque não sei.

Emily se sentiu sem ar.

– *O quê?*

A pele de Iris parecia ainda mais pálida sob a luz do sol.

– Eu nunca soube. Desculpe. Não estava mentindo. Ali *recebia* visitas de um sujeito, recebia mesmo, o tempo todo. Mas ela o chamava de Mr. Big... Como a Carrie de *Sex and the City*. Nunca soube o nome dele. Ele era o segredo dela. Eu também não tinha permissão para andar com eles. – Ela comprimiu os lábios. – Por isso que não sou leal àquela vaca, sabe? Ela guardava segredos de mim. Era como se eu não merecesse saber a verdade.

Emily encolheu-se contra uma árvore.

– Por que você não me falou antes?

Iris chutou um pouco um torrão de terra sobre a grama.

– Pensei que essa fosse a única maneira de você continuar a me levar para passear de carro por aí, para onde eu quisesse, e me deixar ficar na casa da sua família. O único jeito de minha vida ser *normal* por um tempo. Eu sabia que, assim que você descobrisse que eu não sabia de nada, iria me mandar de volta para a clínica.

Emily piscou. Ela não tinha noção de que essa ideia apavorasse Iris.

– Espera aí... Você *gosta* de ficar hospedada na casa da minha família?

– É claro! – respondeu Iris, como se aquilo fosse óbvio. – Mas, seja como for, agora acabou.

Você pode me esquecer lá na clínica, como minha mãe. E como Tripp. Está tudo bem. Volto para a clínica e apodreço lá por mais quatro anos. Você pode ir para o baile. Continue com sua vida.

Iris se virou. Por um momento, seus ombros sacudiram em silêncio. Emily estava tão chocada que não conseguia nem se mexer. Sabia que deveria ficar brava, mas, ao ver Iris ali, abraçando a si mesma com seus bracinhos magros enquanto soluçava... Emily não pôde deixar de sentir pena da menina. Também sabia como era ser abandonada pela família. E por alguém que amava. Quando Ali riu de Emily na casa da árvore, no fim do sétimo ano, alguma coisa dentro dela morreu. Outro pedaço dela secou quando a Verdadeira Ali tentou matá-la em Poconos.

Ela olhou para o corpo trêmulo de Iris. Na verdade, ela e Emily não eram tão diferentes. Se as circunstâncias de Emily fossem um pouco mais duras, quem poderia afirmar que *ela* não mentiria sobre ter determinadas informações só para receber atenção? De um jeito bem estranho, era quase lisonjeiro que Iris pensasse que valia a pena mentir para Emily porque achava que a vida de Emily valia a pena ser vivida. Outro pensamento surpreendente a atingiu. Se Iris tivesse *pedido* para passar mais um tempo com ela, mesmo que não soubesse o nome do namorado de Ali, talvez Emily concordasse.

Ela colocou a mão sobre o ombro de Iris.

– Iris, não vou mandar você de volta para a clínica psiquiátrica antes que esteja pronta. Para falar a verdade, acho que deveria ir ao baile comigo. Como meu par.

Iris fungou e lhe deu um olhar incrédulo.

– Ah, sei, tá bom...

– Ei, estou falando sério! – Emily ergueu a voz. – Sei que não há um baile em sua lista, mas quer saber? Talvez devesse haver. Iris, você já foi a um baile?

Iris ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Bem, não, mas...

– Muitos garotos vão sem par. Você pode encontrar um novo garoto para namorar. Alguém bem mais bacana do que Tripp.

Iris beliscou seu próprio braço. Um pássaro gorjeou ao longe, e um carro passou na rua fazendo

barulho. *Por favor, diga sim*, desejou Emily em silêncio. Porque ela queria tanto ver a surpresa de Jordan... E porque acreditava que seria bom para Iris ir ao baile.

Por fim, Iris assentiu.

– Tudo bem, eu vou.

– Oba! – Emily se virou, adiantando-se para abraçar Iris, que ficou sem reação por um tempo, mas depois retribuiu o gesto. Quando elas se soltaram, o rosto de Iris estava brilhante e vermelho.

Então, o celular descartável de Emily tocou.

– Srta. Fields – disse uma voz rouca –, aqui é Jasmine Fuji. Nós nos encontramos outro dia, lembra-se?

Emily abriu a boca, mas só deixou escapar um grunhido. Olhou para o celular como se ele estivesse pegando fogo.

– Como... como você conseguiu esse número?

– Sua mãe me deu. Eu liguei primeiro para sua casa.

O coração de Emily começou a bater mais rápido. *Sua mãe*. A sra. Fields a obrigara a dar o número para ela, e Emily não tinha pensado em avisá-la para não dar a mais ninguém. *Para quem mais* ela teria dado aquele número?

– Olha, eu tenho tentado entrar em contato com todas vocês, mas estou começando a achar que estão me evitando. – A agente Fuji soltou uma risada áspera. – Você tem tempo para falar agora?

Emily olhou para Iris, que tinha parado na calçada e estava olhando para ela.

– É... eu estou meio ocupada.

– Não vai demorar muito, prometo.

– Peço desculpas – lamentou Emily –, mas não posso falar agora. Talvez outra hora.

E então, antes de se dar conta do que estava fazendo, desligou.

– Olááááá, presidente do comitê de decoração! – cantarolou alguém com voz de soprano na sexta-feira, em uma das salas do galpão do jornalismo. O cômodo estava cheio de garotas dando os toques finais nos murais em homenagem a Van Gogh, nas telas e nas lembrancinhas do baile. Taylor Swift soava pelas caixas de som do computador, e algumas meninas do comitê de decoração improvisaram uma coreografia para “Love Story”.

– Oiiii! – chamou a voz novamente. – Srta. Montgomery?

Somente quando sentiu a mão de alguém em seu ombro foi que Aria percebeu que a garota estava falando com ela. Era Ryan Crenshaw, uma ex-aluna de Rosewood Day que estava ajudando na decoração do baile de formatura. Por tradição da escola, um aluno recém-formado sempre voltava para supervisionar a turma, relembrando os membros do comitê sobre as regras e os rituais bobocas do baile, de como tirar fotos do rei e da rainha no cemitério perto do hotel Four Seasons e de como a fila da conga deveria ser organizada. Era uma honra voltar para a escola e ajudar com o baile, mas Ryan, que tinha cabelos castanho-claros, braços gorduchos de uma caloura que bebe muita cerveja e que choraminga sem parar sobre os horrores da faculdade, era mais uma dessas garotas que não queria ter saído do ensino médio.

Ryan guiou Aria – que vinha tentando se esconder no armário de materiais, pirando por estar cercada de todos aqueles Van Gogh – até uma mesa e apontou para uma enorme câmera SLR.

– Você precisa começar a tirar fotos para o anuário, *paparazzo*! Vamos tirar fotos da pintura dos murais! E olha! Lá está a nossa rainha! Vamos tirar uma foto dela experimentando a coroa!

Do outro lado da sala, Hanna conversava baixinho com Scott Chin, um dos editores do anuário. Ryan levou Aria até eles. Assim que Hanna a viu ficou pálida. Agarrou Aria pelo braço e a rebocou até o corredor.

– *Aqui* está você. Precisamos conversar.

– E as fotos, meninas? – gritou Ryan.

– Em um minuto! – gritou Hanna de volta, revirando os olhos.

Elas seguiram um caminho que levava até um pequeno jardim de esculturas que um ex-aluno rico havia doado para a escola nos anos 1980.

Hanna caminhou para a escultura de uma mulher cujo nariz havia caído anos atrás, virou-se para Aria e respirou fundo.

– Você lembra que Spencer disse que o comparsa de Ali pode estar ligado, de alguma forma, à clínica de queimados? E que houve aquele roubo de remédios controlados há um tempo?

– Sim. – Sem perceber o que fazia, Aria começou a cutucar a cutícula de seu polegar.

– Bem, ontem, eu vi Noel na clínica de queimados.

Um ar gelado envolveu o corpo de Aria.

– Você tem certeza?

Hanna assentiu com preocupação.

– Certeza absoluta. Era ele sem sombra de dúvida.

Aria comprimiu os lábios e desviou o olhar para a escultura metálica de um giroscópio, a alguns passos de onde estavam.

– Talvez ele tivesse uma boa razão para estar lá.

– Como roubar medicamentos controlados para Ali? – Hanna cruzou os braços. – Se você acha que ele é inocente, descubra o que ele fazia lá.

Aria se virou.

– Na verdade, Noel e eu não estamos exatamente nos falando. Eu meio que contei a ele sobre Olaf.

Hanna arregalou os olhos.

– Por quê?

Aria esperou um cortador de grama barulhento passar.

– Noel recebeu uma mensagem de A que dizia para ele olhar meu armário. A, obviamente, queria que ele soubesse do quadro. O clima ficou estranho, e Noel estava convencido de que eu estava escondendo alguma coisa dele, e, então... bem, contei sobre Olaf.

– Isso é péssimo. Sinto muito. – Hanna sacudiu a cabeça triste. – Você está bem?

Aria a encarou.

– Ora, tenha dó. Você deve estar feliz com isso.

– Aria! – Hanna arregalou os olhos.

Aria virou as costas.

– Não seria mais fácil se Noel e eu terminássemos? Assim vocês poderiam continuar com essa caça às bruxas sem culpa nenhuma.

Hanna balançou a cabeça com firmeza.

– Nós não estamos contra Noel. Não estamos contra *você*. Acredite em mim, todas nós odiamos essa situação. Ninguém queria que isso acontecesse.

Aria tocou a mão da escultura, engolindo um soluço. Sabia que Hanna estava dizendo a verdade, mas ainda doía cada vez que elas vinham com uma nova informação que incriminava Noel. Queria

gritar com as amigas. *Não somos amigas? Vocês não se importam comigo?* Era como quando sua mãe a aconselhou sobre namorar Gunter, um menino da Islândia – ele *era* problemático, e Aria sabia disso, assim como sabia que a mãe só lhe dera conselhos para protegê-la. Isso não alterava o fato de que nada daquilo era agradável de ouvir.

Hanna se apoiou no outro braço da escultura.

– A agente Fuji ligou para você de novo?

Aria olhou para o chão.

– Não...

– Ela contatou Spencer e a mim. E agora Emily também. Pelo visto quer conversar conosco de novo.

Aria ergueu a cabeça.

– *Por quê?*

Hanna fez um gesto vago.

– Como vou saber? Meu palpite é de que A revelou algum de nossos segredos a ela. Talvez sobre o quadro, talvez sobre Tabitha. Não temos como saber.

O coração de Aria deu um tranco. Por um lado, estava aliviada por não ter recebido outra ligação. Por outro, por que Fuji *não* havia *entrado em contato com ela*?

– O que devemos fazer? – perguntou, estremeando.

Bem nessa hora, Ryan colocou a cabeça para fora da porta.

– Aria? Temos uma pergunta sobre as estrelas de papel machê.

Aria olhou para Hanna, depois deu de ombros e seguiu Ryan de volta para o galpão. Enquanto explicava como as estrelas deveriam ficar, foi se sentindo cada vez mais inquieta. Elas *não* podiam conversar com a agente Fuji, não com aquele quadro escondido no armário de Aria. Elas precisavam dar um jeito naquela situação, *e logo*.

Ainda que tivesse sido rude com Hanna, a nova informação sobre Noel a assustara. Noel não conhecia ninguém na clínica de queimados. Por que tinha ido até lá? Para ver Graham?

Para roubar remédios controlados?

Colocou a mão no bolso e tocou o canhoto do ingresso que tinha encontrado na carteira de Noel no dia anterior – entregara a carteira nas mãos de Mike para que ele a devolvesse ao irmão naquela manhã, rezando para que Noel não percebesse que o canhoto não estava lá. O filme, que tinha sido lançado apenas alguns anos antes, depois da morte de Courtney, quando a Verdadeira Ali estava, certamente, encarcerada na clínica psiquiátrica. Aquela mensagem muito esquisita e misteriosa no verso, sobre Noel acreditar em alguém. Aria não tinha contado às amigas sobre aquilo – elas fariam uma infinidade de perguntas sobre o pequeno desenho da jogadora de hóquei no canhoto. Outras

peessoas desenham meninas segurando tacos de hóquei. Isso, necessariamente, não significa alguma coisa.

Mesmo assim, ela estava curiosa. Apressada, foi buscar sua bolsa do outro lado da sala, pegou o iPad e digitou no Google as palavras CINEMA THE WOODS. Em um instante, os resultados apareceram. O primeiro resultado indicava um site de um cinema em Maplewood, Nova Jersey.

A boca de Aria secou. Tabitha era de Maplewood. E Ali e Tabitha, estava óbvio, estiveram internadas na clínica psiquiátrica ao mesmo tempo – ora, elas eram até amigas. Isso significava que Noel tinha visitado Ali quando ela estava na clínica? Ele ajudou Ali e Tabitha a escapar por uma noite para que pudessem ir ao cinema? Mas isso não fazia sentido – por que eles iriam até Nova Jersey? E por que Noel diria à agente Fuji que ele nunca tinha encontrado com Tabitha quando obviamente *a conhecia*?

– Aria?

Aria se virou. Noel estava atrás dela, quase como se o tivesse chamado com a força do pensamento. Estava com as mãos nos bolsos e uma expressão séria no rosto.

– Ah... oi! – cumprimentou Aria, tremendo e colocando o iPad com a tela virada sobre a mesa. Noel olhou para a porta.

– Podemos conversar?

Aria concordou com a cabeça e guardou o iPad de volta na bolsa. Quando entraram no jardim de esculturas novamente, Hanna não estava mais lá. Por um momento, só se ouvia o barulho dos passos deles. Na metade do caminho, Noel parou ao lado da que todos chamavam de *A Mola*.

– Olha só, eu tenho pensado sobre Olaf.

Aria ficou apreensiva.

– Noel, eu...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

– Fui um babaca naquela viagem, Aria. Fiquei com ciúme por não conhecer seu lado islandês e estava com medo de que, quando você chegasse lá, se transformasse em outra pessoa, uma que não gostasse mais de mim. Em vez de encarar isso, eu me comportei como um babaca ridículo e chorão. Deveria ter deixado você viajar com Hanna e Mike, no lugar de ter ido junto. Não estou feliz por você ter ficado com aquele cara, mas de certa forma eu entendo o que aconteceu.

Aria piscou. Aquela era a última coisa que pensou que ele fosse dizer. Na semana anterior, teria ficado lisonjeada e emocionada – ali estava o maravilhoso Noel, angustiado porque ela iria terminar com *ele*. Mas agora sentia-se vazia. Intrigada. Por que Noel a estava perdoando com tanta facilidade?

Noel tomou suas mãos.

– Ainda quero ficar com você. Quero que façamos outra viagem e quero fazer isso da forma correta. Nós até podemos voltar para a Islândia se você quiser. Dessa vez, vou até cavalgar em um daqueles cavalinhos bobocas.

Aria sabia que deveria rir, mas não conseguiu fazê-lo. Em vez disso, desviou o olhar, sentindo um nó na garganta. Suas mãos pareciam pesos mortos. *Ali e Tabitha*, sua mente gritou. *Maplewood. Jogadora de hóquei. Pergunte a ele.*

Noel inclinou a cabeça.

– Você parece muito infeliz.

– Eu não estou – disse Aria com a voz falhando. – Apenas... – Ela parou. Se ao menos existisse uma maneira de trazer o nome de Tabitha para a conversa sem que isso soasse sem sentido e suspeito. *Mas como?*

Noel puxou suas mãos.

– O que diabos está acontecendo, Aria? Estou aqui fazendo de tudo por você, falando tudo, conseguindo para você a vaga de presidente do comitê de decoração, aguentando suas mudanças esquisitas de humor, perdendo você por *ter me traído*, e você ainda me trata como eu fosse um nada? Isso está ficando chato, sabia? Os segredos, o comportamento estranho... É como se eu não fizesse parte da sua vida.

– Não diga isso – sussurrou Aria. – Eu só estou com a cabeça cheia, só isso.

– Com *o quê?* – perguntou Noel.

Ela hesitou. Tudo o que desejava era riscá-lo da lista de suspeitos. Mas não podia exigir respostas.

Aria o encarou. No bolso da calça jeans de Noel, o canto de um objeto despontava. Era o celular dele. Uma ideia muito atraente começou a se formar na mente de Aria.

Ela esperou um instante para colocar a cabeça no lugar e, então, chegou mais perto dele e tossiu.

– Noel, não consigo parar de pensar no que fiz para você. Ainda me sinto péssima por tudo aquilo. E, depois da bomba no porão do navio, depois de quase morrer no mar, eu... eu fiquei tão confusa...

– Então, *fale* sobre isso comigo – disse Noel. – Não esconda as coisas de mim. Não guarde tudo dentro de você, me obrigando a adivinhar o que está acontecendo.

– Certo... – disse Aria, derramando algumas lágrimas. – Vou falar tudo para você. Prometo.

Então, ela o trouxe para junto de si e o abraçou. Por um momento, temeu que Noel não a abraçasse de volta, mas ele timidamente passou os braços ao redor do corpo dela. O coração de Aria batia contra seu peito. Ela deslizou a mão até a altura da cintura dele. Cautelosa e delicadamente, segurou uma ponta do celular com dois dedos e o puxou, um centímetro de cada vez, com a habilidade de um

batedor de carteiras. Noel se moveu, mas não pareceu ter notado.

Aria deixou o celular cair no bolso largo de seu moletom. Quando se afastaram, Noel olhava para ela com a mesma expressão amorosa de antes.

Aria tentou disfarçar e apontou para a entrada do galpão.

– Bem... acho que precisam de mim lá dentro.

Noel deu um beijinho no rosto dela.

– Ligue para mim quando a arrumação tiver acabado, certo?

– Tudo bem – concordou ela, hesitante. Em segundos, Noel foi embora.

Aria saiu em disparada para o prédio; teria apenas alguns minutos antes de Noel descobrir que seu celular tinha sumido. Correu até onde estava seu iPad e achou um cabo USB dentro da bolsa. Conectou-o ao celular de Noel. Na tela, uma janela lhe perguntou se desejava transferir as informações para o aparelho. Ela apertou sim. Números piscavam na tela. Em menos de um minuto, uma nova mensagem apareceu, avisando que a transferência estava completa.

Aria tirou o celular do cabo, abriu a porta e jogou o aparelho no gramado. Tinha esperança de que Noel acreditasse que deixara o aparelho cair.

Voltou para o iPad. As mensagens de Noel estavam carregadas. Ela as olhou depressa, não esperando encontrar grande coisa – se Noel *fosse* A, provavelmente, usaria outro celular com um número bloqueado. E, além das mensagens que Noel enviara a Aria sobre coisas de casal, a maioria delas era para seus companheiros de lacrosse e para sua família. Mas, ao rolar a tela, Aria viu que havia uma coisa estranha. Dois anos antes, no mês de fevereiro, Noel tinha enviado uma mensagem para um número não listado. *Qualquer coisa que você precisar*, dizia a mensagem. O número tinha respondido. *Agradeço imensamente. Você sabe o que fazer.*

Aria fez as contas. Tinha sido naquele mês de fevereiro que Noel e Aria ficaram amigos de fato, durante aquela sessão espírita na loja de artigos esotéricos em Yarmouth. Era muito estranho que ele tivesse guardado essa mensagem – na época em que a recebeu, certamente ele tinha outro aparelho e deve ter transferido a mensagem do tal número misterioso de um para o outro. É possível que ele a tivesse guardado por motivos sentimentais. Poderia ser uma mensagem de Ali? O que significava *Você sabe o que fazer?*

Aria fechou os olhos. Era terrível pensar em coisas assim. Ela estava mesmo *fazendo* aquilo? Tinha ficado louca?

Fechou a pasta de mensagens, sentindo os membros pesados. Os e-mails de Noel também haviam sido carregados, mas Aria não queria mais mexer em nada daquilo. Então, um nome familiar chamou sua atenção. *Agente Jasmine Fuji*. Era de dois dias antes. Aria sentiu uma tontura. Mas Noel tinha conversado com ela na semana anterior, não foi?

E não havia somente um e-mail para Fuji – eram seis seguidos. Palavras piscavam em seus olhos. *Obrigado por suas ideias. O próximo: Sinto muito por você ter perdido sua amiga. E o último: Vamos conversar mais em breve. Fiquei muito intrigada quando você disse que nem todo mundo está contando a verdade e espero que você possa explicar.*

Alguém riu alto atrás dela, e Aria colocou o iPad de volta na mesa. Olhou ao redor da sala, sua visão estava embaçada, como se estivesse em um pesadelo. Noel tinha perdido uma amiga... Seria *Tabitha*? Ou *Ali*? E quem ele pensava que estava mentindo? Aria? Era *por isso* que Fuji estava tentando falar com elas com tanto afinco?

Pegou seu celular e telefonou para Spencer. Aquilo estava ficando fora de controle. Era hora de ter uma conversa franca com as amigas. O celular tocou uma vez, então, duas vezes.

– Alô? – respondeu Spencer. – Aria? O que foi?

Uma batida soou na janela, e Aria deu um pulo. Era Noel, do outro lado do vidro com o celular na mão. Ele sorriu para ela de forma tão doce e inocente, que o coração de Aria se quebrou em um milhão de pedacinhos.

– Aria? – A voz de Spencer soou através do aparelho.

Aria acenou para Noel com lágrimas nos olhos.

– Ah... eu... liguei para você por engano – disse para Spencer. Em seguida, desligou, sem dizer o que precisava.

No sábado à tarde, algumas horas antes do baile, Spencer e Hanna estavam no quarto de Hanna da casa do pai dela. Havia um enorme espelho de corpo inteiro em um canto. A cama estava cheia de estojos de maquiagem, secadores de cabelo, sprays fixadores, e todo tipo de grampos, fivelas e modeladores transformavam o chão em um campo minado. As joias emprestadas pelas mães de Spencer e de Hanna estavam em um pano de veludo sobre a cômoda. Seus vestidos se encontravam pendurados em cabides atrás das portas do armário, e seus sapatos, cuidadosamente arrumados lado a lado no tapete. O ar cheirava a perfume e carregava ainda o cheiro do produto químico da lavagem a seco que Spencer nunca conseguia definir. Ela estava um pouco chateada porque nem *todas* as amigas puderam ir lá para que se arrumassem juntas para o baile, mas ninguém teve notícia de Aria ou de Emily, que, num gesto estranho e inexplicável, havia convidado Iris para ser seu par. Elas estavam se arrumando na casa da família Fields.

Alguém bateu à porta. A cabeça do pai de Hanna apareceu.

– Como estão as coisas, meninas? Algo que eu possa fazer?

– Não sei, papai – Hanna sorriu –, quer nos ajudar com a maquiagem?

O sr. Marin ergueu as mãos e se afastou.

– Essa não é a minha área – ele sorriu com adoração para Hanna –, mas você está linda.

– Você está sensacional *mesmo*. – A cabeça de Kate apareceu em seguida. Metade de seu cabelo formava uma cascata ondulada, mas a outra metade ainda estava lisa.

– Obrigada – disse Hanna, soando surpresa. – Você também, Kate.

Em seguida, Kate e o sr. Marin desapareceram pelo corredor. Hanna olhou para Spencer.

– Você acha que eu deveria ter convidado Kate para se arrumar conosco?

– Talvez. – Spencer deu de ombros. Não que ela estivesse no clima para fazer amigos. E a vida simples e descomplicada de Kate provavelmente a deixaria zangada naquele momento. Aquela menina não tinham um A em sua vida. Nem guardava segredos horríveis. E nem carregava uma ameaça de morte sobre a cabeça.

Hanna encostou-se de volta na cadeira, não fazendo menção de ir até o corredor chamar Kate.

– Eu gostaria que Mike ligasse para dizer que ainda é meu par. – Ela olhou para Spencer no espelho. – Quem é o cara com quem *você* vai, Spence?

Spencer pegou um curvex.

– Só alguém que eu conheci.

– Onde?

– No King James – respondeu ela automaticamente, usando a história que tinha ensaiado em sua mente. – Ele trabalha naquela butique cara para homens.

– Na Beauregard's? – Os olhos de Hanna se iluminaram. – Pensei em comprar abotoaduras para Mike lá. Com certeza vou pedir ajuda para ele... *Se* Mike e eu ainda estivermos juntos.

– Bem, não sei se abotoaduras são a especialidade dele – comentou Spencer, nervosa. Tinha a sensação de que seria uma longa noite. Esperava do fundo do coração que Chase não quisesse conversar com nenhuma de suas amigas.

Pensando em Chase, Spencer apanhou o celular, foi até Hanna e mostrou a ela a foto de Ali na clínica que ele tinha lhe dado.

– Olhe.

Hanna fez uma careta.

– Onde você conseguiu isso?

– Tenho procurado coisas sobre ela. Você sabe que lugar é esse, certo?

– *Dãããã*. Reconheceria essa sala de convivência em qualquer lugar. – Hanna franziu o cenho. – Ali parece ter a nossa idade, talvez um pouquinho mais nova. – Apontou o vulto cujo rosto não aparecia. – Quem é?

– Esperava que você soubesse. Ele está com Ali, você não acha?

Hanna apertou os olhos.

– Que pena que ele não está usando alguma coisa chamativa. Todo mundo no planeta tem um moletom preto, não é?

– Noel tem um moletom preto – disse Spencer, tossindo de um jeito esquisito.

Hanna a olhou por um bom tempo, séria.

– Parece com ele, não parece?

– Eu não quero que seja ele.

Spencer desabou na cama e esfregou os olhos.

– Mas parece, não parece? – perguntou Hanna baixinho. Tinha contado à Spencer que Mike não se lembrava de onde Noel estava quando a bomba explodiu no navio... E que viu Noel na clínica do pai de Sean. Ela balançou a cabeça. – E ainda não acredito que você foi sozinha até aquele prédio na Filadélfia. Você poderia ter morrido.

– Acho que A só queria me assustar – murmurou Spencer, sentindo-se enjoada. Agora tudo parecia tão óbvio: Ali e seu cúmplice tinham plantado aquele endereço no sistema da farmácia para o amigo de Chase encontrá-lo. Havia preparado o alçapão para que abrisse quando Spencer fosse

lá bisbilhotar. Então, isso significava que *A sabia* que Spencer estava bisbilhotando?

Spencer se inclinou para o espelho e limpou um pouco de sombra borrada em sua têmpora.

– Gostaria de voltar naquele prédio, mas estou com muito medo.

– Por que você ia querer *voltar*?

– Porque mesmo que a enfermeira de Ali não more ali, Ali e seu cúmplice estiveram lá e armaram uma armadilha para mim. E, agora que a armadilha foi usada, há uma chance de que eles voltem lá e recolham as tralhas que colocaram no sótão. Talvez aquela bola de boliche seja do pai de Noel. Talvez algum daqueles cacarecos do sótão possa estar relacionado a Ali.

– Hum... – Devagar, Hanna passou uma escova pelo cabelo. – Não tinha pensado nisso.

Era uma teoria de Chase. Spencer implorou para que ele voltasse ao local para ver se Ali e seu misterioso namorado tinham aparecido por lá, mas ele não pôde. E não tinha explicado o porquê.

O notebook de Spencer apitou como se aquele momento tivesse sido ensaiado. Havia um novo e-mail em sua conta supersecreta. Olhou para a tela, escondendo-a de Hanna. *Mal posso esperar para ver você hoje à noite, Britney*, escreveu Chase, adicionando um emoticon de um rostinho piscando. *E, a propósito, descobri uma coisa interessante sobre Alison.*

Seu coração começou a bater mais rápido. *O quê?*

Outro e-mail apareceu. *Não quero falar on-line*, escreveu Chase. *Mas vejo você em breve.*

Spencer cerrou os dentes. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Só mais três horas.

Seria uma eternidade.

Assim que a noite caiu, Spencer e Chase, que tinha ido até a casa dela, caminharam de mãos dadas até a limusine. Enquanto Chase segurava a porta aberta para Spencer, ela lhe deu um sorriso tímido.

– Você está maravilhosa – disse Chase, beijando-a no rosto.

Spencer tentou não desmaiar.

– Você também está ótimo.

O smoking de Chase lhe caía perfeitamente. Ele fora tão educado, dando o *corsage* a ela e posando para as fotos. Mesmo Amelia, que torcia o nariz para tudo, ficou de queixo caído.

A limusine deu a volta na rua sem saída e rumou para a Filadélfia. A janela da frente estava um pouquinho aberta, permitindo que o ar doce da primavera os embalasse.

Mas, mesmo quando Chase abriu uma garrafa de champanhe e lhe serviu uma taça, Spencer não conseguiu relaxar. Virou-se para ele.

– Agora que estamos sozinhos, você pode, por favor, contar o que descobriu sobre Alison?

Chase bebericou de sua taça.

– Recebi um vídeo interessante de um amigo. É de uma câmera de segurança de um prédio que

não fica muito longe daqui. Tem uma garota no filme que parece Alison.

Spencer sentiu um arrepio.

– Você está brincando? – Ela olhou para o celular de Chase, que estava em seu colo. – Você está com ele aqui? Podemos assistir?

Chase também olhou para o celular.

– Não estou com o vídeo.

– Ah... – disse Spencer.

– Essa foi a única razão para você sair comigo esta noite? – A voz de Chase soou soturna.

– Claro que não – respondeu Spencer. – Eu só... bem, é só que parece ser *muito importante*.

Gostaria de ver.

Chase pegou a mão dela.

– Isso também é importante. Estar com você, quer dizer. Eu só quero uma noite tranquila, normal, na qual não conversemos sobre Ali, perseguidores ou essas coisas terríveis que aconteceram conosco. Uma noite em que, tipo, você não chegue quase a morrer com um monte de coisa despencando na sua cabeça. – Ele tentou rir.

Spencer piscou.

– Mas...

– Que tal se fizermos assim? E se eu mostrar a imagem depois da nossa primeira dança? Isso será quando, daqui a uma hora? Eu só quero um tempo com essa garota maravilhosa que conheci chamada Spencer. Tudo bem?

Bolhas de champanhe fizeram cócegas no nariz de Spencer. Ela olhou para as luzes embaçadas que pairavam sobre eles conforme percorriam o caminho. Quando foi a última vez que ela simplesmente relaxou e aproveitou? Mesmo no cruzeiro, que deveria ter sido relaxante, a viagem acabou virando uma enorme confusão, tudo muito assustador e estressante. E era muito bacana ser vista somente como Spencer, uma garota normal, e não Spencer, uma das Belas Mentirosas.

– Se você me prometer mostrar tudo assim que a primeira dança terminar... – disse ela.

– Prometo.

Eles apertaram as mãos. Chase descansou a cabeça no pescoço de Spencer. Pela janela, observaram o brilho da Filadélfia no horizonte e começaram a conversar. Spencer perguntou a Chase como teria sido seu baile de formatura e quem Chase gostaria de ter levado. Perguntou também quais matérias ele pensava em estudar na faculdade no ano seguinte. Então, começaram a falar sobre como seria o próximo semestre em Princeton. Spencer até contou um pouco sobre a confusão que acontecera na festa da maconha a que tinha comparecido em seu fim de semana de visita à faculdade.

Eles conversaram durante todo o trajeto congestionado até a cidade e, antes que Spencer notasse,

estavam pegando a saída próxima ao zoológico. O coração dela estava mais calmo. Seu rosto doía de tanto rir. Conversar sobre tudo, menos sobre o problema com Ali, foi mesmo uma ótima ideia.

Quando pararam em um semáforo, o motorista ligou o rádio. *E agora voltamos à investigação do assassinato de Tabitha Clark. Os responsáveis pelo caso afirmam ter feito progressos nos interrogatórios e têm vários potenciais suspeitos.*

Spencer enfiou as unhas no próprio joelho. *Suspeitos?*

– Essa história é louca, não é? – Chase cruzou as pernas. – Tenho acompanhado um pouco.

Algumas pessoas me mandaram pedidos para postar sobre isso no meu site.

– Hum... – disse Spencer com um fio de voz, jogando os cabelos para trás.

Chase pegou sua taça.

– Aliás, você estava na Jamaica quando Tabitha morreu, não? Você viu alguma coisa?

Spencer se virou e o encarou, sentindo um arrepio gelado atravessar o corpo.

– Eu nunca lhe contei que estive na Jamaica.

Chase piscou.

– Contou, sim.

– Não, não contei. – Seu corpo inteiro começou a tremer. – Com certeza, não contei. – Foi assustador o bastante admitir quem ela realmente era. Não era idiota o suficiente para contar a ele sobre a Jamaica também.

Chase esvaziou sua taça em um gole, sem tirar os olhos dos dela por um segundo. Seu pomo de adão subiu e desceu enquanto ele engolia. Devagar, pegou alguma coisa no bolso. Do mesmo modo que alguém ameaçador alcança uma faca, uma arma. Uma nova realidade se formou na mente de Spencer. E se Chase soubesse que ela esteve na Jamaica porque ele também estava lá?

De repente, seu sangue gelou e toda aquela horrível armação fez sentido. Tinha sido fácil demais encontrar o blog de teorias da conspiração de Chase. E ele estava um pouco disponível demais, sempre disposto a contar a ela todos aqueles detalhes sobre o caso de Ali, segredos que ninguém poderia saber. As imagens que ele lhe mostrara eram também, claro, particulares, não tinham sido enviadas para ele por acaso. E Chase era um tremendo hacker, o que significava que ele poderia tranquilamente ter plantado informações no notebook da Naomi Zeigler no navio, no notebook de Billy Ford e no sistema da farmácia. Se é que aquele endereço estava *mesmo* no sistema. Spencer tinha acreditado na palavra dele.

Foi Chase quem a levou até o apartamento com a armadilha. E ele caiu contra a porta, batendo nela. Fez parecer um acidente, mas e se não tivesse sido? Ele sabia que o alçapão ia abrir? De alguma forma, fez com que o alçapão se abrisse com a batida? Ou era um sinal para alguém lá dentro?

Chase poderia ser o namorado secreto de Ali? O Novo A? Durante todo esse tempo, as garotas haviam desconfiado de Noel... E Spencer tinha caído na armadilha de Ali feito uma patinha.

A mão de Spencer deslizou na direção da maçaneta. De repente, Chase segurou seu outro pulso e a puxou para si. Seus olhos brilhavam. Seu sorriso tinha sumido.

– Preciso lhe contar uma coisa... – disse ele em um tom de voz solene.

– Eu... – Spencer tremia. Apontou para alguma coisa do lado de fora da janela. – O que é aquilo?

Chase soltou seu pulso e olhou. Spencer girou a maçaneta e escancarou a porta. Quando Chase percebeu o que Spencer estava fazendo, ela já estava na calçada. Uma brisa gelada subiu por sua saia. Seu salto virou, mas ela seguiu em frente.

– Spencer! – gritou Chase. – O que você está fazendo?

Ele também tentou sair do carro. Spencer gritou e chutou a porta com o salto, batendo-a na cara dele. O sinal abriu. Os carros parados atrás da limusine buzinaram.

– Vai! – gritou Spencer para o motorista, que parecia assustado. Por mais surpreendente que possa parecer, a limusine *realmente* se foi. Spencer se virou e correu.

Desviou de um casal que passeava de mãos dadas e se enfiou em um beco. Aquela era uma parte da cidade que ela não conhecia bem. Não havia táxis à vista. Pessoas sentadas nos degraus de suas varandas a encaravam. Garotos e garotas desapareciam nas esquinas, suas risadas altas ressoando pelo beco.

Spencer apanhou seu celular descartável, o único que tinha carregado consigo naquela noite. Talvez conseguisse chamar um táxi. A tela já estava piscando. Quando viu as letras e os números embaralhados no remetente, sentiu o coração na boca.

Você pode correr, mas não pode se esconder, Spence!

Beijos, A

O celular tocou de novo. Era a mesma mensagem. E a mesma, e a mesma, até que um alerta disse que a memória estava cheia. Spencer mudou para a função ligar, mas uma nova mensagem apareceu: BATERIA FRACA. DESLIGANDO.

A tela ficou escura. O céu ao seu redor também parecia escurecer, as sombras se aprofundavam. Spencer tinha sido eliminada. A vencera novamente.

Hanna se acomodou na janela da frente da casa do pai, tentando não parecer muito ansiosa e patética enquanto checava o celular novamente, para depois o guardar em sua capinha de pedrarias, cruzar as pernas e admirar seus novos sapatos Dior. Tinham saltos de treze centímetros; e ela precisou praticar com eles a semana toda para não correr o risco de tropeçar no baile. Também precisou praticar como andar com seu vestido longo Marchesa para evitar acidentes. Já tinha ajeitado a coroa para que as laterais não beliscassem sua cabeça, e o cetro estava no sofá, com suas pedras falsas refletindo a luz. Tudo parecia perfeito. Ela estava, literalmente, pronta para ir a lugar nenhum.

– Ainda nada do Mike? – perguntou seu pai.

Hanna balançou a cabeça. Mike não tinha ligado durante o dia. Eles ainda não haviam se falado desde a conversa estranha e a pseudorreconciliação “nada disso me fez melhorar” que tiveram pelo celular na tarde em que ela estava na clínica de queimados, pouco antes de ver Noel.

Ele não escreveu para dizer que tinha ido apanhar o smoking. Ele não mandou uma mensagem para avisar que passaria por lá de limusine. Até onde Hanna sabia, ele não ia aparecer.

O pai de Hanna virou uma página da *National Geographic* que fingia ler. Ouviram um barulho na cozinha; a carne assada que Isabel fizera para o jantar estava esfriando. Sean já havia levado Kate para o baile, não sem que antes a família tirasse um zilhão de fotos. Se *aquilo* não provava a Mike que ela não estava a fim de Sean, o que provaria? Por que ele simplesmente não podia acreditar nela?

E que história era aquela de Noel dedurar Hanna? Era o tipo de coisa que A faria...

Seu celular antigo apitou, e ela se lançou sobre ele. Era um e-mail da agente Jasmine Fuji. *Posso passar aí à noite?*

Hanna ficou branca. A mulher era implacável. *Desculpe, mas tenho meu baile de formatura!*, respondeu, feliz por ter uma desculpa verdadeira.

– Querida, você está bem? – perguntou o sr. Marin, notando a expressão angustiada de Hanna.

Em um instante, Hanna fechou o e-mail. Ela assentiu, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Na verdade, não.

O sr. Marin foi até ela.

– Quer saber, aposto que muitas rainhas bonitas foram ao baile desacompanhadas. Pense em todas as estrelas que vão ao Oscar sozinhas. Não é muito diferente. É sedutor, na verdade. Significa que

você pode se virar sozinha. – Ele apanhou o telefone sem fio sobre a mesa de centro. – Vamos ligar para meu motorista. Pedirei que passe na floricultura no caminho para cá e compre o maior *corsage* que o dinheiro pode pagar.

Aquilo fez com que Hanna chorasse ainda mais.

– Obrigada.

Aninhou-se no corpo grande e sólido do pai, inalando o cheiro pungente de seu desodorante e de sua colônia de pinho. De repente, eles pareciam suas antigas versões, a antiga Hanna e o antigo papai, tendo um tipo de relacionamento em que ela podia contar tudo a ele. Como era antes de Isabel. Antes de Kate. Antes de A.

Hanna respirou fundo e se afastou.

– Na verdade, não é sobre o baile. É sobre... outras coisas. – Ela fechou os olhos. – As coisas estão meio... confusas.

Ele franziu o cenho.

– O que quer dizer com isso?

Hanna umedeceu os lábios. Se ao menos pudesse contar ao pai... Se ao menos ele entendesse aquilo tudo como erros horríveis dos quais realmente se arrependia e que nunca mais cometeria... Se ao menos ele pudesse encontrar A e fazer tudo aquilo parar...

Mas Hanna não podia contar nada. Se contasse, não apenas a carreira política dele seria arruinada... Seu próximo trabalho seria fazer placas de metal em um pátio na prisão.

– É sobre essa história de ser rainha do baile? – perguntou o sr. Marin gentilmente.

Hanna balançou a cabeça.

– Por que você perguntou isso?

O sr. Marin se ajeitou com uma expressão de culpa.

– Não fique brava. Mas ouvi uma conversa sua com Mike outro dia. Você disse que preferia morrer a concorrer com Chassey Bledsoe. – Sua testa franziu. – Isso não é uma coisa bacana de se dizer, Hanna. Todo candidato merece ser enfrentado de igual para igual.

A boca de Hanna se abriu, e um emaranhado de emoções brotou em seu peito – traição, culpa, arrependimento, vergonha e frustração com A.

– Não é nada disso, papai – admitiu. – Eu não quis dizer aquilo. – Mas tinha, não é? Uma parte de Hanna *havia mesmo zombado* de Chassey por ela concorrer, por achar que tinha chance. De repente, Hanna se lembrou da cara de choro de Chassey quando ela perdeu.

O sr. Marin colocou as mãos sobre as dela.

– Sabe o que eu acho? Que você é uma boa pessoa. Que você faz a coisa certa, quando ganha e quando perde.

Então, o olhar dele se iluminou com alguma coisa do outro lado da janela. O carro de Mike parou junto ao meio-fio, e ele desceu do carro usando um smoking. Trazia um imenso buquê de rosas nas mãos.

Hanna se examinou no espelho do corredor e checkou a maquiagem. Ela alisou o vestido e arrumou a coroa. Quando a companhia tocou, correu para abrir a porta.

– Onde você estava?

Mike se encolheu.

– Desculpe, me atrasei um pouco. Havia uma fila enorme na floricultura.

Hanna colocou as mãos na cintura.

– Você já ouviu falar em dar um telefonema? Mande um milhão de mensagens! Eu não sabia se você viria!

Mike olhou para cima e para baixo e sorriu.

– Você deveria saber muito bem. – Ele suspirou. – Eu disse que viria, Hanna. E você fica me perturbando quando eu ligo enquanto dirijo. – Então, ele olhou para o sr. Marin, que havia ido para a cozinha. – Eu também não devia ter ficado bravo com seu voluntariado na clínica de queimados. Conversei um pouco com Aria, e ela me fez sentir um idiota por imaginar que você estaria com Sean. Eu deveria ter acreditado em você.

Hanna olhou para as rosas. Elas tinham um tom roxo escuro, suas favoritas. Mike tinha uma expressão envergonhada, preocupada e suplicante por perdão no rosto. Talvez *se sentisse* mal. Então, ela olhou para o pai, que estava escondido na cozinha. Ela meio que *esperava* tirar algumas fotos.

– Tudo bem – disse, beijando o rosto de Mike. – Você está perdoado. – Depois se virou para chamar o pai, para que ele pudesse tirar aquelas fotos estranhas que ela sempre desejou.

Depois de enfrentarem um trânsito terrível até o Four Seasons, Hanna entrou no salão decorado. O ar cheirava, principalmente, a vieiras grelhadas. Garotas em longos vestidos de seda riam em grupinhos de duas ou três. Garotos usando smokings bacanas pareciam quase adultos. Alguns casais já dançavam, embalados pela música lenta, e havia uma fila para as fotos oficiais no canto. Todas as paredes estavam tomada de cores, as obras-primas de Van Gogh ganhando vida. A parede do fundo da pista de dança estava coberta por um mural do quadro *Lírios*. Um grande mural de *Noite estrelada* cobria a parede atrás das mesas, cujas toalhas e pratos eram réplicas de outras obras do pintor. O comitê de decoração havia comprado estrelas e luas feitas de papel machê e as colocara em torno do salão como uma obra de arte.

– Uau! – Mike acenou aprovando. – Que viagem!

– Aria fez um ótimo trabalho em pouco tempo, não? – murmurou Hanna, procurando pela amiga na

multidão. Mas *não* a viu em lugar algum.

– Ei, Hanna, parabéns! – saudou Jillian Woods, quando passou por ela.

– Olá, rainha do baile! – gritou um grupo de meninos que estavam sentados à uma mesa. Hanna acenou para eles como uma miss.

Mais e mais pessoas reuniram-se ao redor dela. Heather Jonas, que adorava o Havaí desde que havia viajado para lá no último verão, colocou um colar havaiano ao redor do pescoço de Hanna. Becky Yee e Olivia Kurtz, que eram nerds, mas simpáticas, pediram para tirar uma foto com ela. Até mesmo o velho amigo de Hanna, Scott Chin, que estava lá com um cara alto que parecia um modelo, deu um enorme abraço em Hanna.

– Você é uma rainha muito mais gostosa do que aquela aberração da Chassey Bledsoe – sussurrou ele.

Normalmente, Hanna teria achado graça, mas se afastou, bem zangada. Depois da conversa que tivera com o pai, ela se sentia um pouco culpada pela forma como havia tratado Chassey.

Alguma coisa estranha à esquerda chamou sua atenção. Havia uma réplica de madeira compensada de um autorretrato de Van Gogh, um buraco onde deveria estar seu rosto. O rosto de Phi Templeton apareceu no buraco. Ela ficou vesga e gritou:

– Ai, minha orelha foi cortada!

Chassey Bledsoe, em um vestido de seda dourado cintilante, tirou uma foto e riu.

Hanna passou a língua sobre os dentes. Chassey estava linda naquela noite. E ela havia *se esforçado muito mais* que Hanna para ganhar.

Levantando os ombros, ela se afastou de Mike, caminhou até Chassey e bateu em seu ombro. A garota se virou. Seu sorriso diminuiu um pouco quando ela viu a coroa na cabeça de Hanna.

Hanna tirou os grampos do cabelo, removeu a coroa e a ofereceu para Chassey.

– Aqui – disse ela. – Isso é para você.

Chassey olhou para a coroa, obviamente não entendendo nada. Hanna revirou os olhos.

– Coloque isto, *sua pateta*. – disse ela. Ela ofereceu o cetro também.

Chassey piscou.

– O... o quê?

– Apenas faça isso antes que eu mude de ideia – resmungou Hanna. E então se afastou, deixando a coroa para trás. Mas, enquanto caminhava até Mike, um sorriso se espalhou em seu rosto, como se fosse algo líquido. Hanna deu uma olhada em seu reflexo no espelho. Estava mil vezes melhor assim. Aquela coroa de prata não combinava com sua pele.

– Senhorita Marin?

Hanna virou a cabeça. Uma mulher vestindo um uniforme do Four Seasons estava atrás dela.

– Você é Hanna Marin? – perguntou. Hanna fez que sim com a cabeça, e a mulher pegou seu braço.

– Tem uma ligação para você na recepção. Ela disse que era urgente.

Mike deu um olhar curioso para Hanna e então a seguiu até o saguão. Hanna pegou o telefone, seu coração disparado de ansiedade. Mas, quando ela disse “Alô”, uma voz inesperada respondeu.

– Hanna? – uma garota perguntou. – É a Kelly. Da clínica de queimados.

– Kelly? – Hanna piscou, aturdida. – O que foi?

– É sobre aquele garoto de quem você é amiga – disse Kelly. – Graham. Ele acordou. Eu liguei para sua casa, e seu pai me disse que você estava no baile, mas você tinha me dito para ligar a qualquer hora, em qualquer lugar, então...

– Obrigada – interrompeu Hanna, segurando o telefone com força. Ela olhou para os táxis do lado de fora do saguão, sua mente disparando em milhares de direções. – Estarei aí em quinze minutos.

Ela desligou, tentando lembrar qual era o melhor caminho para o táxi chegar lá. Mike pigarreou atrás dela.

– Onde você vai estar em quinze minutos?

Hanna congelou. Mike parecia arrasado... E confuso... E preocupado. Então, ela olhou para a multidão. De repente, localizou Aria com Noel ao seu lado. Ela pensou em Graham se debatendo na cama. Murmurando coisas. *Lembrando-se* de coisas. Elas poderiam resolver tudo em questão de minutos.

Ela se virou para Mike.

– Graham acordou. Preciso falar com ele.

Mike se aproximou dela.

– Certo, vamos.

– Vamos? – Hanna balançou a cabeça. – De jeito nenhum.

– Você não vai ganhar desta vez. – Mike colocou as mãos na cintura dela. – Eu não vou deixar você conversar sozinha com aquele psicopata.

Hanna procurou o rosto de Mike. De maneira alguma, ele aceitaria um não como resposta. E, o que importava, na verdade? Tudo seria revelado em breve. Talvez *ela precisasse* de proteção.

– Se você insiste – murmurou ela. – Mas, então, vamos!

Hanna pegou o braço dele e correu para dentro da noite.

– Aria! – Ryan, usando um vestido de melindrosa com franjas e com os cabelos presos no alto da cabeça, correu até Aria e a abraçou. – Esse salão está sensacional!

Aria parou de tirar fotos, uma das suas obrigações como presidente do comitê de decoração, e olhou ao redor do salão do Four Seasons como se nunca o tivesse visto antes, apesar de estar lá desde três da tarde, tomando as providências para o baile.

– Obrigada – disse ela a Ryan. – Mas, na verdade, quem fez tudo isso foram as outras garotas. Eu só dei ordens.

Ryan balançou a mão em descrença.

– A visão foi sua. – Ela avaliou a roupa de Aria, desde seus cachos até os sapatos de veludo que ela havia comprado na França, anos antes, para a ocasião, passando por seu vestido preto vintage, simples, mas elegante. – Você também está sensacional. – Ela se virou para alguém que estava perto. – *Não está?*

Aria se encolheu. Noel aparecera ao seu lado, sem que ela percebesse. Ele estava elegante em seu smoking, com a coroa de rei torta na cabeça.

– Maravilhosa com sempre – disse ele como um bom namorado.

Ele *era* um bom namorado? Noel já tinha dito que ela estava bonita naquela noite, pelo menos vinte vezes. E havia conseguido que ela fosse a presidente do comitê de decoração, coisa que ela realmente queria. Ele até mesmo ficara ao lado dela enquanto ela agia feito uma maluca, o que estava fazendo de novo naquele momento.

Ou seria aquilo tudo falsidade? A mente de Aria não parava de girar na mesma enlouquecedora sequência de pensamentos. Era possível que Noel conhecesse Tabitha. Em seu e-mail para a agente Fuji, ele a chamava de amiga – ou Noel estaria falando da Ali? Se ele *estivesse falando* de Tabitha, foi dessa maneira que conseguiu aquela corrente com o medalhão? Era por isso que ele falou a Aria que a queria longe de Graham no navio? Talvez Graham também soubesse da amizade entre Tabitha e Noel. Talvez Noel estivesse preocupado com a possibilidade de Graham dar com a língua nos dentes. Ele não tinha falado, claro – mas estava prestes a fazer isso, a contar a Aria quem a perseguia.

E se Noel *conhecesse* Tabitha, isso queria dizer que ele poderia conhecer a madrasta dela, Gayle. Ele poderia até mesmo saber sobre o bebê secreto de Emily. Noel poderia estar escondido perto da

velha caixa de correio de Gayle, esperando Hanna devolver o dinheiro sem parecer muito suspeito – talvez tivesse dito a Gayle que ele tinha ido buscar alguma coisa que pegara emprestada de Tabitha antes de desaparecer. Ei, talvez tivesse mantido contato com Gayle depois que ela e o marido se mudaram para Rosewood – ele saberia onde encontrá-la. E, quando Gayle viu Noel na garagem, na noite em que Aria, Emily e as outras foram à sua casa, temendo que Gayle tivesse sequestrado o bebê de Emily, ele a matou antes que ela pudesse gritar seu nome, expondo seu segredo.

Aquela trama *poderia* fazer sentido. Até a história da Jamaica se encaixava. Aria não ficou colada em Noel todos os segundos daquela viagem – ele poderia ter dado uma escapulida e instruído Tabitha sobre o que precisava dizer para deixar Aria e suas amigas apavoradas. *Diga coisas que façam com que fiquem irritadas*, ele poderia ter dito. *Faça com que vão à cobertura e, então, empurre Hanna*.

Mas nada aconteceu daquela maneira – no fim, foram elas a empurrar Tabitha. Mas Noel teria coragem de matar Tabitha? Seria pelo mesmo motivo que tinha assassinado Gayle – porque receava que sua identidade secreta fosse revelada? E ele estava fazendo tudo isso para Ali? Noel tinha mesmo amado Ali *tanto assim*?

Aria fechou os olhos. Não. Noel não amava Ali. Noel era uma pessoa boa e inocente. Tudo se encaixava porque ela *queria* que tudo se encaixasse, porque A estava as forçando a ver as coisas dessa maneira, porque até suas amigas estavam distorcendo e amarrando e ligando as coisas de uma maneira que não era correta. Ela *precisava* acreditar nisso, *precisava* dar uma última chance para que Noel explicasse aquilo tudo.

Ryan checkou seu relógio Chanel e então colocou os braços ao redor dos ombros deles.

– Fiquem por perto, vocês dois. Está quase na hora da sessão de fotos do rei e da rainha no cemitério.

Aria olhou ao redor.

– Onde está Hanna? – Ela mal tinha visto as meninas durante a noite.

Noel olhou em volta.

– Vi Hanna e Mike deixando o salão há alguns minutos. Mas tenho certeza de que não foram muito longe.

– Bem, então vou procurar por eles – disse Ryan, encaminhando-se para a multidão.

Quando ela se afastou, Noel se virou para Aria.

– O que você acha de a gente pegar uma bebida no bar do outro lado do saguão enquanto esperamos? Ninguém vai denunciar o rei do baile se ele beber um pouquinho. – Ele deu uma piscadela.

Aria umedeceu os lábios. *Seu namorado quer pegar uma bebida com você*, disse a si mesma. *Ele*

quer passar um tempo sozinho com você. Porque ele a ama.

De repente, um vulto se materializou em sua visão periférica. Uma mulher usando um terninho cinzento entrou no salão, falando discretamente ao celular. *Agente Fuji*. O que ela estava fazendo ali?

Olhou para Noel, mais determinada do que nunca.

– Vamos, sim.

Eles cruzaram o saguão e entraram em um bar escuro. Um bartender que limpava o balcão ergueu os olhos.

– Como posso ajudar vocês?

Noel pediu um uísque, e Aria, um gim com suco de limão. Ele a encarou com seus olhos verdes, doces e gentis.

– Você está bem?

Aria engoliu em seco. Por sorte, o bartender escolheu aquele momento para trazer as bebidas. Pelo menos Aria tinha alguma coisa para fazer com as mãos.

– Se você acha que ainda estou irritado com toda aquela história sobre Olaf, eu já esqueci. Entendi seu lado, Aria. Você tem minha palavra.

– Ainda me sinto péssima sobre tudo aquilo – disse Aria baixinho. – Eu não sei no que estava pensando.

– Está tudo bem – respondeu Noel com a voz firme, envolvendo o pulso dela com sua mão. – Isso não muda em nada o que eu disse, Aria. Sobre Ali, lembra-se?

Aria se encolheu ao ouvir o nome de Ali.

– Mesmo?

– Ela *me* beijou. – Ele apertou o pulso dela como que para enfatizar o que dizia. – Eu não queria nada com ela. Espero que você entenda isso, *de verdade*. – Ele aproximou sua banqueta de Aria. – Você significa muito para mim, Aria. Eu nem consigo explicar o quanto estou apaixonado por você. E, se alguma coisa acontecesse com nosso namoro, se terminássemos de novo, eu ficaria arrasado. – O queixo dele começou a tremer. – Acho que eu até poderia morrer. Ninguém mais me fez sentir dessa maneira. Você *precisa* acreditar em mim.

Lágrimas escorriam dos olhos de Aria. Pela rouquidão dele, Aria podia dizer que Noel estava prestes a cair no choro. Ele estava falando a verdade. Aria tinha certeza.

Noel remexeu o bolso à procura de alguma coisa.

– Ah, sim, na verdade, tenho uma coisa aqui que quero dar a você... – Um objeto brilhante refletiu a luz, e, antes que Aria percebesse, Noel começou a colocar uma pulseira de ouro ao redor de seu pulso. Uma pequena etiqueta de metal da Tiffany estava presa perto do fecho. – Eu me senti tão mal porque o outro colar que eu lhe dei no navio sumiu, que pensei em dar uma coisa especial para você

usar no baile. – Noel tocou um dos elos. – Você me perguntou por que eu estava atrasado no dia em que anunciaram seu nome como presidente do comitê de decoração. Eu tinha ido buscar isso. Convenci o negociante de arte do meu pai a comprá-la para mim em Nova York, e ele iria ficar na Filadélfia por apenas algumas horas. É uma peça antiga – explicou Noel.

– Ah, meu Deus! – disse Aria, movendo a pulseira contra a luz. – Você não deveria me dar um presente assim.

– Claro que deveria. – Noel colocou os braços ao redor dela e a puxou para si. – Você é tudo para mim, Aria.

Aria descansou a cabeça no ombro dele. Isso era tudo o que ela queria ouvir. Noel não havia invadido seu quarto naquele dia para colocar o quadro em seu armário; ele estava com um especialista em joias, comprando um presente sensacional para ela. De repente, Aria soube que havia explicação para todo o resto também – tudo seria esclarecido a seu tempo. Inclusive o que Noel dissera à agente Fuji, e o relacionamento que talvez tenha ocorrido – talvez não – com Tabitha. Todas as pequenas tramas paralelas daquela história tinham sido distorcidas por A para que tudo virasse uma grande confusão. Noel não estava atrás dela e das amigas.

Aria se inclinou e deu um beijo apaixonado em Noel. Ele devolveu o beijo como sempre fez: suave e docemente, de todo o coração, como se Aria fosse a única garota que ele quisesse beijar enquanto vivesse. Aria cerrou os olhos e se deixou levar pelo momento, amando Noel como nunca antes.

Aria se afastou e fungou.

– Ei... – Noel enxugou uma lágrima que escorria pelo rosto dela. – Por que você está chorando?

Aria alcançou um guardanapo para enxugar os olhos.

– Eu estou muito feliz. – Ela exibiu o pulso. – E isso é tão bonito. – E de repente, ela ficou muito, muito mais leve.

– De nada. – Noel apertou sua cintura e baixou a voz. – O que você acha de ficarmos só nós dois. Sozinhos, *de verdade*? Sem festa, sem gente em volta, sem choro... Só você e eu, *feliz*?

Aria sorriu.

– É uma ideia maravilhosa – concordou ela, sussurrando.

Mas ela sabia que aquilo também seria difícil. Tinha decidido que contaria tudo a Noel naquela noite. Tudo sobre A. Tudo sobre a Verdadeira Ali. Tudo sobre aquela confusão com o quadro. Até sobre Tabitha. Aria tivera sua cota de fofoca, de investigação, de maluquice. Ela precisava dele como um aliado, não como uma possível ameaça. Tudo viria à tona, e, juntos, enfrentariam A.

O barulho no bar aumentou. Garotos e garotas tomavam os assentos perto deles. O bar estava uma confusão, e o salão se encontrava ainda pior. Aria esvaziou seu copo e levantou, lembrando-se, de

repente, de um lugar em que eles poderiam ter uma longa conversa sem testemunhas.

– Venha – disse ela, oferecendo sua mão para puxar Noel do banco. – Vamos para o cemitério.

Mike estacionou o velho Subaru dos Montgomery em uma vaga na clínica de queimados. Hanna tinha pedido que ele se apressasse, por isso, chegaram lá em nove minutos e quarenta e três segundos, o que provavelmente era um recorde. Hanna tinha certeza de que ele correria a mais de cento e cinquenta por hora na via expressa.

Mike deu duas voltas pelo estacionamento. Todas as vagas estavam ocupadas.

– Alguma delas vai acabar ficando livre – disse Hanna com a mão na maçaneta. – Deixe-me na entrada e depois encontre comigo lá dentro.

Mike fez uma careta, como se não tivesse gostado muito da ideia, mas Hanna já estava fora do carro antes que ele pudesse protestar.

Enquanto cruzava o estacionamento, seu celular apitou algumas vezes, mas ela o ignorou. Não tinha tempo a perder, não *agora*. Precisava chegar até Graham.

As recepcionistas olharam admiradas para seu vestido, sapatos e maquiagem, mas Hanna passou por elas sem dizer uma palavra. Após rabiscar seu nome no livro de visitas, Hanna virou à esquerda e atravessou o corredor em busca de Graham. Televisores iluminavam quartos superlotados. Visitantes conversavam calmamente, acomodados em sofás. Mas no fim do corredor, junto do nicho onde Graham costumava ficar, enfermeiras se acotovelavam.

Kyla estava sentada em uma maca ao lado do nicho de Graham. Ela acenou quando viu Hanna.

– O que está acontecendo?

Hanna deu de ombros e entrou no nicho de Graham. Ela engasgou. O tubo de respiração dele sumira. Ele se contorcia loucamente de um lado para outro, as pálpebras tremendo. Seus lábios secos murmuraram uma palavra.

– Graham! – gritou uma enfermeira próximo ao rosto dele.

– Graham? – Hanna se inclinou sobre a cama. – Você está acordado?

Uma enfermeira a encarou.

– Quem é você?

Hanna se assustou.

– Está tudo bem – disse Kelly, passando pela cortina com uma bandeja com agulhas e medicação.

– Hanna é uma voluntária. – Ela encarou as outras enfermeiras. – Posso cuidar disso por um minuto. Vocês esperam pelos pais. Eles avisaram que estavam chegando.

As enfermeiras desapareceram. Kelly tocou a testa de Graham e então checkou os aparelhos.

– Ele acordou há mais ou menos meia hora – contou ela a Hanna. – Nós baixamos as doses dos remédios de dor para ver se ele fala, mas ele ainda está anestesiado.

– Kelly? – gritou alguém atrás da cortina. – A sra. Johnson do 117 está tendo uma convulsão. Precisamos de você lá.

Os olhos de Kelly foram de um lado para outro.

– Que noite – murmurou. Ela colocou a mão no ombro de Hanna. – Cuide dele por um segundo, tudo bem?

Hanna piscou.

– E o que eu faço?

– Apenas não toque nele. Eu já volto. – Então Kelly desapareceu pelo corredor. Hanna se virou para Graham, que ainda se contorcia. Seus dedos se curvavam e voltavam ao normal. Ele tocou nos tubos intravenosos em suas mãos e emitiu grunhidos não identificáveis.

– Graham – disse Hanna com delicadeza –, você pode me ouvir?

As pálpebras de Graham estremeceram. Ele emitiu um sussurro hesitante.

– S-S-S... – tentou falar.

O coração de Hanna batia rápido, então ela pegou uma das mãos dele.

– Aperte uma vez para sim e duas para não, tudo bem? Você estava em um navio que explodiu. Você se lembra disso?

Graham apertou uma vez.

Um sino ecoou no corredor. Hanna congelou ao ver sapatos brancos de enfermeiras passarem por baixo da cortina.

– Foi na sala das caldeiras do navio – continuou ela. – Você estava conversando com a Aria. Você se lembra de Aria?

Graham deu outro apertão na mão dela.

– Certo. Você queria contar alguma coisa para ela, Graham. Era que alguém a estava observando?

Os lábios de Graham se apertaram. Ele apertou os olhos e estremeceu de dor.

– S-S-S...

O coração de Hanna disparou.

– Você viu o rosto dessa pessoa?

Graham se esforçava para pronunciar uma sílaba, seus lábios sem força.

– N...

– Não? Não era isso?

Ele balançou a cabeça, como se aquilo não estivesse certo. De repente, Hanna o entendeu.

– Era ele, não ela?

Graham apertou sua mão uma vez.

Hanna sentiu tontura. Tomou fôlego e continuou.

– Você sabe o nome dele?

Graham abriu um dos olhos. Sua íris estava vermelha. Seus dentes trincados, sua língua travada entre eles. Ele tentou dizer uma sílaba e então desabou, exausto, no travesseiro.

– *Por favor* – insistiu Hanna. – Por favor, diga o nome dele.

Graham tentou mais uma vez.

– N... N... – Ele apertou os olhos, parecendo agonizado. – N... N... N!

Hanna se aproximou.

– N... *O quê?* Noel?

Um ar de náusea tomou o rosto de Graham. Ele fez o som de *N* de novo. Seu queixo começou a tremer.

– N-N-N – continuava ele. – N-N-N.

– Aperte se for Noel, Graham! Aperte uma vez se for Noel! – pediu Hanna.

Subitamente, o pescoço dele arqueou para trás de um jeito apavorante. Ele revirou os olhos. Seus membros começaram a sacudir, os pés chutando sem parar. As máquinas começaram a apitar.

Hanna se afastou, assustada. Ela era a responsável por aquilo? Tinha feito muita pressão?

A barulheira das máquinas continuou. O corpo de Graham sacudia com espasmos.

– Ai, meu Deus... – sussurrou Hanna. Ela saiu de trás da cortina e olhou para o corredor. Estava vazio. Nenhuma enfermeira à vista. – Droga – murmurou baixinho. Agora as máquinas de Graham estavam fazendo barulhos mais altos, horríveis.

– Eu acabei de ver alguém indo para aquele lado – Hanna ouviu a voz de Kyla. Ela apontou para a esquerda, tremendo. Hanna balançou a cabeça e disparou pelo corredor. Mas a sala das enfermeiras também estava vazia. Depois de olhar mais três corredores, enfim viu uma mulher de uniforme cor-de-rosa cuidando de um paciente perto da porta de saída.

– Preciso de ajuda! – gritou ela. – As máquinas de um paciente estão apitando como loucas.

A enfermeira se adiantou até ela. Hanna mostrou o caminho, correndo insegura com seus sapatos de salto pelo chão escorregadio. Dobrou o corredor a toda a velocidade, na direção do quarto de Graham. Os sons das máquinas eram ouvidos por todo o corredor.

A enfermeira passou por ela e abriu a cortina. Sua boca se abriu.

– Ai, meu Deus – sussurrou ela. – Ele está em colapso! – Virou-se e gritou, pedindo mais ajuda.

Hanna enfiou a cabeça para dentro do nicho, temendo que Graham estivesse sofrendo com espasmos mais frequentes e intensos do que quando ela saiu. Mas o corpo estava sem vida sobre a

cama. Sua cabeça estava virada de uma maneira estranha para a direita, sua língua pendurada para fora da boca. A atadura que cobria seu olho tinha caído, revelando uma pele rosada, coberta de bolhas. A tubulação intravenosa tinha sido arrancada de suas mãos, e sangue jorrava para todo lado. Nos monitores das máquinas que o cercavam, a mesma linha reta. Havia pontos de interrogação onde a pressão arterial e a pulsação deveriam estar.

Mais enfermeiras apareceram e, no mesmo instante, começaram a fazer massagem cardíaca nele e também fizeram o sangramento parar. Uma segunda equipe apareceu com um carrinho de choque, e um médico rasgou a camisola de Graham para expor seu peito sem pelos, também coberto de bolhas. A eletricidade fez as pás do ressuscitador estalarem, e, quando eles lhe deram um choque, o corpo pulou acima da cama. Hanna gritou. O corpo de Graham caiu de novo sobre o colchão, mas não houve alteração nos monitores.

Os médicos e enfermeiros deram mais três choques nele. Alguém empurrou Hanna gentilmente para fora do nicho. Ela ficou parada no corredor, sentindo-se inútil. Ouviu alguma coisa às suas costas e viu Kyla sentada em sua maca, seus olhos escuros embaixo da gaze. Ela parecia tão chocada quanto Hanna.

O desfibrilador foi desligado. Alguém disse a hora em voz alta, e as enfermeiras empurraram a cortina e atravessaram o corredor. Hanna tapou a boca com a mão, com medo de vomitar. Ela olhou para Kelly, que acabara de aparecer do outro lado da cortina. Seu uniforme estava sujo com o sangue de Graham.

– Ele está...? – Hanna não conseguiu pronunciar a palavra.

Kelly baixou os olhos. Estava claro que ela também não conseguia dizer em voz alta – mas não foi necessário. Seu rosto pálido, exausto e atônito disse tudo. Graham, que acabara de se comunicar com Hanna, que tinha visto o rosto de A, que talvez soubesse *de tudo*, estava morto.

Naquele mesmo instante, Emily, usando um vestido azul sem alças comprado no shopping King James, balançou os braços e se sacudiu no meio da pista de dança do Four Seasons. Murais com pinturas de redemoinhos a cercavam. Estrelas em forma de asterisco pairavam acima dos dançarinos. Até mesmo a música era pulsante, psicodélica. Era como estar no interior de um quadro de Vincent van Gogh.

Iris, em um vestido cor-de-rosa claro que Emily tinha usado na festa beneficente do ano anterior, percorreu a mesa do bufê.

– Olha! – Ela levantou uma coroa de cor prata. Estava escrito RAINHA DO BAILE na frente, com letras brilhantes.

Emily franziu o cenho.

– Você pegou isso de Hanna? – Ela vira Hanna de relance e depois a perdera de vista. Mas provavelmente Hanna estava passando um tempo sozinha com Mike.

– Era daquela garota que está ali. – Iris apontou para Chassey Bledsoe.

Emily piscou.

– Talvez você devesse devolver a coroa para ela. Ou procurar por Hanna.

Iris revirou os olhos.

– Por favor. Todo mundo merece ter a chance de ser rainha. Todas nós não sonhamos com isso quando éramos pequenas? – Em seguida, colocou a coroa na cabeça e voltou para a pista de dança. Ela pegou também o cetro real, que sacudia na frente do rosto, como se fosse um grande bastão de neon. Dois alunos pararam e sorriram para ela. Iris saltitou ao redor de Dominique Helprin e Max McGarry, um daqueles casais que provavelmente nunca iriam se separar. Quando a música terminou, ela tirou a coroa da cabeça e a colocou na cabeça de Emily.

– Agora *you* é a rainha por uma música! – proclamou ela.

Os dentes da coroa pressionaram o couro cabeludo de Emily. Iris lhe entregou o cetro.

– Vai lá, garota! Arrasa!

A princípio, Emily recusou, mas o ritmo a fez se mexer. Ela agitou um pé, depois o outro. Mexeu os dedos. Depois de um tempo, girou o cetro como se fosse uma baliza. A turma da pista de dança a seguiu. Na metade da música, Emily começou a fazer uma coreografia que a escola inteira aprendera no sétimo ano – e todo mundo *ainda* lembrava.

– Vai, Emily! Vai, Emily! – cantarolou Iris.

Emily sorriu. Nunca sonhara em ser rainha do baile, mas foi divertido durante uma música.

Quando uma nova música começou, Emily tirou a coroa e a passou para Kirsten Cullen. Uma comemoração foi ouvida, e os garotos da equipe de futebol jogaram Kirsten para o alto, coroa, cetro e tudo.

Emily sorriu para Iris.

– Foi uma ótima ideia dividir a coroa com todo mundo.

Iris deu de ombros.

– Só estou tentando tornar esse baile divertido.

– Estou feliz por você ter vindo – disse Emily com sinceridade.

– Eu também, sua louca! – Iris jogou a cabeça para trás para rir, mas de repente mordeu o lábio e desviou o olhar para a janela. – Meu último suspiro em Rosewood, não é?

Emily tocou seu braço.

– Você está bem o suficiente para voltar à clínica? – Iris havia chamado um motorista de táxi para buscá-la no Four Seasons e levá-la de volta para a clínica psiquiátrica. Ela queria chegar lá fabulosa em um vestido de formatura, dissera, para provar aos outros internos que havia se divertido muito fora de lá. Dessa vez, iria se esforçar muito para melhorar... Para que eles a liberassem para sempre.

Iris fez uma cara corajosa.

– Quem sabe? Mas acho que preciso tentar. – Ela encarou Emily. – Você vai mesmo me visitar?

– Claro que vou! – disse Emily e então a abraçou. – Eu até vou levar você para fazer compras, se me prometer que não vai roubar nada.

– Combinado. – Iris ergueu os olhos para o relógio acima das grandes portas recortadas que levavam para o saguão. – Ei, são quase dez horas.

– Já? – disse Emily, despreocupada, como se não tivesse checado o relógio obsessivamente a noite toda.

Iris franziu o cenho.

– Como você vai reconhecer a surpresa de Jordan? Pode ser qualquer coisa... em qualquer lugar.

– Eu vou saber... de alguma forma... – disse Emily enquanto elas deixavam a pista de dança.

Mas... Será que ela realmente *saberia*? Jordan poderia ter escondido uma mensagem em um dos quatro bolos com temas de quadros de Vincent van Gogh ao redor do salão. Ela poderia ter gravado alguma mensagem subliminar em uma das faixas do DJ. Era como procurar uma agulha em um palheiro de... Van Gogh.

Emily correu os olhos pelo salão pela milésima vez. Jordan se sentiria desafiada pela enormidade da tarefa e tentaria relacionar a surpresa a alguma coisa que chamasse a atenção de Emily, certo?

Mas tudo no salão parecia interessante e digno de atenção. Os buquês sobre as mesas, as esculturas de gelo em forma de animais, as grandes estrelas de papel machê, a artista que fazia tatuagens de henna em um dos cantos, a cartomante perto das escadas.

– É hora da fila da conga, pessoal! – anunciou o DJ, trazendo Emily de volta à realidade. Um grande cavalete foi levado para a frente de sua cabine. – Onde estão nosso rei e nossa rainha?

– Eu é a rainha! – gritou Klaudia Huusko, a aluna de intercâmbio, arrastando as palavras. Andou trôpega na direção do palco, a coroa torta em seus cabelos dourados. Quando estava próxima à cabine do DJ, tropeçou na barra do vestido, e a coroa caiu. Todos riram. O tropeção puxou o vestido para baixo, revelando o sutiã com enchimento de Klaudia e – que horror – uma cinta. Todo mundo riu.

Os olhos de Emily se voltaram para a cartomante. No segundo dia no mar, Emily usou a internet lerda do navio para acessar um site de astrologia, porque desejava ler seu horóscopo para aquele dia. Ela disse a Jordan que fazia isso todas as manhãs para checar se teria um dia bom ou ruim. Jordan olhou para Emily como se ela fosse louca.

– E se o horóscopo mandar você não sair de casa?

– Bem, eu não saio – brincou Emily, empurrando Jordan de brincadeira. – Mas ele nunca fala isso. Ainda que você vá ter um dia horroroso, ele diz que você *vai enfrentar um desafio*. Ou vivenciar uma *experiência de aprendizagem*.

– E você acredita nisso tudo? – perguntou Jordan.

– Acredito – respondeu Emily.

Jordan tocou a ponta do nariz dela.

– Adoro aprender mais sobre você.

De volta ao presente, Emily checou o relógio de seu celular. Eram 21h53. Como a maioria dos alunos estava na pista participando da fila da conga, Emily foi até a mesa da cartomante. A mulher tinha cabelos castanhos com várias mechas grisalhas, longos e desgrehados, verruga no nariz e usava óculos retangulares com lentes roxas. Ela avaliou Emily com calma e firmeza, como se estivesse sorvendo a garota, vagarosamente, até o último gole.

Por fim, sorriu, pegou a mão de Emily e apertou a palma com firmeza.

– Você tem dedos suaves, o que quer dizer que você é uma artista – começou. – Seu dedão é forte, o que significa que é uma pessoa lógica. E você está em forma para superar obstáculos, não está?

Nossa, pensou Emily. *Aquilo* era dizer o mínimo.

A mulher continuou, dizendo que Emily iria ter um caso amoroso, mas nunca se casaria e teria uma vida longa e feliz. Emily continuou esperando que a cartomante mencionasse Jordan, mas ela não o fez. Após cinco minutos de consulta, a mulher deu um tapinha na mão de Emily.

– Pronto. Siga com sua vida e seja feliz.

Emily inclinou a cabeça.

– Então... você não tem mais nada para me falar?

A mulher franziu a testa.

– Não, é só isso. – Ela pegou um carimbo de borracha embaixo da mesa, colocou na almofada de tinta e carimbou a mão de Emily. – Isso mostra que você já passou por aqui. Eu não faço duas leituras.

Emily se afastou, incapaz de esconder o desapontamento do rosto. Aquela espera por uma surpresa estava cada vez mais parecida com os livrinhos de charadas que ela costumava ler na biblioteca. Ficava louca tentando achar o boneco de neve ou um pequeno amuleto em formato de cordeiro ou uma marquinha cor-de-rosa em fotos fora de ordem, sentindo-se desatenta ou burra quando não conseguia. Talvez fosse Jordan que não a conhecesse direito. E talvez Emily também não conhecesse *Jordan tão bem*.

Aproximou-se devagar de Iris, que dançava na fila da conga. Iris deixou Emily furar a fila e lhe deu um olhar esquisito.

– O que é isso em sua mão?

Emily baixou os olhos para o carimbo que a cartomante colocara em sua mão.

– Sem segunda leitura – murmurou. Mas, quando a luz estroboscópica piscou sobre ele, Emily notou que o carimbo era um grande círculo negro com as iniciais JR no centro. Emily congelou. Poderia significar *Jordan Richards*?

Deixou a fila da conga, colocou a mão diretamente debaixo da luz do bufê e apertou os olhos. A marca parecia um selo em um envelope. Ao redor das iniciais estava a palavra *Bonaire*. Poderia ser uma dica de onde Jordan estava? Bonaire era o nome de uma agência de correio? De uma cidade?

Emily deixou o salão e entrou no corredor, onde a luz era mais brilhante, e pegou seu velho celular. O relógio marcava dez horas. Por sorte, o sinal do wi-fi do hotel era forte, então ela digitou *bonaire* no sistema de busca e, quase imediatamente, alguns resultados apareceram. Bonaire era uma ilha no Caribe. Emily clicou no site da Câmara do Comércio. De acordo com o site, Bonaire era um destino turístico muito procurado por mergulhadores. O site mostrava uma apresentação com imagens: peixes tropicais, pessoas chapinhando no oceano azul-turquesa. Então, uma foto de um velho cinema piscou na tela. Na marquise, em vez dos próximos lançamentos, estavam as palavras: SINTO SUA FALTA, EMILY.

O coração de Emily quase parou. Ela olhou, sem piscar, para a página, preocupada por poder estar vendo coisas. Mas, então, a imagem apareceu de novo. *sinto sua falta, emily*. Ela engasgou.

– Também sinto a sua falta, Jordan – sussurrou.

Ela olhou as fotos rodarem mais seis vezes. Então, às dez e um, a foto desapareceu. Emily ficou tonta. Aquela era a coisa mais romântica que alguém já fizera para ela. Se ao menos pudesse marcar um voo para o Caribe naquela noite para ir se encontrar com Jordan... Mas sabia que Jordan era muito inteligente para isso. Ainda que tivesse passado por Bonaire, já teria saído de lá muito tempo antes.

– *Aqui* está você, srta. Fields!

A mão fria e pequena de alguém tocou seu ombro nu. Emily pulou, assustada, e ergueu os olhos. O sorriso da agente Fuji não era nada amigável. Seu terninho cinza careta parecia deslocado em meio aos tules e às sedas.

– Você está me evitando?

A boca de Emily secou de imediato.

– Hum...

– Eu queria lhe dar a oportunidade de explicar uma coisa – cortou a agente Fuji. – Talvez pudéssemos conversar agora.

A boca de Emily se abriu, em um sinal de surpresa.

– Explicar... *o quê?*

Sem esperar pelo consentimento de Emily, Fuji a guiou até o fim do corredor, onde estava mais quieto.

– Eu recebi uma denúncia anônima de que você está escondendo uma obra de arte de valor inestimável em sua casa – disse a agente de forma ríspida. Ela se aproximou. – Vou precisar de um mandado de busca, srta. Fields?

Escondendo arte de valor inestimável?

– Não tem nenhuma obra de arte na *minha* casa! – gritou Emily.

Fuji ergueu uma das sobrancelhas.

– Você sabe se está na casa de outra pessoa? Fui informada de que você ou *uma de suas amigas* saberia alguma coisa sobre isso. Se não é você, quem é?

A música martelou nos ouvidos de Emily. Ela havia falado antes de pensar. A havia feito a denúncia sobre o quadro... Mas A não tinha contado toda a história. Era um plano brilhante: Ela estava contando com Emily para contar o principal.

Emily encarou a agente Fuji.

– Eu... eu não sei do que você está falando.

– Ah, é mesmo? – Fuji colocou as mãos na cintura. – Você tem certeza disso?

Emily balançou a cabeça de leve, fazendo o melhor que podia para ficar firme. Depois de um tempo, Fuji ajeitou a alça de sua maleta e deu meia-volta.

– É melhor que você não esteja mentindo para mim – avisou ela.

A agente se afastou de Emily, fazendo uma ligação em seu celular antes mesmo de sair do prédio.

Emily se sentiu quente e depois fria. O que tinha acabado de fazer? Para onde Fuji estava indo?

Assim que a polícia encontrasse o Van Gogh, elas estariam acabadas.

Correu de volta para o salão e procurou por suas amigas, mas não as encontrou em lugar algum.

Apanhou seu celular descartável no fundo da bolsa e ligou para Aria.

– Isso não! – gritou depois do sinal da mensagem de voz. Tentou falar com Spencer e depois com Hanna. Nada. – Isso não, isso não! – gritou para as duas.

– Você está bem?

Iris estava atrás dela, sem fôlego depois da fila da conga. Emily colocou o celular de volta na bolsa, sentindo-se perdida.

– Hum...

– Você recebeu a surpresa? Saiu tão rápido daqui e... – Iris parou de falar de repente, seus olhos vidrados em alguma coisa do outro lado do salão.

– O que é? – Emily seguiu seu olhar. Fuji tinha voltado? Uma equipe da SWAT tinha invadido a escola? As únicas pessoas na pista de dança eram os alunos em seus vestidos e smokings. O DJ agora comandava a fila da conga, jogando a cabeça para a frente e para trás.

Iris começou a tremer.

– Não acredito. Aquele era o sujeito que visitava Ali na clínica psiquiátrica.

Emily franziu a testa, observando o DJ. Ele tinha um cavanhaque desalinhado, olhos redondos e um corpo magro.

– *Mesmo?*

Iris balançou a cabeça, seu olhar fixo.

– Eu reconheceria uma foto dele em qualquer lugar.

De repente, Emily percebeu que ela estava olhando para a foto no cavalete. REI E RAINHA DO BAILE DE FORMATURA DE ROSEWOOD DAY! Estava escrito em letras enfeitadas no topo. Embaixo estava a foto do rei e da rainha usando suas coroas. O rei e a rainha *deste* ano. Um rei que Emily conhecia muito, muito bem. Seu olhar foi direto para o relógio de ouro no pulso dele. Era o mesmo relógio que Hanna tinha visto na foto na casa de Tripp, a foto que mostrava Ali na clínica psiquiátrica.

Ela encarou Iris, sentindo que as forças abandonavam seu corpo.

– Noel Kahn? Você tem *certeza*?

Iris balançou a cabeça, parecendo muito certa.

– Eu apostaria minha própria vida nisso.

Spencer demorou quarenta e cinco minutos, escondendo-se a cada poucos instantes para evitar as pessoas que pareciam perigosas, e fez uma caminhada de quinze quadras na direção da cidade, até conseguir um táxi que a levasse para o Four Seasons. Tinha consigo algum dinheiro para emergências e seu cartão de crédito – A não encontrara uma forma de privá-la *disso*. Tentou ligar seu celular de novo e de novo, mas era inútil. A havia enchido a caixa de mensagens e acabado com a bateria.

Outra coisa também passou por sua cabeça: A *sabia* de sua caixa de mensagens. O que significava que tinha aquele número. Claro que A sabia: A era Chase. Ele deve ter espiado o celular dela enquanto estavam juntos. Spencer tinha caído direitinho na armadilha dele, e suas amigas iriam morrer por conta disso.

Olhou pela janela ao passar pelo museu de arte. O motorista não podia chegar ao hotel mais *rápido*? Spencer sabia que precisava encontrar Aria, Hanna e Emily antes que Chase as encontrasse.

Enfim, o Four Seasons apareceu à direita.

– O senhor pode me deixar aqui! – gritou Spencer na esquina, atirando o dinheiro para o motorista e se jogando para fora do carro. Correu pela quadra que a separava do hotel com dificuldade, porque seu vestido era muito justo. Havia vários táxis e limusines estacionados na entrada do hotel. Um carro preto familiar passou por Spencer, fazendo seu vestido esvoaçar. Aquela era... Fuji?

Spencer espiou rapidamente pelas janelas escuras, mas não conseguiu ver o motorista ou qualquer passageiro. Será que Hanna, Emily e Aria estavam dentro do carro? Fuji tinha conseguido apanhá-las?

Spencer correu na direção do saguão do Four Seasons e então foi para o salão de baile. A primeira pessoa que viu foi Reeve Donahue, uma das meninas do comitê de decoração.

– Você viu Aria Montgomery? – perguntou sem ar.

Reeve mediu cada centímetro de Spencer, dando um sorrisinho mau ao ver a bainha de seu vestido esfarrapada e seu cabelo bagunçado.

– Essa garota passou a noite desaparecida. *Uma pessoa dessas*, tipo, não merecia ser a presidente do comitê de decoração.

Spencer agradeceu de qualquer jeito e, em seguida, deu uma circulada pela pista de dança. Naomi Zeigler estava dançando com Henry Bennett. Sean Ackard e Kate Randall sussurravam entre si em uma mesa afastada no canto. Iris estava com a cabeça apoiada no ombro de James Freed.

Spencer se via prestes a se aproximar de Iris para perguntar se tinha visto Emily quando a própria Emily se materializou na sua frente.

– Ah, meu Deus! – disse Emily, segurando Spencer pelos braços. – Onde você *esteve*? O que aconteceu?

– É uma longa história – respondeu Spencer. – Mas preciso dizer uma coisa antes!

– O namorado de Ali era o Noel, com certeza! – falou Emily ao mesmo tempo.

Spencer deu um passo para trás e a encarou.

– Calma, o quê? Você tem certeza?

Emily assentiu.

– Iris reconheceu Noel. Disse que ele é o sujeito que visitava Ali o tempo todo na clínica psiquiátrica.

A pele de Spencer refletiu a luz estroboscópica cintilante quando ela se virou a fim de olhar para o salão. Se Noel era o namorado de Ali... Então, Chase não era. Ela estava enganada. Sentiu-se péssima, sem saber se deveria sentir-se incrivelmente envergonhada ou aliviada. Ou, ainda, aborrecida com o fato de Chase ter descoberto sobre a viagem da Jamaica de outra maneira.

– Onde está Noel agora? – perguntou, confusa. – E Aria? E Hanna?

– Eu estou aqui! – respondeu Hanna atrás delas, correndo pelo salão sem fôlego, assim como Spencer tinha feito alguns minutos antes. Tinha uma expressão de horror no rosto e suas mãos tremiam. – Voltamos o mais rápido possível.

– Voltaram de onde? – perguntou Emily.

– Da clínica de queimados. – A voz de Hanna estava ofegante. – Graham acordou.

– E você levou o Mike? – Spencer estava horrorizada. Ela olhou ao redor do salão novamente. – Onde está ele?

– Ele está... em algum lugar. – Hanna também procurou pelo salão e depois deu de ombros. – Eu não disse ao Mike o que estava acontecendo. E ele ficou no carro, não viu nada. Mas, meninas, Graham viu A. Era o que ele queria contar para Aria.

– Era Noel? – perguntou Spencer.

Hanna balançou a cabeça.

– Bem, tudo o que ele disse foi *N...*, então, precisei ir buscar a enfermeira e, quando voltei, ele se fora.

Emily recuou.

– Se foi, tipo, Graham *morreu*?

– Meu Deus! – sussurrou Spencer.

Emily a encarou.

– O que você tinha para me contar?

Spencer sentiu-se enjoada ao se lembrar de Chase novamente.

– Hum, nada.

– Pessoal, precisamos ir à polícia contar tudo isso – disse Hanna, olhando ao redor do salão. –

Noel pode ter um espião na clínica. Pode saber que estamos em cima dele. Temos de ir até a polícia *agora* e contar tudo.

– Nós precisamos ir até a polícia por outro motivo – disse Emily. – Fuji sabe que uma de nós tinha um quadro escondido em casa... Mas ela não sabe quem é. Ela achou que estava na *minha* casa... Perguntou se havia alguma razão para fazer uma busca por lá.

Spencer se apoiou na parede.

– O que significa que depois ela vai querer fazer uma busca na minha casa. Ou na de Hanna.

– Ou na de *Aria* – sussurrou Emily.

– Onde está *Aria*? – perguntou Spencer preocupada.

As meninas correram os olhos pelo salão. Então, Hanna caminhou até uma garota perto do bufê, que usava um vestido preto com camadas, como o de uma melindrosa, e segurava o cetro de rainha de Hanna. Tinha um broche escrito EX-ALUNA DE ROSEWOOD DAY no peito. Ela sorriu quando Hanna se aproximou.

– E aí, rainha! – saudou, oferecendo o cetro de volta para Hanna. – Eu adorei que você coroou todas as outras meninas por uma dança.

Hanna segurou o cetro.

– Eu fiz isso?

– Foi *revolucionário*, Hanna, adorei! – Ryan levantou a mão para batê-la na de Hanna. – Mas não é nada bom que a presidente do comitê de decoração não esteja aqui, tirando as fotos do baile.

Spencer e Emily trocaram um olhar. *Aria* era a presidente.

– Você sabe onde ela está? – perguntou Spencer.

Ryan balançou a cabeça, negando.

– Na verdade, achei que ela estivesse com Hanna. Você não a encontrou no cemitério para a sua foto? Ela e o rei foram para lá há quinze minutos.

Hanna arregalou os olhos.

– Eu não *fui* para o cemitério.

– Ah... – Ryan parecia confusa. – Vi você saindo, por isso achei que tivesse ido para lá.

Spencer ficou tensa.

– Então *Aria* está no cemitério escuro com Noel... *sozinha*?

Hanna engoliu em seco

– Meu Deus.

Os olhos de Ryan as examinaram.

– O quê?

Spencer se virou e disparou na direção do saguão do hotel. As outras meninas foram em seu encalço. Todo tipo de coisa ruim passou pela cabeça de Spencer. Aria estava com o cúmplice de Ali naquele momento, a pessoa que a ajudou a incendiar pessoas e propriedades, explodir bombas, fugir e matar. O corpo sem vida de Ian voltou à mente dela. Aquele incêndio terrível na floresta. Aquela risada assustadora que elas continuavam ouvindo no topo das árvores.

Saíram do hotel e foram até a rua movimentada. Spencer se virou para Hanna.

– Você sabe onde é o cemitério?

Hanna assentiu, tremendo.

– E-Eu acho que sim. Fica mais ou menos há dez minutos a pé.

– Então vamos – disse Spencer, indo em direção à calçada. – Espero que não seja tarde demais.

Embora o cemitério Rittenhouse ficasse em uma parte movimentada da alameda Ben Franklin, havia algo, no modo como os prédios estavam dispostos em torno dele, que dava a impressão de que Aria e Noel estavam no interior. Videiras retorcidas cercavam o espaço apertado. Tumbas centenárias se projetavam do solo como se fossem dentes de crocodilos. Havia bruma em torno de um grande anjo de pedra. O lugar era cercado por uma antiga cerca enferrujada. As dobradiças pareceram guinchar quando Noel e Aria abriram e fecharam o portão de ferro forjado.

Aria passou os olhos pelos nomes gravados nas lápides e correu a ponta dos dedos por uma grande cruz de pedra. Sua pulseira refletia a luz tênue. Ela passou os dedos nos elos, que tilintaram.

Noel a abraçou por trás, passando os braços pelas dobras de seus cotovelos, entrelaçando-os em seu estômago.

– E aí, sobre o que você queria falar comigo?

– Bem... – Aria tocou na pontinha da asa do anjo. Um pouco de sua confiança se dissipara desde que haviam deixado o bar. Será que aquele lugar era *mesmo* discreto? Evidentemente, não era tão isolado quanto um quarto do pânico. E se A estivesse ouvindo a conversa?

Aria se virou e tentou se concentrar. Aquela conversa os tornaria mais próximos. E eles poderiam lutar contra A como se fossem um só.

– Você sabe que eu amo você, não é? – começou ela.

Os olhos de Noel ficaram mais ternos.

– Espero que sim. Você tem agido de maneira estranha.

– É claro que eu amo. – Aria suspirou. – Tenho agido de maneira estranha porque estou escondendo coisas de você – disse ela com os olhos baixos e muito medo de encará-lo. – Coisas importantes. Para o seu próprio bem. Não queria que nada de ruim acontecesse com você.

Noel ergueu o queixo de Aria para que se olhassem nos olhos.

– Nós já não falamos sobre isso? Você pode me contar qualquer coisa. Não me importo em estar em perigo. – Então, ele se afastou. – *Você está em perigo?*

– Eu... – Naquele momento, seu novo celular apitou. Aria olhou dentro da bolsa para ver a mensagem que apareceu na tela. *Saia de perto de Noel!*, Spencer escreveu em letras maiúsculas. *Ele era o namorado secreto de Ali! Nós temos provas definitivas!*

Outra mensagem apareceu, dessa vez, de Emily: *Noel visitou Ali no hospital. Iris tem certeza*

disso.

E outra de Hanna: *Graham acabou de me dizer que Noel era a pessoa que estava observando você no navio.*

Aria cobriu a boca com a mão. *Não.* Não poderia ser verdade. Tinha de haver uma explicação.

– Aria?

Quando ela ergueu os olhos, Noel a encarava. Seu olhar desceu para a bolsa aberta dela. Aria a fechou, o ar abandonando seus pulmões. Será que ele leu as mensagens?

Ela se afastou, correndo para junto de uma lápide. Noel ficou onde estava, as mãos cruzadas sobre o peito, um sorriso estranho no rosto. Ou era a luz que dava essa impressão? Aria fechou os olhos com força, tentando se recompor. Por mais que tentasse apagar as mensagens de sua mente, transformá-las em alguma coisa inocente – um engano –, um alarme ecoava por sua mente, de novo e de novo.

Engoliu em seco e olhou para Noel, que ainda não tinha se mexido.

– Você se lembra de quando fomos juntos àquela sessão espírita? – perguntou.

Noel sorriu.

– O que *você* acha? Foi lá que eu fiz você gostar de mim.

Aria piscou. Ela não gostou de como *aquilo* soava.

– Você lembra quando fiquei trancada naquele banheiro? Alguém apagou as luzes, talvez, para me assustar?

Noel assentiu.

– Eu acho que sim.

– Quando a luz se acendeu, eu vi o panfleto sobre o sumiço de Ali. Por um tempo, achei que *ela* fosse a responsável. Porém, mais tarde, me dei conta de que foi outra pessoa.

Noel a encarou com atenção.

– Ah, pode ser, eu não sei – disse ele por fim. – Talvez aquele lugar fosse mal-assombrado. – Ele se abaixou e cheirou um buquê de flores deixado em um túmulo.

– Por que você estava naquela sessão espírita? – perguntou Aria.

Noel se levantou e olhou para ela.

– Eu disse a você: pelo meu irmão.

– Mas por que *aquela* sessão espírita? Você sabia que eu iria participar? Estava me seguindo?

Noel deu de ombros.

– E, se eu estivesse, por que importaria?

Aria olhou para ele. *Porque sim*, ela queria dizer. *Foi assim que eu me apaixonei por você. Eu preciso saber se era ou não para valer!*

Tudo em que ela conseguia pensar eram naquelas mensagens do celular de Noel. *Qualquer coisa que você precisar. E, Agradeço imensamente.* E se Ali tivesse mandado Noel seguir Aria? E se Ali tivesse sussurrado: *Vá até lá, Noel, e dê em cima dela. Fique bem amigo dela. Faça o que peço e vou amar você para sempre.* Talvez ele tivesse reclamado por ter de prendê-la no banheiro e apagar as luzes... Mas tinha obedecido mesmo assim.

Noel se apoiou em uma lápide alta.

– O que isso tem a ver com o que você precisa me falar? É isso que está escondendo de mim?

Aria fechou os olhos.

– Mais ou menos.

Quando Noel tocou seus braços, Aria tentou não se encolher.

– O que quer que seja *me diga*. Eu amo você, Aria. Posso aguentar.

Eu amo você, Aria. Alguma coisa na maneira em que Noel falou aquilo despertou uma lembrança nela. Aria se lembrou de estar deitada na cama apertada da pousada islandesa, na noite em que tudo aconteceu. Sentia-se incrivelmente culpada por ter beijado Olaf e por ter roubado o quadro. Sentiu Noel se mexer ao seu lado, tentando se ajeitar. Cabia um oceano entre eles, tanto emocional quanto fisicamente, e parecia, naquele momento, que eles talvez nunca mais conseguiriam se reconectar.

Mas então Noel se virou e a tomou em seus braços, como se tudo estivesse bem entre eles.

– Eu amo você, A... – murmurou ele no ouvido de Aria. Aria pensara que ele queria falar *Aria*, mas estava enganada. Ele tinha dito o nome de outra pessoa.

Eu amo você, Ali.

Aria estudou o rosto de Noel sob a luz tênue. De repente, sentiu como se estivesse olhando para um estranho. *Eu amo você, Ali.* Aquela frase estava clara em sua mente, era como se Aria tivesse ouvido aquilo havia apenas um instante. Talvez Noel *tivesse amado* Ali. O coração dela parecia estar caindo em uma cova longa e escura. Noel a traía, de verdade. Aria tinha confiado nele, e, no fundo, ele a odiava.

Com movimentos lentos, ela abriu a pulseira e a deixou cair no chão. Noel olhou para ela e franziu o cenho.

– Por que você fez isso?

– Você ama Alison DiLaurentis? – sussurrou Aria com hesitação.

Noel congelou.

– *O quê?*

– Você a visitou na clínica psiquiátrica, depois que ela matou Courtney, não visitou?

Noel abriu a boca. Ele se virou de maneira brusca, apoiando as mãos sobre uma lápide.

– Por que isso é importante?

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Aria.

– O que *isso* quer dizer? É claro que é importante. Você descobriu que foi ela quem matou Courtney? Por quanto tempo você a visitou? Há quanto tempo você a *ama*?

Noel se virou a fim de olhar para Aria, sua boca quase disforme.

– Ninguém a visitava. Eu me senti mal por ela. Na época, ela não parecia ser uma louca. É claro que eu não sabia que havia matado a irmã.

Brava e assustada, Aria tremia da cabeça aos pés. Ela nunca tinha ouvido nada tão insano na vida. E, de repente, se deu conta: era isso o que a frase *Obrigada por acreditar em mim* no verso do ingresso queria dizer. Noel acreditava mesmo que a Verdadeira Ali não era louca. Ele era o único que pensava que ela fora internada injustamente. Era a única pessoa que tinha ficado ao lado de Ali.

Ainda tremendo, ela apontou para ele.

– Você não a visitava porque sentia pena dela. Você ia lá porque a amava. Admita, Noel.

Noel piscou de boca aberta. Sem negar o que ela dizia.

– E você *sabe*, não é? – choramingou Aria. – Você sabe que ela ainda está viva. E você conhecia Tabitha Clark, antes mesmo da viagem para a Jamaica. E, por isso, você não queria que eu andasse com Graham. Tinha medo de que ele falasse alguma coisa que me fizesse perceber que vocês se conheciam. Ou que me fizesse ver que você e Ali estavam juntos em segredo.

Noel fez um barulho esquisito.

– Sim, eu já conhecia Tabitha Clark. Mas não muito bem, e não a via há alguns anos. Eu a achei familiar na Jamaica e nos noticiários, mas não a conhecia de fato e...

– E você está *trabalhando* com Ali – interrompeu Aria. – Durante todo o tempo em que estivemos juntos, você só estava fazendo o que ela mandou. Ela fez você ir àquela sessão espírita. Foi ideia dela que você me assustasse no banheiro. Ela mandou você se aproximar de mim para depois me magoar ao me trair, o que me faria ir para Poconos com ela.

– Nossa... – Noel caminhou até ela e tentou abraçá-la.

Aria se esquivou.

– Era você que estávamos procurando todo esse tempo, Noel. Foi você que atormentou Spencer, Emily, Hanna e agora a *mim* também por tudo o que aconteceu no verão passado. E está tentando nos incriminar pela morte da Tabitha, mesmo tendo sido *você* o responsável. Você nos delatou para a agente Fuji também. Você falou sobre o quê, Tabitha? Sobre o quadro de Van Gogh? Talvez tenha falado sobre tudo, porque você é A.

– Aria! – Noel tentou se aproximar dela de novo.

Ela cambaleou para desviar dele. Olhou em volta, mas só havia uma saída – pelo portão fechado. Ela correu na direção dele, mas seu salto virou na grama molhada. Noel agarrou o tornozelo de Aria

e caiu em cima dela, pressionando-a com seu peso. Ela lutou, tentando afastá-lo, chutando e arranhando.

– Aria, trate de ficar parada – implorou Noel. – Apenas me ouça.

Aria se virou para encará-lo. De repente, lembrou-se de uma coisa: uma vez, quando estavam juntos na casa de Noel, ele tinha pulado em cima dela, gritando: rolo compressor! E os dois riram até ficar com lágrimas nos olhos. E, durante todo aquele tempo, ele amava Ali.

Mesmo durante o curso de culinária que tinham frequentado juntos, em que Noel tão gentilmente fazia molhos e cortava vegetais ao lado dela... ele amava Ali. Assim como a amava quando Aria e ele transaram pela primeira vez, aquele momento tão terno e doce. Aria mal podia pensar nisso. O tempo todo, Ali, Ali, Ali.

Ele tinha ajudado A a quase matá-las.

O corpo de Noel pesava em cima dela, e Aria arquejou para respirar.

– Onde está aquela vaca? – perguntou, berrando. – Conte-me para que eu possa matá-la.

– Eu não sei do que você está falando – gritou Noel de volta.

– Você sabe, sim, sei que sabe! – berrou Aria, sacudindo os braços e as pernas. – Apenas admita que você a ama. Admita que você sabe onde ela está.

Noel se afastou um pouquinho dela, apoiando-se em seus cotovelos. Sua cabeça girava, envolta em escuridão.

– Eu a amei.

Aria saiu de baixo dele e o olhou nos olhos.

– E ela está viva?

Noel parecia aflito.

– Aria...

– *Ela está viva?*

Um vento forte fez o portão sacudir. Carros buzonavam na rua. Acima deles, a luz de um avião piscou. Noel se virou.

– Eu não sei – disse ele em um tom de voz que parecia dizer o contrário.

Aquilo não deixou de ser uma confissão. Ódio corria pelas veias de Aria. Ela se levantou e correu para alcançar o portão, tropeçando nas lápides, sujando de lama a bainha do vestido. Mãos fortes a agarraram pela cintura, e ela voltou a cair e, mais uma vez, sentiu o peso de Noel sobre si. Ele resfolegava em seu ouvido.

Aria gritou e se contorceu, mas Noel era muito pesado.

– Pare de agir como louca para que eu possa me explicar – implorou.

– Eu odeio você! – ofegou Aria, o peso dele esmagando seus pulmões. – Eu nunca, nunca mais

vou ouvir o que você diz!

– *Que droga, Aria!* – disse Noel sem permitir que ela se movesse. Ele soava feroz e perigoso. Aria se debateu mais um pouco, mas, sem oxigênio, seus membros começaram a formigar. Ela deu um uivo de desespero. Ia morrer. O garoto que pensou que a amava seria o responsável por sua morte.

OuvIU-se uma pancada.

Noel gritou de dor e saiu de cima de Aria. Ela lutou para ficar em pé e se escondeu atrás de uma lápide, sem entender o que tinha acontecido. Enquanto lutava para respirar, percebeu que havia vultos ali. Spencer ainda estava perto de Noel, com o cetro do baile erguido acima de sua cabeça. Emily e Hanna apareceram atrás dela, de olhos arregalados.

Emily viu Aria e correu em sua direção para abraçá-la com força.

– Você está bem?

Aria tentou acenar, mas seu olhar ainda estava fixo em Noel. Spencer ergueu o cetro para bater nele novamente, mas ele se levantou e se afastou.

– Nem pense em fugir! – alertou ela.

– Que diabos foi isso? – A voz de Noel falhou. – Vocês são malucas!

Ele correu, desviando dos túmulos até o portão. Spencer tentou segui-lo, mas não conseguia correr com aquele vestido. Ela parou a poucos passos de uma fileira de túmulos e piscou na escuridão. Noel tinha ido embora.

Então, Spencer correu até Aria.

– Ai, meu Deus. Ele machucou você?

Ela olhava apavorada para o rosto de Aria. Estava molhado – e Aria sequer percebera. Quando tocou seu rosto, percebeu que era sangue. Lágrimas rolavam por seu rosto.

– Sinto muito, meninas – disse ela. – Eu sabia de algumas coisas sobre Noel, e não contei a vocês. Mas eu deveria ter contado. E agora é tarde demais.

Hanna deu um abraço apertado em Aria.

– Não fale assim, está tudo bem.

– Eu não queria que fosse ele! – soluçou Aria. – Queria que fosse qualquer pessoa, menos ele.

– Nós entendemos. – Spencer acariciou o cabelo de Aria. – Nós também queríamos que fosse qualquer pessoa menos ele.

– Mas pelo menos agora você está segura – sussurrou Emily. – Pelo menos ele não machucou você pra valer.

Aria fungou, balançando a cabeça, e estão desviou o olhar para o ponto onde Noel havia desaparecido. Na verdade, Emily estava errada. Noel *tinha, sim*, machucado Aria pra valer.

Ele tinha despedaçado o coração dela em mil pedaços.

Spencer caminhou até o bosque atrás de sua casa. O sol tinha se posto, e ramos e troncos espinhosos estavam espalhados pelo chão. Um riacho corria a distância e os pássaros gorjeavam nas árvores. De repente, a noite ficou mais escura do que estava segundos antes. Alguma coisa uivou próximo a ela. Então, Spencer ouviu um som baixo, parecendo um rosnado, depois, o som de passos.

Um vulto emergiu de trás das árvores, puxando os ramos para trás. Era uma garota loura, com um rosto em formato de coração e olhos azuis brilhantes. *Ali*.

Spencer engasgou. O rosto de Ali estava coberto de queimaduras. Ela mancava, e seu braço direito parecia ter perdido os movimentos, inerte ao lado do corpo. Ela sorriu para Spencer com maldade.

– Pensei que poderia encontrá-la aqui.

– Fique longe de mim – avisou Spencer, protegendo o rosto e dando um grande passo para trás.

Ali riu.

– Mas você não esteve procurando por mim? Você chegou perto, sabia? Mais perto do que pensei que conseguiria. – Ela cobriu a boca com a mão. – Mas você não me achou!

– Como... como você sabe que eu estava procurando por você? – perguntou Spencer.

Ali fez uma careta.

– Sei de tudo. *Ela* me conta tudo. Ele é meu escudo.

– Noel, você quer dizer. – Spencer se afastou até suas costas baterem em um tronco de árvore. –

Também sabemos de tudo. Sabemos que Noel seguia suas ordens.

Ali deu um sorriso orgulhoso.

– Spencer, você é tão bonitinha! Como uma pequena Sherlock Holmes.

– Acertamos? – perguntou ela.

– Lamento – Ali balançou a cabeça –, se eu lhe contasse, teria de matá-la. De qualquer forma, essa é uma boa ideia.

Ela se lançou sobre Spencer e a cobriu com uma rede. Spencer gritou e caiu no chão sujo. As unhas de Ali se enterraram em sua carne. Ela tocou seu ombro com a mão queimada.

– Abra os olhos – exigiu, falando no ouvido de Spencer. – Abra os olhos, assim poderá ver o que estou fazendo com você.

Spencer abriu os olhos e engasgou. De repente, não estava mais no bosque, mas em um saco de

dormir em seu escritório. Emily estava acima dela, tocando no mesmo lugar onde a mão de Ali estivera momentos antes.

– Acorde! – pediu Emily. – Você está tendo um pesadelo.

Spencer sentou-se e tentou recuperar o fôlego. Emily estava diante dela.

– Você estava sonhando com Ali? – perguntou.

– Estava – respondeu Spencer em voz baixa.

– Sabia – comentou Emily.

Aria e Hanna se mexeram em seus sacos de dormir. O relógio do aparelho da TV a cabo marcava 7h46. Seus vestidos de baile estavam empilhados no mesmo canto em que tinham sido jogados quando elas chegaram, tarde da noite, depois de resgatarem Aria.

Aria pegou o celular e estremeceu quando viu a tela.

– Sem novas mensagens de voz ou texto dos Kahn – resmungou.

Na noite anterior, tinha pedido a sra. Kahn para ligar caso Noel aparecesse em casa. Disse que Noel tinha saído do baile sem ela, dando a entender que tudo era apenas uma noite de bebedeira e não um caso de quase homicídio no cemitério.

Hanna abraçou os joelhos.

– Acho que significa que ele não voltou. Duvido que sua família esteja tentando escondê-lo ou alguma coisa assim. É provável que não saibam de nada.

– Precisamos contar à polícia, meninas – disse Emily. – Noel tentou matar Aria ontem no cemitério, antes de fugir. Os policiais deveriam saber que ele é perigoso.

– E arriscar uma vingança de Noel? Ele poderia nos delatar – disse Spencer. – Ou pior, contar a verdade. Aria *ainda* está com o Van Gogh na casa dela... e Fuji sabe disso. E ainda estamos conectadas a Tabitha. É um risco muito grande.

Aria passou os dedos pelos cabelos bagunçados e pegajosos.

– Então, você acha que foi Noel quem contou a Fuji sobre a pintura?

Emily se enrolou em uma colcha.

– Acho que sim.

– Por que ele não disse que era na minha casa que o quadro estava? Por que diria que *foi uma de nós...* fazendo a agente Fuji ameaçar dar uma busca *em todas as nossas* casas?

– Porque ele é A – respondeu Spencer. – É apenas mais um modo de nos torturar.

– Essa coisa toda é uma bomba-relógio – sussurrou Hanna. – Depois de deixar o cemitério, aposto que Noel foi armar novos joguinhos com Ali, novas formas de nos atingir. Talvez a melhor coisa a fazer seja ir até Fuji e contar tudo, antes que ele chegue a ela primeiro. E se ele e Ali quiserem nos ferir? Aquela mensagem dizia que nós seríamos *as próximas*.

– Por mim, damos a Noel o que ele merece agora mesmo e resolvemos essa história – afirmou Spencer. – Temos provas suficientes, pelo que Aria nos contou e por todas as evidências de que ele estava envolvido em todos os esquemas diabólicos de Ali... *E*, como ele agrediu Aria, temos como incriminá-lo.

Hanna concordou.

– A polícia pode fazer o resto do trabalho de investigação para ligá-lo aos assassinatos. Estou de acordo. Precisamos dar um fim a essa história.

Ouviru-se um lamento à esquerda. Aria cobriu os olhos com as mãos. As meninas trocaram um olhar de cumplicidade, entendendo como ela se sentia.

– Aria... – disse Emily, indo até ela.

Hanna passou o braço pelos ombros da amiga.

– É terrível, não é? Foi o que aconteceu comigo também, você se lembra? Com Mona?

– Não quero que seja verdade – disse Aria entre soluços. – Continuo achando que ele vai voltar e explicar isso tudo de alguma forma que faça sentido.

– Eu também não queria acreditar que era Mona – murmurou Hanna. – Mas Noel *admitiu* que amava Ali. Ele sabia sobre a troca há tempos... e nunca disse uma palavra. Você não deveria lamentar por ele. Deveria sentir raiva.

Aria assentiu.

– Sei que deveria, mas... – Olhou para cada uma de suas amigas, seus olhos estavam molhados e vermelhos. – Podemos esperar um dia? Se não conseguirmos localizá-lo, então vamos até a agente Fuji e contamos a história toda.

Spencer fechou os olhos.

– E se a agente resolver revistar sua casa?

– Vou correr o risco – respondeu Aria tremendo.

Spencer colocou as mãos na cabeça, Hanna mordiscou a unha do polegar. Emily olhou, nervosa, pela janela.

– E que tal seis horas? – perguntou Spencer. – Sendo assim – checou o relógio –, se até duas da tarde não ouvirmos nada de Noel, tomamos uma providência.

Aria estremeceu.

– É pouco tempo!

– Se ele é inocente, vai aparecer, não acha? – perguntou Spencer.

– Mas... – Aria olhou ao redor, depois alisou as franjas do cobertor. – Tudo bem – concordou. – Seis horas.

As garotas se levantaram e juntaram seus pertences. Depois de tomarem café com rosquinhas,

fôram em direção à porta. Assim que Hanna, Aria e Emily foram embora, um jipe preto estacionou junto ao meio-fio. Spencer espiou pela janela, surpresa por alguém fazer uma visita tão cedo. Ela não reconheceu o sujeito.

Ele parou na varanda e tocou a campainha. Spencer esperou um instante, depois abriu a porta. O garoto diante dela usava calça jeans e camisa social. Era de sua altura, musculoso, tinha olhos esverdeados e lábios rosados e cheios. Havia profundas cicatrizes esbranquiçadas em seu rosto. Mais algumas marcas em suas mãos. Uma de suas orelhas era menor, mal aparecia.

– Ei, Spencer – disse.

Ela recuou.

– Quem... quem é você?

– Sou Chase – respondeu ele.

Spencer fez uma pausa, esperando o fim da piada.

– Não, você não é – afirmou. – Eu conheço o Chase. – Ela não sabia o que pensar de Chase.

Ainda que ele não fosse A, talvez estivesse, de alguma forma, trabalhando com Noel e Ali. De que outra maneira poderia saber sobre a Jamaica?

Ela tentou fechar a porta, mas ele a impediu, segurando seu braço.

– Na verdade, você conhece meu irmão. O nome dele é Curtis. Pedi que ele fosse encontrá-la em meu lugar. Eu sou a pessoa com quem você está, realmente, conversando pela internet. Fui eu quem criou o site sobre Alison DiLaurentis.

Manchinhos de puro pânico se formaram diante dos olhos de Spencer. Uma buzina soou próxima, combinando com os alarmes dissonantes que dispararam em seu cérebro. Ela apanhou o telefone sem fio que estava na mesa ao lado da porta.

– Saia agora, ou chamarei a polícia.

O garoto ergueu as mãos em sinal de rendição.

– Veja, sinto muito, menti para você. Nós nos demos tão bem on-line, e eu estava empolgado para conhecê-la, mas, quando fui até o museu Mütter e vi o quanto você era bonita, não pude me apresentar... você sabe... do jeito que sou. – Ele apontou para seu rosto, sua orelha. – Meu irmão estava no carro comigo. Então, eu o mandei em meu lugar, pedi a ele que se passasse por mim. Eu o instruí sobre o que dizer e... Mas ele se apaixonou por você. E quando descobrimos que você era Spencer Hastings... – Ele fez uma pausa, sacudindo a cabeça. – Foi aí que eu *realmente* entendi que não poderia dizer quem eu era. Fiquei interessado em você desde que li a seu respeito na revista *People*.

Spencer não sabia se ria ou se chorava.

– Isso não faz nenhum sentido.

– Eu sei – Chase parecia atormentado –, mas é a verdade, juro. Curtis me mandava mensagens de texto sobre o que você dizia durante os encontros, e eu o instruí sobre o que falar. Ambos nos apaixonamos por você... Bem, na verdade, tivemos uma briga feia na noite do baile, porque achei que deveríamos contar a verdade e ele não quis.

A mente de Spencer girava tão rápido que fazia sua cabeça doer.

– Ele mencionou uma coisa que nunca contei a ele. *Nem a você.*

Chase pareceu confuso.

– O que ele falou?

Spencer engoliu em seco.

– Uma coisa sobre a Jamaica. – Não importava para quem contasse. Noel era o culpado, não ela.

Chase fez cara de quem não estava entendendo nada, então uma luz brilhou em seus olhos.

– Ah, sim! Você estava na Jamaica quando Tabitha Clark morreu, é isso?

Os olhos de Spencer brilharam, mas ela não abriu a boca.

– Recebi alguns pedidos para discutir os rumos da investigação do assassinato de Tabitha Clark no meu blog, já que é uma história local – explicou Chase. – Investiguei um pouco. Também espiei sua página no Facebook. Algumas de suas fotos eram públicas, incluindo aquelas do recesso da primavera na Jamaica. Curtis estava no quarto enquanto eu investigava, e devo ter comentado sobre você ter estado lá na mesma época em que Tabitha esteve. Uma coincidência triste e um tanto estranha. – Seus olhos se encheram de remorso. – Lamento tanto, Spencer. É uma enorme invasão de privacidade. Nunca deveria ter pesquisado sobre você no Google nem deveria ter bisbilhotado sua página do Facebook. Deveria ter sido honesto com você desde o começo.

O sol saiu de trás de uma nuvem, iluminando as cicatrizes no rosto de Chase. Spencer fechou os olhos e tentou processar o que ele dizia. De certa forma, não era mesmo tão diferente do que a Ali Delas tinha feito. Ela convenceu *todo mundo* de que era uma pessoa que não era de fato. E todo mundo confiou nela por isso. As pessoas acreditaram em suas mentiras.

– Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você está me dizendo? – perguntou com firmeza. – Você também poderia estar me perseguindo.

– Não estou. – Chase balançou a cabeça com veemência. – Eu juro que não estou, Spencer. Nunca faria tal coisa. Já aconteceu comigo, lembra-se?

– Exatamente! – gritou ela em resposta. – Você sabe como é ser perseguido. Ou isso também foi uma mentira?

Chase cerrou os dentes.

– *Olhe* para mim, Spencer. Não estou mentindo para você. E nunca vou mentir de novo. Meu colega de quarto me cortou, e, *mesmo assim*, as pessoas não acreditaram que ele pudesse fazer uma

coisa dessas. Você está certa: eu não deveria ter invadido sua privacidade como fiz, mas só estava tentando ajudar. Tanto que mandei meu irmão no meu lugar. Diga-me se você não teria fugido, assustada com as cicatrizes. Vi sua expressão quando conheceu Curtis. Todos nós julgamos um livro pela capa. A vida é assim.

Uma rajada de vento soprou nos cabelos dela. Como teria *realmente* reagido? Ela era assim tão superficial?

Chase deu um suspiro profundo.

– Sabe, não espero vê-la de novo, mas quero lhe garantir que tudo em meu site é verdadeiro. E eu falava sério ontem quando disse para meu irmão lhe contar que encontrei uma imagem de Alison em um vídeo de segurança, em um prédio não muito longe daqui. Veja.

Ele remexeu em sua bolsa carteiro. Spencer ficou inquieta, tinha esquecido o que Curtis mencionara no carro. Chase pegou um notebook prateado, abriu-o e clicou para abrir um arquivo.

– Tenho amigos na polícia de Rosewood, na de Yarmouth e de algumas cidades próximas da Filadélfia. Na verdade, investiguei o caso do Stalker de Rosewood, você se lembra disso? Alguém pensou ter visto o stalker perto de Hollis. Um amigo policial me deu alguns vídeos de segurança, e me deparei com isso.

A pasta foi aberta, e várias fotos apareceram. Spencer se inclinou para ver. Havia uma foto granulada, em preto e branco da Hollis. Latas de lixo junto ao meio-fio. Uma menina usando uma jaqueta de couro estava entrando em um New Beetle. Nada de muito interessante ali, até onde ela podia ver.

Mas então Chase apontou para dois vultos sombrios no canto superior direito.

– A menina não parece familiar?

Spencer apertou os olhos. Mesmo sendo uma imagem em preto e branco, conseguiu ver os cabelos longos e loiros da menina. Seu rosto tinha formato de coração, e havia alguma coisa sobre a forma como ela erguia o queixo que fez seu coração se apertar.

Spencer encarou Chase.

– *Alison?*

– É parecida com ela, não? – Ele abriu a foto seguinte. Essa mostrava Ali de costas e mais de seu comparsa. A pessoa era mais alta que ela e mais larga também, com certeza era um rapaz. Spencer chegou tão perto da tela do notebook que seu nariz quase a tocou. Era impossível afirmar, mas poderia mesmo ser Noel.

Ela foi tomada por náusea. Correu a mão sobre a testa. Durante todo aquele tempo, Ali estivera em *Hollis*? Aquela era uma informação valiosa. Precisava mostrar tudo aquilo para os policiais. Ou talvez devesse ir atrás de Ali ela mesma. Precisava fazer *alguma coisa*.

Chase fechou o notebook e o guardou de volta na bolsa.

– Achei que você deveria ver essas coisas. Mas, por agora, estou deixando a investigação sobre Alison. Acho que é o melhor a ser feito.

Spencer se espantou, não esperava que ele fosse dizer isso.

– Ah... – Foi tudo que conseguiu murmurar.

Ele a encarou com os olhos cheios de tristeza e expectativa.

– Queria que pudéssemos ser amigos, mas entenderei perfeitamente se não quiser me ver de novo.

Espero que você encontre paz em tudo isso. Desejo que vocês consigam mesmo pegá-la. Essa menina fez coisas horríveis a você, que é maravilhosa e não merece nada disso.

Depois, ele deu meia-volta e se afastou da varanda da casa dela. A bolsa carteiro batia contra seu quadril conforme ele caminhava até o carro. Caminhava de cabeça baixa, e seus ombros subiam e desciam a cada suspiro. Aquilo tocou o coração de Spencer. Certo, então, Chase tinha errado feio e jamais deveria ter espiado seu perfil no Facebook, mas Spencer podia sentir que ele não era má pessoa. E, se não fosse por ele e por seus contatos, ela não saberia onde Ali poderia estar se escondendo.

E, para ser honesta, Spencer também tinha tentado pesquisar sobre ele no Google.

– Espere! – Spencer gritou atrás dele. Chase parou e se virou. – Descobrimos que o namorado de Ali é, com certeza, seu cúmplice – disse ela. – É um cara que frequenta a nossa escola, Noel Kahn.

Chase arregalou os olhos.

– O que vocês vão fazer?

Os sinos do vento balançaram todos ao mesmo tempo. Folhas rodopiaram pela rua.

– Não sei – admitiu ela. – Mas você não deveria parar a investigação tão cedo. Poderemos precisar de você...

Eu posso precisar de você, era o que ela estava com muito medo de dizer.

Chase foi até ela de novo.

– Farei qualquer coisa.

– Bem, você sabe o endereço exato daquela casa que acabou de me mostrar?

Chase assentiu.

– É na rua Atherton.

– Talvez possamos ir até lá amanhã. Apenas para checar.

– Claro. Seja para uma coisa menor ou maior, estou aqui.

Spencer mordeu o lábio. Precisava de alguém assim naquele momento, não? Alguém que realmente se importava. Parado diante dela, com o sol brilhando às suas costas, Chase parecia apenas um garoto universitário gentil que gostava dela – gostava dela *mesmo*. Lentamente, seu jeito

frio começou a derreter.

– Você tem mesmo uma queda por mim desde que me viu na *People*? – perguntou baixinho. E, quando olhou para o rosto tímido, sincero e apaixonado de Chase, ele nem precisou responder. Ela já sabia a resposta.

Quando Emily estacionou na frente de casa, sua mãe estava inclinada sobre o canteiro de flores, espalhando adubo nas plantas. Limpou as mãos e sorriu para Emily quando ela saiu do carro.

– Você se divertiu no baile?

Emily fingiu tentar limpar uma mancha invisível no vestido. *Diversão* mal começaria a descrever o baile. Ainda não conseguia pensar direito no que tinha acontecido. Todo aquele tempo, A estivera debaixo do nariz dela. Em suas festas. Em seus quartos – bem, no de Aria, pelo menos. Não conseguia tirar da cabeça a imagem do corpo de Noel sobre o de Aria no cemitério. Ele parecia tão... desesperado. Cheio de ódio. E depois fugiu... para onde? Para Ali? Para a polícia? Será que tinham cometido uma loucura ao darem a Aria seis horas para encontrá-lo?

A sra. Fields empurrou o carrinho de mão até a garagem, tirando Emily de seus pensamentos.

– Onde está Iris?

– Foi para casa – murmurou Emily em resposta.

Sua mãe tirou as luvas de jardinagem.

– Foi bom tê-la aqui. Acho que ela foi boa para você também.

Emily assentiu.

– Foi – comentou, percebendo que estava falando sério. No fim, Iris tinha sido uma boa confidente. Emily ficou feliz por ter compartilhado o segredo de Jordan com ela. E foi ela quem fez a ligação com Noel no último instante. Emily sentiu-se mal por não a ter visto partir para a clínica psiquiátrica na noite anterior, mas, quando voltaram do cemitério, Iris já havia ido embora. Iris não tinha celular, também – Emily não poderia enviar-lhe uma mensagem de texto, perguntando se chegara bem. Foi até a porta da frente, de repente morrendo de vontade de saber.

Pegou o telefone sem fio na cozinha e discou para a recepção da clínica.

– Quero verificar se uma paciente chegou bem ontem à noite – disse ela, depois que a recepcionista atendeu. – O nome dela é Iris Taylor.

A recepcionista digitou alguma coisa e, em seguida, fez um barulho de concordância.

– Sim, a srta. Taylor voltou sã e salva.

– Certo. Obrigada. – Emily apertou o aparelho contra o ouvido. – Talvez eu pudesse marcar uma visita para a próxima semana, então.

Depois de marcar uma visita para Iris na quarta-feira seguinte, Emily desligou o telefone e

despencou sobre uma cadeira da cozinha. Sentia-se bem por Iris ter voltado como dissera que faria. Talvez agora fosse levar seu tratamento na clínica a sério.

Emily pensou no lugar com suas colunas gregas e pequenas varandas, então imaginou Noel indo até lá de carro para visitar Ali, sua namorada secreta. Será que ele fazia listas de atividades com “Courtney”, como ela e Iris fizeram? Ainda não conseguia acreditar que ele e Ali tinham tramado planos juntos por todos esses anos. Observando cada movimento de Emily e suas amigas, levando planos diabólicos adiante para derrubá-las.

Emily estremeceu, pensando em todos os momentos íntimos aos quais Noel tivera acesso. Quanto ele testemunhara do caso dela com Jordan no cruzeiro? Tinha visto as duas no barco com convés de vidro em Porto Rico? Testemunhara o beijo delas no deque superior? Ela sabia que A as observava, mas saber que era uma pessoa que conheciam tão bem doía ainda mais. Foi Noel que colocou o FBI atrás de Jordan. E foi por culpa dele que ela se atirou ao mar, arriscando-se em águas traiçoeiras, fugindo para sempre do país. Claro, talvez Ali tivesse dito a ele para fazer isso, mas foi Noel quem de fato *fez*. Ele realmente a odiava.

E amava Ali.

Perdida em seus pensamentos, Emily subiu as escadas e foi para o quarto. Sentou-se na cama, olhando para o nada e, de repente, lembrou-se de uma coisa. Ela estava no vestiário de Rosewood Day. A garota que ela pensava ser Courtney tinha se esgueirado até ela e agira como se estivesse arrasada por Emily ter estado com sua irmã na noite em que ela fora morta. Emily sentira pena de Courtney e dissera que, se algum dia precisasse de alguma coisa, poderia contar com ela.

O rosto de Courtney se iluminou. *Talvez possamos sair juntas depois da escola amanhã?*, perguntou. *Se não for estranho. Por toda a história com Ali*. E Emily respondeu que sim, claro, seria ótimo, e, quando encarou a garota de novo, havia um brilho em seus olhos, uma insinuação de sorriso nos lábios. *Será que ela está flertando comigo?*, pensou Emily, espantada. Courtney deu uma piscadela, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. E algo parecido com desejo brotou no peito de Emily. Aqueles velhos sentimentos começaram a tomar forma de novo. Aquele antigo amor.

Mas, mesmo que *ela* fosse a única que Ali desejava, nunca teria feito por ela o que Noel fez. Nunca teria machucado pessoas inocentes, suas amigas.

Virou-se e chutou a cabeceira da cama com tanta força que seu dedo doeu. Talvez tivesse sido uma má ideia não terem contado à agente Fuji sobre A – os dois A – logo de cara. Porque, se Ali e Noel estavam à solta, elas precisavam encontrá-los. *Já*.

– Então você não teve notícias de Noel *mesmo*? – perguntou Hanna, falando em seu celular descartável, enquanto entrava pela porta dos fundos da clínica de queimados. O estacionamento da frente estava lotado de novo. A entrada dava para uma das salas de convivência. O lugar cheirava a café requentado. Um jogo de domingo da NFL estava passando na TV do saguão, e vários familiares e visitantes estavam reunidos, com uniformes dos Eagles.

– Não – respondeu Mike do outro lado da linha. – E Aria também me perguntou sobre ele. O que aconteceu entre eles ontem à noite?

– Isso não importa – respondeu Hanna, nervosa. – Foi só uma briga boba.

– Sério? – Mike pareceu duvidar. – Hanna, todas essas perguntas que você me fez sobre Noel e aquela bomba...

– Não posso conversar sobre isso agora – interrompeu ela. Em breve, Mike saberia de tudo. Não queria que ele soubesse antes da hora. Iria partir seu coração descobrir que seu melhor amigo tentou matar sua irmã e sua namorada.

Hanna ainda não conseguia acreditar no que tinha acontecido no cemitério na noite anterior. Também não conseguia acreditar que Spencer tivera coragem de bater em Noel com o cetro. E Noel tinha ficado ferido? Ele fugiu correndo, mas seus passos pareciam vacilantes e estranhos.

Ainda mais preocupante, porém, foi o que Hanna sentiu após a fuga de Noel. Mesmo o cemitério parecendo deserto, ela não conseguia afastar a sensação de que havia alguém lá com elas. Mas não mencionou isso às amigas – e nenhuma delas lhe disse coisa alguma. Deve ter sido só uma impressão.

Hanna abriu a porta do vestiário feminino, que estranhamente estava vazio. Havia sempre algumas enfermeiras por ali, vendo novelas.

– Meu turno começa em breve. É melhor eu ir.

– Então por quanto tempo você ainda vai trabalhar aí? – perguntou Mike.

– Na verdade, acho que hoje vai ser o meu último dia. – Hanna pegou o uniforme do armário e começou a desabotoar a calça jeans. Sua investigação sobre Graham tinha terminado. – Ligo para você mais tarde.

Ela desligou o celular, que tocou de novo uma fração de segundo depois. Era o número de seu pai. Quando ela atendeu, ele parecia furioso.

– Hanna, alguém chamado agente Fuji apareceu em casa pela manhã com uma equipe e um mandado de busca para *seu* quarto – esbravejou ele. – Meus advogados conseguiram impedir, mas eles voltarão. O que diabos está acontecendo? Em que você está metida?

Hanna congelou. *Um mandado de busca?* Spencer tinha razão: Fuji iria atrás de cada uma delas em busca daquele quadro. Pelo menos ela não escolheu Aria como a primeira vítima.

– Eu... eu não tenho ideia – respondeu, mentindo. – O que a agente estava procurando?

– Ela não disse. – A voz do sr. Marin estava tensa. – São drogas? Houve rumores de que você fez um pacto suicida. Era uma arma? É uma milagre que nenhuma equipe de reportagem tenha aparecido aqui ainda. A última coisa de que preciso é um carro do FBI parado diante de casa com vários agentes vasculhando o lugar, e eu não sabendo o que dizer.

Os olhos de Hanna se encheram de lágrimas. Não suportava o fato de envolver seu pai naquilo.

– O que quer que ela esteja procurando, não vai encontrar no meu quarto – disse ela. – Lamento que você tenha que passar por isso... mas é só um grande engano. Vou para casa logo, tudo bem?

Hanna desligou o celular e respirou fundo algumas vezes. Se o pai tinha dado um jeito de impedir que a agente Fuji cumprisse o mandado, ela poderia ter ido para a casa de outra pessoa. Como a de Aria, por exemplo. E depois?

Não tinha como continuar seu turno agora. Caminhou pelo corredor e foi até o saguão, pronta para dizer a Sean que cumpriria seu turno em um outro dia. O lugar estava cheio de gente, várias vozes eram ouvidas ao mesmo tempo. O sr. Ackard estava falando com dois homens, que pareciam policiais, na recepção. Um deles falava em um walkie-talkie. Um cinegrafista de um canal de televisão entrou, seguido por um repórter de terno. No canto, um outro repórter entrevistava Sean, cujo rosto estava tenso de preocupação.

Hanna sentiu seu coração afundar. Tudo isso era por Graham?

Kelly estava parada perto do grupo, com a mão sobre a boca. Hanna a puxou pela manga.

– O que está acontecendo?

A enfermeira a encarou, assustada e com os olhos arregalados. Abriu a boca para falar, mas não conseguiu dizer nada.

Hanna olhou para os corredores dos quartos.

– Posso voltar lá e conversar com Kyla? Talvez *ela* possa explicar o que está acontecendo e...

Uma enfermeira parada perto de Kelly arregalou os olhos.

– Querida, entre na fila.

Hanna não entendeu.

– Aconteceu alguma coisa com Kyla?

Kelly abriu a boca.

– Pensamos que você soubesse – explicou ela com uma voz rouca. – Querida, Kyla está morta.

– *O quê?* – Hanna se afastou dela e esbarrou em alguém. Quando se virou, viu que era Sean.

– O que está acontecendo? – perguntou com a voz trêmula.

Sean olhou ao redor. Depois se aproximou delas.

– Alguém encontrou um corpo em uma vala, atrás do prédio, de manhã cedo. Era uma garota usando uma pulseirinha do hospital. Seu nome era Kyla Kennedy.

Hanna levou a mão à boca.

– *Não.*

Sentiu o rosto quente pelas lágrimas. Caiu nos braços de Sean, e ele massageou seus ombros.

– Parece que ela foi morta há alguns dias e jogada lá – explicou ele com tristeza.

Hanna recuou.

– Espere. Isso não é possível. Vi Kyla ontem à noite. Ela estava na cama, no corredor, perto do quarto de Graham.

Uma expressão desconfortável cruzou o rosto de Sean.

– Esse é o problema, Hanna. Não tenho certeza de que aquela era Kyla. Era... outra pessoa. Essa coisa toda vai ser um pesadelo para o departamento jurídico e para o pessoal do marketing.

– *O quê?* – Parecia que seu cérebro estava vazando por suas orelhas. – O que você quer dizer?

– A polícia tem certeza de que a *verdadeira* Kyla, nossa paciente, morreu há dias, no mínimo.

Mas as enfermeiras... e você, é claro... lembram-se de *alguém* ocupando a cama dela depois disso.

– Mas... eu *conversei* com ela! – disse Hanna. – Ficamos amigas!

Sean parecia estar passando mal.

– Ontem à noite, as enfermeiras descobriram que Kyla tinha sumido. Quando o corpo apareceu, pensamos que era ela, mas os dados do médico-legista estão certos. A teoria agora é que quem estava na cama matou a verdadeira Kyla e colocou curativos no rosto para entrar na clínica de queimados por alguma razão. E então, por algum *outro* motivo, apenas... foi embora.

– Isso não faz sentido! – disse ela. – Por que alguém *faria* isso?

– Não sei – respondeu Sean em voz baixa.

Flashes explodiam pela sala. Um grupo de enfermeiras estava num canto, chorando. Um homem, com uma jaqueta onde se lia PERÍCIA, começou a isolar uma parte do lugar. Hanna apoiou-se na mesa e tentou recuperar o fôlego. Quando se mexeu, alguma coisa a espetou. Estava enfiado no bolso de seu uniforme. Ela fez uma careta e pegou um pedaço de papel dobrado. Não se lembrava de nada ali da última vez que usara o uniforme.

Desdobrou o papel e viu letras minúsculas e redondinhas. Letras familiares, na verdade. Seu coração perdeu o ritmo. Parecia ser a letra de *Ali*.

Querida Hanna, começava o bilhete. Posso explicar tudo, principalmente o motivo pelo qual fiz o que fiz. Mas acho que sei o que procura e quero ajudá-la. A resposta que você quer está no galpão de equipamentos esportivos de Rosewood Day. Isso lhe dará as provas de que vocês precisam para resolver tudo. Vá até lá AGORA... antes que seja tarde demais. Com amor, Kyla.

Hanna deve ter empalidecido, porque Sean tocou seu pulso.

– O que é isso?

Hanna puxou o bilhete contra o peito.

– Nada – respondeu.

Depois se virou e saiu de lá correndo.

Era uma e meia da tarde, e Aria andava de um lado para outro na casa da mãe, ao som do noticiário em alto volume da televisão. Checou o celular: uma e trinta e um e dez segundos, depois aos vinte e quatro segundos e aos quarenta e cinco. Nada de Noel. Ela olhou através da janela pela zilionésima vez, mas é claro que Noel não estava subindo os degraus da frente. Ela já tinha circulado por Rosewood e Hollis, como se ele fosse estar andando para lá e para cá na avenida Lancaster ou passeando pela Hollis Great Lawn sem nenhuma preocupação.

Ele está com Ali agora, pensou. Mas algo em sua mente ainda lutava contra aquilo. Noel a amava. Ela podia *sentir*. Na noite anterior, quando ele dissera que amava Ali, ele estava confuso. Estava se agarrando a algo que não existia, exatamente como Emily tinha feito um dia. Ele não a *ajudara*. Não tinha conspirado com ela. Aquilo era um engano.

Mas ele admitiu, pensou ela. *Ele mentiu e trapaceou e matou por ela. Fatos são fatos.*

Ela pegou na mesa de canto um peso de papel islandês em formato de cavalo e pensou em jogá-lo contra a tela da TV, mas subitamente algo chamou sua atenção. INFORMAÇÕES ENGANOSAS NO CASO DO ROUBO DE ARTE, dizia uma manchete.

De forma assustadora, o quadro Noite estrelada apareceu na tela. “Foi realizada uma busca desesperada para reaver o quadro Noite estrelada, roubado de um castelo nos arredores de Reykjavík, na Islândia, no ano passado”, disse um repórter. “A baronesa Brennan, que está administrando a propriedade enquanto o barão Brennan se recupera de uma longa enfermidade, havia feito um seguro da pintura no valor de vinte milhões de dólares, e felizmente a companhia de seguros não precisará desembolsá-lo. A pintura foi encontrada há uma hora, e acabamos de receber a notícia.”

O peso de papel caiu no colo de Aria. Sua boca ficou seca.

A imagem de alguns homens vestindo uniformes da polícia e entrando em uma casa geminada típica de Reykjavík apareceu na tela. “Apesar de existirem rumores que davam a entender que o quadro teria sido levado para os Estados Unidos, as autoridades conseguiram encontrá-lo em um porão de Reykjavík. A baronesa Brennan identificou-o de imediato, e o quadro encontra-se a salvo, de volta à casa dela.”

A imagem na tela passou a mostrar uma mulher grisalha usando um casaco de pele, em pé na frente do mesmo castelo que Aria havia invadido. Aria se inclinou para a frente, como se o simples

ato de sentar-se mais próxima à TV fosse revelar um quadro diferente. Se a pintura havia sido recuperada na Islândia, então o que diabos estava escondido em seu armário?

Aria correu para o andar de cima, abriu a porta do armário e desenrolou a tela. As estrelas de Van Gogh piscavam. Os picos das torres do castelo eram sombras escuras que contrastavam com o céu brilhante. Parecia idêntica à pintura que acabara de ver na TV. Então, pegou o livro de arte sobre Vincent van Gogh que tinha trazido da biblioteca para usar na decoração do baile de formatura e abriu na página da reprodução de *Noite estrelada*. Enquanto cotejava as duas, as cores na pintura de Aria subitamente pareceram um pouco diferentes. As espirais não eram tão nítidas. As pinceladas eram mais imprecisas, menos calculadas. De longe, olhando rapidamente, parecia bem verossímil, mas de perto era uma enganação.

A pintura era falsa. Aria não ia se meter em encrencas por ela. Fuji não podia prendê-la. Era possível que Fuji nem estivesse mais atrás dela, agora que o quadro de verdade tinha sido encontrado. A tinha feito aquilo tudo para assustá-la.

Que outras mentiras A tinha espalhado por aí?

Aria voltou para o andar de baixo desnorteada, ansiosa para ligar para as amigas e contar as novidades. Outra coisa na TV chamou sua atenção. Ela ergueu os olhos, o coração na boca de novo. Aquele era *Olaf*?

O rosto do âncora ocupava a tela. “O quadro estava entre os pertences de uma senhora idosa, apesar de ela não se lembrar de como aquilo foi parar ali. A sra. Greta Eggertsdottir, de sessenta e seis anos, aluga quartos e diz que tem vários locatários entrando e saindo da casa todo mês, sendo assim provável que algum deles tenha trazido o quadro, escondendo-o no porão. Quando lhe mostraram uma foto de Olaf Gundersson, o suposto ladrão que teria roubado o quadro da propriedade da baronesa Brennan, a sra. Eggertsdottir afirmou ter quase certeza de reconhecê-lo. O sr. Gundersson foi dado como desaparecido após um suposto ataque em janeiro, mas as autoridades agora supõem que tudo não tenha passado de uma farsa. A busca pelo sr. Gundersson continua, mas até agora não há indícios sobre seu paradeiro.”

Aria afundou no sofá. Aquela história estava ficando mais e mais bizarra. Então Olaf tinha inventado o ataque? Fazia sentido, de certa forma – talvez tivesse descoberto que os policiais estavam atrás dele e precisasse encontrar uma forma de escapar. E talvez A tivesse visto o artigo e agarrado a oportunidade, sem ter ido à Islândia nem roubado o quadro. Fora um lance de sorte para A... ainda que não para Aria.

O celular de Aria tocou. Ela deu um gritinho e olhou a tela. *Hanna*.

– Você viu o jornal? – gritou Aria.

– Não... – Havia um ruído abafado do outro lado; como se Hanna estivesse dirigindo. – Mas você

precisa vir encontrar comigo. Algo estranho está acontecendo.

– Algo estranho está *definitivamente* acontecendo. – Aria apertou o telefone com força. – O quadro da Islândia é falso, o que significa que a polícia não tem nada contra a gente. E mais estranho ainda: Olaf não morreu. Ele armou o ataque. Acabei de ver na CNN.

A ligação picotou.

– Hum... – disse Hanna. – Então você pensa que A apenas soube da história e usou-a a seu favor, plantando uma pintura falsa?

– É... – Aria olhou desatenta pela janela, na direção da casa de passarinhos que sua mãe tinha construído no ano anterior. – Isso quer dizer que podemos ir à polícia agora mesmo sem risco de nos encrencarmos. Ainda que A fale sobre a viagem à Jamaica, não seremos punidas como seríamos caso o quadro fosse mesmo um Van Gogh. – Ela limpou a garganta, sentindo um peso no peito. – Não que eu *queira* ir à polícia. – Ela não queria mais pensar em Noel sendo perseguido pela polícia. Ou talvez quisesse. Não sabia.

– Bem, na verdade, acho que A vai nos obrigar a tomar uma providência. Recebi um bilhete na clínica de queimados sobre uma evidência essencial que colocaria tudo isso de lado. Acho que era de Ali.

– O quê? – Aria sentiu um arrepio. – *Como?*

– Explicarei tudo quando nos encontrarmos. Você precisa me encontrar no galpão atrás de Rosewood Day. Talvez ela esteja lá.

Aria se apoiou no umbral da porta.

– Ah, meu Deus. E se for uma armadilha?

– Foi por isso que chamei a polícia para ir conosco. E antes que você surte, Aria, eu *precisava* fazer isso. Isso tudo já foi longe demais. Se Ali estiver lá, se pudermos pegá-la, precisamos que a polícia esteja envolvida. Encontre-me lá em dez minutos.

– Pode deixar – sussurrou Aria, pressionando desligar. Ela ficou imóvel na casa silenciosa por alguns instantes, atenta às partículas de poeira suspensas no ar. Tinha acontecido muita coisa nos últimos minutos; processar aquilo era difícil. Sabia que precisava encontrar Hanna... mas e se Ali estivesse lá e Noel estivesse com ela? E se a polícia prendesse Noel também? Por outro lado, talvez aquilo fosse o que Aria queria. Ele tinha mentido para ela por mais de um ano. Ele nunca tinha sido apaixonado por ela. Certo?

Pegou as chaves do gancho ao lado da porta, com um peso enorme esmagando seu peito. Ela simplesmente *não conseguia* detestá-lo, mesmo depois de tudo aquilo. Podia apenas esperar que o que quer que acontecesse fosse como puxar um curativo: rápido e indolor.

Aria deixou o rádio do carro desligado e uma fresta da janela aberta no caminho. Seu olhar ia e voltava de um lado a outro da rua, esperando – temendo – ver Noel ali. Por fim, ela entrou no estacionamento de Rosewood Day. Havia apenas alguns poucos carros nas vagas. Aria avistou o Prius de Hanna no fundo e dirigiu-se para lá. O Volvo de Emily e a Mercedes de Spencer também estavam ali. Spencer e Emily usavam malhas e tênis, e Hanna estava com o jaleco rosa e as galochas da clínica de queimados. Pelo que Aria podia perceber, os policiais ainda não haviam chegado.

– Aqui está o bilhete. – Hanna empurrou o papel para Aria assim que ela se aproximou.

Aria baixou os olhos, reconhecendo de imediato aquela caligrafia pequena e regular. Era a mesma letra da carta de ameaças que Ali passara por baixo da porta do banheiro em Poconos, logo antes de acender aquele fósforo. *A resposta que você quer está no galpão de equipamentos esportivos de Rosewood Day... Vá até lá agora... antes que seja tarde demais.*

– Céus – murmurou Aria. – Ela deve saber que reconheceríamos sua letra. E agora vamos até lá fazer exatamente o que ela quer?

– Precisamos checar de qualquer maneira, vocês não acham? – perguntou Hanna. – A polícia estará aqui a qualquer momento.

Spencer observou o bilhete de novo.

– Como foi que isso chegou às suas mãos, mesmo?

– Foi escrito por uma paciente que conheci na clínica de queimados – Hanna parou por um instante, espreitando a colina. Sirenes começaram a soar. Um carro de polícia já era visível no topo. O coração de Aria afundou.

Hanna se voltou para as meninas e contou sobre o corpo encontrado pela polícia atrás do hospital.

– Na pulseira de hospital dela estava escrito Kyla Kennedy – sussurrou apressadamente. – Acho que Ali a matou e depois *assumiu a identidade dela*. A garota que encontrei estava toda enfaixada, coberta de ataduras.

Spencer desmoronou sobre o capô do carro de Hanna.

– Parece *mesmo* coisa de Ali. Quem além dela mataria uma vítima de queimaduras para depois trocar de lugar com ela?

Hanna concordou, parecendo atormentada.

– A cama de Kyla ficava ao lado do nicho de Graham. A clínica estava superlotada. E, quando Graham começou a ter convulsões, Kyla me enviou na direção errada para chamar uma enfermeira. Quando eu voltei, ele tinha morrido.

– Então ela estava vigiando Graham, para garantir que ele não diria nada? – sussurrou Aria.

– Não consigo acreditar que não suspeitei antes. Achei que seria capaz de identificar Ali a um quilômetro de distância – disse Hanna, engolindo o choro. – Kyla era simplesmente tão... *legal*.

Agora estou me sentindo uma idiota... *de novo*.

– Mas ela estava coberta por ataduras! – disse Spencer. – Seria muito fácil enganar qualquer um. De repente, Aria se deu conta de uma coisa.

– Meninas, se *era* Ali na clínica de queimados...

– Isso explica o motivo de Noel também estar lá – completou Emily.

Enquanto isso, o carro de polícia havia estacionado, e dois policiais que Aria reconheceu vagamente do julgamento de Ali foram até elas. Os nomes nos distintivos eram COATES e HARRISON.

– Hanna Marin – disse rispidamente Harrison, o mais alto dos dois, de rosto largo, nariz achatado e longos cílios emoldurando os olhos verdes. – Você disse que recebeu uma carta a ameaçando?

– Sim – disse Hanna e, depois, com mãos trêmulas, entregou o bilhete a eles.

Coates e Harrison examinaram o bilhete e franziram a testa.

– *Provas de que vocês precisam?* – repetiu Coates, que era mais baixo e magro e tinha um pomo de adão proeminente. – Do que se trata?

– Prometemos que vamos explicar tudo – disse Hannah, dirigindo-se ao campo esportivo. – Nós só pedimos que vocês verifiquem o galpão de equipamentos esportivos. Estamos assustadas demais para ir até lá sozinhas.

Os policiais deram de ombros, depois caminharam na frente delas em direção ao galpão de equipamentos esportivos, com os walkie-talkies estalando a cada passo. Aria olhou de soslaio para Hanna, preocupada. Será que era uma boa ideia envolver os policiais? E se Ali estivesse observando de longe? E se ela tivesse colocado uma bomba no galpão e, quando visse os policiais, detonasse?

De repente, o celular de Aria apitou. A esperança brotou dentro dela, seguida por uma alfinetada de terror. E se fosse Noel? E se *não fosse* Noel?

Ela olhou para a tela. O remetente era uma confusão de letras e números.

Seus joelhos fraquejaram.

– Ah, meu Deus – murmurou, erguendo os olhos. Os policiais estavam vários metros à frente delas. Ela fez um sinal discreto para as amigas.

Spencer, Emily e Hanna dispararam em sua direção e olharam a mensagem.

Suas vadias, acham que são muito espertas, com telefones novos, tentando se esconder de mim.

Em seguida, os aparelhos de todas apitaram. Dessa vez, uma imagem foi carregada. Quando Aria a abriu, deu um grito. Era uma foto da lista de suspeitos que elas haviam feito no quarto do pânico. Todos os nomes estavam riscados... menos o de Noel.

O rosto de Spencer ficou branco.

– Como foi que A botou as mãos nisso? – perguntou, olhando para a mesma foto no próprio

celular.

Os policiais se viraram e olharam para ela.

– Tudo bem por aí? – perguntou Coates.

Mas nenhuma das meninas foi capaz de responder. Outra mensagem chegou. E mais outra, e mais outra. A mensagem era tão longa que foi preciso dividir em várias partes para enviá-la.

A parte mais fofa foi quando vocês foram para aquele quarto do pânico e deram uma de James Bond para imaginar quem eu era. Mas adivinhem, vadias? Eu estive um passo à frente de vocês o tempo todo. Eu sabia onde estavam. Para onde iam. Eu dou as cartas, não vocês, de maneiras que vocês nem conseguem imaginar. Mas não se preocupem, vão descobrir já, já. Basta abrirem o galpão de equipamentos esportivos.

– A

Hanna ergueu a cabeça de forma brusca quando acabou de ler.

– *Basta abrirem o galpão?*

– Gente, é uma armadilha, com certeza. – As mãos de Spencer tremiam.

– Talvez até ficar perto dele seja perigoso – sussurrou Emily.

– Meninas? – Harrison veio para junto delas com as mãos nos quadris. – O que está acontecendo aqui?

Aria ia responder, mas desviou o olhar para o galpão. Para seu horror, um dos jogadores de futebol dirigia-se para lá. Ele estendeu a mão na direção da maçaneta.

– *Espere!* – Aria correu até ele. – Não abra isso! – Sua mente girava com todas as possibilidades do que poderia haver lá dentro. Explosivos. Animais selvagens. Ali *em pessoa*.

Mas era tarde demais, ele já estava puxando a maçaneta. A porta do galpão rangeu ao abrir, arrastando a parte de baixo na grama alta.

Coates afastou o rapaz para o lado e tentou fechá-la novamente, mas então parou, e seu rosto empalideceu.

– *Droga* – murmurou.

Aria espiou. Em um primeiro instante, tudo o que viu foi a escuridão. Depois, as formas começaram a se destacar: bolas, bastões, esteiras, traves, redes de gol. Quando avistou o objeto em cima de uma cadeira no fundo do cômodo, pensou que era apenas outro equipamento esportivo, um saco de areia, talvez, ou um manequim de treino da equipe não muito bem-sucedida de futebol americano de Rosewood Day.

Então, viu um braço. Dois pés. Uma cabeça pendendo, frouxa, do pescoço. Aria deu um passo à frente, sabendo, um segundo antes de ver o rosto, a quem ele pertencia. Ela caiu de joelhos e deixou escapar um uivo. Hanna ofegou. Spencer deu um grito. Emily deu alguns passos para trás, a boca aberta e paralisada de terror. O garoto do time de futebol deu meia-volta e vomitou na grama. Coates

e Harrison enxotaram os outros jogadores.

– Esse é...? – gemeu Spencer.

Felizmente, não disse o nome dele. Aria fitou o topo da cabeça de Noel. Ele ainda estava usando o paletó do smoking, e seus braços estavam presos nas costas, os tornozelos amarrados à cadeira. Havia uma tira de fita isolante colada sobre sua boca. Sua pele estava feericamente pálida, e havia marcas profundas em seu rosto, como se ele tivesse sido espancado.

Ela sentia como se címbalos estivessem ressoando dentro de sua cabeça. *Isso não está acontecendo. Isso não pode estar acontecendo.*

– Preciso de uma ambulância! – gritou Hanna ao telefone.

– *Faça* alguma coisa! – urrou Spencer para Coates, que estava berrando algo no walkie-talkie. Mas Aria quase não os ouvia. Ela permaneceu no chão de madeira do galpão, incapaz de aproximar-se de Noel, desesperada para saber se ele estava morto ou vivo. Tudo o que ela avistava, naquela hora, eram os sapatos reluzentes nos pés dele. Estava com ele quando comprara aqueles sapatos. Ele tinha experimentado vários pares na loja, como uma garota. *Uma garota estilosa merece um cara estiloso*, dissera ele com uma piscadela.

O celular apitou no ouvido dela. De alguma maneira, ela conseguiu se sentar e olhar para a tela. Atrás dela, as amigas agitavam-se, desnorteadas, tentando dar sentido ao que viam. Mas, quando seus celulares apitaram, cada uma delas parou para olhar a mensagem destruidora em suas telas.

Brilhem, brilhem, mentirosinhas

Vocês estão encrencadinhas

Bancando as detetives, só fizeram besteira

Noel é A? Ora, que asneira!

– A

Finalmente as belas mentirosas se deram conta de que há dois de nós. Como demoraram! E elas nem estão a par da verdadeira história. Estavam tão preocupadas em investigar Noel que não se deram conta do que estava bem debaixo de seus narizinhos impertinentes: *nós*. Mas a maré não para de subir, e, em breve, elas vão começar a engolir a água salgada...

Hanna pode ter sido eleita a rainha do baile, mas a próxima corte que verá será um tribunal de justiça. Da última vez que chequei, atropelamento e fuga ainda era crime... E, assim que os eleitores do papai souberem disso, Hanna não será a única perdedora da família Marin.

Spencer esteve às voltas com teorias da conspiração e, cá entre nós, chegou perto demais para o meu gosto. Mas Spence ainda tem muito a aprender sobre investigação. Tipo, não é espionagem de verdade se deixamos a janela aberta de propósito.

Então a namoradinha de Emily está em Bonaire! Podemos pensar em algumas pessoas que adorariam dar uma mordida naquele docinho de coco, começando com a agente especial Jasmine Fuji. Acho melhor que Emily comece a cumprir os itens de sua própria lista de desejos – é apenas uma questão de tempo até que ela e Jordan acabem atrás das grades. Ou coisa pior.

E depois temos Aria. Noel pode não ser A, mas ele também tinha uma vida secreta. Mas o que Aria esperava de um típico garoto de Rosewood? E o que nossa atípica garota vai fazer a respeito? Eu apostaria todas as minhas fichas em uma temporada artística na Europa. Será que ela não sabe que todos os artistas torturados morrem jovens?

Tique-taque, garotas. Vivam cada momento como se fosse o último. Porque, em breve, será.

Até a próxima...

– A & A

Agradeço à minha fantástica editora, Lanie Davis, por suas ideias e incentivo. E a todas as pessoas maravilhosas da equipe Alloy Entertainment, como Josh Bank, Les Morgenstein, Sara Shandler, Kristen Marang, Katie McGee, e todo o pessoal dos departamentos de arte e mídia. Vocês tornam minha vida muito mais fácil.

Agradeço também a Kari Sutherland, da HarperCollins, e a Andy McNicol e Jennifer Rudolph Walsh, da William Morris. Beijos também para os fãs do Twitter que amam tanto as PLL – que sempre participam dos chats sobre os livros e respondem minhas perguntas aleatórias quando preciso de um nome perfeito para um personagem ou que tipo de comida se come durante o Hannukah. Um grande abraço aos fãs de South Hills Village que assistiram à minha palestra em dezembro – foi tão sensacional ver cada um de vocês! Muito carinho para K, Shep e Mindy, Ali, Caron, Beth, Greg, Eloise, e Rex, para a família Lorence, e para a família Gremba, incluindo Calli, Ryan, Talon, Brayden, Jordan, Brock, Ashton e, é claro, Michael, o melhor e mais querido menino de todos. Mando também um abraço para meu amigo Chris Ferguson e sua família no Texas. Chris, acho que você vai ganhar algumas apostas aí. (Só um palpite.)

Finalmente, muitos abraços para Marlene King – foi assustador colocar PLL nas mãos de outra pessoa, mas você tem sido tão carinhosa, cuidadosa e atenciosa com o programa... Tiro o chapéu para você e seu talento inigualável, e espero que possamos nos encontrar em mais um longo jantar cheio de vinho em breve.

Título Original

CRUSHED

A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL

Copyright © 2013 by Alloy Entertainment e Sara Shepard

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Rights People, London.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

RAYANA FARIA

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI DOREA

Revisão de arquivo ePub

VANESSA GOLDMACHER

Edição Digital: abril, 2015

S553a

Shepard, Sara, 1977-

Arrasadoras [recurso eletrônico] / Sara Shepard ; tradução Fal Azevedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Pretty Little Liars; 13)

Tradução de: Crushed

ISBN 978-85-8122-541-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Azevedo, Fal. II. Título. III. Série.

15-20561

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer de LEGO, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestra em escrita criativa pela Brookling College. Atualmente, a autora vive em Tucson, Arizona, com o marido e três cães indisciplinados. A série *Pretty Little Liars*, inspirada em sua infância e adolescência passadas em uma das regiões mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada para a televisão. *Arrasadoras* é o décimo terceiro volume.

Visite o site: www.prettylittleliarsbooks.com



MALDOSAS

IMPECÁVEIS

PERFEITAS

INACREDITÁVEIS

OS SEGREDOS MAIS SECRETOS DAS PRETTY LITTLE LIARS

PERVERSAS

DESTRUIDORAS

IMPIEDOSAS

PERIGOSAS

TRAIÇOEIRAS

IMPLACÁVEIS

ESTONTEANTES

DEVASTADORAS

OS SEGREDOS DE ALI